

Revisão do Plano Director Municipal de Tomar

Património Arquitectónico

NOVEMBRO de 2016

Índice

1. Introdução.....	3
2. Enquadramento histórico-cultural	4
3. Objectivos estratégicos do trabalho	15
4. Metodologia aplicada	15
5. Trabalhos de campo	16
6. Medidas de salvaguarda	16
7. Conclusão	18
8. Quadro-síntese do património arquitetónico	20
9. Bibliografia	26
10. Fichas de inventário individual	34

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório procura, a partir do inventário do Património Cultural Arquetónico, compreender a génese e evolução histórica do território atualmente pertencente ao concelho de Tomar, de forma a possibilitar a sua salvaguarda, valorização e divulgação quer através de regulamentação própria quer através de outras ações que a Câmara Municipal de Tomar e o Estado entendam desenvolver nesse sentido.

O objectivo do inventário tem como principal objetivo a proteção de uma memória patrimonial e intelectual existente e a sua valorização como um recurso económico e social a ter em conta na vivência quotidiana do concelho. Cada época histórica constrói e atualiza o património cultural com características próprias. É neste sentido que tem significado preservar o património arquitetónico, nas suas variadas expressões físicas. Procura-se salvaguardar aquilo que corresponde à consciência histórica coletiva de um dado momento do processo de transformação urbana.

O interesse pelos núcleos históricos, promovendo a sua preservação, e entendendo-os e recuperando-os na sua integridade física, funcional e social, e a reavaliação das relações morfológicas existentes na Cidade antiga para com o crescimento e expansão urbanas ou para as intervenções no interior dos seus edifícios históricos, são fatores a ter em conta no processo do planeamento e gestão, abrangendo todas as épocas, não descurando as mais recentes que, apesar de nos serem muito familiares, expressam ideias e características próprias do período em que foram produzidas.

Deve-se tentar conciliar o novo e o existente, sem admitir a perda da sua identidade formal, assegurando a constituição de um suporte morfológico, implantado de modo a permitir a identidade urbana que se tende a esbater perante a diversidade e individualidade das construções mais recentes.

A salvaguarda e valorização do património cultural, através de todos seus agentes públicos e particulares, são simplesmente a devida prestação de contas à comunidade, através do testemunho de uma atividade e de uma responsabilidade que lhe está cometido na defesa do nosso património histórico, preservando a memória física e tornando-a perdurável.

Só com a aplicação de normas e regras, nacional e internacionalmente estabelecidas, se pode garantir uma prática de rigor na defesa e valorização do património, conciliando o que o “novo” e o “velho”. Hoje é possível assegurar a manutenção de materiais que há algumas décadas eram tidos como perecíveis, graças às técnicas de conservação e restauro que o desenvolvimento tecnológico e científico nos vem disponibilizando. Por outro lado, o conceito de pureza estilística tem evoluído no sentido da integração de características arquitetónicas das diversas épocas de construção e reconstrução de um mesmo imóvel, o que é essencial para uma leitura mais realista da complexidade intelectual e cultural da Humanidade.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-CULTURAL

Dentro do concelho de Tomar temos representadas várias indústrias inseríveis no Paleolítico Inferior. Com efeito, desde meados do século XX que arqueólogos como Camarate França, Abel Viana e Mendes Correia, identificaram várias estações arqueológicas nos terraços fluviais do rio Nabão e aí recolheram material lítico. Mêndia de Castro, na sua Dissertação de Licenciatura (1973), sistematizou todos os achados do concelho, e detetou ainda algumas outras até aí inéditas. Por nosso lado, também recolhemos algum material lítico dessa época, em 1997, aquando da realização da Carta Arqueológica. A distribuição cartográfica dos achados revela que estes vestígios se situam nos terraços fluviais das margens das ribeiras da Beselga e Ponte de Pedra, e rio Nabão. Assim, estão representadas as indústrias do Paleolítico Inferior, segundo classificação operada por Zbyszewski a pedido de Mêndia de Castro. O Paleolítico Médio também se encontra bem representado no concelho de Tomar. Mêndia de Castro assinala várias estações deste período, baseando-se nas prospeções de campo efetuadas pelos referidos autores. Por nosso lado, localizámos também algumas estações que podem ser inseridas neste período. Importa igualmente referir os achados efetuados nas camadas inferiores do Foro Romano, estudados por João Zilhão, que os atribui ao Paleolítico Superior. Do Paleolítico Médio é também a importante estação arqueológica da Estrada do Prado, escavada em 1981 e 1982, pelo arqueólogo José Mateus.

Em termos quantitativos, o Paleolítico Superior encontrar-se hoje melhor conhecido, estando representado na Gruta do Caldeirão, *Seilium*, S. Pedro de Caldelas, Estação de Santa Cita, faltando estudar o espólio do Povoado da Fonte Quente, que também parece indicar presença paleolítica. Em termos qualitativos, a Gruta do Caldeirão assume uma grande importância a nível nacional e internacional,

pois as suas sequências estratigráficas permitem correlacionar a ocupação humana da cavidade com as variações climáticas da última glaciação de Würm, sendo hoje de referência obrigatória sempre que o Paleolítico Superior é abordado em obras da especialidade.

Entre o Paleolítico e o Neolítico, existe um período de transição, designado por Mesolítico. No que se refere ao concelho de Tomar, é este pobre em vestígios deste período, tendo sido escavado um *habitat* de ar livre (Estação de Santa Cita), onde atualmente se encontra uma rotunda com acesso à A13, que deu importante informação sobre o Mesolítico e Paleolítico Superior. Foi descoberto em 1990 e alvo de escavações arqueológicas ao longo desta década. A Gruta do Caldeirão, por contraste, apresenta uma passagem direta do Paleolítico Superior para o Neolítico Antigo.

Podemos afirmar que o Neolítico está bem representado no concelho de Tomar. Para as estações consideradas para este período, temos que ter em conta que em grande parte delas pouco ou nada sabemos sobre a sua ocupação. Restam-nos ainda assim variadíssimas escavações de ocupações de cavidades subterrâneas, o que se traduz num otimizado conhecimento sobre a existência de comunidades neolíticas no concelho de Tomar. Todas estas grutas se situam ao longo do canhão fluvial do rio Nabão, entre o Agroal e o Prado. São inúmeras as pequenas cavidades que ali existem, quer numa margem quer na outra. Outra característica comum é que quase todas funcionaram como necrópole, ou seja, foram escolhidas pelo homem neolítico como local para depositarem os seus mortos. A única estação de "ar livre" conhecida, com enterramentos do Neolítico Final, é a Anta do Vale da Laje, a qual contém também enterramentos do Calcolítico e, no exterior, uma cista da Idade do Bronze.

Se, através das inúmeras escavações de gruta, efetuadas pelos arqueólogos João Zilhão, Luiz Oosterbeek e Ana Rosa Cruz, ficamos a conhecer mais pormenorizadamente o modo de enterrar os mortos no Neolítico, o mesmo não acontece com os povoados dos vivos. Com efeito, eram muito poucos os povoados que se conheciam, tendo em conta o grande número de cavidades subterrâneas que apresentam enterramentos neolíticos. No que se refere aos povoados neolíticos, os investigadores têm achado poucos vestígios deles nas imediações das grutas. A prospeção sistemática levada a cabo por Luiz Oosterbeek e Ana Rosa Cruz apenas revelou a existência de dois povoados bastante destruídos na zona (Casais Novos e Cabeço do Morgado) e a nossa prospeção revelou também a existência de um

possível povoado a montante (junto da Mendacha). A jusante de Tomar aparecem alguns sítios arqueológicos atribuídos a este período por estes dois arqueólogos, parecendo querer corroborar a hipótese adiantada pelo arqueólogo João Zilhão, de que os povoados neolíticos se poderiam situar a jusante do Prado, nos terraços fluviais do Nabão.

Sobre o período calcolítico, conhecem-se muitos pequenos sítios no concelho, mas falta analisar de forma mais profunda, dois povoados de grandes dimensões que vão emergindo da investigação.

Começamos pelo Povoado da Fonte Quente, que constituía o único povoado calcolítico conhecido no concelho. As curtas campanhas do Povoado da Fonte Quente não permitiram obter uma quantidade de dados suficiente para caracterizar as suas estruturas e dimensão: assim, situado num esporão que só tinha acesso fácil por oeste, sabia-se apenas que, tinha já uma muralha de pedra seca com cerca de 2,5 m de largura e 40 cm de altura, e algumas estruturas habitacionais sub-circulares, na zona sul do cabeço onde se situa o depósito de água. Com os trabalhos de construção do IC 9, que obrigaram à realização de prospeção, sondagens e extensas escavações (cerca de 1 500 m²), nos anos 2006 e 2007, pode-se concluir que se trata de um povoado fortificado com cerca de 20 ha de dimensão, datado de finais do calcolítico / inícios do bronze inicial. Porém, a grande quantidade de materiais recolhidos, apontam para uma ocupação mais prolongada no tempo, com possível ocupação no neolítico e no paleolítico.

Outro povoado que começa a tomar forma, apesar de muito truncado pelas múltiplas e posteriores ocupações do lugar, diz respeito à cidade romana de *Seilium*. Os primeiros achados, já aqui referidos, deram-se durante a escavação do *Forum Romano*. Os pavimentos das casas romanas, constituídos por argila avermelhada retirada do substrato geológico, continham muito material em sílex e alguns fragmentos de cerâmica. Os acompanhamentos de obras públicas, a partir do ano 2000, e a realização de sondagens e escavações, revelaram uma realidade mais complexa, com materiais neo-calcolíticos *in situ*, e numa grande área, que ronda os 2 ha.

O período da Idade do Bronze, no concelho de Tomar, encontra-se relativamente bem representado, no chamado Bronze Inicial, quer em grutas quer em povoados e sítios de menor dimensão. Já em relação ao Bronze Final, os vestígios são menos, encontrando-se em algumas grutas escavadas e no Cabeço da Pena (Calvinos), que tem também ocupação da Idade do Ferro e Romana. Não tendo sido

ainda objeto de intervenções arqueológicas, os materiais recolhidos à superfície e observáveis no terreno apontam para a existência de um povoado fortificado. Igualmente deste tipo parece ser uma pequena área situada a meia-encosta de um cabeço, a cerca de 400 m a sul do Cabeço da Pena. As grutas do Caldeirão e Cadaval revelaram também vestígios atribuíveis à Idade do Bronze. A Gruta do Caldeirão revelou algumas cerâmicas associadas a ossos humanos, e a Gruta do Cadaval revelou, na camada B, numa pequena área, o que pensa Luiz Oosterbeek ser um forno de cozer cerâmica atribuível ao Bronze Final/Ferro Inicial. Por último, a Anta do Vale da Laje também revelou cerâmica da Idade do Bronze que indicia vestígios de depósitos votivos, na opinião de Luiz Oosterbeek. A nível de necrópoles ou tumulos individuais, até ao momento não apareceu nada que se assemelhe aos enterramentos em cista, com exceção da referida anta. Apenas a Gruta do Caldeirão poderá ter sido objeto de inumações do Bronze, na opinião de João Zilhão.

A Idade do Ferro encontra-se pouco representada no concelho de Tomar. Na verdade, só se encontrou nas grutas da zona da Pedreira (Caldeirão e Cadaval) e em duas estações arqueológicas de maior expressão: trata-se do Cabeço da Pena (Calvinos) e *Seilium*. Porém, muito perto das suas fronteiras existem vários castros, nos concelhos de Torres Novas, Ourém e Ferreira do Zêzere. No caso do Cabeço da Pena, as informações foram fornecidas pela destruição parcial da estação arqueológica. As de *Seilium* foram fornecidas através de escavações arqueológicas, que revelaram alguns dados sobre a sua ocupação pré-romana. Com efeito, os trabalhos arqueológicos do *Forum* romano revelaram, por baixo deste, a existência de uma enorme mancha de cinzas, rodeada por potes com decoração estampilhada e duas fíbulas hispânicas, datadas entre os sécs. V-I a.C. Em volta desta mancha de cinzas existem enormes quantidades de cerâmica manual e torneada estampilhada, e possivelmente, enterramentos em urnas, do contexto cultural da chamada "civilização dos campos de urnas". A própria implantação do povoado revela características diferentes dos outros povoados já referidos, e conhecidos como castros. Em primeiro lugar, situa-se num planalto, sem grandes defesas naturais. Escavações levadas a efeito nos anos de 2004 e 2005, na rotunda do Quartel dos Bombeiros, viriam a revelar a existência de um fosso defensivo, entulhado na época do imperador Augusto. Sobre o povoado da Idade do Ferro, assentou a capital de civitas de *Seilium*.

Uma síntese sobre todos os vestígios romanos de *Seilium*, foi apresentada pelo autor, em 2013, num congresso, e compreende os achados, desde os anos 80 do séc. XX até 2013. O pequeno logradouro atrás do Bombeiros apenas permitiu pôr a

descoberto parte da Praça Pública, a Basílica e a Cúria do *Forum de Seilium*; o logradouro da Rua Ângela Tamagnini (atualmente parque de estacionamento), revelou a existência de diversas construções romanas, separadas por uma rua cujo piso era formado por seixo miúdo; a Alameda 1 de Março revelou a existência de uma *insula* (bairro romano) delimitada pelo lado sul por uma larga rua (10 m) com piso idêntico ao anterior, e pelos lados oeste e este, por ruas estreitas do mesmo tipo, não tendo sido possível delimitá-la pela parte norte. A larga rua tinha um coletor geral de esgotos, no qual vinham desaguar três ramificações: duas do lado norte, delimitando a *ínsula* e uma do lado sul. A rua era colonada em toda a sua extensão. O logradouro atrás da Judiciária revelou, na parte norte, vestígios de casas, tendo do lado sul, uma rua paralela à anterior. Do lado sul desta rua não existiam casas, nem qualquer outra estrutura, parecendo ser um amplo espaço aberto situado imediatamente a norte do *Forum*. Na zona onde se situava a antiga sede da Filarmónica Gualdim Pais apareceram também estruturas romanas e a continuação da canalização principal. Finalmente, e mais recentemente, apareceram compartimentos de casas e uma rua por detrás da antiga sede da Canto Firme, no local onde se situou a Fábrica de Cerâmica Prista. Junto ao Pavilhão Municipal, em 2004 e 2005, foi escavada parte de um templo dedicado às águas e de uma casa romana, junto ao Estádio Municipal. Na Rotunda dos Bombeiros, por cima do fosso, existiam restos das casas da cidade romana. Na Avenida Ângela Tamagnini, em 2005, foram escavadas ruas e casas colonadas. Na Rua João dos Santos Simões, em 2006, ocupação pré-histórica e restos de casas romanas. Na Rua Carlos Campeão, em 2007, escavou-se um forno e tanques pertencentes provavelmente às termas romanas. Na Praceta Dr. Raul Lopes, em 2007, identificaram-se três muros datados do período romano alto-imperial, um derrube e uma estrutura de combustão.

Os trabalhos levadas a cabo até aos dias de hoje, ampliaram as dimensões da cidade de romana (que se pensava ter apenas 2 ha), para cerca de 4 ha, compreendendo uma zona baixa (Estádio Municipal e Santa Iria), e a parte alta, delimitada pelo topo da Rua do Centro Republicano, Bonjardim, Colégio Nun' Álvares, terminando em Santa Maria dos Olivais.

A necrópole (ou necrópoles), situar-se-iam fora do perímetro da cidade, como era usual entre os romanos. Não se conhece a sua localização mas as inscrições funerárias existentes no castelo provêm de lá. Normalmente situava-se junto a uma das saídas da cidade. Como as cidades tinham várias saídas, aliás como no caso de *Seilium*, esta tanto poderia estar situada na zona do Centro Histórico como na saída para Coimbra ou ainda para os lados de Marmelais de Baixo e Palhavã.

Para além da capital de civitas, existem várias marcas de povoamento rural romano. Um dos mais antigos, dentro do concelho, será a ocupação romana do Castro dos Calvinos, onde, sobre a existência de uma população de substrato indígena, se veio sobrepôr uma população de características urbanas, como eram os Romanos. Com a romanização, verifica-se o aparecimento de um grande número de grandes propriedades romanas, situadas junto das ribeiras mais férteis, onde explorariam uma variada gama de produtos agrícolas e florestais, e mesmo mineiros. Estamos a falar das *villae* romanas que no concelho foram já identificadas (S. Pedro de Caldelas, S. Silvestre da Beselga, S. Cristóvão, Bexiga, Cardais e Casais da Capela). A estação arqueológica do Casal de Deus, pelas suas dimensões, não parece ser uma vila mas antes um casal romano. Uns e outros têm uma cronologia ampla que abrange a duração do Império Romano (séc. I - V d.C.). Aparecem depois, uma grande quantidade de pequenas propriedades tardias (normalmente interpretadas como o desmembramento destas grandes *villae*), dado a maior parte situar-se na sua periferia, cujos materiais, pouco característicos e pobres, talvez se possam inserir em finais do Baixo Império (séc. IV-V d.C.) e em Época Visigótica.

Para completar a época romana no concelho de Tomar, falta-nos referir as vias romanas que passariam no concelho. *Seilium*, capital de civitas, seria também *caput viarum*, o que quer dizer que de *Seilium* partiriam várias vias romanas, em direções diferentes: para *Collipo* (Leiria), para Soure, para *Aritium Vetus* (Abrantes), e para a *Igaeditania* (Idanha). No sentido norte-sul, passaria a importante via militar de *Olisipo* (Lisboa) a *Braccara Augusta* (Braga). Não é muito fácil localizar no terreno o traçado destas vias. Essa dificuldade aumenta quando sabemos que as vias romanas nem sempre foram construídas com pedras poligonais, parecendo estas serem mais a exceção do que a regra; isso, aliado ao facto de muitas delas terem sido construídas em zonas desde sempre habitadas, terá sido o motivo para o desaparecimento dos seus vestígios materiais. No que se refere à zona estudada, encontram-se algumas calçadas que a documentação permitiu datar com relativa segurança. Assim, a calçada existente na Soianda, constituída por pedras oblongas de média dimensão, cravadas verticalmente no solo, aparece referida em documentos dos sécs. XV/XVI. Os documentos não fazem referência expressa à calçada, mas um deles refere a estrada da Soianda que sai das Poças (Rua das Poças, em Tomar, actual Rua do Centro Republicano); outro documento chama-lhe estrada de Coimbra. Em Ceras existe a Ponte Medieval com marcas de canteiro, uma estrada calcetada e algum povoamento medieval; daí para baixo, nada existe de muito antigo. Do lado ocidental do concelho existem vestígios da via militar no Delongo (miliário, sepulturas,

estruturas romanas, possível *vicus*) e nos Santos Mártires (estruturas, sepulturas, miliário). Entraria em *Seilium* pela Ponte das Ferrarias e Ponte velha.

A cidade romana, já com a grafia *Selio*, voltou a ser ocupada em época suevo-visigótica. Os seus habitantes seriam em menor quantidade e parte da cidade deve ter entrado em ruínas, ocupando estes uma pequena área, que se restringiria ao *Forum* e Santa Iria. Sabemos da sua permanência e vivência em Tomar, através de elementos decorativos (certamente de uma basílica paleocristã) aplicados no Castelo de Tomar e através da lenda de Sta. Iria, toda ela recheada de elementos que sugere um ambiente dessa altura.

Com o desmembramento do império romano, os habitantes espalharam-se pelos campos e em época visigótica surgem imensos casais rústicos, associados a sepulturas escavadas na rocha, de que temos vários exemplares no concelho, e que são, geralmente consideradas manifestações de populações que viveram entre o séc. VI e os sécs. XI/XII.

Até 1997, eram raros, ou não reconhecidos, os achados islâmicos em Tomar: apenas uma moeda de 711, achada nas escavações do *Forum*, e que pode indiciar a conquista definitiva da *Selio* visigótica pelos Árabes. Com achados tão poucos é admissível que se tenha concluído que os árabes não permaneceram em Tomar. Os acompanhamentos de obras, no Centro Histórico de Tomar, revelaram uma presença islâmica muito forte, contando-se por centenas os silos encontrados e muita a cerâmica tipicamente islâmica, bem como restos de muros em taipa, inseríveis nos sécs. X/XI. Na Mata dos Sete Montes, por baixo de várias calçadas, que conduziam à Porta do Sangue, encontraram-se e escavaram-se silos islâmicos que comprovam que toda a encosta sul do castelo estava ocupada por casario islâmico. Temos assim uma cidade islâmica que ocupa toda a margem direita do rio Nabão, e encosta, defendida por um castelo que Gualdim Pais ampliou mas não fundou, pois é certo que o morro do castelo também terá tido ocupação islâmica.

Tomar entra na História em 1137, ano em que os cristãos sofreram uma derrota frente aos Árabes, num ponto indeterminado do rio e que se poderia ter dado na passagem da Ponte Velha, em Tomar. Por esses documentos, ficamos assim a saber que o rio se chamava THOMAR nessa altura, e que o nome se manteve, pelo menos, até 1184. Em 1159, é doada à Ordem do Templo (Templários) o Termo de Ceras, que tinha quase o dobro do tamanho do atual concelho de Tomar. Nele se refere o rio Thomar e o rio Zêzere, a oriente. Em 1160, começou Gualdim Pais, mestre da Ordem, a

construção (ou reconstrução) do castelo templário. Logo em 1162 deu foral aos povoadores de Tomar, povoação que inicialmente se desenvolveu dentro das muralhas do Castelo e no Arrabalde de S. Martinho, onde estava mais a salvo das incursões dos mouros, que eram ainda muito frequentes, com o comprovam o cerco de Santarém em 1171, o de Abrantes em 1179 e o do Castelo de Tomar, em 1190. Em meados do séc. XIII, o rio já não se chamava Thomar, mas sim Nabão. Tal mudança de nomes parece ter surgido devido a conflitos territoriais entre bispos (de Lisboa, Coimbra e Guarda) socorrendo-se cada um dos documentos que tinham à mão para justificar as suas pretensões eclesiásticas. Em muitos casos, chegavam mesmo a alterar esses documentos, ou a interpolar frases e palavras que dessem crédito às suas pretensões. Socorreram-se do Paroquial Suévico (séc. VI) e da Divisão de Wamba (séc. VII), para delimitarem a área das suas dioceses. A autenticidade e veracidade destes documentos têm sido postos em causa por alguns autores, mas, atualmente, crê-se que embora com alterações e interpolações, estes documentos são fidedignos.

Um outro arrabalde começou a desenvolver-se na margem direita do rio Thomar, no cruzamento das ruas Direita da Várzea Grande e Direita da Várzea Pequena, com a antiga Rua da Corredoura que dava acesso à área da cidade romana através da Ponte Velha ou de D. Manuel. Estes eixos correspondiam à estrutura viária romana e foram neles que se desenvolveram os principais edifícios civis e religiosos da “Vila de Baixo”, a quem D. Gualdim Pais concedeu foral em 1174.

Na margem esquerda do rio existiam dois núcleos religiosos importantes: o complexo de Sta Iria que foi crescendo ao longo da Idade Média e Época Moderna e a Igreja de Santa Maria do Olival, panteão dos mestres templários e necrópole imensa, que também sofreu obras de reconstrução e remodelação no século XVI.

No século XIV, com a extinção da Ordem dos Templários e criação da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, Tomar perde o estatuto de sede desta milícia para Castro Marim, durante alguns anos, reavendo-o, no entanto, em 1356, tendo durado até à extinção das ordens religiosas em 1834.

Em 1385, as tropas de D. Nuno Álvares Pereira e de D. João, Mestre de Avis, encontram-se nas imediações de Tomar, a caminho da Batalha de Aljubarrota, sendo esse ponto de encontro assinalado com a edificação de uma capela dedicada a S. Lourenço e, no século XVI, a mando de D. João III, com a construção de um padrão em pedra – conhecido como Padrão de D. João I.

No século XV, com a estada em Tomar do Infante D. Henrique, enquanto Governador e Administrador da Ordem de Cristo, a vila sofre um enorme desenvolvimento. O Convento de Cristo cresce, através da construção de dois claustros (Claustro do Cemitério e Claustro da Lavagem) e dos paços para residência

do Infante (Paços do Infante), áreas que, nas centúrias seguintes, serviriam de ponto de partida para a ampliação do restante edifício conventual, e na área real, a ampliação dos paços na direção da Alcáçova.

Também o espaço da vila, na base da colina do castelo, se irá desenvolver, seguindo o plano ortogonal delineado pelos romanos, partindo de dois eixos estruturantes da cidade romana: o *Cardo* e o *Decumanus*. No final da Idade Média, a malha urbana, a norte, ocupava o espaço disponível, e a sul estendia-se até à Avenida Cândido Madureira. Sob esse impulso, surge a Levada e Açude dos Frades que alimentavam os moinhos e lagares da ribeira da vila, cujo número aumentou; o Infante incentivou a indústria da saboaria, de que ainda resta o nome numa rua e que se situariam ao lado dos Estaus, composto por dois edifícios de arcos góticos, construído para viajantes e comerciantes e para apoio à feira franca, de que restam ainda muitas arcarias, embutidas em diversos edifícios posteriores; mandou edificar as Terceiras e os Cubos, armazéns dos víveres da Ordem, existindo do último, as paredes mestras, tendo sido bastante alterado por utilizações e obras posteriores.

Na cidade desenvolveu-se também uma próspera comunidade judaica, com sua sinagoga que em muito contribuiu para o progresso da sociedade tomarense do século XV. A sua influência decaiu muito por ocasião do decreto manuelino que determinou a expulsão do reino de Portugal dos professos da religião judaica, em caso de recusa de conversão ao catolicismo. Na sequência deste édito, a sinagoga acaba por fechar portas, em 1496, sendo, posteriormente, reutilizada para fins muito diferentes da sua função original, desde cadeia manuelina, ermida cristã, armazém e celeiro.

D. Manuel I foi um dos grandes mecenas de Tomar. Promoveu a vinda e trabalho de artistas notáveis, como Domingos Vieira Serrão, João de Castilho, Olivier de Gand, Fernando Muñoz, Diogo de Arruda, Gregório Lopes, João de Ruão e Diogo de Torralva, que deixaram a sua obra espalhada por toda a povoação. Ampliou o Convento de Cristo, onde se destaca a célebre Janela do Capítulo.

D. João III, seu filho, evidenciou-se pelas profundas reformas que impôs à Ordem de Cristo, para cuja liderança e eficaz implementação ordena Frei António de Lisboa. O Convento sofre novas remodelações arquitetónicas, de forma a permitir a total clausura dos monges. É também nesta altura que os terrenos da Riba Fria são adquiridos, para nela ser construída a Cerca Conventual que se converterá, já no século XX, na Mata Nacional dos Sete Montes, após aquisição pelo Estado.

Em 1567, D. Sebastião, em resposta ao crescimento de Tomar, atribuiu-lhe o título de "Notável Vila".

O governo filipino é praticamente inaugurado em Tomar, com as Cortes de 1581, realizadas no Convento de Cristo, que legitimaram o poder de Filipe II de Espanha e Iº de Portugal. O período de domínio filipino foi marcado por obras grandiosas no Convento de Cristo, com a conclusão do Claustro Principal e com o abastecimento de água ao Convento através da construção do Aqueduto dos Pegões ou Aqueduto do Convento de Cristo.

Os Filipes também demonstraram a sua generosidade para com o povo tomarense através da criação da Feira de Santa Iria, bem como com a decisão a favor da comuna de Tomar, em detrimento da Ordem de Cristo, no caso da disputa pela posse da Várzea Grande. Com o intuito de comemorar essa sentença, foi erigido no local um padrão em pedra, conhecido por Padrão Filipino.

Também para a Várzea Grande foi transferida de Santa Cita, um cenóbio de monges franciscanos, os quais, com o objetivo de se encontrarem mais próximos da assistência hospitalar, se fixaram aí num convento e igreja dedicados a S. Francisco.

O desenvolvimento económico de Tomar precipitou-se, a partir do século XVIII, com o incentivo dado à industrialização pelo Marquês de Pombal. Surgem inovadoras e modernas unidades fabris, aproveitando, quase sempre, como força motriz as águas do Nabão. Dois gigantes da industrialização tomarense, cujo funcionamento arrancou em finais do século, são a Fábrica de Fiação de Tomar e a Companhia de Papel do Prado.

O início do século XIX ficou marcado pelas Invasões Francesas, sendo a terceira a mais devastadora para Tomar, em termos de perdas humanas e patrimoniais. O Convento de Cristo foi dos imóveis mais afetados pela destruição às mãos das hostes francesas, que ali permaneceram durante cinco meses, vendo-se despojado de um espólio de valor incalculável.

O concelho foi ainda palco, em 1833, de um episódio militar de especial relevância para a História Nacional, já que marcou o culminar da guerra civil entre liberais e absolutistas, através da Batalha da Asseiceira, que teve lugar nessa mesma freguesia.

Um ano depois, na sequência da implantação do Liberalismo, o clima anticlerical faz extinguir as ordens religiosas, sendo os seus bens postos à venda. Em Tomar, e uma vez extinta a distinta Ordem de Cristo, parte do Convento de Cristo irá ser adquirido por um ministro do reinado de D. Maria II, de seu nome Costa Cabral, que se veio a tornar Conde e, subsequentemente, Marquês de Tomar. Foi este mesmo Costa Cabral que conseguiu daquela rainha, após uma visita da mesma a Tomar, a elevação da vila à categoria de cidade, em 1844.

A arqueologia medieval do concelho de Tomar tem-se restringido à sede do concelho. Foram efetuadas escavações no cemitério medieval de Sta. Maria dos Olivais, na Sala Anexa da Sinagoga e nos Paços do Infante (Convento de Cristo). O cemitério medieval ocupava uma enorme área, ou não fosse ele o cemitério de uma das mais famosas e ricas ordens religiosas. Estendia-se até à Rotunda dos Bombeiros, como o comprovam os trabalhos arqueológicos efetuados em 2004 e 2005. As amplas escavações realizadas na necrópole, com os arranjos exteriores de Santa Maria dos Olivais e zona do Flecheiro, em 2008 e 2009, quando forem publicadas, darão importantes informações sobre as características antropológicas da população aí sepultada.

A escavação da Sala Anexa da Sinagoga pôs à vista estruturas de dois compartimentos pavimentados, interpretados como sendo o *Mikveh* (sala de banhos rituais).

Um monumento, frequentemente esquecido, são os denominados Arcos (Estaus), situados à Rotunda (Tomar). Aí sim, valia a pena fazer estudos e escavações para apurar a sua traça e funcionalidade.

Em relação à Época Moderna, os Paços do Infante mereceram uma ação arqueológica aprofundada, não por curiosidade científica e arqueológica, mas porque o IPPAR ali pretendia construir uma recepção para turistas. Foi também integralmente escavado o Palácio dos Cubos, integrado nas obras da TomarPolis.

No espaço rural, dá-se a proliferação de quintas da Ordem de Cristo (Comendas) e quintas de particulares, como é o caso da Quinta da Anunciada Velha, onde foram efetuadas algumas escavações arqueológicas.

O Património Arquitetónico concelhio é rico e diversificado. A maior parte dele encontra-se concentrado no espaço urbano de Tomar, não só o medievo e de época moderna (castelo, convento, casa senhoriais, palacetes), mas património mais recente, como sejam casas e edifícios públicos do séc. XX, que se distinguem pela suas características únicas ou representantes de um determinado estilo que importa preservar e salvaguardar.

3. OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS DO TRABALHO

Os principais objectivos deste relatório consistiram em:

- Identificar e classificar todos os bens patrimoniais que, pelo seu valor próprio, devam ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de Tomar e dos Tomarenses;
- Sistematizar o inventário de sítios arquitetónicos, através da pesquisa bibliográfica e prospeção de campo, de forma a melhor caracterizar cada monumento inventariado;
- Caracterizar o património arquitetónico concelhio e proceder à sua contextualização crono-cultural;
- Analisar a valoração e hierarquia das ocorrências patrimoniais;
- Determinar as medidas de salvaguarda e valorização do património, em função da valoração atribuída;
- Suportar a decisão no âmbito do planeamento territorial;
- Tributar para a regulamentação no âmbito do PMOT e dos regulamentos municipais aplicáveis de modo a assegurar o cumprimento das prioridades de proteção e valorização elencadas.

4. METODOLOGIA APLICADA

No PDM de 1994, foram considerados como **imóveis a classificar**, para além do património já classificado e em vias de classificação (33 imóveis), 13 edifícios de cariz religioso e civil, na área urbana de Tomar e 41 no restante concelho. No item do **património a preservar**, mas sem qualquer classificação, 18 edifícios (casas particulares, religioso e civil).

Face à disparidade de critérios, no entendimento do que é património que interessa classificar e preservar, optou-se por seguir o Sistema de Inventariação do Património Arquitetónico (SIPA), da ex DGEMN (Direção Geral dos Monumentos Nacionais), hoje integrada na DGPC, por nos parecer informação mais completa e baseada em extensa bibliografia, onde se reconhecem alguns dos melhores especialistas em História da Arte.

Nesta contabilização não foi tido em conta o património etnográfico aí referenciado, onde, entre outros, se encontram alminhas, noras e açudes.

5. TRABALHOS DE CAMPO

Depois de compulsada a principal bibliografia sobre cada um dos monumentos, procedeu-se à sua identificação no terreno, tendo, nalguns casos, sido observados aspetos e pormenores que complementam a história de cada um deles.

No caso das igrejas e capelas não foi possível, na maior parte dos casos, observar o seu interior, por se encontrarem fechadas. Socorremo-nos, no entanto, das descrições feitas por especialistas que se encontram na bibliografia, para a caracterização de cada uma delas.

6. MEDIDAS DE SALVAGUARDA

Para a maior parte dos sítios arquitetónicos, classificados ou não, a medida mínima de salvaguarda proposta varia entre o acompanhamento arqueológico e/ou a conservação e restauro, ou as duas em simultâneo.

Casos há em que, pelas características do sítio, são recomendadas sondagens arqueológicas prévias, a qualquer obra ou empreendimento, por existirem dúvidas ou, no reverso da medalha, fortes suspeitas da existência de vestígios arqueológicos.

Para sítios mais importantes como o Centro Histórico de Tomar, embora o acompanhamento arqueológico possa ser estabelecido, é a sondagem arqueológica que permite despistar a existência de vestígios ou não. Em caso positivo, as sondagens deverão dar lugar à escavação arqueológica.

No sentido de fortalecer as medidas de salvaguarda do património arquitetónico-arqueológico, foram definidas duas áreas de ocupação do solo, em Tomar cidade, através de uma linha que não sendo uma ZEP, mas que poderá vir a concretizar-se como tal, corresponde a uma mancha de dispersão de elementos arquitetónicos e arqueológicos que importa preservar.

Estamos a referir-nos concretamente ao Centro Histórico de Tomar e à área da Cidade Romana de *Seilium*.

Centro Histórico de Tomar

É proposta uma nova área para o Centro Histórico de Tomar, por existirem zonas histórico-arqueológicas que não se encontram contempladas na anterior delimitação (Classificação/ Proteção - Aglomerado Urbano de Interesse Cultural - Declaração n.º 76/99, 2.ª série, de 5 de Março).

Com efeito, toda a área urbana da Várzea Grande e entrada sul de Tomar, entre a Casa dos Cubos e a Ponte do Flecheiro, contém elementos arquitetónicos e vestígios arqueológicos, que deverão ser incluídos dentro do Centro Histórico de Tomar.

A delimitação proposta vai assinalada na Planta de Ordenamento, bem como os pontos que indicam locais de acompanhamento, sondagem e escavação arqueológica.

Cidade Romana de Seilium

Entre o património classificado, encontra-se o Forum Romano, com uma delimitação que não corresponde, nos dados fornecidos pela DGPC, nem em tamanho nem em localização, ao local onde se situa o principal edifício público romano, situação que deve ser revista no âmbito do presente PDM.

No Relatório do Património Arqueológico (pág. 8), propõe-se a delimitação de uma ZEP para a cidade romana, assinalada na Planta de Ordenamento, como forma de proteção mais eficaz que a existente atualmente.

Para além destas duas áreas urbanas, dois outros monumentos merecem uma revisão da sua classificação:

Aqueduto dos Pegões

Apenas se encontra classificado o troço conhecido como Pegões Altos (Monumento Nacional, Decreto de 16 de Junho de 1910, Diário do Governo n.º 136 de 23 de Junho de 1910; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 265 de 14 de Novembro de 1946; Portaria n.º 328/79, de 7 de Julho), deixando fora de qualquer proteção, o restante troço do aqueduto, numa extensão de cerca de 5 km, incluindo as 4

nascentes (Nascente da Porta de Ferro, Nascente do Cu Alagado, Nascente do Vale da Pipa ou do Pote e Nascente do Cano ou do Vale).

Assim, propõe-se a reformulação da ZEP, de forma a incluir todo o aqueduto e respetivas nascentes. A delimitação proposta vai assinalada na Planta de Ordenamento.

Cardais - Ruínas de Nabância

Sítio classificado como Monumento Nacional, a desclassificar, por pouco existir de monumental das suas ruínas e com uma ZEP circular baseada num ponto aleatório, dado que se havia perdido por completo a sua localização.

Com a intervenção arqueológica de 2005, na obra de remodelação da EM 533 (Marmelais de Baixo), localizaram-se alguns muros e materiais romanos *in situ*, o que permitiu determinar com um pouco mais de rigor o local desta *villa* romana. A anterior localização colocava as ruínas nos campos agrícolas da margem direita do rio Nabão, o que não faz sentido, pois os romanos não construíam em terreno chão, alagadiço e sujeito a inundações. Com a localização dos muros romanos mais a norte, direccionou-se a localização da *villa* para a encosta suave, situada entre o Cemitério Novo e a povoação de Cardais, tendo-se definido uma área de provável localização, que está assinalada na Planta de Ordenamento e se propõe como ZEP em substituição da anterior, claramente artificial (cf. Planta Geral).

7. CONCLUSÃO

No que diz respeito ao património classificado ou em vias de classificação, este é o mesmo do PDM de 1994, com exceção do Cabeço da Pena, cujo processo de classificação foi arquivado por falta de definição de ZEP (Zona Especial de Proteção) (Despacho de arquivamento de 13-12-2012 da diretor-geral da DGPC, com fundamento na necessidade de se determinar uma rigorosa delimitação da área a classificar).

No que diz respeito aos **Outros elementos do património não classificados**, para utilizar a nomenclatura em uso e definida pela DGPC e organismos estatais que a antecederam, foram considerados 88 imóveis, entre património religioso, civil e estatal. A maior parte encontrava-se já definida no PDM de 1994, sendo que uma pequena quantidade foi removida, por não apresentar características estilísticas ou de

importância histórica que justificassem a sua inclusão no presente PDM. Os que transitaram do anterior PDM têm a referência “PDM 1994” na bibliografia das fichas de inventário.

Por outro lado, foram incluídos edifícios de outros períodos históricos, que não os habituais, como sejam casas “Belle Époque”, Arte Nova e edifícios de estilo “Estado Novo”, balizados, os primeiros, entre os séculos XIX e XX, e o último do século XX.

Relativamente aos centros históricos que correspondem, grosso modo, às sedes de freguesia do concelho e outras localidades com antiguidade atestada, cuja densidade urbana é maior, não se conseguiu encontrar imóveis com valor arquitetónico relevante, à exceção das capelas e igrejas e algumas quintas com antiguidade atestada por documentos, embora, na maior parte dos casos, não seja possível caracterizar elementos arquitetónicos anteriores à época contemporânea.

É difícil aplicar a noção de centro histórico nestes locais, por não existir coerência histórico-arquitetónica, embora alguns tenham tido um passado potenciador, como é o caso dos extintos concelhos de Paialvo e Asseiceira.

Estes centros encontram-se bastante descaracterizados, embora seja notória a conservação e restauro de muitas habitações nestes espaços, muitas vezes sem uma norma regularizadora.

Tomar, Novembro de 2016

(Carlos Batata)

11. QUADRO-SÍNTESE DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO

Património classificado ou em vias de classificação

207	Castelo de Tomar e Paços do Infante	Medieval Islâmico e Cristão, épocas Moderna e Contemporânea	Monumento Nacional
208	Convento de Cristo	Medieval Cristão, épocas Moderna e Contemporânea	Património Mundial e Monumento Nacional
209	Igreja de Sta Maria dos Olivais	Época Medieval Cristã, Moderna e Contemporânea	Monumento Nacional
210	Igreja Matriz de S. João Baptista	Época Medieval Cristã, Moderna e Contemporânea	Monumento Nacional
211	Capela de S. Lourenço	Século XV	Monumento Nacional
212	Antiga Sinagoga de Tomar	Séculos XV	Monumento Nacional
213	Fachada quinhentista (antiga biblioteca municipal)/ Casa Manuel Guimarães	Séc. XVI	Monumento Nacional
214	Janela de cunhal quinhentista / Edifício do posto municipal de turismo	Séc. XVI	Monumento Nacional
215	Padrão de D. João I	Século XVI	Monumento Nacional
216	Ermida de Nossa Senhora da Conceição	Século XVI	Monumento Nacional
217	Casa da Quinta da Granja	Sécs. XVI e XVIII	Imóvel de Interesse Público
218	Arco das Freiras	Século XVI	Imóvel de Interesse Público
219	Corpo do edifício onde se encontra o pego de Santa Iria	Século XVI	Imóvel de Interesse Público
220	Convento de Santa Iria	Século XVI	Imóvel de Interesse Público
221	Edifício dos Paços do Concelho	Sécs. XVI e XVIII	Imóvel de Interesse Público
189	Cerca do Convento de Cristo / Mata Nacional dos Sete Montes	Medieval Islâmico, Medieval Cristão e Época Moderna	Imóvel de Interesse Público
222	Quinta da Anunciada Velha / antigo Convento dos Capuchos	Medieval Cristão e Época Moderna	Imóvel de Interesse Municipal
223	Edifício dos Estaus	Séc. XV	Imóvel de Interesse Público

224	Padrão de D. Sebastião		Século XVI	Imóvel de Interesse Público	
225	Capela de São Gregório		Séc. XV	Imóvel de Interesse Público	
226	Aqueduto do Convento de Cristo (troço dos Pegões)		Sécs. XVI e XVII	Monumento Nacional	
227	Igreja de São Francisco e respectivo claustro		Séc. XVII	Imóvel de Interesse Público	
228	Pelourinho de Paialvo		Séc. XVII	Imóvel de Interesse Público	
229	Pelourinho de Tomar		Sécs. XVII/XVIII	Imóvel de Interesse Público	
230	Fonte de São Lourenço e terreiro anexo		Séc. XVIII	Imóvel de Interesse Público	
231	Palácio de Alvaiázere		Séc. XVIII	Imóvel de Interesse Municipal	
232	Açude da Fábrica de Fiação		Séc. XVIII	Em Vias de Classificação (Hom. - IIP)	
233	Edifício da geradora, incluindo maquinaria e acessórios		Séc. XX	Em Vias de Classificação (Hom. - IIP)	
234	Casa de Vieira Guimarães		Séc. XX	Imóvel de Interesse Municipal	
41	Gruta do Caldeirão	Paleolítico Médio, Paleolítico Superior, Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze e Ferro, Romano, Visigótico, Medieval e Época Moderna.		Em Vias de Classificação (Hom. - IIM)	39.647032,-8.416211
236	Fórum romano	Época Romana		Imóvel de Interesse Público	39.603174, -.408.111
	Cardais - ruínas ditas de Nabância				
237	Nabância	Pré-história e Romano		Monumento Nacional	39.58911, -8.39598
190	Centro Histórico de Tomar	Islâmico a Contemporâneo		Aglomerado Urbano de Interesse Cultural	

Outros elementos do património não classificados

238	Antigo Hospital de São Brás	Tomar	Séc. XIV ?	39.601713, -8.4515813
239	Torre sineira da igreja de Santa Maria do Olival	Tomar	Idade Média	39.601477, -8407823
240	Igreja de Cem Soldos	Cem Soldos	Manuelino, Século XVII	39586149, -8453141
241	Igreja Matriz de São Pedro	Alviobeira	Séc.s XVI a XVII	39564789, -8359979
242	Capela de Santo António	Santa Cita	Séc. XVI	39541586, -8388061
243	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	Olalhas	Séc.s XVI a XVII	39635081, -8294979
244	Aqueduto do Convento de Cristo - troço de Brasões	Brasões	Séc.s XVI/XVII	39608242, -8442499 a 39628311, -8459016
245	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação	Asseiceira	Séc. XVI	39524086, -8403279
246	Capela de Nossa Senhora da Ajuda	Ceras	Séc. XVI	39691060, -8359245
247	Igreja de S. Miguel	Carregueiros	Séc. XVI	39.630578, -8.447222
248	Igreja matriz de Nossa Senhora do Reclamador	Casais	Séc. XVI	39652662, -8382356
249	Capela da Santa Casa da Misericórdia da Asseiceira	Asseiceira	Séc. XVI?	39.523883, -8.403767
250	Capela de Santa Marta	Santa Marta	Séc. XVI	39594580, -8384913
251	Ermida de Santo António	Alqueidão	Séc. XVI?	39629201, -8276500
252	Capela de Santa Luzia	Olalhas	Séc. XVI?	39.636045, -8.295537
253	Passos da via sacra de Tomar	Tomar	Séc. XVII?	39601859, -8413234
254	Igreja matriz da Beselga	S. Silvestre da Beselga	Séc. XVI a XVIII	39595982, -8482867
255	Igreja do antigo Convento de Santa Cita/ Convento de São Francisco	Santa Cita	Séc. XVI a XIX	39538059, -8383583
256	Igreja e hospital da Misericórdia de Tomar / hospital de Nossa Senhora da Graça	Tomar	Séc. XVI a XIX	39601952, -8414485
257	Capela de Nossa Senhora da Piedade	Vale de Idanha	Séc. XVII	39662948, -8303764
258	Igreja da Madalena, com galilé	Madalena	Séc. XVII	39.658422, -8.404309
259	Capela de São Lourenço	Póvoa	Séc. XVII	39.658422, -8.404309
260	Capela de Santo António	Fortes de Baixo	Séc. XVII	39.572546, -8.349596

261	Capela de Santo António	Levegada	Séc. XVII	39.575744, -8.300885
262	Cruzeiro de Carrazede	Carrazede	Séc. XVII	39.536984, -8.460174
263	Igreja Matriz de São Pedro	S. Pedro	Séc. XVII	39.564789, -8.359979
264	Ermida de Nossa Senhora da Piedade	Tomar	Séc.s XIV a XIX	39.610675, -8.415668
265	Capela de Santa Marta	Marmeleiro	Séc. XVII?	39.557814, -8.438718
266	Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição	Sabacheira	Séc. XVIII	39.678249, -8.482255
267	Capela de Nª Sra. das Lapas	Póvoa	Séc.s XVI, XVIII (?)	39.660178, -8.414313
268	Capela de Nª Sra. da Saúde	Alqueidão	Séc. XVIII (?)	39.632165, -8.277625
269	Igreja Matriz de Nª Sra. das Neves	Pedreira	Séc.s XVIII, XIX	39.640899, -8.410030
271	Igreja de Paialvo	Paialvo	Séc. XVIII	39.563327, -8.466103
272	Capela de Santo António	Tomar	Séc. XIX?	39.608299, -8.406849
273	Ponte da Póvoa II	Póvoa	Época Contemporânea (?)	39.664793, -8.400501
274	Ponte de Ceras	Ceras	Época Medieval	39.69720, -8.35901
275	Ponte da Guerreira	Santa Cita	Época Moderna	39.54936, -8.39027
276	Ponte de Peniche	Casal dos Frades	Época Moderna	39.623618, -8.400084
277	Ponte do Chocapalhas	Carril	Baixa Idade Média Época Moderna (?) e Contemporânea	39.60583 a 39.60600, - 8.35953 a -8.35919
278	Ponte do Ramil	Marmeleiro	Contemporânea	39.55881, -8.45118
279	Ponte do Cerzedo	Cem Soldos	Época Moderna	39.59648, -8.44152
280	Ponte de Almotacé	Vila Nova	Época Moderna	39.532572, -8.474328
281	Ponte do Casal do Alecrim	Casal do Alecrim	Época Moderna	39.60700, -8.36549
282	Ponte de Vale de Figueira	Vale de Figueira	Época Moderna	39.633212, -8.443046
283	Ponte da Ribeira da Ponte de Pedra	Fontainhas	Época Moderna	39.50662, -8.45092
284	Ponte de Pegões I	Brasões	Época Moderna	39.60867, -8.44041
285	Ponte de Pegões II	Brasões	Época Moderna	39.60840, -8.44130
286	Ponte de Pedra da Sabacheira	Sabacheira	Época Contemporânea	39.677330, -8.481494
287	Ponte dos Vales	Vales	Época Contemporânea (?)	39.604693, -8.346435

288	Ponte dos Casais	Casais	Época Contemporânea	39.64671, -8.38111
289	Ponte da Póvoa I	Póvoa	Época Contemporânea (?)	39.661822, -8.400526
290	Ponte Velha	Tomar	Épocas Romana e Moderna	39.604535, -8.410925
291	Igreja Matriz de Nª Sra da Conceição	Carrazede	Séc. XVII?	39.536304, -8.460991
292	Fontanário/ Fonte de Santo António	Santa Cita	Séc. XVI	39541626, -8387995
293	Padrão Filipino Antigos Lagares e Moinhos da Ribeira da Vila/	Tomar	Séc. XVII	39.600278, -8.413356
294	Lagares d'El Rei	Tomar	Séc.s XII-XIII e XV	39.604039, -8.411248
295	Açude dos Frades	Tomar	Séc. XV	39.604949, -8.412202
296	Casa dos Cubos	Tomar	Ép. Medieval a Contemporânea	39.602381, -8.411309
324	Quinta dos Ganados (brasonada)	Ganados	Séc. XVI	39.659805, -8.342870
297	Solar dos Calça Perra	Tomar	Séc. XVI	39602538, -8.413635
298	Palácio dos Vales	Tomar	Séc.s XVI, XVII	39.604782, -8.409278
299	Palácio Alvim	Tomar	Séc.s XVI a XX	39604811, -8.415696
300	Casa na Rua Dr. Joaquim Jacinto n.º 67 a 71	Tomar	Séc. XVII?	39.603241, -8.413694
301	Quinta do Casal das Freiras	Casal das Freiras	Séc. XIX	39561688, -8.432159
302	Quinta de Sant'Ana da Guerreira	Santa Cita	Séc.s XV, XVI, XVII	39.545808, -8.396709
303	Quinta da Anunciada Nova	Tomar	Séc. XVII	39.606307, -8.416184
304	Palácio dos Almeidas	Tomar	Séc. XVIII	39.600582, -8.411519
305	Palácio dos Velhos de Macedo	Tomar	Séc. XVIII	39602203, -8.413512
306	Fábrica de Fiação	Tomar	Séc. XVIII	39.609995, -8.409379
307	Fábrica (com açude) da Matrena	Santa Cita	Séc. XIX	39.532915, -8.380681
133	Fábrica do Prado	Prado	Séc. XVIII	39.643763, -8.401441
308	Antiga Fábrica do Sobreirinho	Prado	Séc. XIX	39.653836, -8.410760
309	Coreto	Tomar	Séc. XIX	39.606033, -8.414420
310	Casa Belle Époque Palácio D. Maria da Silveira (actual Edifício dos	Tomar	Séc. XIX	39.607063, -8.414754
311	SMAS)	Tomar	Séc. XIX?	39.603336, -8.414967

312	Quinta da Beselga ou Quinta de Cima	Curvaceiras Grandes	Séc. XV	39.540920, -8.41393
313	Quinta do Ó	Vale Florido	Séc. XIX?	39.570554, -8.386577
314	Casa dos Tectos	Tomar	Séc.s XIX, XX	39.601721, -8.415219
315	Capela Velha	Linhaceira	Séc. XX	39.519581, -8.381639
316	Colégio Nun'Álvares	Tomar	Séc. XX	39.605087, -8.405300
317	Edifício do Posto de Turismo de Tomar	Tomar	Séc. XX	39.601581, -8.415627
318	Casa Havaneza	Tomar	Séc. XX	39.604391, -8.412230
319	Cine-teatro Paraíso	Tomar	Séc. XX	39.602277, -8.414829
320	Club Thomarense/Edifício do Café Paraíso	Tomar	Séc. XX	39.603988, -8.414062
321	Edifício Barateiro	Tomar	Séc. XX	39.604147, -8.413348
322	Fontanário de Carrazede	Carrazede	Séc. XX	39.537023, -8.460280
323	Tribunal de Tomar	Tomar	Séc. XX	39.600898, -8.413644



9. BIBLIOGRAFIA

- A Pintura Antiga da Igreja de São João Baptista em Tomar in Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol.1, Tomar, 1933;
- A Igreja de Santa Maria dos Olivais, Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 27, Lisboa, 1942;
- Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, Vol. I, Tomo II, Tomar, 1961;
- Aproveitamento Hidráulico do Rio Nabão, estudo encomendado pela Hidrotécnica Portuguesa, 1963;
- ALMEIDA, Álvaro Duarte de e BELO, Duarte. Portugal Património, Guia-Inventário, (Vol. VI), Leonel de Oliveira, Círculo de Leitores e Autores, [s.l.], Imp. 2007. I.S.B.N. (colecção) 978-972-42-3917-0.
- ALMEIDA, C.A. Ferreira de, História da Arte em Portugal, vol. 3, Lisboa, 1986;
- ALMEIDA, José António Ferreira, Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976;
- ALMEIDA, José António Ferreira de (1976). Inventário Artístico de Portugal. Lisboa;
- ALMEIDA, Manuela Ferreira (1989). Vidros post-medievais do Convento de Cristo - Tomar (Sondagem 1985). Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 11/12, pp. 77-86. Tomar;
- ALVES, Jorge Fernandes (1999). Fiar e Tecer - uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do vale do Ave. V.N. de Famalicão, 1999;
- ALVIM, João, Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, Vol III, As "Casas Nobres" da Rua do Pé da Costa, Tomar, 1953;
- ANTUNES, Maria Felisbela Dias (1994). A Idade do Ferro e a Romanização no vale do Nabão, contributo para o estudo do território de Sellium. Tese de Seminário do CESE (Arqueologia), da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, vol. 1, p. 12 (policopiado). Tomar.
- ATANÁZIO, M. Mendes, A Arte do Manuelino, Lisboa, 1984;
- AZEVEDO, João (1976c). Visita arqueológica à área da Póvoa. Jornal "Cidade de Tomar", 23-12-1976, p. 4;
- AZEVEDO, João Batista (1978). Grande reportagem fotográfica da "Ponte Peniche". Jornal "Sellium", 1-3-1978, pp. 4 e 7;
- AZEVEDO, José Correia de, Portugal Monumental, Inventário Ilustrado, Tomo VI, Ribatejo, Algés, 1993;
- BARBOSA, Inácio de Vilhena, As Cidades e as Villas da Monarquia Portuguesa, que tem Brasão, d'Armas, vol. III, Lisboa, 1860.
- BARBOSA, Álvaro, GRAÇA, Isabel, MATEUS, João (1998). Cerca do Convento de Cristo e Mata dos Sete Montes. Tomar;
- BARBOSA, Álvaro José, Os Sete Montes de Tomar: Recuperação da Cerca do Convento de Cristo, Casal de Cambra, 2003.
- BARRADAS, Elisabete (2009). Relatório Final das Sondagens Arqueológicas em prédio situado entre a Av. Cândido Madureira/ Rua Infância 15/ Rua dos Arcos e a Travessa da Misericórdia, em Tomar.
- BATATA, Carlos e GASPAR, F. (1991) - Estações arqueológicas inéditas na área de Tomar. In Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, 15, pp. 29 e 37-42. Tomar;
- BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena (1991a). Subsídios para a compreensão da Arqueologia da Morte na Região de Tomar, p. 1. Trabalho prático para a cadeira de Arqueologia medieval. Instituto de Arqueologia da FLUC. Coimbra (policopiado);
- BATATA, Carlos, As Origens de Tomar – Carta Arqueológica do Concelho, Centro de Estudos e Protecção da Património da Região de Tomar, Tomar, 1997.
- BATATA, Carlos e MENDES, Catarina (2005). Acompanhamento arqueológico de abertura de vala de saneamento básico da Rua Alexandre Herculano, Tomar. Relatório Aprovado.
- BATATA, Carlos (2010). Relatório final da intervenção arqueológica no âmbito do projecto de Arranjo urbanístico da envolvente ao Convento de Cristo - percurso da Mata dos Sete Montes. Relatório Aprovado.
- BATATA, Carlos (2010a). Relatório final dos trabalhos arqueológicos de requalificação urbana da Praceta de Alves Redol, Tomar. Relatório Aprovado;



- BORGES, Nelson Correia, João de Ruão escultor da Renascença, Coimbra, 1980
- BORGES, Inês da Conceição do Carmo, A Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Tomar, Texto policopiado, (Seminário: "Arquitectura e Renascimento") Mestrado em História da Arte da FLUC, Coimbra, 2006;
- BRAZ, José Campos, Santarém raízes e memórias - páginas da minha agenda, Santarém, Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 2000;
- CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR, Tomar Mini-Guia 2003, Edição Razão de Ser, Tomar, 2002.
- CÂMARA Municipal de Tomar, Tomar Cidade Templária, Tomar, 2004;
- CÂMARA, Paulo Perestrelo da, Dicionário Geográfico de Portugal, s.l., 1850
- CÂNCIO, Francisco, Ribatejo Histórico e Monumental, 2 vols, Lisboa, 1938;
- CARLOS, Alberto Ferreira de Almeida, BARROCA, Mário Jorge, História da Arte em Portugal, O Gótico, Lisboa 2002
- CARVALHO, Gabriela, Aromas e Sabores de Tradição da Região dos Templários, Edição da Região de Turismo dos Templários (Floresta Central e Albufeiras), Tomar, 1999.
- CASTRO, Mapa de Portugal Antigo e Moderno, s.l., 1750;
- CASTRO, Francisco do Valle de - «A Igreja de Santa Iria em Tomar» in Invenire Revista de Bens Culturais da Igreja. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, julho - dezembro 2013, n.º 7, pp. 28-32;
- CASTRO (ALVELLOS), Miguel de Melo e (1955). Pedras de Armas de Tomar. Lisboa;
- CHAVES, F. Sá (1907). A Batalha da Asseiceira (16 de Maio de 1834), Memoria histórico-descriptiva, 3ª ed., publ. no Boletim Cultural e Informativo da C. M. de Tomar, 6, pp. 135-188;
- CHAVES, Luís, Os Pelourinhos, Lisboa, 1938;
- CHICÓ, Mário Tavares (1995). A Arquitectura Gótica em Portugal, 3ªed. Lisboa, 1981;
- COELHO, Maria da Conceição Pires, A Igreja da Conceição e o Claustro de D. João III, do Convento de Cristo em Tomar, Santarém, 1987;
- CONDE, Manuel Silvio Alves, Tomar Medieval: O espaço e os homens - (séc. XIV-XV), Texto policopiado, Lisboa, 1988;
- COELHO, Maria da Conceição Pires, A Igreja da Conceição e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar, Edição da Assembleia Distrital de Santarém, Tomar, 1987.
- Coretos existentes no Concelho de Tomar, Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nº 21, Outubro de 1997;
- COSTA, António Carvalho da (Padre), Corografia Portuguesa, vol. III, Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1712;
- COSTA, Fr. Bernardo da, História da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, tomo II, 1775;
- COSTA, P. António Carvalho da, Corografia Portuguesa..., tomo III, Braga, 1869;
- COSTA, Vítor (2013). Uma obra desconhecida. A Visitação de António Manuel da Fonseca. In Invenire - Revista de Bens Culturais da Igreja. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, julho - dezembro 2013, n.º 7, pp. 48-54;
- COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar Perspectivas, Tomar, 1991;
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2009). A Arquitectura "ao Romano". Vila Nova de Gaia.
- CUNHA, Licínio, Introdução ao Turismo, Editorial Verbo, Lisboa, 2001.
- Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, Relatórios da intervenção nos estuques da Charola, 4 vol., Cacém, 1995-1998;
- CUSTÓDIO, Jorge e SANTOS, Luísa, O Nabão e Tomar nas origens da industrialização portuguesa, texto dactilografado, CMC / COAI / AAIRL, 1985;
- CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa (1990). A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1.ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas. I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e comunicações. Coimbra.
- DGARQ/TT: Dicionário geográfico de Portugal, vol. 1, nº 23, pp. 205- 210
- DIAS, Pedro (1979). Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510 - Aspectos Artísticos. Coimbra;
- DIAS, Pedro, História de Arte em Portugal - o Gótico, Vol. III, Lisboa, 1986;
- DIAS, Pedro (1986). O Manuelino. in História da Arte em Portugal, Vol. V;
- DIAS, Pedro (2002). Manuelino. À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I. Lisboa;
- DIAS, Pedro (2009). A arquitectura manuelina. Vila Nova de Gaia;



- DIONIÍSIO, Sant'Anna, Guia de Portugal (Estremadura, Alentejo e Algarve), Lisboa, 1927;
- DUARTE, Maria do Rosário Antunes, A Igreja de Santa Maria do Olival, in Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar nº 10, Tomar, 1988;
- FERREIRA, António Fonseca (coord.), Lisboa e Vale do Tejo - Valorização Cultural, Reabilitação do Património: Cine-Teatros, Lisboa, 2002;
- FERNANDES, João Alexandre de Sousa Oliveira (2006). Infra-estruturas da cidade de Tomar. Relatório Aprovado;
- FERNANDES, João Alexandre de Sousa Oliveira (2006b). Infra-estruturas da cidade de Tomar. Relatório Aprovado;
- FERNANDES, José Manuel, Cinemas de Portugal, Lisboa, 1995;
- FERREIRA, José Álvaro Antunes (Coord.); 2.ª Fase de Revisão do PDM de Tomar – Estudos de Caracterização e Diagnóstico Prospectivo, Anexo A – Resultados do Inquérito às 16 Juntas de Freguesia, Setembro de 2008.
- FERREIRA, Fernando, Passo Perdido, Jornal Cidade de Tomar nº 1995 de 25 de Agosto, Tomar 1973;
- FERREIRA, Fernando, O Paraíso um Café que eu conheci, Boletim Cultural e Informativo da CMT, Tomar 1982;
- FERREIRA, José Couto; ROSA, João Alberto, Tomar – Perspectivas, Editora A Gráfica de Tomar, Tomar, 1991.
- FRANÇA, António Pinto da, FRANÇA, Sofia Pinto da (1989). Quinta da Anunciada Velha", in Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nº 13. Tomar;
- FRANÇA, António Pinto da (1991). Notas complementares à história da Quinta da Anunciada Velha. Boletim da Câmara Municipal de Tomar, nº 14, Tomar, Março de 1991, p. 143-149. Tomar
- FRANÇA, António Pinto da, Os condes de Tomar no Convento de Cristo, Texto policopiado, Roma, 2000;
- FRANÇA, José Augusto, Tomar, Editorial Presença, Lisboa, 1994.
- FRANÇA, Sofia Pinto da e FRANÇA, António Pinto da, Quinta da Anunciada Velha, Tomar, 1994;
- FRANÇA, José Augusto, Cidades e vilas de Portugal, Lisboa, 1994;
- FRANÇA, José-Augusto (2000). Tomar. Lisboa. Monumentos, n.º 12, Lisboa, DGEMN;
- FREIRE, Paula Cristina Martins, "O milagre eucarístico de Santo António da Misericórdia de Tomar", Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nºs 11 / 12, Março de 1989;
- GARCEZ, F. A. (1951). A construção do Convento de São Francisco de Tomar. In Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. III, 1951.
- GIL, Júlio, As Mais Belas Igrejas de Portugal, Lisboa, 1989;
- GIL, Júlio (1988). As mais belas igrejas de Portugal, vol. II. Lisboa
- GITAP – Gabinete de Estudos e Projectos, Lda., Câmara Municipal de Tomar – Plano Director Municipal – Relatório Final, Cap. IX, 1994.
- GOMES, José Luís de Oliveira, Os biscoitos e as ferrarias hidráulicas portuguesas do período moderno (1500 – 1700), vol. I.
- GONÇALVES, António Nogueira, A Igreja de Atalaia e a primeira época de João de Ruão, Coimbra, 1974;
- GOODOLPHIM, Costa, As Misericórdias, Lisboa, 1897;
- GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos, Convento de Cristo, Edição ELO-Publicidade e Artes Gráficas, Lda., 1991.
- GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos, Tomar Roteiro Sentimental, Lisboa, 1999;
- GRAÇA, Luís (2016). Roteiro - Convento de Cristo. Lisboa.
- GRILLO, Fernando, A influência nórdica na escultura portuguesa no tempo de D. Manuel I, in ARTIS, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, 2004, n.º 3, pp. 139-174;
- GUILHERME, Padre José, Boletim Cultural e Informativo n. 4, Editora A Gráfica de Tomar, Tomar, 1972.



- GUILHERME, Pe. José (1982). Santa Iria - influências da escola renascentista coimbrã em Tomar. Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nº 4, 1982, pp. 11-57. Tomar;
- GUIMARÃES, Manuel da Silva, História de uma Fábrica - A Real Fábrica de Fiação de Tomar, Santarém, 1976;
- GUIMARÃES, Vieira, A Ordem de Cristo, Lisboa, 1901;
- GUIMARÃES, Vieira, Thomar, Stª Iria, Lisboa, 1927;
- GUIMARÃES, Vieira, O Claustro de D. João III, em Thomar, Gaia, 1931;
- GUIMARÃES, Vieira (1918). Inscrições Tomarenses, séc. XII. Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo", Tomar;
- HAUPT, Albrecht, A Arquitectura do Renascimento em Portugal, Lisboa, 1986;
- HENRIQUES, Jorge Gabriel, A Charola de Tomar, Estratégias de Conservação da Pintura Mural, Tese de Mestrado policopiada, Faculdade de Letras, Lisboa, 2000;
- HERCULANO, Alexandre, Opúsculos, Vol. I.
- INÁCIO, Pedro, Portugal o País dos Aquedutos, Tomar - Aqueduto dos Pegões Altos, in: Sede de Saber, CIO águas livres, Nº 162, julho 2007;
- IPPAR, Restauro da Abóbada da Charola do Convento de Cristo, Tomar, 2000;
- JANA, Ernesto, O Convento de Cristo em Tomar e as obras durante o período filipino, tese policopiada, Faculdade de Letras, Lisboa, 1990;
- Jornal, A Verdade de 3 de Novembro de 1987, Tomar;
- KUBLER, George, SORIA, M., Art and Architecture in Spain and Portugal - 1500 to 1800, Harmondsworth, 1959;
- KUBLER, George, Portuguese Plain Architecture - 1521 - 1706, between spices and diamonds, Middletown, 1972;
- KUBLER, George (1988). A Arquitectura Portuguesa Chã - Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706. Lisboa;
- LAMBERT, Élie, Remarques sur le plan des églises abbatiales de Tomar e de Batalha in Congresso do Mundo Português, II, Lisboa, 1940;
- LAPA, Maria Fernanda (1989). A Sinagoga de Tomar - Seu enquadramento na problemática da presença judaica em Tomar. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 11/12, pp. 35-54. Tomar;
- LAPA, Maria Fernanda (1989a). A Sinagoga de Tomar; Campanha de 1989. Boletim Cultural e informativo da C.M. de Tomar, 13, pp. 73-82. Tomar;
- LOPES, Flávio (coord.) (1993). Património Classificado - Arquitectónico e Arqueológico - inventário, vol. III. Lisboa, IPPAR;
- MACHADO, Francisco Soares de Lacerda, Castelo dos Templários, origem da cidade de Tomar, Tomar, 1936;
- MACHADO, Adriano José Mendes (2013). Quinta da Anunciada Velha - antigo Convento Franciscano: estudo dos materiais de execução e proposta de intervenção. Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauro. Tomar.
- MALAFAIA, E. B. de Ataíde (1997). Pelourinhos Portugueses, Tentâmen de Inventário Geral. Lisboa.
- MARREIROS, Luís Soromenho (2003). Intervenção de recuperação da Ermida de Nossa Senhora da Conceição em Tomar. Património Estudos. Lisboa;
- Ministério das Obras Públicas, Relatório da Actividade do Ministério no ano de 1952, Lisboa, 1953;
- MECO, José, Azulejaria em Portugal, Lisboa, 1985;
- MONFORTE, Frei Manuel de, Crónica da Província da Piedade, Livro III, Lisboa, 1696;
- MONTEIRO, Manuel, Os Pelourinhos, Lisboa, 1935;
- MOREIRA, Rafael, A Ermida de Nª Sª da Conceição, mausoléu de D. João III, Boletim Cultural e Informativo da CMT, nº 1, Tomar, 1981;
- MOREIRA, Rafael, A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal, Tese de Doutoramento policopiada, Universidade Nova, Lisboa, 1992;
- MOREIRA, Rafael, Relatório sobre a Quinta da Anunciada Velha, in Quinta da Anunciada Velha, Tomar, 1994;



- MOREIRA, Rafael, "As Misericórdias: um Património Artístico da Humanidade", 500 Anos das Misericórdias Portuguesas, Solidariedade de Geração em Geração, Catálogo da Exposição no Mosteiro de Santa Mónica para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdia, Lisboa, 2000, pp. 135-164;
- Monumentos, n.º 12 e n.º 13, Lisboa, DGEMN, 2000;
- NEVES, Paulo Alcobia, "Relatório de Estágio" para ingresso na carreira de Técnico de Turismo na Câmara Municipal de Tomar, Tomar, 2005.
- NOGUEIRA, Luís Franco (Coronel do Exército), Notícia Histórica das Guarnições Militares e Policiais de Tomar, Lisboa, 1993;
- O poema de pedra de João de Castilho em Thomar, Lisboa, 1934;
- O Tríptico da Vida de Cristo da Igreja de S. João Baptista, Tomar, s.d.;
- PARTIDÁRIO, Maria do Rosário, "Património Cultural", In: FERREIRA, José Antunes (Coord.); 1.ª Fase de Revisão do PDM de Tomar – Estratégia Preliminar de Desenvolvimento e Ordenamento para o Concelho de Tomar (rectificações à versão de 09/2007), Janeiro de 2008.
- PARTIDÁRIO, Maria do Rosário, "Património Cultural", (documento de trabalho de preparação da 2.ª Fase de Revisão do PDM de Tomar), Outubro de 2008.
- PDM 1994;
- PAULO, Arsénio, A Procissão dos Passos, Tomar à Letra, Tomar 2000;
- PEREIRA, Fernando António Baptista, Descidas do Espírito Santo em programas iconográficos retabulares dos séculos XV e XVI, in ARTIS, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, 2002, n.º 1, pp. 161-197;
- PEREIRA, Fernando António Baptista (2004). Descidas do Espírito Santo em programas iconográficos retabulares dos séculos XV e XVI. In ARTIS. Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, pp. 161-197;
- PEREIRA, Paulo (1990). A Obra Silvestre e a Esfera do Rei. Coimbra;
- PEREIRA, Paulo História da Arte Portuguesa, vol. I, Lisboa, 1995;
- PEREIRA, Paulo, A simbólica manuelina. Razão, celebração, segredo: O Convento de Cristo, in História de Arte Portuguesa, vol. 2, 3ª ed., 131-136, Lisboa, 1999;
- PEREIRA, Paulo, De Aurea Aetate: O Coro do Convento de Cristo em Tomar e a Simbólica Manuelina, Lisboa, 2003;
- PINHEIRO, João Torres, O hospital da Misericórdia e o caminho de ferro de Thomar, Tomar, 1933;
- PINTO, Ricardo Santos; Tomar – Na Terra dos Templários, Héstia Editores, 2004?
- PONTE, Salete da, Boletim Cultural n. 17, Editora A Gráfica de Tomar, Tomar, 1981.
- PONTE, Maria La-Salete da e SILVA, Pedro Lourenço da (1989a). Abordagem arqueo-histórica dos Paços do Castelo dos Templários (Sondagem 1985). Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 11/12, 55-76. Tomar;
- PONTE, Salete da (1985b). Sinagoga e o seu meio ambiente. Jornal "Cidade de Tomar", 4-4-1985, p. 8;
- PONTE, Salete da (1986e). Sinagoga de Tomar - Anexo poente. Informação Arqueológica (1985), 7, pp. 77-79. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa;
- PONTE, Salete da, VELOSO, Carlos (1990). Imagens de Tomar: Roteiro Histórico. Tomar;
- PONTE, Salete da e MIRANDA, Judite (1991). Relatório de escavações – 1990. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 15, pp. 263 e 265. Tomar;
- PONTE, Salete da e FERREIRA, Luís (1991a). Um tempo, uma exposição, a Sinagoga de Tomar, 500 anos de história. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 15, pp. 123-130. Tomar;
- PONTE, Salete da (1994). Paços do Infante - Tomar, in Conhecer para Preservar, 24. Jornal "Cidade de Tomar", 11-2-1994, p. 22-23;
- PONTE, Salete da (1994a). Paços do Infante - Tomar, in Conhecer para Preservar, 25. Jornal "Cidade de Tomar", 22-4-1994, pp. 6-7;
- PONTE, Salete da (1994b). Arqueologia em Tomar, in Conhecer para Preservar, 27. Jornal "Cidade de Tomar", 16-9-1994, p. 19;
- PONTE, Maria de La Salete da Silva Brito da (1997). Trabalhos Arqueológicos na Quinta da Anunciada Velha. Relatório Aprovado.



- PONTE, Salete da, Achegas para a Carta Arqueológica de Tomar, 1995 (retirado de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3836.pdf> em Outubro de 2009).
- PONTE, Salete da (2000a). A sinagoga de Tomar: dimensão sócio-cultural e religiosa da comunidade hebraica. In Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. "Terrenos" da arqueologia da Península Ibérica. Vila Real 1999, 8, pp. 151-160. ADECAP. Porto;
- PONTE, Salete, FERREIRA, Rui, MIRANDA, Judite, Intervenção arqueológica no Castelo de Tomar, in: Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500), CMP, 2001;
- Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Fazer a História das Misericórdias (coord. José Pedro Paiva), vol. 1, Lisboa, 2002;
- Portugaliae Monumenta Misericordiarum, A Fundação das Misericórdias: O Reinado de D. Manuel I (coord. José Pedro Paiva), vol. 3, Lisboa, 2004.
- PROENÇA, Raul (1924). Guia de Portugal. Estremadura, Alentejo, Algarve. Lisboa.
- REGIÃO DE TURISMO DOS TEMPLÁRIOS, Região de Turismo dos, Plano de Desenvolvimento Turístico da Região dos Templários, Tomar.
- Regulamento do Plano Director Municipal de Tomar, Artigo 9.º, Anexos I e II, 1994;
- ROMUALDO, Mela, Procissão dos Passos, Jornal Cidade de Tomar nº 2390 de 27 de Março, Tomar 1981;
- ROSA, Amorim, De Tomar, Tomar, 1960;
- ROSA, Amorim, História de Tomar, Vol. 1, Santarém, 1965;
- ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar, Edição da Câmara Municipal de Tomar, Tomar, 1966.
- ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar 1900 - 1925, vol IX, Tomar 1967;
- ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar, vol X, 1581 - 1700, Tomar 1968;
- ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. V, 1701 - 1770, Tomar 1969;
- ROSA, Alberto Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. VI, Tomar, 1970;
- ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. VII, 1454 - 1580, Tomar, 1971;
- ROSA, Amorim, De Tomar, Editora A Gráfica de Tomar, Tomar, 1972.
- ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar 1137 a 1453, vol. VIII, Tomar 1972;
- ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. IX, Tomar, 1974;
- ROSA, Amorim (1982). História de Tomar, vol.1, 2ª ed., Santarém;
- ROSA, Amorim, História de Tomar, Tomar, Edição da Assembleia Distrital de Santarém, 1982.
- ROSA, José Inácio da Costa, Nascimento e Evolução Urbana de Tomar até ao Infante D. Henrique, Editora A Gráfica de Tomar, Tomar, 1981.
- ROSAS, Lúcia Maria Cardoso, Monumentos Pátrios, Tese de Doutoramento em História de Arte, Universidade do Porto, Porto, 1995;
- SALEMA, Vasco da Costa, Iconografia de Santa Iria, in, Boletim Cultural e Informativo, nº. 8 / 9, Tomar, 1985;
- SALEMA, Vasco da Costa (1989). Os azulejos e a capela da Casa da Granja. Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nº 11/12, 1989. Tomar;
- SANTIAGO, Frei Francisco de, Crónica da Santa Província de Nossa Senhora da Soledade, I, Lisboa, 1762;
- SANTOS, Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos, A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar - Os Expostos - 1799-1823, Dissertação de Mestrado em História Regional e Local, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2001;
- SANTOS, Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos, A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar - Os Expostos 1799-1823, Tomar 2002;
- SANTOS, Luís, "Painel Antoniano de Gregório Lopes na Misericórdia de Tomar", sep. Belas Artes, nº 15, Lisboa, 1960, pp. 3-12;
- SANTOS, Reinaldo dos, Tomar, Guia de Portugal, II, Lisboa, 1927;
- SANTOS, José António, Monumentos das Ordens Militares do Templo e de Christo em Thomar, Lisboa 1879;
- SARAIVA, José Hermano, História de Portugal 1245-1640, vol. 2, Lisboa, 1987;
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Lisboa, 1949;
- SERRÃO, Vítor (2002). História da Arte em Portugal - o Renascimento e o Maneirismo. Lisboa



- SILVA, Deolinda, *Sebenta de Turismo Cultural, Algarve*, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, 2001.
- SILVA, Eugénio Sobreiro de Figueiredo e, *Os Estaus in Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. 4, s.d;
- SILVA, Isabel (Coord.), *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, (2.º vol.), Minhaterra, Matosinhos, 1997.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da, *Páginas de História da Arte*, Vol. I, Lisboa, 1986
- SILVA, Jorge Henrique Pais da, *Páginas de História da Arte*, vol. I, Lisboa, 1993;
- SILVA, Andreia Marisa Barros (2011). *Arranjo urbanístico da envolvente ao Convento de Cristo – Tomar*.
- SOARES, Bizarro; TRINCÃO, Carlos, *Tabuleiros a Festa*, Gráfica Almondina, Tomar, 1999;
- SOBRAL, Luís da Cruz, *O Velho Padrão da Várzea Grande: novo símbolo de Justiça*, Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. III, Tomar, 1959;
- SOROMENHO, Miguel (2009). *A Arquitectura do Ciclo Filipino*. Vila Nova de Gaia.
- SOUSA, João Maria, *Notícia Descritiva e Histórica da Cidade de Thomar*, Thomar, 1903;
- SOUSA, J. M. Cordeiro, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, Vol III, Tomar, 1951;
- SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2007). *Relatório final do acompanhamento arqueológico de abertura de valas no Convento de São Francisco (Tomar) no âmbito do projecto Comunidade Urbana do Médio Tejo, centro de apoio à gestão territorial do Médio Tejo. Relatório Aprovado*;
- SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2009a). *Relatório final do acompanhamento arqueológico da reconstrução e transformação de um edifício na rua Dr. Sousa, nº 7 e 9 (Largo do Pelourinho) Tomar. Relatório Aprovado*.
- SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2009b). *Trabalhos arqueológicos na Rua dos Arcos - Tomar. Relatório Aprovado*;
- SIMÕES, João dos Santos (1943). *Inscrições Lapidares no Convento de Cristo*. Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. II. Lisboa;
- SIMÕES, J.M. dos Santos (1943a). *Tomar e a sua Judiaria*. Ed. do Museu Luso-Hebraico. Tomar. Edição fac-similada, Tomar, 1992;
- SIMÕES, J. M. dos Santos (1971). *Azulejaria em Portugal no séc. XVII*, vol. I, Lisboa;
- SIMÕES, João Miguel (2004). *O Convento das Trinas do Mocambo: estudo histórico-artístico*. Lisboa.
- TAVARES, Maria José Ferro - *As judiarias de Portugal*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios, 2010;
- TEIXEIRA, Francisco Garcez, *Igreja de São João Baptista, Tomar*, s.d; *Tomar - Igreja de S. João Baptista, Tomar*, s.d..
- TEIXEIRA, Garcez, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo (UAMOC)*, vol. I, tomo 1º, 1919, *Contribuições para a História das Artes em Portugal*, Lisboa, 1925;
- TEIXEIRA, F. A. Garcez - *A antiga sinagoga de Tomar*. Lisboa: 1925;
- TEIXEIRA, Garcês, *A igreja do primitivo convento da Anunciada nos arredores de Tomar*, in *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, III, 1951;
- TEIXEIRA, Garcez, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, Vol. I, Tomo I, Tomar, 1959;
- TEIXEIRA, Garcez, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, Vol. I, Tomo II, Tomar, 1961
- TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez, *A Arte em Portugal*, Tomar, nº 6, Porto, 1929;
- THOMÁS, Frei Leão de S. (1644). *Beneditina Lusitana*, Tomo I, pp. 472-486. Ed. Fac-similada da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1974). Lisboa;
- TOMARPOLIS (2003). *Estudo de Incidências Ambientais da Intervenção do Programa Polis em Tomar. Relatório Final, Revisão 1, Anexos*;
- Vários, coordenação Silva, Isabel, *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997;



TRINCÃO, Carlos, Judiaria e Sinagoga, in Cadernos de Tomar à Letra - Coisas de Tomar, Agosto, Tomar, 2004;
VELOSO, Carlos, PONTE, Salete da, Imagens de Tomar, Roteiro Histórico, séc. 18, Tomar, 1990;
VALENÇA, Manuel (1990). A Arte Organística em Portugal. vol. II, Braga;
VELOSO, Carlos, Azulejos de Tomar e arredores do séc. 16 ao 17, in Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar nº 14, Tomar, 1991;
VELOSO, Carlos, Velhas Pedras de Tomar nº 4, Tomar à Letra nº 6, Tomar, 1996;
VELOSO, Carlos, Urbanismo e Arquitectura Civil de Tomar na Época da Expansão numa Perspectiva Turístico - Cultural, Tomar, 1998;
VELOSO, Carlos, Igreja de São João Baptista, Gráfica Almondina, Tomar, 2000.
VELOSO, Carlos, Igreja de Santa Maria do Olival; Tomar, 2003;
Sem autor, sem data, Visita da Casa do Concelho de Tomar à Freguesia de Além da Ribeira (cedido pela Junta de Freguesia de Além da Ribeira).
VITERBO, F. Sousa, Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou ao Serviço de Portugal Lisboa, Vol. I, 1899;
VITERBO, Sousa, Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904, vol. II;
VITERBO, Francisco M. de Sousa, TEIXEIRA, Garcês (1951). A igreja do primitivo Convento da Anunciada nos arredores de Tomar. In Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. III, 1951;

Recursos Multimédia

Portugal Século XXI. Distrito de Santarém, O Nosso País – Gabinete de Projectção e Divulgação das Culturas de Portugal, Matosinhos, [s.d.]. I.S.B.N. 972-95554-7-8.

Recursos na Web

www.rtt.ipt.pt

Turismo de Tomar, "Descobrir Tomar" - www.tomartourism.com"

<http://tomarnarede.blogspot.pt/2015/03/palacio-da-justica-de-tomar-inaugurado.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_lopes

<http://tomar.com.sapo.pt/cine.html>

<http://www.districtosdeportugal.com>

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3390



10. Fichas de inventário individual

Nº 207. CASTELO DE TOMAR E PAÇOS DO INFANTE

Localização: Situado a oeste de Tomar, entre a Mata dos Sete Montes e a capela de N.º Sr.ª da Conceição.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603278 Longitude: -8.418248 Altitude: 116 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Decreto de 16 de Junho de 1910; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 265, de 14 de Novembro de 1946.

Proprietários: Estado Português

Caraterização: D. Afonso Henriques concedeu aos Templários a defesa das linhas que conduziam a Coimbra, a capital do reino durante o séc. XII. Nesse processo, a Ordem do Templo entrou na posse de um vasto território entre os rios Tejo e Mondego, que teve por objetivo controlar o acesso meridional a Coimbra e cujo centro nevrálgico era, precisamente, Tomar. A carta régia de doação data de 1159 e o castelo começou a ser edificado um ano depois, de acordo com uma inscrição que se conserva na torre de menagem.

As origens do castelo devem ser, contudo, anteriores a essa doação. Vários autores chamaram a atenção para vestígios que provam a anterioridade de uma estrutura militar, de contornos ainda pouco definidos, mas que pode remontar ao período islâmico.

Os Paços do Infante encontram-se hoje em ruínas só restando os arcos de sustentação do 1.º andar. Datarão provavelmente da época em que o Infante D. Henrique foi administrador da Ordem de Cristo, ou seja, da 2.ª metade do séc. XV.

Por solicitação do então IPPC, que pretendia aproveitar aquele espaço para recepção e restaurante, foi solicitado a Salete da Ponte que aí realizasse sondagens para averiguar se existiam estruturas no subsolo. Efetuadas estas em 1985, foi posta à vista uma calçada de estilo moçarabe, por baixo dos arcos dos Paços. É constituída por passeios laterais feitos de pedra calcária e uma faixa de rodagem construída a tijolo, onde se notam nitidamente os rodados dos carros. Nos topos norte e sul, encontram-se dois arcos de volta perfeita, anteriores à construção do Paço. Esta via parece vir da Porta do Sangue e subir sempre, mesmo dentro dos Paços, para a zona que é hoje o ex-hospital militar. Sobre a calçada, na parte sul, foram construídos dois pavimentos de nivelção do espaço, datáveis do séc. XVIII. Os materiais recolhidos por baixo destes pavimentos datam dos sécs. XV/XVI. Na parte oriental dos Paços apareceu uma canalização feita com lajes de pedra que vem da zona do ex-hospital. Em 1987, 1992 e 1994, realizaram-se novas escavações naquele local. Salete da Ponte refere o aparecimento de estruturas habitacionais anteriores aos Paços do Infante,



situadas a este destes, mas não refere materiais, moedas ou outros elementos que o demostrem cabalmente.

O Castelo apresenta planta irregular e uma cortina de muralhas ameadas sobre forte talude, com seteiras crucíferas nos merlões, circundada por adarve. A muralha, irregularmente angulosa, é guarnecida de cubelos semicilíndricos e semiquadrangulares, rematada no ângulo sudeste, por torre de planta retangular (Torre da Rainha) e no ângulo sudoeste por torre circular (Torre da Condessa); a Charola reforçava a cortina oeste. Uma porta (Porta do Sangue) rasga-se do lado sul, numa reentrância do pano, entre cubelos rectangulares. A outra, a Porta do Sol, abre para o terreiro, comunicando com uma porta exterior, a Porta de Santiago, por calçada que circunda a Alcáçova. Esta, de planta escudiforme, é reforçada a sul por torreão de planta quadrangular, a este por pesado contraforte triangular; no canto noroeste ergue-se a Torre de Menagem, de planta retangular, em 3 andares. No pano murário da Alcáçova rasgam-se janelas de sacada; o mesmo sucede na cortina que se estende para norte, até à fachada do convento. Na Torre da Rainha rasgam-se janelas maineladas, nas 2 faces viradas para a vila.

Tipo de Sítio: Castelo e Paço

Cronologia: Época Medieval Islâmica (?), Medieval Cristã, e Época Moderna

1160, 1 de Março - Início construção do castelo, segundo inscrição na Torre de Menagem; 1499 - Abandono da população que vivia intramuros, por ordem de D. Manuel; D. Manuel manda entaipar a porta de Almedina; 1533, c. de - D. Catarina pretende adaptar a alcáçova do castelo e o paço henriquino a palácio privativo; adaptações feitas no interior da Torre da Rainha, até então conhecida como "torre do relógio"; 1536 - data inscrita na verga da porta da cisterna existente na Torre da Rainha; 1618 - para se construir a portaria filipina é destruída a torre do ângulo noroeste da cortina (JANA, 1991); 1620, c. de - são executados os ornamentos da entrada da porta principal do Castelo; séc. XIX, finais - restauro de um trecho de muralha, do lado sul, pelo Conde de Tomar; 1935 / 1936 - os trabalhos de regularização do terreno (da mata) executados pela Brigada Agrícola afetaram a muralha do castelo e provocaram a derrocada de uma parte da sapata empedrada, o alambor onde assenta a muralha.

Espólio: 1985 - cerâmica (sécs. XV-XVIII), vidros (sécs. XVII-XVIII); 1992 (?) - moeda romana do séc. III d.C. (junto da canalização).

Local de depósito: Salete da Ponte

Referências bibliográficas:

VITERBO, F. Sousa, Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses ou ao Serviço de Portugal Lisboa, Vol. I, 1899; MACHADO, Francisco Soares de Lacerda, Castelo dos Templários, origem da cidade de Tomar, Tomar, 1936; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Lisboa, 1949; ROSA, Amorim, História de Tomar, vol. I, Tomar, 1965; ALMEIDA, C.A. Ferreira de, História da Arte em Portugal, vol. 3, Lisboa, 1986; CONDE, Manuel Sílvio Alves, Tomar Medieval - o espaço e os



homens (sécs. XIV - XV), Tese policopiada, UNL, 1988; PONTE, Maria La-Salette da e SILVA, Pedro Lourenço da (1989a). Abordagem arqueo-histórica dos Paços do Castelo dos Templários (Sondagem 1985). Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 11/12, 55-76. Tomar; ALMEIDA, Manuela Ferreira (1989). Vidros post-medievais do Convento de Cristo - Tomar (Sondagem 1985). Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 11/12, pp. 77-86. Tomar; JANA, Ernesto, O Convento de Cristo em Tomar e as obras durante o período filipino, tese policopiada, Faculdade de Letras, Lisboa, 1990; BATATA, Carlos e GASPARG, Filomena (1991a). Subsídios para a compreensão da Arqueologia da Morte na Região de Tomar, p. 1. Trabalho prático para a cadeira de Arqueologia medieval. Instituto de Arqueologia da FLUC. Coimbra (policopiado); PONTE, Salette da (1994). Paços do Infante - Tomar, in Conhecer para Preservar, 24. Jornal "Cidade de Tomar", 11-2-1994, p. 22-23; PONTE, Salette da (1994a). Paços do Infante - Tomar, in Conhecer para Preservar, 25. Jornal "Cidade de Tomar", 22-4-1994, pp. 6-7; PONTE, Salette da (1994b). Arqueologia em Tomar, in Conhecer para Preservar, 27. Jornal "Cidade de Tomar", 16-9-1994, p. 19; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 233-235. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. PONTE, Salette, FERREIRA, Rui, MIRANDA, Judite, Intervenção arqueológica no Castelo de Tomar, in: Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500), CMP, 2001; BARBOSA, Álvaro José, Os Sete Montes de Tomar: Recuperação da Cerca do Convento de Cristo, Casal de Cambra, 2003.
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3390

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Muito Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Muito Elevado	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Protecção: Muito Elevado
Originalidade: Muito Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Escavação arqueológica



Nº 208. CONVENTO DE CRISTO

Localização: Situado a oeste de Tomar, entre a Mata dos Sete Montes e a capela de Nª Srª da Conceição.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603559 Longitude: -8.419746 Altitude: 113 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais



Classificação/ Proteção: Monumento Nacional e Património Mundial / Decreto de 10 de Janeiro de 1907, Diário do Governo n.º 14 de 17 de Janeiro de 1907; Decreto de 16 de Junho de 1910, Diário do Governo n.º 136 de 23 de Junho de 1910; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 265, de 14 de Novembro de 1946; UNESCO 1983.

Proprietários: Estado Português

Caraterização: Complexo monacal de planta irregular, composta pela igreja, claustros e dependências conventuais. Coberturas diferenciadas em telhado e em terraço. Volumes articulados em disposição horizontal quebrada pelo verticalismo da Charola (oratório templário primitivo). Torre de planta poligonal, originalmente integrada no sistema de fortificação amuralhado, a Charola é o centro irradiador de todo o complexo edificado e constitui ainda o seu elemento visual dominante. Adaptando a primitiva rotunda românica de 16 faces interiores e octogonal no exterior, de influência bizantina, foi adaptada a capela-mor, tendo sido aberto, a sul, o deslumbrante pórtico renascentista de entronização da Virgem, atribuído a João de Castilho. O restante corpo estendeu-se para oeste, formando a nave manuelina, com a famosa janela lavrada da Sala do Capítulo, da autoria de Diogo de Arruda (Janela do capítulo). A este erguem-se os claustros góticos do Cemitério e da Lavagem, a Capela de S. Jorge e as ruínas dos paços medievais (Paços do Infante), primeiro conjunto de construções anexadas à Charola. A nordeste, a Sacristia Filipina e atrás desta, já integrado na fachada norte do complexo, o corpo das Enfermarias (rematado pela Sala dos Cavaleiros) e da Botica. A oeste sacrificando-lhe 2 faces, encosta-se o corpo da Igreja manuelina e depois desta, os claustros e dependências conventuais resultantes das reformas quinhentistas, que se articulam ortogonalmente a partir da planta cruciforme dos Dormitórios, cujos braços se desenvolvem no sentido norte-sul e este-oeste. A este do cruzeiro dos Dormitórios, no prolongamento da nave manuelina, situa-se o claustro de Santa Bárbara, a nordeste o claustro da Hospedaria, a noroeste o da Micha, a oeste o das Necessárias, a sudeste o de D. João III ou Filipino e antiga sala do capítulo, e a sudoeste o dos Corvos. Fachada este: Botica, no seguimento da muralha, e Sala dos Cavaleiros, no ângulo nordeste, com fachada dupla sobre embasamento em talude, rasgada por janelas de sacada e encimada por frontões contracurvados. Fachada norte formada pela Portaria Real, entre o corpo das Enfermarias e o da Hospedaria, a que se segue a fachada dos Dormitórios, rematada por frontão triangular, e o corpo da Micha, rasgado pela antiga Portaria. A fachada oeste é cercada por muro alto, por trás do qual avulta a cobertura tripartida do Noviciado e a massa prismática das Necessárias. A fachada sul, realçada pela arcaria do aqueduto dos Pegões, apoiada em plataforma rusticada, corresponde ao corpo do Claustro dos Corvos, Dormitórios e Claustro de D. João III, este encostado à Casa do Capítulo, assente em embasamento de talude.



Em 1510, por iniciativa de D. Manuel, é encetada a ampliação do Convento de Cristo, que se iniciara com a criação, por D. Henrique, dos Claustros da Lavagem e do Cemitério. Mas é com D. João III que se desenvolve o maior conjunto de edificações a que hoje chamamos Convento de Cristo.

A construção do mosteiro vai continuar por vários reinados, até ao séc. XVIII, deixando marcas das tendências artísticas dessas diferentes épocas.

Claustro do Cemitério: Foi o primeiro a ser construído, por ordem do Infante D. Henrique, destinado a servir de cemitério aos religiosos e cavaleiros da Ordem de Cristo, tornando-se assim panteão desta Ordem.

De risco quadrangular atribuído a Fernão Gonçalves, este claustro desenha uma galeria abobadada em arestas de quatro lanços, com cinco arcos ogivais cada, que arrancam de colunas duplas, com fustes lisos, rematado por capitéis de motivos vegetalistas. O chão é latejado por pedras de sepultura, a maior parte delas conservando ainda a numeração. Lateralmente corre uma silharia de azulejos azuis e brancos, de desenho orientalizante.

No centro do claustro, existem canteiros forrados por azulejos mudéjares. O arranjo complementar, decorrido entre os reinados de D. Manuel e Filipe II de Espanha (I de Portugal), explica o aparecimento de túmulos parietais e a criação de espaços como a Sacristia Filipina, a capela dos Portocarreiros e o corredor de acesso à Charola.

Claustro da Lavagem: Mandado construir também pelo Infante D. Henrique, desenvolve-se em dois pisos. De planta quadrada, tem galerias sobrepostas, de quatro lanços, cada um com cinco arcos. O piso inferior é de ogivas facetadas sobre pilares octogonais, destinados a suportar a carga do piso superior, onde os arcos ogivais assentam em colunas geminadas, de capitéis vegetalistas. O espaço central, descoberto, apresenta dois tanques para lavagens e um poço cisterna de recolha de águas pluviais.

Espaços Manuelinos: A igreja do convento é manuelina e começou a ser edificada no início do século XVI, a partir de um grande arco, rasgado nas duas faces poentes do polígono da Charola, que assim ficou adaptada a capela-mor do novo templo.

O plano da nave é atribuído a Diogo de Arruda e o desnivelamento do terreno obrigou à construção de dois pisos: coro e sacristia. Quatro grandes arcos ogivais dividem a nave em três tramos. O tecto, que se prolonga no coro, é constituído por uma abóbada artoada, raiada em nervuras que arrancam de mísulas decoradas com motivos vegetais e as insígnias manuelinas sopesadas ou sustentadas por figuras aladas.

O coro é iluminado por quatro grandes janelões com colunas laterais de base gótica e fuste ornamentado com troncos e figurões radiculares. Um óculo poente, interiormente emoldurado por estrias escavadas, simetricamente, completa a iluminação.

A parte baixa do coro foi iniciada em 1510 por Diogo de Arruda, a mando de D. Manuel e continuado por João de Castilho.



O tecto é em abóbada achatada, riscada por arcos segmentares que arrancam de ponteadas mísulas. Nesta sala está o interior da janela do capítulo ou janela manuelina.

O portal que abre a sul é de João de Castilho. É constituído por três arquivoltas de arco inteiro, lavradas com motivos manuelinos e sobrepujadas pela esfera armilar, entre pilastras góticas e nichos com imagens decorativas, atribuídas a Diogo de Castilho. O pórtico é sobrepujado por um corpo que ostenta, na parte central, uma escultura da Virgem sobre dossel flamejante. A frontaria é rematada por um dossel de abóbada, recortado e acarelado, assente em dois contrafortes, criando um sentido de volumetria e profundidade, típico deste estilo.

A fachada sul foi parcialmente sacrificada pela implantação do claustro de D. João III que entaipou as duas janelas da antiga sacristia, uma das quais se encontra hoje liberta e restituída à sua primitiva função. Só o topo superior preserva a intenção decorativa do projecto de Arruda.

Claustro de Santa Bárbara / Janela Manuelina: A fachada poente é todo um esplendoroso conjunto onde o arranjo exterior da janela sintetiza os elementos decorativos, renunciados na fachada norte e mais explícitos na fachada sul, adquirem aqui expressão mais vigorosa: estilização circundante das ondas, bóias de marear, calabres, nós e fivelas, acontecem na variante pedra como que revelando a mutabilidade dos elementos e o sentido perene de uma epopeia.

Janela do Capítulo / Manuelina: Enquadrada por dois poderosos cunhais-botaréis de estrias geométricas e boleadas, superiormente rematadas por estilizações de raízes de árvores gigantes, a janela do capítulo é «a mais estupenda criação da arquitectura de todas as épocas» (Haupt, 1984-95), arranjo insuperável de florões e corais estilizados que rodeiam a teia da grade, rematada inferiormente por uma figura humana que suporta e segura uma enorme raíz. Um cabo que ata a nave em nós gigantes, um calibre com flutuadores de pesca e um renque de lises estilizados, fazem a marcação horizontal desta fachada, antes da côncava rosácea, pedra almofadada, amparada por espiralado cordame e pela cimalha de esferas e cruces de Cristo.

De face para a janela, os salientes botaréis laterais apresentam ainda elementos decorativos explícitos: o da esquerda, duas estátuas de anjos segurando as divisas de D. Manuel e a figuração da corrente que simboliza a Ordem do Tosão de Ouro. O da direita contém estátuas figurando reis de Portugal e a fivela da Ordem da Jarreteira. Em colocação horizontal, um rosto de animal, de cuja boca se desenvolvem sequências espiraladas.

Toda a abóbada da nave é coberta por um telhado de duas águas, assente em viga de cimento, obra da campanha de conservação de 1984.

O telhado de cobertura deste claustro foi mandado remover, no século XIX, por D. Fernando II, para libertar a visão da janela. O piso inferior é composto por doze colunas com capitéis



renascentistas, apoiando-se as nervuras do abobadado em mísulas historiadas ao mesmo gosto.

Claustro da Hospedaria (meados do século XVI): Destinado à aposentadoria dos visitantes nobres do convento, o claustro desenvolve-se em dois pisos. No piso térreo, colunas compósitas sustentam grupos de arcos emparelhados, separados por compactos botaréis, com um pavimento de calçada sob as galerias. No lado nascente-sul, uma cisterna recolhe águas pluviais. O pavimento central, a céu aberto, é lageado com cinco altos e circulares alegretes. O piso superior constitui uma varanda de colunata clássica, suportando a arquitrave que é sobrepujada, a poente, por um recuado varandim alpendrado, também com colunata clássica.

Claustro de D. João III: Mandado construir por D. João III a João de Castilho em 1533. Desse projecto, restam as quatro entradas já que em 1540, o rei mandou parar as obras e só catorze anos depois se encomendou novo estudo a Diogo de Torralva, cuja execução se iniciaria já na regência de D. Catarina. Todo este novo projecto é um retorno ao classicismo, repelindo a exuberância decorativa do estilo manuelino. Torralva morre em 1564 e sucedem-lhe os mestres Francisco Lope e, já no reinado filipino, Filipe Tércio. A conclusão da obra, porém, é dirigida por Pedro Fernandes de Torres que também assina a fonte maneirista, de cascata, a meio do piso térreo do claustro.

De dois pisos, este Claustro também conhecido como Claustro principal ou filipino, tem galerias abobadadas de artesoado geométrico, sendo a cobertura em terraço.

O piso térreo tem quatro lanços, cada um com três grandes arcos, assentes em largos pilares que são chapados com colunas toscanas, cujos capitéis culminam num entablamento clássico. No espaço que medeia entre cada par de colunas, rasga-se um portal encimado por fenestra. No piso superior, a galeria é também de quatro lanços, com correspondentes arcos em número igual aos de baixo, mas de menor desenvolvimento, assentando sobre pilares jónicos e separados por largas fenestras. Por este claustro se faz o acesso ao terraço da cera, através de escadas helicoidais.

Dormitório principal / Corredor das celas: Em forma de cruz latina, é constituído por dois grandes e largos corredores com paredes revestidas por azulejos azuis e brancos. Tem por cobertura uma abóbada de berço, apainelada, apenas interrompida, no seu ponto de encontro, por um amplo lanternim, ao gosto decorativo da primeira fase da renascença, que se completa na capela do cruzeiro, encimado por um friso, também renascentista, com dois grifos em baixo-relevo e a data de 1533.

Esta capela do Cruzeiro forma um quadrado que ocupa todo o braço superior do esquema em cruz. Tem por cobertura uma abóbada de berço artesoadada, constituída por 91 caixotões quadrangulares, em baixo-relevo. Nesta capela está uma imagem de barro, representando



Cristo coroado de espinhos. Estes corredores serviam à zona residencial dos freires da Ordem, depois da reforma de Frei António de Lisboa, em 1529.

Claustro da Micha: amplo e a céu aberto, este claustro articula espaços de serviço das rotinas conventuais: cozinha, forno, armazém de azeite, depósito de lenhas, etc. O seu nome evoca o pedaço de pão que era dado aos pobres, junto da portaria norte do convento, quando aí iam pedir esmola. Uma das dependências do topo poente é ocupada por um enorme forno onde se cozia o pão. De forma rectangular, o projecto é atribuído a João de Castilho que o teria começado a edificar em 1528, para estar concluído quinze anos depois. Composto por dois pisos, o inferior é composto por quatro galerias arcosadas de oito arcos; o pavimento central é ladeado e pontado por quatro clarabóias e tem, no topo poente-norte, uma escada de caracol que conduz a uma vasta cisterna, apoiada por seis colunas. Do lado sul e ao nível do piso térreo, fica a cozinha e a adega dos azeites. A nascente existem dependências que serviam de habitação ao despenseiro e de armazém de víveres, com um florão na abóbada. No piso superior, uma varanda de alto parapeito corre a nascente e a sul, para se interromper a norte, nas chamadas Salas das Cortes e Casa do Prior. As Salas das Cortes estão marcadas por três amplos frontões, cujos tímpanos são coroados por três medalhões renascença. A Casa do Prior tem ainda um piso superior, posteriormente acrescentado e depois transformado em amplo salão.

Claustro dos Corvos: Situado a sul do claustro da Micha, o claustro dos Corvos tem planta quadrada, com duas galerias cujos arcos, de volta inteira, se apoiam em grossas e curtas colunas. A galeria voltada a sul é preenchida, no piso inferior, por um antigo celeiro. Espaço rectangular abobadado, a abóbada arcosada tem, num dos fechos, a data de 1539. Por cima deste espaço teria funcionado uma antiga biblioteca conventual. A galeria voltada a poente tem, numa mísula, a data de 1546 e é constituída por antigos espaços abobadados que serviam como armazéns e adega, no piso térreo, e por um corredor que dá acesso a espaços residenciais. O lado norte, com data de 1543 num fecho de abóbada, é ocupado pela cozinha e dependências anexas, no piso térreo, e pelas chamadas Celas do Noviciado, no primeiro piso, plano que teria ficado concluído em 1548 e que, pela presença dos elementos plateresco-renascentistas é atribuído a João de Castilho. O lado nascente é constituído pelo refeitório, no piso térreo, e pelas celas do braço sul do corredor dos dormitórios, no piso superior. Nos lados sul e poente, foi acrescentado mais um andar quando, depois da venda dos bens nacionais, Costa Cabral adaptou esta parte do edifício a residência particular. A poente tem ainda uma espaçosa varanda que deita para o Pátio dos Carrascos e as ferragens e talha das almofadas das portas que dão acesso às dependências servidas por esta varanda.

Antiga Casa do Capítulo: Fica a sul do terreiro da entrada na igreja do convento, estendendo-se o seu eixo na direcção norte-sul. Construção incompleta e, posteriormente



arruinada pelo aluimento da abóbada, revela um projecto em dois pavimentos, onde o inferior seria destinado ao capítulo da cleresia e o superior ao da cavalaria (Garcês Teixeira, 1946). A entrada faz-se pelo Claustro de D. João III. Ao gosto da primeira fase renascentista, a decoração exterior é constituída por uma pequena janela bipartida, e sobrepujada por um medalhão de alto-relevo; sobre a porta de acesso, existe outro medalhão do mesmo tipo. O espaço correspondente à sala capitular do piso térreo é precedido de um vestíbulo abobadado, com nervuras e fechos da primeira fase renascentista, enquanto o piso superior retoma um traço gótico-manuelino. Isto porque a sua construção foi feita no período manuelino e só mais tarde com D. João III, ao iniciar-se o claustro principal, é que foi escavado o piso inferior, paralelo ao nível do pavimento do Claustro principal. A nascente e a poente, rasgadas janelas iluminam o conjunto, exteriormente amparado por altos contrafortes rectangulares e decorado com bustos ao gosto romano que sustentam as cornijas. Foi neste espaço capitular ou no terreiro fronteiro ao portal da igreja que se reuniram as cortes que aclamaram Filipe II de Espanha, rei de Portugal.

Passada a porta, a escadaria de 56 degraus, em três lanços, com os respectivos patamares e silharias de azulejos azuis e brancos de motivo geométrico, é precedida de um pequeno vestíbulo, a céu aberto, e termina numa sala nobre, conhecida como Sala dos Reis. Trata-se de um pequeno espaço rectangular com azulejos idênticos aos da escadaria, dois bancos de pedra, cavados para almofadas e tecto apainelado de madeira pintada. Obra atribuída a Diogo Marques Lucas, discípulo de Filipe Terzi, trata-se de um projecto que, aproveitando restos da antiga muralha, se prolonga até ao cubelo nordeste, no piso superior do qual se localiza a Sala dos Cavaleiros, com o seu tecto de madeira ricamente apainelada e iluminada por três janelas de sacada com uma cruz de Cristo no tímpano e a data de 1690. Esta sala culmina com o corredor da enfermaria, que se inicia a poente, por uma janela envolvida por um arco. O corredor da Enfermaria abre, a sul, sobre uma ampla varanda, sustentada por 16 colunas de fuste liso, que acaba numa escada de serviço. Toda esta zona serviu, até à década de 80 do século XX, de Hospital Militar.

Refeitório: Situa-se entre o Claustro de D. João III e o Claustro dos Corvos, obra quincentista, atribuída a João de Castilho. A cobertura, em abóbada de berço, é articulada longitudinalmente em seis filas de caixotões e o conjunto é rematado por dois púlpitos laterais, enquadrados por frisos renascentistas, figurando cavalos, anjos, cornucópias e óculos rodeados de quimeras. No topo norte, dois pequenos armários de madeira embutidos na parede, antecedem um pequeno espaço por onde se acede a uma sala inferior que funcionou como antigo armazém e à ministra, zona da passagem da cozinha para o refeitório.

Tipo de Sítio: Arquitetura Religiosa



Cronologia: Época Medieval Cristã e Época Moderna 1118 - fundação da Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo; séc. XII, final - construção do oratório templário, num dos ângulos da muralha do castelo, pelo grão-mestre D. Gualdim Pais; 1190 - cerco do exército de al-Mansur; séc. XIII, 2.º quartel - Tomar é doada à Ordem do Templo, tornando-se a sua sede; 1319, 14 março - a pedido de D. Dinis, João XXII institui a Ordem de Cristo para substituir os extintos Templários; 1357 - Tomar torna-se sede da Ordem de Cristo; séc. XV, 1.ª metade - obras henriquinas com a adaptação do oratório templário, introduzindo-se na face oeste da Charola um coro em arco aberto, a meia-altura, na espessura da parede, do qual subsiste a moldura em colunelo da arquivolta interior; feitura do Paço do Infante; 1417-1450 - durante o mestrado do Infante D. Henrique é feito o Claustro do Cemitério e o da Lavagem, onde trabalha o mestre Fernão Gonçalves; 1426 - construção da Capela de São Jorge; 1484 - D. Manuel manda construir uma sacristia (atual Sala de Passagem), que funcionava na Capela de São Jorge, com comunicação com o coro e com o cubelo da muralha onde se situa a casa-forte; 1492 - em Capítulo Geral decide-se ampliar o Convento; 1499 - são gastos 3.500 reais em obras: melhoramentos na Casa do Capítulo, retábulo do altar-mor, grades de ferro para os arcos da Charola e pintura da mesma, arranjos no coruchéu e no Coro henriquino, início da construção de nova Casa do Capítulo; 1503 - nova reunião do Capítulo tendente à Reforma da Ordem, ordenando o Rei a expropriação da antiga Vila de Dentro, intramuros, e encerrar as portas do Sol e de Almedina; 1504, 11 outubro - nomeação do mestre aparelhador Francisco Lopes, por D. João III, recebendo 8\$000 anuais e 120 reais para alimentação diária; 1506 - D. Manuel decide mandar construir a nave da igreja; 1509 - raio destrói a lanterna e coruchéu da Charola; 1510 - pintura mural do tambor central atribuíveis a Fernão Anes; encomenda atribuída ao pintor régio Jorge Afonso de 12 tábuas (de que restam 5 em estado integral, 1 incompleta e 2 fragmentos), para as paredes da charola; 1510-1513 - construção do novo Coro (nave) por Diogo de Arruda, a mando de D. Manuel; contudo, as medidas apontadas no documento não coincidem com as atuais; 1510, 13 junho - carta de D. Diogo de Braga para o rei sobre a obra feita por Diogo de Arruda; 1511-1514 - construção do cadeiral gótico por Olivier de Gand e Fernão Muñoz; 1512 - falecimento de Olivier de Gand; é mestre de pedraria Álvaro Rodrigues; 23 agosto - carta que refere o pagamento feito a Diogo de Arruda pelas obras que efetuou no Convento; 1515 - provável conclusão da nave da igreja por João de Castilho, conforme assinatura e data existentes no portal; 1518 - conclusão das esculturas da charola; 1519 - referências documentais da presença de João de Castilho no Convento, respeitantes à construção dos lagares e aos estaleiros onde se lavrava a pedraria para as obras; 1523, 25 janeiro - falecimento de D. Diogo da Gama, conforme inscrição na sua arca tumular, situada na ala sul do Claustro do Cemitério; 1523-1540 - a Coroa faz várias doações de dinheiro para as obras do Convento; 1529 - reforma da Ordem acometida por D. João III



a Frei António de Lisboa, que expulsa antigos freires, impõe a clausura e elabora novos estatutos baseados na Regra de São Bernardo; 1530 - a Reforma espiritual é acompanhada de uma reforma material, tendo início nova campanha de obras por João de Castilho: construção do Claustro de D. João III e dos outros a oeste da Charola; 1533 - quitação de D. João III que refere as obras feitas por João de Castilho: Coro, Casa para o Capítulo, arco grande da Igreja, portal principal, casas do Aposento da Rainha e obras miúdas; conclusão do Cruzeiro dos Dormitórios conforme inscrição em cartela no tambor da cúpula; data incisa em duas filateras agarradas por anjos, no arranque do arco da abóbada das ruínas da Casa do Capítulo, referente à campanha de obras; 30 junho - contrato entre o amo do rei, Bartolomeu de Paiva, e Júlio de Castilho para a abertura de alicerces para as casas, claustro com abóbadas e 64 arcos, dormitórios e enfermarias; 09 julho - carta de D. João III para Frei António de Lisboa, ordenando que se adquirissem os terrenos necessários para as obras de ampliação; 1533-1536 - data numa das faces dos púlpitos do refeitório; 1537 - data no fecho da abóbada na Fonte do Anjo; 1539 - data no fecho da abóbada da sala contígua à cozinha e no da abóbada do antigo celeiro; 1540, 16 junho - carta de João de Castilho sobre a obra dos Dormitórios; 1541 - data no fecho da abóbada da galeria do claustro da Hospedaria, num capitel duma coluna do claustro da Micha, numa coluna do ângulo nascente do pavimento térreo do claustro Filipino, na verga da janela do topo norte do corredor do Cruzeiro; 1542 - data no fecho da abóbada do Claustro da Micha; 1543 - data em oito capitéis do claustro da Hospedaria e no fecho da abóbada do Claustro dos Corvos; 1546, 04 março - carta de João de Castilho sobre a obra dos Estudos dos Colegiais; 1546 - conclusão do Claustro da Micha iniciado por João de Castilho cerca de 15 anos antes; 1548 - João de Castilho constrói os Estudos dos Colegiais, a Cela do D. Prior, o corredor do eirado sobre a Livraria e faz os esboços dos espelhos do Noviciado; trabalha com João de Castilho o carpinteiro Simão Dias; 11 setembro - carta de João de Castilho pedindo a aquisição de carros para a condução de materiais para as obras; 1551 - carta de João de Castilho sobre a fatura da escada do Coro; o mesmo constrói a cozinha, o eirado do andar dos Dormitórios, a varanda da Enfermaria e a Cisterna; decorrem obras feitas pelo mestre Estêvão Gomes; 1553 - falecimento de João de Castilho; 1557-1580 - início do derrube do Claustro de D. João III e construção de outro renascentista, por Diogo Torralva, no mesmo lugar, obra interrompida em 1565; 1562 - conclusão da ala norte do Claustro de D. João III, conforme data no fecho da abóbada do ângulo nordeste; 1564-1566 - Diogo Torralva serve de aparelhador com o ordenado de 16\$000 por ano; 1581 - entrada de Filipe II no Convento de Cristo: realização das Cortes de Tomar no terreiro da igreja; 1583, 13 setembro - carta do Contador Pero Henriques referindo obras de reparação efetuadas em 1573-1575 por Fernão Rodrigues, pela pintura dos painéis dos altares e das colunas, pilares e paredes da Charola, e por Lucas Pires (carpinteiro) - andaimes para limpeza das paredes da Charola, restauros no



coro, sacristia e retábulos na Crasta dos Cavaleiros, tendo os trabalhos sido avaliados por Simão de Abreu (pintor) e Francisco Rodrigues (carpinteiro); 1584 - construção do túmulo de Baltazar de Faria na ala sul do Claustro do Cemitério; 1584 - 1598 - Ordem de Filipe II para o arranque das obras do aqueduto, fontes e lavabos do Convento, a que Terzi dá início, o qual sucede a Francisco Lopes; ordem de Filipe II a Nicolau de Frias e a Filipe Terzi para que estudassem o lugar onde construir a nova portaria (Portaria Real ou Filipina) que estes arquitetos concluíram poder erguer-se no terreiro da igreja, entre a porta desta e a do Capítulo, com serventia pelo Claustro Real (de D. João III) ou mais abaixo, com entrada pelo Claustro do Lavor (da Lavagem); a difícil conciliação dos acessos com a necessidade de recolhimento dos religiosos nos referidos claustros acabaria por protelar o projeto; execução da teia da Charola em pau-santo; 1587, 15 junho - contrato para a conclusão do claustro com desenho de Filippo Terzi e arrematada por Baltazar Marinho e Simão Gomes; 1591, 05 abril - obra de Baltazar Marinho e Simão Gomes, pela que receberam 50\$000; 1593 - construção do Lavabo do Claustro principal por Filipe Terzi, tendo a data inscrita no frontão; 29 março - contrato com o pedreiro Salvador Jorge para a feitura das arcas e pias para todas as fontes do Convento; 1596, 19 janeiro - carta informando Filipe II que estão por acabar o retábulo do Refeitório e o do Cruzeiro dos Dormitórios, a Portaria, o lajedo e degraus do Terreiro da igreja e o lavatório da sacristia velha (manuelina - atual Sala de Passagem); 1597 - nomeação de Pêro Fernandes de Torres como mestre do convento, por falecimento de Filippo Terzi; 1598 - 1615 - pedido do D. Prior do Convento a Filipe III para fazer a Portaria em lugar mais adequado, que o monarca terá despachado favoravelmente; 1599 - construção do túmulo de D. Pedro Álvares Seco na ala oeste do Claustro do Cemitério; 1602 - obras de carpintaria nas escolas, por Fernão Rodrigues e Domingos Taborda, por 128\$880; obras de pedraria por Salvador Antunes, Manuel da Cal e Simão Nunes, por 218\$880, gastando-se 10\$000 em ferro; 1603, 08 Julho - a viúva de Baltazar Marinho, Maria Machado, recebe 256\$263 que se devia por obras no claustro, onde trabalhara em parceria com Simão Gomes; 1612, 27 junho - verba para a obra da sacristia nova; 1615, 03 dezembro - nomeação de Diogo Marques Lucas como Arquitecto das Obras de Tomar, por renúncia de Pêro Fernandes de Torres; 1618 - início da construção da Portaria Real, Casa da Escada e Sala dos Reis, por Diogo Marques Lucas, obra que custaria no total 8.000 cruzados; 1618 - 1630 - demolição de uma torre da muralha norte para a construção da portaria nova; execução das portas da Portaria em madeira de angelim e pregaria de bronze; construção do pátio da Portaria (que antecede a escadaria filipina); azulejamento deste e dos 3 lanços da escadaria; construção da Sala dos Reis, incluindo teto de madeira, 2 bancos de pedra forrados com tábuas e azulejos, e de uma sala contígua com a mesma decoração; execução do lavabo da sacristia velha (Sala de Passagem) e construção do corredor que lhe ficava anexo, integrando 5 confessionários com ligação ao Coro;



azulejamento deste corredor, do corredor de ligação com o Claustro do Cemitério, dos Dormitórios, da escada de caracol do Noviciado e da varanda da Hospedaria; 1618, 11 janeiro - trabalhos finais para a condução de água ao Convento (acabamento da canalização e das fontes); segundo documentação, o custo final de toda a obra terá sido de 60.000 cruzados; 1619 - Filipe III deixa verba para as terminar; entrada de Filipe III no Convento de Cristo para presidir ao Capítulo Geral da Ordem; 1620 - conclusão da Sacristia Filipina, provavelmente riscada por Francisco Lopes e construída entre o Claustro do Cemitério e a Sala de Passagem; 23 janeiro - atribuição de verbas para a fonte do olho marinho, Casa do Capítulo e ornamentos na porta principal do Castelo de Tomar; 1622, 26 novembro - verbas para a obra do Terreiro da igreja; 1626 - conclusão da Capela dos Portocarreiros na ala oeste do Claustro do Cemitério, data incisa no frontão da porta; 1634, 15 fevereiro - verbas para concertos no aqueduto do Convento; 1634, 01 março - o rei inquire a Mesa Mestral da Ordem sobre a razão do inacabamento do Capítulo que tinha mandado terminar; 1640, 11 junho - atribuição de 1.000 cruzados para se fazer um cofre para a exposição do Santíssimo na igreja do Convento; 21 junho - consulta para o provimento do cargo de arquiteto, por falecimento de Diogo Marques; 1641, 19 julho - nomeação de Pêro Vaz Pereira para arquiteto das obras do Convento, em substituição de Diogo Marques Lucas; 1644, 16 Janeiro - nomeação de Jerónimo Rodrigues como mestre-de-obras do Convento, substituindo Pêro Vaz Pereira; após a sua morte, o cargo é extinto; 1654 - execução, conforme inscrição na base, da imagem de Cristo da Capela do Cruzeiro; 1686 - 1690 - remate da fachada das enfermarias e da frontaria da Sala dos Cavaleiros (João Antunes é o mestre das obras das Ordens Militares); 1789 - abolida a Reforma de Fr. António de Lisboa; 1811 - as tropas francesas ocupam o convento; destruição do Cadeiral de Olivier de Gand; 1834 - abandono após extinção da Ordem de Cristo; roubo dos livros de canto em pergaminho com iluminuras, desaparecimento de pinturas e outros espécimes artísticos; 1837, novembro - DR anuncia para Maio de 1838 a venda de uma parte do Convento de Cristo e cerca, adquiridos por António Bernardo da Costa Cabral, Conde de Tomar e ministro do reino, pelo valor de 5:000\$000; 1838 - redimensionou as estâncias da ala do noviciado, onde estabeleceu a parte social da residência, murando as portas renascentistas do corredor para essas estâncias e delas para a varanda sobre o Pátio dos Carrascos e rasgando novas portas; construção numa parte da dita varanda de um jardim de Inverno à sala de jantar; construção a partir do terraço do "choço", encostada a uma parte da fachada sul, de um acrescento à altura de 2 andares onde se instalou no espaço térreo uma capela e, no andar superior, uma sala de estar; restauro da muralhas entre a Porta do Sangue e a borda do "choço", ou seja a horta, para criar um passeio de recreio; construção de uma estufa junto deste troço de muralhas; construção de uma varanda pequena, ao fundo da varanda do Pátio dos Carrascos, que servia de acesso e regalo aos quartos dos



donos da casa, instalado num espaço ao nível do 3º andar, no extremo poente da ala norte do Claustro dos Corvos; transformação em cozinha do longo corredor de passagem do 1º andar da ala sul do Claustro dos Corvos, com porta para o corredor do Noviciado, para onde davam todas as salas; ao nível térreo foram colocadas portas com as armas Costa Cabral gravadas sobre vidro fosco, na passagem para a cozinha velha do convento (PINTO DA FRANÇA, 2000); 1897 - a sala da antiga livraria dos frades foi dividida em vários quartos pelo 3º conde de Tomar;

1843 - visita da rainha D. Maria II ao palácio do Conde de Tomar; 1844 - elevação da vila de Tomar a cidade; 1845 - D. Maria, acompanhada por D. Fernando, instala-se no convento; 1852 - D. Fernando manda derrubar o piso superior do Claustro de Santa Bárbara e do Claustro da Hospedaria (ala sul) e corredor dos confessionários que lhe passava por cima, para permitir a melhor visualização da fachada oeste da nave; 1853 - o claustro da Lavagem encontrava-se em ruína; 1866, 26 setembro - por Portaria, o Ministério das Obras Públicas autoriza o envio de alguns fragmentos do Claustro da Lavagem para o Museu do Carmo; 1868, 11 fevereiro - Lucas José dos Santos Pereira é notificado para acompanhar o diretor das Obras Públicas do distrito de Leiria, Augusto de Abreu, a Tomar, a fim de proceder ao "projeto de obras necessárias para a reparação do Claustro do Cemitério" do Convento de Cristo; 1871, 15 novembro - auto de cedência pelo Ministério das Obras Públicas ao Ministério da Defesa das dependências das antigas enfermarias, hospital, sala dos Cavaleiros, Botica e Claustro da Michá, entre outras, para ocupação pelo Hospital Militar Regional n.º 3, com a designação de PM4 / Tomar; 1917 - todo o conjunto, à exceção da igreja é ocupado pelo Ministério da Guerra; 1918 - estragos causados na janela da sala do capítulo; 1919 - o claustro de D. João III e o refeitório passam a fazer parte das dependências monumentais (não foi lavrado auto de entrega porque da receção também não havia sido); séc. XX, anos 20 - o cadeiral atualmente existente no coro, é oriundo do antigo convento de Santa Joana, em Lisboa; 1921 - o Claustro da Hospedaria aloja uma companhia da GNR; pedido de ocupação pela Procuradoria-Geral das Missões Religiosas dos Padres Seculares de parte do edifício ocupado pelo Ministério da Guerra, que passam a usufruir da zona do Dormitório Novo e Cruzeiro, Noviciado Velho e Claustro da Michá; 1939 - o Estado compra o Convento aos herdeiros do conde de Tomar; 1964 - projeto de "Adaptação a Pousada da Ala ocupada pelo Hospital Militar"; 1969 - danos na Sala dos Cavaleiros causados por sismo; nesta data a sala funciona como enfermaria; 1971 - pedido da Direção-Geral da Fazenda Pública para devolução de algumas dependências afetadas ao ME (antiga padaria, forno e todas as salas anexas); 1972, 25 agosto - auto de devolução ao Ministério das Finanças pelo Ministério do Exército da zona do piso térreo do Convento de Cristo, constituída pela padaria e salas anexas; 1985 - cedência ao IPPC de dependências até então ocupadas pelo HM3; 1986 - devolução ao Ministério das Finanças de parte das



dependências ocupadas pelo Ministério do Exército e agora afetas ao IPPC - 3 dependências do Claustro da Micha e 1 dependência junto ao Claustro da Hospedaria; 1991, 31 dezembro - desativação do HMR3; 1; projeto para instalação na área ocupada pelo HMR3, de uma área de apoio social para Oficiais do Exército; 1992, 01 junho - o imóvel é afeto ao Instituto Português do Património Arquitectónico, pelo Decreto-lei 106F/92, DR, 1.ª série A, n.º 126; 1994, cerca - início do projeto global de recuperação do Convento de Cristo pelo arquiteto. Santa Rita; 1995 - celebrado protocolo entre o IPPAR e a EPRPS, para a execução da intervenção de restauro e a recuperação das pinturas da abóbada da charola do Convento de Cristo; 1995 - entrega a título precário das instalações ocupadas pelo ex-Hospital Militar à Escola Prática do Serviço de Material; 1997 - as dependências ocupadas pelo ex-HM3, afeto ao MDN, fazia parte das listas do património a alienar em regime de hasta pública (DL n.º 318/97, 25 Novembro), DR I Série - n.º 273, 21/11/1997; 2001, 13 fevereiro - publicação da adjudicação da empreitada "Convento de Cristo, Ermida da Imaculada Conceição - Obras de restauro e conservação"; 2002 - pelo Despacho conjunto, MF / MDN / MC, n.º 266/2002, publicado no DR n.º 84, II Série, de 10 Abril, foi autorizada a reafetação deste PM ao MC para utilização do IPPAR; 2006, Fevereiro - elaboração da Carta de Risco do imóvel pela DGEMN; 2007, 29 março - o imóvel é afeto ao IGESPAR, pelo Decreto-lei n.º 96/2007, DR, 1.ª série, n.º 63.

Referências bibliográficas:

Anais do Município de Tomar, 8 vols., Tomar, 1941 / 1972; ROSA, Amorim, História de Tomar, 2 volumes, Tomar, 1965 a 1982; ATANÁZIO, M. Mendes, A Arte do Manuelino, Lisboa, 1984; COELHO, Maria da Conceição Pires, A Igreja da Conceição e o Claustro de D. João III, do Convento de Cristo em Tomar, Santarém, 1987; CONDE, Manuel Silvío Alves, Tomar Medieval: O espaço e os homens - (séc. XIV-XV), Texto policopiado, Lisboa, 1988; COSTA, Fr. Bernardo da, História da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, tomo II, 1775; Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, Relatórios da intervenção nos estuques da Charola, 4 vol., Cacém, 1995-1998; FRANÇA, António Pinto da, Os condes de Tomar no Convento de Cristo, Texto policopiado, Roma, 2000; GIL, Júlio, As Mais Belas Igrejas de Portugal, Lisboa, 1989; GRILLO, Fernando, A influência nórdica na escultura portuguesa no tempo de D. Manuel I, in ARTIS, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, 2004, n.º 3, pp. 139-174; GUIMARÃES, Vieira, A Ordem de Cristo, Lisboa, 1901; SANTOS, Reinaldo dos, Tomar, Guia de Portugal, II, Lisboa, 1927; GUIMARÃES, Vieira, O Claustro de D. João III, em Thomar, Gaia, 1931; HAUPT, Albrecht, A Arquitectura do Renascimento em Portugal, Lisboa, 1986; HENRIQUES, Jorge Gabriel, A Charola de Tomar, Estratégias de Conservação da Pintura Mural, Tese de Mestrado policopiada, Faculdade de Letras, Lisboa, 2000; IPPAR, Restauro da Abóbada da Charola do Convento de Cristo, Tomar, 2000; JANA, Ernesto, O Convento de Cristo em Tomar e as Obras Durante o Período Filipino, Tese de Mestrado policopiada, Faculdade de Letras, Lisboa, 1991; KUBLER, George, Portuguese Plain Architecture - 1521 - 1706, between spices and diamonds, Middletown, 1972; LAMBERT, Élie, Remarques sur le plan des églises abbatiales de Tomar e de Batalha in Congresso do Mundo Português, II, Lisboa, 1940; MOREIRA, Rafael, A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal, Tese de Doutoramento policopiada, Universidade Nova, Lisboa, 1992; O poema de pedra de João de Castilho em Thomar, Lisboa, 1934; PEREIRA, Fernando António Baptista, Descidas do Espírito Santo em programas iconográficos retabulares dos séculos XV e XVI, in ARTIS, Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, 2002, n.º 1, pp. 161-197; PEREIRA, Paulo, A simbólica manuelina. Razão, celebração, segredo: O Convento



de Cristo, in História de Arte Portuguesa, vol. 2 , 3ª ed., 131-136, Lisboa, 1999; PEREIRA, Paulo, De Aurea Aetate: O Coro do Convento de Cristo em Tomar e a Simbólica Manuelina, Lisboa, 2003; SANTOS, José António, Monumentos das Ordens Militares do Templo e de Cristo em Thomar, Lisboa 1879; ROSA, Amorim, História de Tomar, 2 vols., Santarém, 1965, 1982; ROSAS, Lúcia Maria Cardoso, Monumentos Pátrios, Tese de Doutoramento em História de Arte, Universidade do Porto, Porto, 1995; TEIXEIRA, Garcez, Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo (UAMOC), vol. I, tomo 1º, 1919, Contribuições para a História das Artes em Portugal, Lisboa, 1925; VITERBO, Sousa, Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a serviço de Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904, vols. II e III; GRAÇA, Luís (1991). Convento de Cristo. Lisboa-Mafra; GRAÇA, Luís (2016). Roteiro - Convento de Cristo. Lisboa. Tomar, Perspetivas.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4718

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Muito Elevado	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Muito Elevado	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Muito Elevado
Originalidade: Muito Elevado	Raridade: Muito Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Sondagem arqueológica



Nº 209. IGREJA DE SANTA MARIA DO OLIVAL

Localização: Rua Aquiles da Mota Lima, Santa Maria dos Olivais

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601476 Longitude: -8.407370 Altitude: 55 metros;
CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Monumento Nacional, Decreto de 16 de Junho de 1910, Diário do Governo n.º 136 de 23 de Junho de 1910; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 259 de 7 de Novembro de 1946.

Proprietários: Estado Português



Caraterização: A igreja gótica de Santa Maria do Olival de Tomar encontra-se implantada sobre uma parcela da cidade romana de *Seilium*, tendo as escavações realizadas no adro posto a descoberto alicerces de estruturas do Império Romano, posteriormente utilizadas como suportes e muros de uma extensa necrópole medieval, associada à igreja. Entre o espólio identificado encontram-se materiais pétreos de cronologia posterior, altimedieval, durante algum tempo considerados de época visigótica e, mais recentemente, atribuídos aos ciclos moçárabe ou pré-românico. Em 1983, uma primeira exposição permitiu contextualizar minimamente este conjunto (PONTE, 1983), mas falta, ainda, uma visão mais rigorosa e de índole monográfica. Iguais reservas devem ser tomadas em relação à extensa necrópole, onde se registaram enterramentos datáveis entre a Idade Média e a Época Contemporânea, faltando, igualmente, uma mais rigorosa aproximação à realidade arqueológica encontrada e respectivos níveis de sobreposição.

A primitiva igreja terá sido reedificada no século XII, por iniciativa de D. Gualdim Pais, mestre da Ordem do Templo, para cemitério dos freires. O próprio Gualdim Pais foi sepultado no seu interior, em túmulo de que resta a inscrição funerária, datada de 1195. Desconhece-se, todavia, como seria esse templo e quais as relações artísticas que certamente teria para com a charola românica do Convento de Cristo. A actual igreja começou a ser construída nos meados do século XIII, presumivelmente durante o reinado de D. Afonso III, e cedo se instituiu como uma obra emblemática da arquitectura gótica nacional. O seu modelo planimétrico foi seguido em inúmeras obras de norte a sul do reino, aplicado a templos paroquiais, catedralícios e monacais/conventuais, uma "tipologia de longa duração", como lhe chamou Paulo PEREIRA (1995, vol. I, p. 359). É um edifício de três naves de diferentes alturas, sendo a central mais elevada, seccionadas em cinco tramos, com cobertura de madeira e destituída de transepto. A cabeceira é o único elemento abobadado e compõe-se de capela-mor de dois tramos, tendo o derradeiro sete faces, ladeada por dois absídeos retangulares. A fachada principal apresenta três panos, denunciando a organização interior, ostentando o central dois andares. Neste, abre-se portal de arco apontado, enquadrado por arquivoltas e inscrito em gablete, enquanto que o segundo registo é ocupado por exuberante rosácea que filtra luz para o interior. Os panos laterais ajustam-se obliquamente ao central, formando o que se convencionou chamar de fachada *ad triangulum*. O carácter de rutura desta obra, embora se discuta ainda se o seu plano evoluiu a partir de modelos românicos (como defende PEREIRA, 1995, vol. I, p.359, e como nega DIAS, 1994, p.61), fez com que a maioria dos autores defendesse uma filiação estilística no grande estaleiro alcobacense, terminado precisamente por esses meados do século XIII. Nos séculos seguintes, a igreja manteve uma função funerária por excelência, fato que levou a que, já no séc. XVI, a face sul do corpo do templo fosse enriquecido com uma série de capelas privadas de feição maneirista. Um pouco antes, entre 1525 e 1528, aqui se sepultou



D. Diogo Pinheiro, primeiro bispo do Funchal, em túmulo renascentista hiper-decorado, saído da oficina de João de Ruão, então ainda em fase de implantação num país fortemente dominado pelo estilo manuelino.

Tipo de Sítio: Arquitetura Religiosa

Cronologia: Época Medieval Cristã, e Época Moderna (Séc.s XIII, XIV, XVI, XVII, XIX)

1160 - data provável da reconstrução por D. Gualdim Pais, sobre ruínas do mosteiro beneditino, da primitiva igreja de Santa Maria, sendo possivelmente dessa época a porta românica de arco de volta perfeita na fachada norte.; 1195 - o Mestre da Ordem do Templo, D. Gualdim Pais, é sepultado na igreja; séc. XIII - no reinado de D. Afonso III (1248-1279), desaparece a primitiva igreja dando lugar à atual; séc.s XV / XVI - reinado de D. Manuel I (1495-1521), a igreja sofreu grandes reparações e alterações; séc. XVI - reinado de D. João III (1521-1557), conclusão sob a direção de Fr. António de Lisboa (Frei António de Moniz e Silva) das obras iniciadas no reinado de D. Manuel: construção em 1528 do túmulo de D. Diogo Pinheiro (1525- inscrição com a data do seu falecimento); destruição dos túmulos e epigrafias dos Mestres Templários e de Cristo, ficando apenas quatro; construção da abóbada e da janela de verga golpeada da sacristia (inscrição na verga de 1543) e ampliação, com a construção a sul, da galeria corrida e das capelas laterais; construção do púlpito, porta de acesso à sacristia e coro-alto séc. XVII - revestimento azulejar das capelas do lado sul; séc. XIX - realizam-se obras de restauro tendo sido destruídas três capelas.

Referências bibliográficas:

SOUSA, João Maria, *Notícia Descritiva e Histórica da Cidade de Thomar*, Thomar, 1903; GUIMARÃES, Vieira (1918). *Inscrições Tomarenses, séc. XII. Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*", Tomar; GUIMARÃES, Vieira, *Thomar, Stª Iria*, Lisboa, 1927; DIONÍSIO, Sant'Anna, *Guia de Portugal (Estremadura, Alentejo e Algarve)*, Lisboa, 1927; TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez, *A Arte em Portugal*, Tomar, nº 6, Porto, 1929; *A Igreja de Santa Maria dos Olivais*, Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 27, Lisboa, 1942; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém*, Vol. III, Lisboa, 1949; Ministério das Obras Públicas, *Relatório da Actividade do Ministério no ano de 1952*, Lisboa, 1953; TEIXEIRA, Garcez, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, Vol. I, Tomo I, Tomar, 1959; AMORIM, Rosa, *Anais do Município de Tomar 1137 a 1453*, vol. VII, Tomar 1972; CASTRO, Miguel de Melo, *Pedras de Armas de Tomar*, Lisboa, 1955; ROSA, Amorim, *De Tomar*, Tomar, 1960; TEIXEIRA, Garcez, *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, Vol. I, Tomo II, Tomar, 1961; ALMEIDA, José António Ferreira, *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, 1976; BORGES, Nelson Correia, *João de Ruão escultor da Renascença*, Coimbra, 1980; CHICÓ, Mário Tavares, *Arquitectura em Portugal*, Lisboa, 1981; ROSA, Amorim (1982. *História de Tomar*", Tomar. DIAS, Pedro, *História de Arte em Portugal - o Gótico*, Vol. III, Lisboa, 1986; SILVA, Jorge Henrique Pais da, *Páginas de História da Arte*, Vol. I, Lisboa, 1986; COELHO, Maria de Conceição Pires, *A Igreja de Conceição e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar*, Santarém, 1987; SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal 1245-1640*, vol. 2, Lisboa, 1987; CONDE, Manuel Sílvio Alves, *Tomar Medieval, o Espaço e os Homens (séculos 14-15)*, Lisboa, 1988; DUARTE, Maria do Rosário Antunes, *A Igreja de Santa Maria do Olival*, in *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar nº 10*, Tomar, 1988; ROSA, Amorim, *História de Tomar*, Vol. I, Tomar, 1988; VELOSO, Carlos, PONTE, Salete da, *Imagens de Tomar*, Roteiro Histórico, séc. 18, Tomar, 1990; COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, *Tomar Perspectivas*, Tomar, 1991; AZEVEDO, José Correia de, *Portugal Monumental*, Inventário



Ilustrado, Tomo VI, Ribatejo, Algés, 1993; SILVA, Jorge Henrique Pais da, Páginas de História da Arte, vol. I, Lisboa, 1993; FRANÇA, José-Augusto, Tomar, Lisboa, 1994; GIL, Júlio (1988). As mais belas igrejas de Portugal, vol. II. Lisboa; DIAS, Pedro (1994). CONDE, Manuel Sílvio Alves (1994). Tomar medieval. O espaço e os homens (sécs. XIV-XV). Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1988; A arquitectura gótica portuguesa. Lisboa; CHICÓ, Mário Tavares (1995). A Arquitectura Gótica em Portugal, 3ªed. Lisboa, 1981; PEREIRA, Paulo História da Arte Portuguesa, vol. I, Lisboa, 1995; SIMÕES, J. M. Dos Santos, Azulejaria em Portugal no século 17, Lisboa, 1997; BATATA, Carlos António Moutoso (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho. Tomar; GIL, Júlio (1988). As mais belas igrejas de Portugal, vol. II. Lisboa; GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos, Tomar Roteiro Sentimental, Lisboa, 1999; CARLOS, Alberto Ferreira de Almeida, BARROCA, Mário Jorge, História da Arte em Portugal, O Gótico, Lisboa 2002; VELOSO, Carlos, Igreja de Santa Maria do Olival. Património nº 2, Tomar, 2003; CÂMARA Municipal de Tomar, Tomar Cidade Templária, Tomar, 2004; CHICÓ, Mário, A Arquitectura Gótica em Portugal, Lisboa, 2005; Tomar, perspectivas

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6537

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Muito Elevado
Monumentalidade: Muito Elevado	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Sondagem arqueológica



Nº 210. IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BAPTISTA

Localização: Praça da República, São João Batista

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603620 Longitude: -8.414563 Altitude: 59 metros;
CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Monumento Nacional, Decreto de 16 de Junho de 1910, Diário do Governo n.º 136 de 23 de Junho de 1910; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 13 de 16 de Janeiro de 1947

Proprietário: Estado Português



Caraterização: A igreja apresenta a fachada fortemente marcada pelo portal gótico-flamejante, sobrepujado por um óculo e remayado por uma correnteza de flores-de-lis. O portal principal, de gosto manuelino, apresenta um arco contracurvado enquadrado num alfiz totalmente decorado com relevos de motivos vegetalistas, zoomórficos e símbolos heráldicos. Este modelo apresenta muitas semelhanças com a "(...) obra francesa no âmbito da escultura ornamental das *Capelas Imperfeitas* da Batalha (...)" (FRANÇA, 1994, p. 38). O interior, coberto por tetos de madeira, apresenta as naves divididas por arcos quebrados. A cabeceira tripla é ladeada por capelas comunicantes com cobertura de abóbada de nervuras cujas mísulas de apoio são decoradas com heráldica manuelina. Do programa decorativo destaca-se o púlpito de secção poligonal repleto de relevos vegetalistas lavrado em 1513, "(...) cujo gosto de gótico francês é correntemente sublinhado (...)" (Idem, ibidem, p. 39). Os altares laterais, em cantaria, foram edificados no século XVII, na mesma época em que a cabeceira foi revestida de painéis de azulejos. Estes acabariam por ser retirados no primeiro quartel do século XVIII, quando foi colocado no seu lugar o retábulo-mor de talha dourada. Lateralmente, apresenta uma imponente torre sineira manuelina, de planta quadrangular, com remate piramidal cingido por dois anéis de cantaria. A Igreja de São João Baptista foi restaurada pela primeira vez em 1875, embora oito anos depois desta data se reclamassem novas obras no templo, nomeadamente o restauro do portal e do púlpito. Ao longo do século XX, a matriz foi sendo objeto de sucessivas obras de beneficiação de estruturas, limpeza e restauro do programa decorativo.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc.s XIV a XVIII

1178 - 1ª referência documental à "Rua de São Joannes", atestando a existência de um templo com a mesma invocação do atual; 1430 - a primitiva igreja de São João, gótica, remonta tradicionalmente ao Infante D. Henrique (sendo ainda hoje conhecida como a "antiga capela do Infante") e fechava o lado este da praça, na largura das boticas, entre a Rua de São João e a Corredoura; por várias vezes surgem referências documentais a reuniões dos homens-bons do Concelho sob o seu alpendre, devendo a igreja ser mais estreita, de uma só nave, segundo vestígios patentes na caixa-murária sob o reboco; séc. XVI, início - reconstrução da igreja, com reaproveitamento dos portais góticos, colocados na fachada sul; pintura do retábulo do Espírito Santo, atribuível a Quentin Metsys e a Eduardo, o Português; 1510 - no livro de Forais Novos da Extremadura é referido que estavam a terminar as obras de ampliação da Igreja de São João Baptista; 1511 - conclusão da torre sineira, tendo nesse ano começado a ser pagos os ordenados ao vigário; conhecimento de Lopo Diz, almoxarife de Tomar, em como recebeu de Lourenço Godinho uns "ferros dobradeiros pera hóstias" que o rei mandou dar à igreja de São João Baptista; 1512 - data da edícula sepulcral de D. Jorge de Almeida; 1513 - O púlpito é lavrado; 1520 - D. Manuel fez da igreja



capela real e elevou-a a Colegiada; 1523 - o relógio, oriundo da Porta do Sol do Castelo dos Templários, é colocado na torre sineira, por ordem de D. João III; 1530 - por alvará régio todos os bens da capela de Santa Maria do Castelo passam para a Igreja de São João Baptista; séc.XVII, inícios - colocação dos altares laterais em cantaria; revestimento da cabeceira com azulejos; séc.XVIII, 1º quartel - demolição do topo facetado da ábside e prolongamento desta em forma retangular; colocação do retábulo da capela-mor tendo os azulejos sido levantados no local onde foi assente a talha (permanecendo aí alguns vestígios daqueles); séc.XVIII, 2ª metade - construção da capela da Irmandade do Santíssimo pelo desembargador Bernardim Gonçalves de Moura, cavaleiro da Ordem de Cristo; colocação do retábulo nesta capela e na capela colateral do lado da Epístola; 1875 - executam-se obras na igreja, abrindo-se 2 janelas a ladear o pórtico, posteriormente tapadas por se considerarem inestéticas; substitui-se o pavimento por soalho, cobrindo as lápides até então existentes; 1880 - colocação do órgão construído por Gray & Davidson, que substituiu o do séc. XVIII.

Referências bibliográficas:

CASTRO, Mapa de Portugal Antigo e Moderno, s.l., 1750; A Pintura Antiga da Igreja de São João Baptista em Tomar in Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol.1, Tomar, 1933; SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; CASTRO (ALVELLOS), Miguel de Melo e (1955). Pedras de Armas de Tomar. Lisboa; SIMÕES, J. M. dos Santos (1971). Azulejaria em Portugal no séc. XVII, vol.1, Lisboa; ALMEIDA, José António Ferreira de (1976). Inventário Artístico de Portugal. Lisboa; CÂMARA, Paulo Perestrelo da, Dicionário Geográfico de Portugal, s.l., 1850; DIAS, Pedro (1979). Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510 - Aspectos Artísticos. Coimbra; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar, vol.1, 2ª ed., Santarém; ATANÁZIO, Manuel Mendes (1984). A Arte do Manuelino. Lisboa
DIAS, Pedro (1986). O Manuelino. in História da Arte em Portugal, Vol. V; GIL, Júlio (1988). As mais belas igrejas de Portugal, vol. II. Lisboa; PEREIRA, Paulo (1990). A Obra Silvestre e a Esfera do Rei. Coimbra; VALENÇA, Manuel (1990). A Arte Organística em Portugal. vol. II, Braga; DIAS, Pedro (1994). Manuelino. À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I". Lisboa 2002; PDM 1994; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa.
PEREIRA, Fernando António Baptista (2004). Descidas do Espírito Santo em programas iconográficos retabulares dos séculos XV e XVI. In ARTIS. Lisboa, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 3, pp. 161-197; DIAS, Pedro (2009). A arquitectura manuelina. Vila Nova de Gaia; COSTA, Vítor (2013). Uma obra desconhecida. A Visitação de António Manuel da Fonseca. In Invenire - Revista de Bens Culturais da Igreja. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, julho - dezembro 2013, n.º 7, pp. 48-54; GIL, Júlio, As Mais Belas Igrejas de Portugal, Vol. II, Lisboa, 1989; O Tríptico da Vida de Cristo da Igreja de S. João Baptista, Tomar, s.d;
TEIXEIRA, Francisco Garcez, Igreja de São João Baptista, Tomar, s.d; Tomar - Igreja de S. João Baptista, Tomar, s.d..
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6538

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Muito Elevado
Monumentalidade: Elevado	Valor Científico: Elevado



Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 211. CAPELA DE SÃO LOURENÇO

Localização: São Lourenço, EN 110, à saída de Tomar, do lado esquerdo no sentido de Lisboa (Av. D. Nuno Álvares Pereira).

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.592092 Longitude: -8.405712 Altitude: 56 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Monumento Nacional, Decreto n.º 7 621, Diário do Governo n.º 154 de 29 de Julho de 1921.

Propriedade: Estado Português

Caraterização: Capela manuelina de planta retangular composta por nave com teto em madeira e ábside semicircular, cupulada, antecedida por nártex. A capela foi dedicada, desde a sua fundação, a São Lourenço, cujo martírio a Igreja comemora a 10 de Agosto. Esta foi também a data da reunião das tropas de D. João I e de D. Nuno Álvares Pereira a caminho de Aljubarrota, que teve lugar no terreiro onde depois se ergueu a capela. A Capela de São Lourenço foi fundada no primeiro quartel de quinhentos por Aires de Quental, feitor-mor de D. Manuel. A capela é um pequeno templo de planta retangular antecedido por um alpendre, cujo interior coberto por tecto de madeira possui um altar decorado com um conjunto de azulejos hispano-árabes. Numa das fachadas laterais foi colocado em 1948 um painel de azulejos evocativo da presença das tropas



do Condestável em Tomar. Junto ao templo foi edificado no reinado de D. João III um padrão comemorativo do encontro das tropas portuguesas a caminho de Aljubarrota.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI, 1º quartel - construção da capela encomendada, segundo a tradição, por Aires de Quental, Feitor-mor de D. Manuel, desde 1518; 1948 - colocação do painel de azulejos e banco na parede norte (Ministério da Guerra); séc. XX, anos 80 - desaparecimento de várias imagens e alfaías litúrgicas.

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; SOUSA, J.M., Thomar, Tomar, 1903; ROSA, Amorim, História de Tomar, Vol, 1, Santarém, 1965; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; PDM 1994; FRANÇA, José Augusto, Tomar, Editorial Presença, Lisboa, 1994.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2029

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 212. ANTIGA SINAGOGA DE TOMAR/ MUSEU LUSO-HEBRAICO ABRAHAM ZACUT

Localização: Rua Dr. Joaquim Jacinto, n.º 73 a 77

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603218 Longitude: -8.413794 Altitude: 59 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Monumento Nacional, Decreto n.º 7 621, Diário do Governo n.º 154 de 29 de Julho de 1921; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 258 de 6 de Novembro de 1946.

Proprietário: Estado Português, afectado à C. M. Tomar

Caraterização: Sinagoga quatrocentista de planta retangular, composta por três naves, semelhante à da sinagoga de Safed, em Israel, construída pelo judeu sefardita de Toledo,



Joseph Caro, em peregrinação a Jerusalém, repetindo portanto uma tipologia peninsular (LAPA, 1989, p. 46); apresenta afinidades espaciais com a cripta da Igreja Matriz de Ourém com idêntico tratamento do espaço interno e semelhante sistema acústico, com bilhas dispostas com o bocal para baixo, nos cantos da abóbada. A cobertura em abóbada de ogivas assenta em mísulas e colunas, as primeiras representando as Doze Tribos de Israel e as colunas assinalam as quatro Matriarcas de Israel, Sara, Rebeca, Lea e Raquel.

Uma porta em arco apontado, do lado de fora, lanceolada, aberta a este, era a porta principal da sinagoga. A referência mais recuada no tempo à comunidade judaica, data de 1315, sendo o Infante D. Henrique, enquanto governador da Ordem de Cristo no século XV, o grande promotor da fixação dos judeus em Tomar, dando-lhes uma rua - entre as Ruas Direita dos Açougues e dos Moinhos - para construírem o seu bairro; calcula-se que a população judaica de Tomar andasse, em meados do século XV, em cerca de 150 a 200 indivíduos, tendo chegado a atingir uma significativa proporção de 30 a 40% do total de habitantes da vila, na sequência da chegada dos judeus espanhóis, expulsos em 1492. Considerado um "documento único da presença israelita em Portugal", foi edificada em meados do séc. XV, numa época de florescimento da comunidade judaica local. Em 1496, devido ao édito de expulsão dos Judeus, foi encerrada e alguns anos depois transformada em cadeia municipal. No séc. XIX, foi transformada em armazém e somente no ano de 1920 foi identificada como um antigo templo judaico. Em 1923, o edifício foi comprado por Samuel Schwarz, sendo posteriormente recuperado e adaptado à instalação do Museu Luso-Hebraico Abraão Zacuto.

1985 - Na sequência do aparecimento de uma boca de talha, quando se removia o chão de cimento, seguiram-se escavações arqueológicas que revelaram a existência de um forno e um esgoto. Este último e uma talha intacta e *in situ*, foram datados como sendo provavelmente dos sécs. XVIII/XIX; ao forno não foi atribuída qualquer data. Os alicerces dos compartimentos encontrados foram datados do séc. XV, do reinado de D. Afonso V. São contemporâneos da Sinagoga que data também de meados do séc. XV. Tanto Salete da Ponte como Fernanda Lapa pensam que estes muros correspondem ao *mikveh* judeu (balneário para os banhos rituais).

Em 1989, fizeram-se escavações no quintal deste anexo da Sinagoga. Abriram-se dois quadrados denominados 6 e 7. O 6 situa-se do lado sul e o 7 do lado norte, mais próximo dos muros da anterior escavação. O quadrado 6 apresentava até 70 cm de profundidade entulhos vários; a 1,5 m apareceu uma camada de telhas. O quadrado 7 foi escavado até aos 80 cm. Apareceu um pavimento de tijoleiras semelhante aos da Sala Anexa. Os materiais desta última camada foram datados dos sécs. XV-XVI, contemporâneos dos achados e moedas da Sala Anexa. A escavação de 1989 não foi concluída posteriormente,



nem foi feita nenhuma planta dos pavimentos achados, o que foi pena, pois poderia ter sido possível relacioná-los com as estruturas da Sala Anexa.

Em artigo datado de 1991, Salete da Ponte refere que o anexo oriental da Sinagoga se destinava aos homens e o do lado oeste, para as mulheres (*mikveh*). Segundo ela, o forno descoberto nas escavações servia para aquecer água. Refere a grande quantidade e variedade de peças cerâmicas, aparecida na zona dos muros.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc.s XV a XX

1430 - 1460 - construção da sinagoga, por ordem do Infante D. Henrique, motivada pelo crescente número de fiéis; no local funcionavam a escola, a assembleia e o tribunal da comunidade judaica; 1496 - encerramento pelo édito de expulsão dos judeus de Portugal; a Judiaria da vila, mudaria então o nome para Rua Nova; 1516 - conversão em cadeia municipal; séc. XVII - referência à ermida de São Bartolomeu, na Rua Nova, provavelmente no local da antiga sinagoga; séc. XIX - no edifício, funcionou, sucessivamente, um palheiro, celeiro, armazém de mercearias, adega e arrecadação; 1920 - visita de membros da Associação de Arqueólogos Portugueses; 1923 - o Dr. Samuel Schwarz, um engenheiro de minas, polaco, compra o imóvel a Joaquim Cardoso Tavares, e inicia a sua recuperação; 1939 - o Dr. Schwarz doa a sinagoga ao Estado português, com a condição de nele ser instalado um museu luso-hebraico; 1942 - 1943 - são feitas obras de adaptação a museu, com o nome de Abraham Zacuto.

Referências bibliográficas:

TEIXEIRA, F. A. Garcez - A antiga sinagoga de Tomar. Lisboa: 1925; SIMÕES, João dos Santos (1943). Inscrições Lapidares no Convento de Cristo. Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. II. Lisboa; SIMÕES, J.M. dos Santos (1943a). Tomar e a sua Judiaria. Ed. do Museu Luso-Hebraico. Tomar. Edição fac-similada, Tomar, 1992; SEQUEIRA, Gustavo de Matos - Inventário Artístico de Portugal. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1949; ROSA, Amorim - História de Tomar. Santarém: 1965, vol. I; PONTE, Salete da (1985b). Sinagoga e o seu meio ambiente. Jornal "Cidade de Tomar", 4-4-1985, p. 8; PONTE, Salete da (1986e). Sinagoga de Tomar - Anexo poente. Informação Arqueológica (1985), 7, pp. 77-79. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; LAPA, Maria Fernanda (1989). A Sinagoga de Tomar - Seu enquadramento na problemática da presença judaica em Tomar. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 11/12, pp. 35-54. Tomar; LAPA, Maria Fernanda (1989a). A Sinagoga de Tomar; Campanha de 1989. Boletim Cultural e informativo da C.M. de Tomar, 13, pp. 73-82. Tomar; PONTE, Salete da e FERREIRA, Luís (1991a). Um tempo, uma exposição, a Sinagoga de Tomar, 500 anos de história. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 15, pp. 123-130. Tomar; BATATA, Carlos e GASPAREL, Filomena (1991a). Subsídios para a compreensão da Arqueologia da Morte na Região de Tomar, p. 1. Trabalho prático para a cadeira de Arqueologia medieval. Instituto de Arqueologia da FLUC. Coimbra (policopiado); SIMÕES, João Miguel dos Santos e TAVARES, Maria José Ferro (preâmbulo) - Tomar e a sua judaria. 2.ª ed. Tomar: Museu Luso-Hebraico, 1992; PDM 1994; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 230-232. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar; PONTE, Salete da (2000a). A sinagoga de Tomar: dimensão sócio-cultural e religiosa da comunidade hebraica. In Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. "Terrenos" da arqueologia da Península Ibérica. Vila Real 1999, 8, pp. 151-160. ADECAP. Porto; TOMARPOLIS (2003). Estudo de



Incidências Ambientais da Intervenção do Programa Polis em Tomar. Relatório Final, Revisão 1, Anexos; BATATA, Carlos e MENDES, Catarina (2005). Acompanhamento arqueológico de abertura de vala de saneamento básico da Rua Alexandre Herculano, Tomar. Relatório Aprovado.

FERNANDES, João Alexandre de Sousa Oliveira (2006). Infra-estruturas da cidade de Tomar. Relatório Aprovado; FERNANDES, João Alexandre de Sousa Oliveira (2006b). Infra-estruturas da cidade de Tomar. Relatório Aprovado; SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2007). Relatório final do acompanhamento arqueológico de abertura de valas no Convento de São Francisco (Tomar) no âmbito do projecto Comunidade Urbana do Médio Tejo, centro de apoio à gestão territorial do Médio Tejo. Relatório Aprovado; SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2009a). Relatório final do acompanhamento arqueológico da reconstrução e transformação de um edifício na rua Dr. Sousa, nº 7 e 9 (Largo do Pelourinho) Tomar. Relatório Aprovado.

SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2009b). Trabalhos arqueológicos na Rua dos Arcos - Tomar. Relatório Aprovado; BARRADAS, Elisabete (2009). Relatório Final das Sondagens Arqueológicas em prédio situado entre a Av. Cândido Madureira/ Rua Infantaria 15/ Rua dos Arcos e a Travessa da Misericórdia, em Tomar. Relatório Aprovado; TAVARES, Maria José Ferro - As judiarias de Portugal. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios, 2010; BATATA, Carlos (2010a). Relatório final dos trabalhos arqueológicos de requalificação urbana da Praceta de Alves Redol, Tomar. Relatório Aprovado; SILVA, Andreia Marisa Barros (2011). Arranjo urbanístico da envolvente ao Convento de Cristo – Tomar.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3384

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Muito Elevado	Raridade: Muito Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Escavação arqueológica, conservação e restauro



Nº 213. FACHADA QUINHENTISTA (ANTIGA BIBLIOTECA MUNICIPAL)/CASA MANUEL GUIMARÃES

Localização: Rua Silva Magalhães



Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604210 Longitude: -8.414925 Altitude: 59 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Monumento Nacional, Decreto n.º 9 842, Diário do Governo n.º 137 de 20 de Junho de 1924, retificado em 24 de Julho de 1924; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 287, de 10 de Dezembro de 1953.

Proprietários: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Fachadas com 2 andares, silhar e cunhal em cantaria, rematadas por cimalha. No alçado sul rasgam-se janelas com avental em cantaria, no 2º registo; no alçado este abre-se uma porta de vão moldurado no 1º registo, 2 janelas com vão moldurado e rematado por frontão liso saliente assente em 2 volutas, uma de sacada, outra de avental. No cunhal das fachadas rasga-se janela de canto, com balaústre no vértice, a servir de mainel, sacada de balaústres, vão moldurado rematado por frontão saliente apoiado lateralmente em volutas.

Edificado no primeiro quartel do séc. XVI, este edifício renascentista foi, segundo a tradição tomarense, a casa onde habitou o arquitecto João de Castilho quando trabalhava nas obras do Convento de Cristo (SEQUEIRA, 1949). Embora tenha sido objeto de algumas alterações estruturais em meados do séc. XX, esta casa manteve o programa decorativo de gosto clássico e linhas eruditas, sendo considerado um "exemplar raro de residência quinhentista" (Idem, ibidem). Situada no núcleo medieval de Tomar, a casa divide-se em dois andares, pontuados pela abertura de portas e janelas, destacando-se a grande janela de mainel aberta no cunhal das fachadas principal e lateral. Em 1962, devido ao plano de urbanização da cidade de Tomar, que contemplava o alargamento da Rua Direita, houve necessidade de demolir as fachadas originais para recuar a implantação do imóvel no terreno. Desta forma, a casa foi reconstruída na nova linha urbana segundo um projecto do arquitecto Mota Lima, reaproveitando os elementos decorativos da traça original. Alguns anos mais tarde, em 1969, a Câmara Municipal de Tomar instalou no imóvel a biblioteca municipal, que aí funcionou até 1997.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI – (1º terço) - construção do edifício.

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; PDM 1994; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa.
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3372

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevado	Raridade: Elevado



RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado



Nº 214. JANELA DE CUNHAL QUINHENTISTA / EDIFÍCIO DO POSTO MUNICIPAL DE TURISMO

Localização: Avenida Dr. Cândido Madureira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601580 Longitude: -8.415675, CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Protecção: Monumento Nacional, Decreto n.º 9 842, Diário do Governo n.º 137 de 20 de Junho de 1924

Proprietários: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Integrada no Edifício do Turismo, edificado nos anos 30 do séc. XX, a janela de cunhal quinhentista pertencia ao palácio que o Prior do Convento de Cristo tinha na Rua dos Moinhos, edificado possivelmente no primeiro quartel do séc. XVI e demolido no séc. XX. O edifício atual, da autoria do arquitecto José Vilaça, é considerado um "exemplar tardio" de arquitetura revivalista, apresentando uma curiosa estrutura onde foram integrados "elementos arquitectónicos genuínos, provenientes de diversos edifícios antigos de Tomar, demolidos nas primeiras décadas do século XX" (VELOSO e PONTE, 1990, p. 53). São o caso não só da janela geminada colocada no cunhal do edifício, mas também do portal colocada na entrada principal, um elemento executado no século XV que terá pertencido aos celeiros existentes nessa época na Praça da Ribeira, ou ainda os painéis azulejares quinhentistas que decoram o espaço interior (Turismo de Tomar, www.tomartourism.com). A janela apresenta uma interessante estrutura de sacada, dividida ao centro por colunelo jónico de fuste canelado. A guarda da janela é de cantaria esculpida, formando um rendilhado. O conjunto é rematado por frontão triangular saliente ornamentado com motivos geométricos em relevo.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI e XX

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; PONTE, Salete da, VELOSO, Carlos (1990). Imagens de Tomar: Roteiro Histórico. Tomar; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa; PDM 1994; Turismo de Tomar, "Descobrir Tomar" - www.tomartourism.com



<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3385

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevado	Raridade: Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	



Nº 215. PADRÃO DE D. JOÃO I

Outras denominações: Padrão de S. Lourenço

Localização: EN 110, São Lourenço

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.592307 Longitude: -8.405546 Altitude: 56 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/Proteção: Monumento Nacional, Decreto de 16 de Junho de 1910; Decreto do Governo n.º 136 de 23 Junho 1910.

Proprietário: Estado Português

Caraterização: Junto à Capela de S. Lourenço, foi edificado, no reinado de D. João III, um padrão comemorativo do encontro das tropas portuguesas a caminho de Aljubarrota. É constituído por uma coluna lisa que assenta sobre base toscana com capitel adornado por relevos de anjos com asas abertas e o escudo português. O conjunto é rematado por pináculo.

DGEMN: 1939 – apeamento completo e sua reconstrução em local próximo e execução de alicerces de alvenaria, construção do muro de suporte em alvenaria e regularização do terreno circundante; 1941 - reboco e execução de muro de vedação. 1943 - arranjo do terreno envolvente incluindo a mudança do padrão para outro local.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil



Cronologia: Séc. XVI - erguido no reinado de D. João III em comemoração do encontro, no local, das tropas de D. João I e as de D. Nuno Álvares Pereira, dias antes da Batalha de Aljubarrota.

Referências bibliográficas:

BARBOSA, Inácio de Vilhena, As Cidades e as Villas da Monarquia Portuguesa, que tem Brasão, d'Armas, vol. III, Lisboa, 1860. CÂNCIO, Francisco, Ribatejo Histórico e Monumental, 2 vols, Lisboa, 1938; SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; PDM 1994; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1965

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevado	Raridade: Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 216. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Localização: Largo de Nossa Senhora da Conceição

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.605761 Longitude: -8.416984 Altitude: 86 metros;
CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Estado Português



Classificação/ Protecção: Monumento Nacional Decreto de 16 de Junho de 1910, Diário do Governo n.º 136 de 23 de Junho de 1910; ZEP – Diário do Governo, 2.ª série, n.º 48, de 28 de Fevereiro de 1947.

Proprietários: Estado Português

Caraterização: A Ermida de Nossa Senhora da Conceição de Tomar é uma das últimas edificações do arquiteto João de Castilho. Iniciada a construção cerca de 1551, o templo só ficaria concluído nos anos de 1572-1573, após a morte de Castilho, sob a direcção do arquitecto Diogo de Torralva. Concebida com o objetivo de se tornar o panteão de D. João III (MOREIRA, Rafael, 1981), a Conceição de Tomar apresenta uma concepção espacial unitária e globalizante, perfeitamente inovadora no panorama arquitetónico de então. A sua estrutura remete para o Templo malatestiano de Rimini desenhado por Leon Battista Alberti, mantendo no entanto algumas soluções marcadamente nacionais, como o uso de janelas perspectivadas e a "concepção comprimida do espaço interior" (MOREIRA, Rafael, 1981, p. 98).

A Ermida de Nossa Senhora da Conceição possui planta composta, constituída por um retângulo perfeito dentro do qual se insere uma cruz latina. O transepto, coroado por uma cúpula, salienta-se ligeiramente do corpo da igreja, e a capela-mor é rematada por eirado e guarita cilíndrica. Coberturas diferenciadas em telhados de 2 águas nas naves, transepto rematado ao centro por cúpula, apresentando no fecho um pináculo e capela-mor por terraço, em cujo ângulo um cupulim coroa a escada de acesso; cúpula e terraço rematados por platibanda vazada com acrotérios nos cunhais, encimados por pináculos. Na platibanda que coroa a cobertura da capela-mor insere-se uma pequena sineira em arco de volta perfeita. A fachada do edifício, rematada lateralmente por pilastras jónicas, tem ao centro um portal reto sem decoração rematada por frontão triangular delimitado por friso, aberto no tímpano por óculo semi-circular, fechando no vértice por cruz latina em pedra sobre plinto; é ladeado por janelas retangulares perspectivadas, assentes em mísulas decoradas com volutas; estas janelas são rematadas por frontões triangulares semelhantes àquele que coroa a fachada. O transepto é assinalado exteriormente, nos alçados norte e sul, por frontões triangulares, e ao longo das fachadas as janelas retangulares, iguais às da fachada principal, marcam os tramos interiores. No alçado sul rasga-se uma porta de moldura retangular, encimada por uma das janelas da nave. Interiormente, a igreja está dividida em três naves, definidas por colunatas coríntias, e possui três tramos separados por arcos torais. Sobre o entablamento das colunas assenta a abóbada de berço decorada por motivos geométricos e florões, coroada na zona do cruzeiro por abóbada em barrete de clérigo; Os braços do transepto possuem extensões laterais que criam um espaço semelhante às naves da igreja. Os arcos abertos em cada topo poderão ter sido edificados para albergar as sepulturas de D. João III e de D. Catarina. O transepto é também coberto



por uma abóbada decorada com motivos geométricos e florões, cujos cantos assentam em quatro mascarões grotescos, "demónios personificação dos rios do Hades, que chorando, como os 2 do lado da nave, ou com um ar de indignação e espanto, como os dois encostados ao arco triunfal, exprimem a tristeza e horror do mundo subterrâneo ante a morte do Rei." (MOREIRA, Rafael, 1981, p. 99). A decoração dos capitéis inseridos na zona do transepto e da capela-mor mostra um conjunto de símbolos de sentido funerário, como as caveiras que remetem para a morte, ou a fénix, símbolo da ressurreição, definindo um programa iconográfico de vocabulário humanista perfeitamente unificado com a estrutura arquitetónica, formando "uma unidade lógica e orgânica que transmite a mesma mensagem de triunfo sobre a morte e de glorificação da instituição real"(MOREIRA, Rafael, 1981, p. 99). O programa decorativo demonstra um conhecimento da linguagem clássica e uma atualização teórica por parte de João de Castilho, que se verifica no modelo de capitéis utilizado, inspirados na obra *Medidas del Romano* de Diego de Sagredo, publicada pela primeira vez em Portugal em 1541. Para além disso, a estrutura do templo reflete o conhecimento do arquiteto régio sobre os modelos funerários romanos e os pensamentos albertianos que destinam o lugar do monarca a uma "acrópole" situada entre a Cidade dos Homens (a vila de Tomar, que a ermida domina, devido à sua localização) e a Cidade de Deus (o Convento de Cristo). A capela-mor é composta por ábside em nicho semi-cilíndrico, rematado por concha em quarto de esfera, antecedida por um tramo abobadado, para a qual abrem 2 pequenas capelas. Pavimento com algumas pedras sigladas (1).

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI - 1535, c. de - início da construção durante o priorado de Frei António de Lisboa; 1573, c. de - conclusão da obra durante o priorado de Frei Basílio; 1711 - Fr. Agostinho de Santa Maria faz referência à Ermida de Nossa Senhora da Conceição, no "Santuário Mariano(...)"; 1848 - data incisa numa lápide comemorativa referente a restauros efetuados na igreja.

Referências bibliográficas:

KUBLER, George, SORIA, M., *Art and Architecture in Spain and Portugal - 1500 to 1800*, Harmondsworth, 1959; COELHO, Maria da Conceição Pires, *A Igreja da Conceição e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo em Tomar*, Santarém, 1987; MOREIRA, Rafael, *A Ermida de Nª Sª da Conceição, mausoléu de D. João III*, Boletim Cultural e Informativo da CMT, nº 1, Tomar, 1981; PDM 1994; SERRÃO, Vítor (2002). *História da Arte em Portugal - o Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa; MARREIROS, Luís Soromenho (2003). *Intervenção de recuperação da Ermida de Nossa Senhora da Conceição em Tomar*. Património Estudos. Lisboa; BORGES, Inês da Conceição do Carmo, *A Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Tomar*, Texto policopiado, (Seminário : "Arquitectura e Renascimento") Mestrado em História da Arte da FLUC, Coimbra, 2006; CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2009). *A Arquitectura "ao Romano"*. Vila Nova de Gaia.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>

VALORAÇÃO



Inserção Paisagística: Muito Elevada	Estado de Conservação: Muito Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Muito Elevado	Raridade: Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevado	



Nº 217. CASA DA QUINTA DA GRANJA

Localização: Estrada Municipal n.º 526 (Estrada do Prado), Pedreira.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.627978 Longitude: -8.403884 Altitude: 75 metros;
CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de Além da Ribeira e Pedreira

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 2/96, Diário da República n.º 56 de 6 de Março de 1996.

Propriedade: Pessoa Singular

Caracterização: Arquitetura residencial e agrícola, maneirista. Habitação monacal com características rurais. Construções agrícolas anexas: pombal, nora e lagar de azeite. Funcionava como casa de lazer e repouso dos freires da Ordem de Cristo.

Planta composta por 2 corpos de diferentes épocas, de planta retangular, separados por cunhais, com remates piramidais. Volumes articulados com cobertura em telhado único de 4 águas. O corpo mais antigo, do lado este, mostra 2 registos separados por moldura em cantaria, com marcações verticais nos 2 extremos, definidas por pilastras com remates, na fachada sul. A fachada este apresenta um 1º registo cego, contrafortado por 2 muros com volutas, um 2º registo rasgado por *logia* com balaustrada, com arcadas duplas nos 2 corpos laterais, rodeando uma janela serliana no corpo central, encimado por 3º registo com janela de balaústres, ladeado por volutas e coroado por vieira. Interiormente a um 1º piso destinado a funções agrícolas sobrepõe-se a área residencial, com um corredor largo virado para a fachada sul por 8 janelas, para o qual se abrem 8 celas, comunicando com as salas do lado norte, através da varanda. Nestas divisões destaca-se o programa decorativo, composto por vários painéis de azulejos, cuja execução se poderá datar entre 1619 e 1626 (SIMÕES, 1971, p. 168), estando algumas salas decoradas com azulejos de caixilho azuis e



brancos, e outras divisões com azulejos *ponta de diamante*. A escadaria que permite o acesso ao andar nobre possui, igualmente, um rodapé com azulejos de caixilho, e na Casa da Granja existe ainda um curioso fogão "azulejado" (SALEMA, 1989, p. 95). Do lado norte existe uma divisão retangular, a antiga capela, com acesso direto pela escada principal. Dependências rurais - do lado sul do edifício da Quinta da Granja ergue-se o POMBAL, de planta circular, rematado por cúpula e rasgado por 2 vãos retangulares de moldura lisa. A NORA assenta numa plataforma elevada, com contrafortes laterais. O LAGAR de azeite, a este do edifício da Quinta, está praticamente destruído, já sem cobertura e com paredes a ameaçar ruína; do equipamento resta apenas um moinho de galgas com 2 mós verticais. Desconhece-se a data exata em que a Quinta da Granja foi fundada, sabendo-se apenas que no início do século XVI esta propriedade rural já existia, tendo sido doada à Ordem de Cristo em 1531. Entre esta data e o ano de 1543 o prior do Convento de Cristo, Frei António de Lisboa, aumentou a área da quinta, mandando construir no local um "assento de casas com oratório" que passaram a servir de casa de repouso aos freires de Tomar (ROSA, 1971, pp. 241-242). Estas casas quinhentistas foram reformadas no primeiro quartel do século XVII, durante o priorado de Frei António Moniz. A campanha de obras, realizada entre 1617 e 1626, englobou a reconstrução do edifício principal aproveitando a estrutura primitiva, e desta forma aquele passou a ter dois corpos distintos, que formam uma planta retangular.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI/ XVIII

1531 - doação à Ordem de Cristo da Quinta da Granja; 1531 – 1543; Frei António de Lisboa, prior do convento de Tomar, por escambos e compras acrescenta o património fundiário da Quinta, mandando construir "um assento de casas com oratório" (Anais, p. 241 / 242, Tomar, 1971); 1617 - 1626 reconstrução do edifício, durante o priorado de Frei António Moniz. (Jana, p. 416); séc. XVIII - acrescento do corpo do lado oeste.

Referências bibliográficas:

Anais do Município de Tomar, vol. VII, 1454 - 1580, Tomar, 1971; SIMÕES, J. M. dos Santos (1971). Azulejaria em Portugal no século XVII. Lisboa; SALEMA, Vasco da Costa (1989). Os azulejos e a capela da Casa da Granja. Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nº 11/12, 1989. Tomar; JANA, Ernesto, O convento de Cristo em Tomar e as obras durante o período filipino, tese policopiada, Fac. Letras, Lisboa, 1991, PDM 1994; CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2009). A Arquitectura "ao Romano". Vila Nova de Gaia.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3410

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Muito Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevado	Raridade: Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	



Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 218. ARCO DAS FREIRAS

Localização: Rua de Santa Iria

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604330 Longitude: -8.410134 Altitude: 54 metros;
CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 35 532, Diário do Governo n.º 55 de 15 de Março de 1946.

Proprietários: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: De entre as inúmeras edificações arcaicas existentes em Tomar, sobressai o "Arco das Freiras", lançado sobre a atual Rua de Santa Iria para ligar o antigo edifício do convento do mesmo nome - de Santa Iria -, regido pela observância de Santa Clara (GUILHERME, 1982, p. 30), e o antigo Palácio de Frei António de Lisboa (FRANÇA, J.-A., 1994, p. 84). Não obstante, a sua edificação inicial visou a interligação da primitiva área conventual à sua esfera de expansão, ocorrida ainda no século XVI. Suportando um passadiço de planta retangular, de construção robusta, o arco pleno, de consideráveis dimensões, apresenta intradorso composto de blocos aparelhados de cantaria. Toda a estrutura é reforçada por contrafortes laterais, sendo coberta por telhado de duas águas. Nos alçados exteriores é possível observar a zona onde passa o corredor, demarcada da área do arco, propriamente dita, por cercadura em cantaria, como de cantaria são os vãos que molduram as frestas retangulares rasgadas no mesmo corredor (A. Martins).

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVI

Referências bibliográficas:

PROENÇA, Raul (1924). Guia de Portugal. Estremadura, Alentejo, Algarve. Lisboa.

ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; GUILHERME, Pe. José (1982). Santa Iria - influências da escola renascentista coimbrã em Tomar. Boletim Cultural e Informativo da



Câmara Municipal de Tomar, nº 4, 1982, pp. 11-57. Tomar; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa; PDM 1994.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 219. CORPO DO EDIFÍCIO ONDE SE ENCONTRA O PEGO DE SANTA IRIA

Localização: Rua Marquês de Pombal

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604485 Longitude: -8.410555 Altitude: 56 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público Decreto n.º 35 532, Diário do Governo n.º 55 de 15 de Março de 1946.

Caracterização: A chamada Casa do Pego é um corpo saliente que integra o Convento de Santa Iria, constituindo a ala poente da casa conventual. Segundo a tradição local, a casa foi edificada no pego do rio Nabão (ou seja, o ponto mais fundo do leito do rio), o local onde Santa Iria terá sido assassinada. A casa foi construída no segundo quartel do século XVI, quando o edifício do convento foi reconstruído e ampliado por ordem de Pedro Moniz da Silva, numa obra executada por uma oficina coimbrã. Dividindo-se em dois registos, o edifício possui diversas janelas de peito dispostas de forma irregular. No cumbral, ao nível do piso superior, foi rasgado um nicho onde se encontra colocada a imagem de Santa Iria, em pedra de Ançã, de linhas eruditas e modelo clássico. Devido à sua saliência em relação ao corpo principal da casa conventual, a Casa do Pego forma no canto inferior junto ao rio uma espécie de pátio com cisterna, cujas paredes são forradas por azulejos enxaquetados azuis e brancos.



Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVI

Referências bibliográficas:

GUIMARÃES, Vieira (1927). Thomar - Santa Iria. Lisboa; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 220. PARTE DO ANTIGO CONVENTO DE SANTA IRIA, COMPREENDENDO A IGREJA

Localização: Rua Marquês de Pombal, n.º 61 a 77 (Antiga Rua Larga); Rua de Santa Iria n.º 8 a 10-A.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604480 Longitude: -8.410324 Altitude: 56 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público Decreto n.º 35 532, Diário do Governo n.º 55 de 15 de Março de 1946; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 231 de 3 de Outubro de 1946 (Já com trechos classificados pelo Decreto de 11 de Julho de 1920 sob o nome de Capela de Santa Iria Portal e capela lateral).

Proprietários: Pessoa singular, Pessoa colectiva e Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: EDIFÍCIO CONVENTUAL: Planta retangular irregular, composta por dependências adossadas ao claustro, justapostas e interligadas em volumes articulados



constituído pelo espaço do antigo convento composto pelo corpo do pego, dependências habitacionais, dependências que servem de adega, cocheira, celeiro e armazém, com parte adossada a Este à Igreja e ao Café de Santa Iria.

IGREJA DE SANTA IRIA: Planta longitudinal, composta pelos rectângulos da nave, Capela-mor, esta de menores dimensões, sacristia adossada a sul, e pela Capela lateral dos Vales, adossada ao corpo da igreja, e claustro, ambos de planta quadrangular. Massas articuladas com cobertura diferenciada de duas águas. Fachada principal a norte, de pano único, rasgada pelo portal, janela de moldura lisa e outra de moldura renascentista na nave; portal de arco de volta perfeita, com medalhões nas enjuntas, rematado lateralmente por pilastras, com relevos renascentistas, assente em pedestais, sustentando uma arquitrave; sobre esta, 2 urnas com fogaréus, na continuação das pilastras, um frontão, ladeado por 2 grifos e terminando numa vieira, com uma cartela com a data de 1536 no tímpano.

CAFÉ DE SANTA IRIA: espaço de planta retangular, adossado do lado oeste à Igreja de Santa Iria, e a sul a casa de habitação mais elevada, e a uma parte de uma dependência do Convento (armazém), de 2 pisos, com cobertura em telhado de 4 águas e remate em beiral simples saliente, com paredes em alvenaria.

AZULEJOS: A nave da Igreja possui um revestimento de azulejos policromos de tapete do início do séc. XVII, mais propriamente de 1610, com módulo 2 x 2 de ponta de diamante, e cercadura dente de lobo. A Capela dos Vales contém dois tipos de padrões de azulejos policromos de tapete do séc. XVII (1640) nas paredes laterais. O padrão que vai do rodapé até à cornija, ao nível das mísulas, tem como esquema dois centros de rotação, com cercadura de motivos florais. Daí para cima o revestimento é efectuado por azulejos de esquema 4 x 4/2, com grandes centros de rotação e lançarias com cercadura de motivos florais e geométricos. Na parte lateral do retábulo, o mesmo tipo de padrão. A Capela-mor tem um revestimento de azulejos policromos de tapete, datados de 1630, módulo 2 x 2, esquema de lançarias com a cercadura representando pequenos anjos e urnas floridas. No terraço do pego de Santa Iria e nas floreiras, existe uma decoração azulejar enxaquetada azul e branca de meados do séc. XVI, em lisonja com friso de 1/3 de azulejo, também azul. Os bancos adossados às paredes estão revestidos de azulejos enxaquetados de branco e verde.

O Convento de Santa Iria começou por ser um recolhimento de senhoras devotas fixado no centro da cidade de Tomar, junto à margem do Nabão. Foi em 1467 que D. Mécia Queiroz, viúva de Pero Vaz de Almeida, vedor da fazenda do Infante D. Henrique, comprou o "sítio" de Santa Iria, mandando construir no local uma casa e respectiva capela, onde se recolheu com as filhas (GUILHERME, 1982, p. 30). Em 1523, a pedido de uma das filhas da fundadora, o recolhimento passou a ser regido pela observância de Santa Clara (idem, ibidem). Em 1536 a capela e a casa do recolhimento foram reconstruídas e ampliadas a expensas de Pedro



Moniz da Silva, comendador da Ordem de Cristo, reposteiro-mor de D. Manuel e mordomo-mor do Cardeal D. Henrique. Data pois desta época a magnífica obra de gosto renascentista, decorrente dos modelos da chamada escola da *Renascença coimbrã*, possivelmente uma obra da oficina de João de Castilho, que na época trabalhava nas obras do Convento de Cristo (FRANÇA, 1994, p. 84). De planta rectangular, composta pelos volumes da nave, da capela-mor, da sacristia e da capela dos Vales, adossada lateralmente, a Igreja de Santa Iria apresenta a fachada principal disposta longitudinalmente rasgada pelo portal "de cuidado tratamento escultórico" (Idem, ibidem, p. 83) decorado com relevos de motivos de *grutesco* e com medalhões no extradorso, que ostenta no tímpano a data 1536, alusiva à reedificação do templo, e por uma janela edificada ao lado do portal, com moldura semelhante. O espaço interior é composto por uma única nave, sendo ornamentado por um programa decorativo totalmente executado no século XVII, custeado por D. Vitória de Vilhena, neta de Pedro Moniz da Silva, que em 1610 "(...) mandou reedificar, ornar e pintar a ouro (...)" o interior da capela (GUILHERME, 1982, p. 30). A nave é coberta por tecto de caixotões pintados com ornamentos de *brutesco*, e as suas paredes são forradas com azulejos de tapete de "ponta de diamante". O espaço da capela-mor é coberto por abóbada, também pintada, aqui com figuração em *trompe l'oeil*. As pinturas que ornamentam a cobertura de ambos os espaços é atribuída ao pintor Domingos Vieira Serrão (FRANÇA, 1994). Do lado da Epístola situa-se a Capela dos Vales, mandada edificar em meados do século XVI por D. Miguel do Vale e dedicada primitivamente ao Senhor Jesus. O modelo renascentista desta particular atribui-se ao risco de uma oficina coimbrã, possivelmente a João de Ruão (Idem, ibidem, p. 84). O claustro do convento, também edificado durante a campanha de obras quinhentista, desenvolve-se em planimetria quadrangular, com arcada toscana encimada por galeria com capitéis da mesma ordem. Depois da extinção das ordens religiosas em 1834, o convento foi vendido em hasta pública, tendo tido desde então diferentes proprietários que utilizaram a estrutura edificada para os mais diversos fins. Actualmente, existe um projecto da edilidade local para transformar o antigo convento numa pousada histórica.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. VII - a patrologia do séc. XII assinala um convento nas imediações e no local onde hoje existe a Igreja de Santa Iria; 640 - fundação por São Frutuoso, Arcebispo de Braga, de dois mosteiros: um dos frades beneditinos, no local onde se situa a Igreja de Santa Maria do Olival e outro de religiosas onde mais tarde foi construído o Convento de Santa Clara, posteriormente de Santa Iria; 653 - governação da Nabância pelo Conde Castinaldo, pai de Britaldo, o jovem que terá mandado matar Iria, em 20 de Outubro, no local onde segundo a tradição se situa o Pego de Santa Iria, lançando-a ao rio tendo o corpo aparecido na atual Ribeira de Santarém, onde tem uma imagem sobre pedestal, no local



onde apareceu. Iria era filha de Ermenegildo, descendente de Visigodos, e de Eugénia, descendente de romanos, sendo confiada aos cuidados de suas tias, Casta e Júlia, recolhidas ou professoras no Convento; 1317 - existência de uma Capelinha de Santa Iria, mandada erigir sobre os túmulos de Casta e Júlia; 1467 - D. Mécia Vaz Queiroz (viúva do antigo vedor da fazenda do infante D. Henrique Pêro Vasques de Almeida) e suas filhas Maria, Brites e Marta de Almeida compram o sítio de Santa Iria, mandando construir casas e capela onde se recolhem (no local onde antes existiu uma capelinha ou mosteiro que tinha ardido); 1482 - reconhecimento do Recolhimento da Santa Iria pelo Prior de Tomar, D. Pedro, a pedido de Marta de Cristo (Marta de Almeida); 1523 - 27 de Outubro, o recolhimento de freiras clarissas de Santa Iria passa à observância franciscana, a pedido de D. Marta de Almeida, seguindo as regras de Santa Clara (existiam 15 freiras, em 1540 existiam 20, e anos mais tarde, 36), foi nomeada abadessa Mécia da Silveira, do Convento de Santa Clara da Guarda; 1536, c. de - reconstruída e aumentada a primitiva capela por Pedro Moniz da Silva, irmão de Frei António de Lisboa, Dom Prior do Convento de Tomar (de acordo com a lápide da Capela-mor e com a data inscrita na porta principal); 1550, c. de - construção da Capela dos Vales, encomendada por Miguel do Valle; 1555 - 26 de Novembro, grande cheia que aluiu várias casas do Convento. As freiras vendem casas nobres que pertenciam ao Convento, a D. Isabel de Magalhães, que deixou a seu sobrinho Lourenço do Valle e depois, se incorporaram no Convento de Santa Iria; 1610 - D. Vitória de Vilhena, neta de Pedro Moniz, manda decorar a Capela-mor (pintura dos tetos e douradura); 1632 - morte do pintor tomarense Domingos Vieira Serrão (atribuição das pinturas decorativas do tecto), sepultado no pavimento da nave; 1719 - 21 de Abril, por escritura incorporam-se no Convento duas moradias de casa, com um pedaço da Cerrada de João do Coito; 1775 - era Madre do Convento Sórora Felizarda Teresa de Jesus; 1791- era Madre do Convento das Religiosas de Santa Iria, D. Rita de Meneses Vasconcelos; 1810 - alegam-se prejuízos causados pelas tropas francesas de Massena; 1835 - morre a última freira do Convento; 1836 - o Convento de Santa Iria foi vendido em hasta pública a Nepomuceno de Freitas, que realizou grandes obras. Estas obras fizeram desaparecer os túmulos de Casta e Júlia; 1837 - a Igreja é adquirida por Thomé Rodrigues da Silva e seus descendentes; 1842 - 1 de Fevereiro de (lista nº 131 do D.G.), o Convento e a Igreja são postos em hasta pública, tendo sido vendidos em 20 de Dezembro a Thomé Rodrigues da Silva; terão a partir daqui vários proprietários e várias utilizações: armazém, hospedaria, fábrica de lanifícios de "mantas de cordão de lã e alforges" fundada por José António Nunes da Covilhã então pertença de D. Maria da Conceição Rodrigues Faria e Silva, e ainda Casa Bancária Pinto de Magalhães; a casa do capelão das freiras (atual edifício do Café de Santa Iria) foi vendida pelo filho de Thomé R. da Silva a Daniel Ribeiro dos Santos; 1872 - em sessão camarária, o vereador Macedo, tendo conhecimento de que se ia vender, em praça, a Igreja do extinto Convento



de Santa Iria, pertencente ao menor Luís Rodrigues da Silva, filho de D. Maria C. R. F. e Silva, propõe a respetiva aquisição pela Câmara Municipal; 1877 -a Igreja do extinto Convento já vendida, ao Arq. José Maria Nepomuceno que a pretendia restaurar o que nunca veio a acontecer. A sua viúva remove, para venda, alguns azulejos da parede oeste da nave; 1897 - após a morte de Nepomuceno a igreja é comprada pela condessa de Sarmento, passando depois ao sobrinho, João do Valle Mexia; séc. XIX, finais do - a Igreja de Santa Iria teria já o aspeto actual. A janela renascentista, existente na fachada, encontrava-se anteriormente no coro alto, que foi cortado, tendo sido deslocada um pouco mais para a direita. Foi igualmente inutilizada parte do teto em caixotões, com ornamentos picturais de séc. XVII.

Referências bibliográficas:

SOUSA, João Maria, Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar, Thomar, 1903; GUIMARÃES, Vieira (1927). Thomar - Santa Iria. Lisboa; Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, Vol. I, Tomo II, Tomar, 1961; GONÇALVES, António Nogueira, A Igreja de Atalaia e a primeira época de João de Ruão, Coimbra, 1974; BORGES, Nelson Correia, João de Ruão escultor da Renascença, Coimbra, 1980; GUILHERME, Pe. José, Santa Iria - influências da escola renascentista coimbrã em Tomar, Boletim Cultural e Informativo, nº 4, Tomar, 1982; SALEMA, Vasco da Costa, Iconografia de Santa Iria, in, Boletim Cultural e Informativo, nº. 8 / 9, Tomar, 1985; CONDE, Manuel Sílvio Alves, Tomar Medieval o Espaço e os Homens, Lisboa 1988; ROSA, Alberto de Sousa Amorim, História de Tomar, vol. I, Tomar, 1988; COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar - Perspectivas, Tomar, 1991; SILVA, Jorge Henrique Pais da, Páginas de História da Arte, vol. I, Lisboa, 1993; PDM 1994; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa. Monumentos, n.º 12, Lisboa, DGEMN, 2000; CASTRO, Francisco do Valle de - «A Igreja de Santa Iria em Tomar» in Invenire Revista de Bens Culturais da Igreja. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, julho - dezembro 2013, n.º 7, pp. 28-32;

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3997

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Médio

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro





Nº 221. EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO

Localização: Praça da República

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603477 Longitude: -8.415521 Altitude: 64 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 37 077, de 29 de Setembro de 1948; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 13 de 16 de Janeiro de 1947.

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Edificadas no início do século XVI, as "Casas da Câmara" de Tomar situam-se no largo fronteiro à Igreja de São João Baptista, onde na época henriquina se realizava a feira local (FRANÇA, 1994, p. 95). Alguns anos depois, o "inventário de 1542" refere os Paços do Concelho e a sua "(...) grande sala ornada, de pedra e cal, com suas janelas de pedraria e portais necessários para servir de Câmara (...)" (Idem, ibidem). Embora a edificação deste conjunto date dos primeiros anos da centúria de quinhentos, a sua estrutura não apresenta qualquer elemento de gosto manuelino, uma vez que na segunda metade do século XVI o modelo dos Paços do Concelho foi totalmente refeito segundo um projecto maneirista, que em muito se inspira no modelo das *igrejas-salão*.

Edifício de planta rectangular; volume simples com cobertura em telhado de 4 águas. 3 pisos delimitados por molduras; nos alçados este e oeste, existem 3 panos separados por pilastras; o pano central, de maiores dimensões é rasgado por 3 grandes arcadas, no 1º e 2º pisos da fachada principal, por 7 arcos a meio ponto em cada um dos 3 registos da fachada contrária; no último andar da fachada principal rasgam-se janelas de sacada, rematadas por frontão liso saliente, nos 3 corpos da fachada principal, janelas de peitoril nos alçados laterais. As 3 grandes arcadas da fachada principal dão acesso a um átrio, coberto por abóbada de cruzaria de ogivas, alternando com abóbadas de berço, de onde sai a escadaria, que depois de um primeiro patamar se subdivide em 2 lanços divergentes, conduzindo ao andar nobre. Neste destaca-se o grande salão nobre com teto em masseira, abrindo-se por janelas de sacada para a praça.

O pelourinho existente em frente aos Paços do Concelho, símbolo do poder judicial concelhio, foi retirado em meados do séc. XIX.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI - XVIII

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; PDM 1994; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>



http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevado	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 189. CERCA DO CONVENTO DE CRISTO / MATA NACIONAL DOS SETE MONTES

Localização: Envolvente do Convento de Cristo

Acesso: No caminho pedonal, em direção à Torre da Condessa

Coordenadas Geográficas: (Silos islâmicos) Latitude: 39.601990 Longitude: -8.417811 Altitude: 90 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 28 536, Diário do Governo n.º 66 de 22 de Março de 1938; ZEP, Diário do Governo n.º 265, de 14 de Novembro de 1946.

Proprietário: Estado Português

Caraterização: Foram identificados diversos vestígios que atestam, pela primeira vez, a existência de uma efetiva ocupação islâmica do morro do castelo, o que contraria a ideia de que o castelo de Tomar foi construído de raiz por Gualdim Pais, Mestre da Ordem dos Templários. Neste sentido foi identificada uma estrada de terra batida, ou de sulcos que do Centro Histórico se dirigia ao morro do Castelo, passando pela encosta sul e que iria desembocar no local onde mais tarde seria construída a Porta do Sangue e as muralhas do Castelo Templário. Por cima desta ocupação islâmica e desta estrada de sulcos, a calçada da Porta do Sangue torna-se mais compacta e consistente, com a sua construção em pedras de calcário de média dimensão. Terá a sua data de construção em momento simultâneo ou ligeiramente posterior à construção da Porta do Sangue. O achamento de algumas moedas medievais é disso prova clara. Grande parte do movimento far-se-ia por aqui, pois o primitivo burgo medieval situava-se no interior do castelo e "fora de muros", a par



do arrabalde situado à beira do rio, junto à Ponte Velha, onde há notícias de casas, já no séc. XII, na Corredoura (ROSA, 1972, p. 46). Com a construção do Convento de Cristo, apesar do núcleo habitacional do Castelo ter diminuído e acabar por ser extinto, o movimento não deixou de ser menor, o que provocava, com as obras do convento, a degradação dos pisos das estradas. Foi ainda detetada uma segunda calçada, por cima da calçada medieval, já muito danificada pelo uso. Para além do piso foram construídos muros laterais para sustentar as barreiras de margas calcárias, associados a algumas moedas dos sécs. XV/XVI. Sobre estes derrubes e calçada foi, posteriormente, talvez no séc. XVII/XVIII, construída uma calçada em espinha, com pedras de calcário fincadas ao alto, que se encontra hoje bastante destruídas, só restando alguns troços mais ou menos bem conservados.

Só no século XVI o espaço da cerca foi organizado. Durante o reinado de D. João III, Frei António de Lisboa ficou encarregue de dirigir a reforma religiosa que o rei pretendia encetar no cenóbio tomarense. Uma das medidas práticas do reformador foi comprar todas as propriedades que envolviam o espaço conventual, nomeadamente olivais, matas, vales e terras agrícolas que constituíam o chamado Cerco da Riba Fria. Desta forma, o Convento de Cristo passou a dispor de um espaço verde fechado de grandes dimensões, que permitia a clausura e fixação dos monges no local, através de um lugar que permitia o recolhimento e a oração em comunhão com a natureza, bem como a exploração agrícola do espaço por parte da comunidade conventual. A partir de então, este espaço ficou conhecido como "Olivais dos Sete Montes" e no seu perímetro foi edificado nos finais do século XVI um aqueduto que permitiu o abastecimento do convento e a planificação de sistemas de rega para o espaço agrícola. Depois da extinção das Ordens Religiosas, as propriedades da Ordem de Cristo foram vendidas em hasta pública, constando entre elas a Cerca do Convento de Cristo, adquirida em 1838 por António Costa Cabral. No ano de 1936, o 3º Conde de Tomar, seu neto, colocou o convento e a cerca à venda, tendo estes sido adquiridos pelo Estado. Em 1938 o espaço da cerca foi transformado em parque florestal, e em 1986 foi integrado no Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, passando a partir de então a ser designado como Mata dos Sete Montes. No espaço da Cerca do Convento de Cristo destaca-se o fato de a planimetria e estrutura quinhentista original se manter intacta, pelo que é possível reconstituir o carácter intimista e de recolhimento do local. Persistem também alguns elementos arquitetónicos dos séculos XVI e XVII que orientavam a disposição original da rede de rega. De entre as edificações existentes no interior da cerca, a de maior interesse é sem dúvida a Charolinha, uma casa de fresco edificada como uma "(...)fábrica bramantina no centro de um lago, com a sua cúpula rodeada de pilastras jónicas (...)" (FRANÇA, 1994, p. 73), e que se assemelha a um *tempietto*.



Tipo de Sítio: Arquitetura civil (cerca), Povoado e Via.

Cronologia: Medieval Islâmico, Medieval Cristão e Época Moderna.

Séc. XVI - O local da "Horta dos Frades" originalmente de pendente descendente, é convertido num terraço; 1439 - surge pela primeira vez, num registo da ordem, a designação do vale da cerca como Riba Fria; 1529 - registo do escrivão da Ordem sobre a vastidão da cerca e da operação imobiliária que a consumou " E houve o dito Frei António para o dito convento todas as propriedades de olivais e terras de pão, cerradas, matos, montes e vales que se incluem no Cerco da Riba Fria que está a conjunto da banda à Cerca do dito Convento, o qual está todo cercado de parede de pedra e cal com altura de braça e meia, e começa na banda do Norte do dito Convento (cerca). "Para isso fez muitas trocas de propriedades da Ordem com os seus donos, para assim ficar tudo pegado"; 1590 - Um registo da Ordem referencia os "Olivais dos Sete Montes que ficam dentro da Cerca que se fez de novo; 1595 - início da construção do aqueduto; 1614 - o aqueduto chega à cerca terminando num tanque de rega, que terá permitido dispor de água para uma utilização extensiva e intensiva deste espaço agrícola, de recreação espiritual e lazer (de monges e hóspedes) em todas as estações do ano; 1617 - prolongamento do aqueduto, pela cerca até ao convento; séc. XVII/meados do séc. XVIII - a cerca foi exclusivamente lugar de lazer e recolhimento, no meio da natureza; séc XVIII, 2º quartel - a cerca assume um carácter de quinta; 1767 - a cerca é arrendada a um morador de Tomar por cento e cinquenta alqueires de azeite; 1834 - a extinção das ordens religiosas implica o abandono do convento que é integrado nos bens da coroa; 1837, 9 de Novembro - data do Diário do Governo nº 265 onde é anunciada uma lista de propriedades da Ordem de Cristo que serão postas à venda em 4 de Maio do ano seguinte. Nesta lista consta a Cerca do Convento de Cristo, denominada dos "Sete Montes". Foi à praça por cinco mil reis; 1838 - António Costa Cabral, futuro Conde de Tomar, compra em hasta pública parte do convento, as hortas e pomares delimitados pelas muralhas do castelo a sul do convento e a cerca; 1874 - gravura em que se vê vista sobre o terreiro da igreja onde o espaço era dividido em grandes canteiros quadrangulares nos quais estavam alinhadas arvores caducifólias; 1898 / 1934 - obras de desaterro e terraplanagem para o jardim.

Espólio: Fragmentos cerâmicos: cerâmica pré-histórica, e cerâmica do período Medieval (islâmico e cristão) e Moderno, moedas do período Medieval (islâmico e cristão).

Local de depósito: DGPC

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa; BARBOSA, Álvaro, GRAÇA, Isabel, MATEUS, João (1998). Cerca do Convento de Cristo e Mata dos Sete Montes. Tomar; BATATA, Carlos (2010). Relatório final da intervenção arqueológica no âmbito do projecto de Arranjo urbanístico da envolvente ao Convento de Cristo - percurso da Mata dos Sete Montes. Relatório Aprovado.

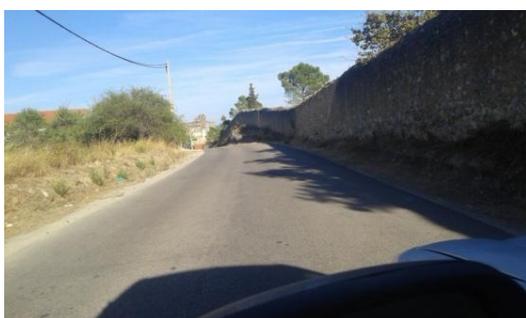


<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>
www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2067

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Nula	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Muito Elevado	Raridade: Muito Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico e placa sinalética



Nº 222. QUINTA DA ANUNCIADA VELHA / ANTIGO CONVENTO DOS CAPUCHOS

Outras denominações: Convento dos Capuchos, Convento do Pereiro

Localização: Cem Soldos, Madalena

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.595783 Longitude: -8.445688 Altitude: 94 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Madalena e Beselga

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Municipal, Decreto n.º 45/93, Diário da República n.º 280, de 30 Novembro de 1993. A classificação como VC foi convertida para IM nos termos do n.º 2 do art.º 112 da Lei n.º 107/2001, publicada no DR, I Série-A, N.º 209, de 8-09-2001, Decreto n.º 45/93, DR, I Série-B, n.º 280, de 30-11-1993.

Proprietário: Pessoa singular

CNS: 11473

Procs: S - 11473

Caracterização: Arquitetura religiosa, manuelina e maneirista. Convento franciscano capucho, cujos vestígios de uma primitiva construção se encontra no embasamento da casa de habitação, do lado sul e este, reconhecendo-se uma estrutura murária que faria talvez parte do antigo dormitório dos frades e o local do antigo claustro conventual franciscano, no actual pátio; capela conventual a norte do claustro, inicialmente coberta



por abóbada de nervuras manuelina, com arco triunfal já de proporções maneiristas. A "torre" de perfil e decoração manuelinos (cúpula esguia oitavada, torsais em remate), junto ao tanque e sobre a nascente, terá funcionado como oratório e casa de fresco, à semelhança da "Charolinha" integrada na Mata dos Sete Montes, em Tomar (Moreira, 1994, p. 60). O "obelisco" seria apenas um marco de posse ou de entrada, com paralelo em idênticos objectos situados no início da calçada do convento de Cristo (Ibidem, p. 61).

A Quinta tem grande interesse histórico - foi sede do 1º convento de capuchos na região, granja da Ordem de Cristo e propriedade do Conde de Tomar, sendo amplamente referenciada na documentação do séc. XVII ao XX. O túmulo dos fundadores da quinta, Isabel Teixeira e Antão de Figueiredo, retirado da capela conventual, está guardado no convento de Cristo em Tomar - na sua lastra inscrições em caracteres góticos e elementos decorativos de estilo manuelino-renascentista. O "obelisco" tem sido interpretado como base de um cruzeiro, como o túmulo de um bispo e ainda, segundo entendidos em cabala, como um símbolo fálico que obrigaria as forças telúricas a espalharem-se pelas vizinhas terras calcárias, fertilizando-as (França, 1989, p. 124). Na zona outrora ocupada pelo claustro, foram encontrados muitos vestígios de azulejos de faixa (para formar enxaquetados), de aresta, relevados, podendo ainda testemunhar-se exemplos de azulejos de padrão de ponta de diamante; foram igualmente encontradas faianças utilitárias seiscentistas e setecentistas e barros com decoração de engobes.

A intervenção arqueológica centrou-se no lagar e estruturas anexos, datados dos finais do século XII. Na capela manuelina da exploração agrícola, detetaram-se pré-existências: sala retangular com reboco pintado e pavimento argamassado anteriores ao século XVI.

Tipo de Sítio: Quinta, Lagar

Cronologia: Medieval Cristão e Época Moderna

1527 - doação de casas, igreja, pomares e fonte por Isabel Teixeira, viúva de Antão de Figueiredo, guarda-roupa de D. Afonso V, aos frades capuchos, que a adaptam às necessidades da comunidade religiosa; dessas adaptações fazem parte a "torre" e o tanque, o "obelisco" e a capela-mor da capela conventual; séc. XVI, finais - ampliação da capela-mor; 1629 - a comunidade franciscana troca a Quinta da Anunciada por terrenos junto ao convento de Cristo, onde a partir de 1645 constrói novo convento, conhecido como Anunciada Nova; 1836 - a Quinta é vendida, após a extinção das ordens religiosas, ao Padre Manuel Carrão, beneficiado da Sé Patriarcal de Lisboa; 1857 - António Bernardo da Costa Cabral, primeiro Conde e Marquês de Tomar compra a quinta.

Referências bibliográficas:

MONFORTE, Frei Manuel de, Crónica da Província da Piedade, Livro III, Lisboa, 1696; SANTIAGO, Frei Francisco de, Crónica da Santa Província de Nossa Senhora da Soledade, I, Lisboa, 1762; VITERBO, Sousa, Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a serviço de Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904, vol. II; TEIXEIRA, Garcês, A igreja do primitivo convento da Anunciada nos arredores de



Tomar, in Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, III, 1951; VITERBO, Francisco M. de Sousa, TEIXEIRA, Garcês (1951). A igreja do primitivo Convento da Anunciada nos arredores de Tomar. In Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. III, 1951. Lisboa. ROSA, Amorim, História de Tomar, Vol, 1, Santarém, 1965; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar, vol.1, 2ª ed., Santarém; FRANÇA, António Pinto da, FRANÇA, Sofia Pinto da (1989). Quinta da Anunciada Velha", in Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nº 13. Tomar; FRANÇA, António Pinto da (1991). Notas complementares à história da Quinta da Anunciada Velha. Boletim da Câmara Municipal de Tomar, nº 14, Tomar, Março de 1991, p. 143-149. Tomar; FRANÇA, Sofia Pinto da e FRANÇA, António Pinto da, Quinta da Anunciada Velha, Tomar, 1994; MOREIRA, Rafael, Relatório sobre a Quinta da Anunciada Velha, in Quinta da Anunciada Velha, Tomar, 1994; PONTE, Maria de La Salette da Silva Brito da (1997). Trabalhos Arqueológicos na Quinta da Anunciada Velha. Relatório Aprovado.

MACHADO, Adriano José Mendes (2013). Quinta da Anunciada Velha - antigo Convento Franciscano: estudo dos materiais de execução e proposta de intervenção. Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauro. Tomar.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3409

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Regular
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Médio

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 223. EDIFÍCIO DOS ESTAUS (TRECHOS ARQUITECTÓNICOS QUE RESTAM DO EDIFÍCIO)

Outras denominações: Trechos arquitetónicos que restam dos edifícios dos Estaus, incorporados nos prédios que fazem esquina da Rua Torres Pinheiro para a dos Arcos e a da Saboaria.

Localização: Praça Alves Redol, Rua dos Arcos e Rua da Saboaria



Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.602204 Longitude: -8.411880 Altitude: 90 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 35 532, Diário do Governo n.º 55 de 15 de Março de 1946.

Proprietários: Pessoa singular, Misericórdia, Câmara Municipal de Tomar

Caracterização: Albergaria gótica. Existem grandes semelhanças com os arcos do 1º piso do Claustro da Lavagem, do Convento de Cristo. As siglas existentes nas cantarias são as mesmas, tratando-se certamente de obras feitas pelos mesmos pedreiros (SILVA, s.d.). Existem 3 aduelas de arcos ogivais inscritos na fachada de casas na R. Torres Pinheiro, com vestígios de um pilar e pedestal; 3 outras aduelas e arranque de uma 4ª, inscritos em prédios da Rua dos Arcos, com vestígios de pilares e pedestais; no cunhal do prédio vêem-se ainda silhares de cantaria inscritos; arco completo do lado oposto da Rua dos Arcos, assente em pilares quadrangulares chanfrados nos cantos, apoiados em pedestais.

O edifício dos Estaus foi mandado edificar pelo Infante D. Henrique no primeiro quartel do século XV na então rua principal de Tomar, estando a sua fundação diretamente relacionada com a feira franca local. O objectivo destas "(...) edificações henriquinas era de proporcionar poiso aos feirantes que acorriam e a outros forasteiros, e ainda à criadagem dos Mestres da Ordem de Cristo e dos seus freires (...)" (FRANÇA, 1994, p. 92). Desta hospedaria medieval, que originalmente possuía dois corpos com arcadas que formava uma espécie de *loggia*, restam apenas alguns elementos estruturais, como os arcos ogivais de um dos edifícios dos Estaus que atualmente se encontram embebidos na caixa murário de um prédio, onde uma faixa ainda mantém a janela gótica original. Outros dois arcos quebrados, pertencentes ao segundo corpo do edifício, elevam-se isolados num jardim fronteiro. Sendo inicialmente administrados pela Ordem de Cristo, os Estaus passaram a ser arrendados no início do século XVI, sendo explorados pelos foreiros para habitação e comércio, e passando posteriormente para a alçada da Misericórdia (Idem, ibidem). Em meados do século XIX alguns dos seus alpendres eram ainda utilizados por ferradores, mas com o passar dos anos o que restava da hospedaria foi integrado na malha urbana da cidade.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XV, 1ª metade - construção dos Estaus a mando do Infante D. Henrique; 1549 - em relação feita pelo Dr. Pedro Álvares de Freitas (ROSA, 1965) são referidas as alpendradas "sobradadas", sob as quais os mercadores armavam as suas tendas, e os aposentos dos Estaus, por cima. A Rua de Christus (em 1549 já se chamava Rua dos Arcos) ficava a meio dos 2 blocos, com 16 arcos abertos dos 2 lados.

Referências bibliográficas:



SILVA, Eugénio Sobreiro de Figueiredo e, Os Estaus in Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. 4, s.d; ROSA, Amorim, História de Tomar, vol. 1, Santarém, 1965; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; DIAS, Pedro (2002). Manuelino. À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I. Lisboa; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2032

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Mau
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Muito Elevado	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 224. PADRÃO DE D. SEBASTIÃO

Outras denominações: Padrão sebástico

Localização: Avenida D. Nuno Álvares Pereira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.594730 Longitude: -8.407635 Altitude: 56 metros;
CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 42 692, Diário do Governo n.º 276 de 30 de Novembro de 1959.

Proprietário: Estado Português

Caraterização: Mandado construir pelo rei D. Sebastião, em ponto dominante da estrada que liga Tomar a Entroncamento, este padrão é um interessante marco histórico, relativamente pouco comum, uma vez que se trata de um dos primeiros padrões propagandísticos de melhorias em sistemas viários. Compõe-se de quatro parcelas organizadas de forma verticalizante. O primeiro registo - a base - é um plinto retangular regular, cuja face voltada à estrada ostenta legenda epigráfica comemorativa da construção: "HOC EXORSUDS / OPUS SUBPRIMO / REGE-SE BASTO / PRA (...) / ANNO XPO / NATO 1567". Os registos superiores correspondem a um progressivo adelgaçamento da



estrutura, com pedestal, fuste piramidal e remate em ábaco simples encimado por ligeiro coruchéu. A sua implantação a cerca de 1Km da vila, nas proximidades da Capela de São Lourenço, reforça a importância deste elemento como marco cultural a preservar, tendo em conta a relativa raridade deste tipo de realizações em época tão precoce. Com efeito, só no Iluminismo se polvilharam as estradas reais de marcos alusivos aos melhoramentos, adquirindo particular importância no nosso país os marcos das estradas do Antigo Termo de Lisboa, edificados no reinado de D. Maria I, de que restam ainda numerosos elementos.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVI - Erguido por ordem de D. Sebastião assinalando a muralha de consolidação da estrada Lisboa - Porto, construída por este Rei, com data de 1567.

Referências bibliográficas:

BARBOSA, Ignácio de Vilhena, As Cidades e as Vilas da Monarquia Portuguesa que tem brasão d'Armas, vol III, Lisboa, 1860; DIONÍSIO, Santana, Guia de Portugal - Estremadura, Alentejo e Algarve, vol II, Lisboa, 1927; LOPES, Flávio (coord.) (1993). Património Classificado - Arquitectónico e Arqueológico - inventário, vol. III. Lisboa, IPPAR.
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3377

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Nº 225. CAPELA DE SÃO GREGÓRIO

Localização: Estrada do Prado, junto ao Hotel dos Templários

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.606992 Longitude: -8.415098 Altitude: 61 metros;
CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais



Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 37 077, Diário do Governo n.º 228 de 29 de Setembro de 1948.

Propriedade: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Edificada no início do século XVI, a Capela de São Gregório é um pequeno santuário de planta centralizada, de estrutura octogonal rematada por cúpula, ao gosto renascentista. A nave é encimada por varandim, com remates nos vértices do octógono; a cobertura em cúpula é revestida a cimento, rematado por catavento com cruz; a sacristia é rematada por telhado prismático quadrangular. A capela-mor, de secção retangular, completa o edifício, e a esta adossa-se a sacristia, quadrangular. A fachada principal é precedida por galilé, assente sobre colunas toscanas de fuste liso. A porta é decorada com elementos manuelinos, semelhantes à decoração das janelas da Sala do Capítulo do Convento de Cristo. A nave e a sacristia são cobertas por cúpulas, e as paredes da nave são decoradas com dois painéis de azulejos, provenientes do Convento das Trinas de Lisboa, representando cenas da vida de São Gregório. Os painéis foram aqui colocados pela União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, que aqui criaram o seu museu. A capela-mor, coberta por abóbada de barrete de clérigo, possui cercadura de azulejos enxaquetados brancos com cercadura a azul. O altar é encimado por três nichos, um deles com a imagem do padroeiro; na nave existem, dos dois lados, painéis setecentistas, a azul e branco, representando um a missa de São Gregório, outro uma cena conciliar.

O orago, São Gregório Nanzianzeno, tem uma longa tradição de culto em Tomar, remontando à época em que Gualdim Pais trouxe da Terra Santa uma relíquia daquele santo, encaستoada em prata, guardada primeiro em Santa Maria dos Olivais, depois no Convento de Cristo.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI - 1º quartel - construção da capela, feita, segundo a tradição, à custa do povo; 1535 - gastos 600 reais no madeiramento (Anais, 1971).

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa; ROSA, Amorim, História de Tomar, vol. 1, Santarém, 1965; ROSA, Amorim (1971). Anais do Município de Tomar, vol. 7 - 1454-1580. Tomar; DIAS, Pedro (2002). Manuelino. À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I. Lisboa; DIAS, Pedro (2009). A arquitectura manuelina. Vila Nova de Gaia.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6288

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevado	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	



Medidas de Salvaguarda: Conservação e Restauro



Nº 226. AQUEDUTO DO CONVENTO DE CRISTO (TROÇO DOS PEGÕES)

Localização: Pegões Altos, Carregueiros

Acesso: Pela estrada que contorna o convento pelo lado norte e oeste, seguindo a E.N. de acesso a Pegões, com saída para a estrada dos Brasões.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.608570 Longitude: -8.440823 Altitude: 101 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: Carregueiros

Classificação/ Proteção: Monumento Nacional, Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910; **ZEP:** Portaria n.º 328/79, DR, I Série, n.º 155, de 7-07-1979 (com ZNA) (ZEP do troço de Pegões do aqueduto do Convento de Cristo). Edital de 29-06-1978 da CM de Tomar. Despacho de homologação de 3-03-1978 do Secretário de Estado da Cultura. Parecer favorável de 24-02-1978 da COISPCN. Proposta de 27-01-1978 da DGEMN. Despacho de homologação de 19-04-1977 do Secretário de Estado da Investigação Científica. Parecer de 1-04-1977 da 4.ª Sub-Secção da 2.ª Secção da JNE a propor a reanálise da proposta. Proposta de 9-11-1976 da CM de Tomar para a ZEP do Aqueduto dos Pegões. Portaria de 30-08-1946, publicada no DG, n.º 265, de 14-11-1946 (ZEP do mosteiro de Cristo, aqueduto e castelo de Tomar). **Zona "non aedificandi":** Portaria n.º 328/79, DR, I Série, n.º 155, de 07-07-1979, Portaria de 30-08-1946, publicada no DG, n.º 265, de 14-11-1946.

Proprietários: Estado Português

Caraterização: Canalização em pedra, coberta a laje, com cerca de 400 m de extensão assentes em arcaria, no total de 180 arcos de volta perfeita, que na zona de maior declive, sobre o vale de Pegões, assentam num conjunto de 16 arcos quebrados. Nas extremidades da estrutura foram edificadas duas mães d' água, rematadas exteriormente por cúpulas, e que no interior abobadado albergam uma larga bacia destinada à decantação das águas.



O aqueduto, reunindo a água de 4 nascentes distantes veio resolver um problema premente do convento, a falta de água, que até aí tinha sido resolvido pela construção de várias cisternas. É considerado uma das grandes obras de utilidade pública iniciada no séc. XVI, constituindo a mais notável obra de engenharia no país no setor de condutas de água da época.

O aqueduto do Convento de Cristo, ou dos Pegões, foi projectado no início do reinado de Filipe I com o objectivo de conduzir a água a partir de quatro nascentes diferentes, situadas nos arredores da cidade de Tomar, até ao convento. Desde a sua edificação, a casa conventual de Tomar tinha um "elaborado sistema" de abastecimento de água, formado por "(...) uma série de cisternas, abertas nos principais claustros" que se enchiam com as águas das chuvas (GRAÇA, 1991, p. 85). Durante a sua estadia em Portugal, depois de aclamado rei português nas cortes da cidade, Filipe I decidiu ampliar o abastecimento de água do Convento de Cristo, verificando-se então a necessidade de construir um aqueduto, numa estrutura semelhante à dos que haviam sido edificadas em Elvas e Évora, sendo o modelo repetido alguns anos depois no aqueduto de Vila do Conde, que abastecia o Convento de Santa Clara (FRANÇA, 1994, p. 97). A traça do aqueduto foi executada em 1584 por Filippo Terzi, arquiteto-mor do Reino, iniciando-se a obra em 1593 (Idem, ibidem). Depois da morte do arquiteto, a direcção dos trabalhos de edificação passou para Pedro Fernandes de Torres (Idem, ibidem). No entanto, a primeira fase dos trabalhos só seria concluída em 1614, data em que Filipe II veio a Portugal e inaugurou a obra, como indica a inscrição gravada no aqueduto. Atingindo a cerca do convento, o aqueduto ia desembocar num tanque de rega, junto ao qual foi colocada uma inscrição latina que se reporta à execução da obra (GRAÇA, 1991, p. 88). Em 1616, já com a direcção das obras entregue a Diogo Marques Lucas (FRANÇA, 1994, p. 97), a canalização do aqueduto foi prolongada para o edifício conventual, alcançando o lavatório dos dormitórios no ano seguinte, e chegando à fonte do claustro principal em 1619, data em que se concluiu a obra.

Tipo de Sítio: Arquitetura Civil

Cronologia: Séc.s XVI e XVII (edificado entre 1593 e 1619)

1595 - escritura de compra das fontes e do pinhal; início da construção; 1614 - o aqueduto chega à cerca, terminando num tanque de rega - Cadeira d'El Rei; 1617 - prolongamento até ao convento; lavabo dos dormitórios; 1619 - conclusão da obra; construção da fonte do claustro principal; 1634 - obras diversas no aqueduto do Convento; 1752 - exploração de novas nascentes a montante e ligação ao aqueduto construído (a nascente do Cano foi construída em 1748, por A. R.); 1945 - interrompidas as obras de restauro por esgotamento de verbas; 1946 - estabelecimento de uma Zona Especial de Protecção e de uma Zona non aedificandi, em DG n.º 265; 1954 - a Mãe d'Água, no troço de Pegões tinha uma grande



rutura; 1955 - pedido de reparação do aqueduto para que abasteça o Convento; 1956 - correspondência entre a DGEMN e a CMT, dando conta da necessidade de restauro da caleira do aqueduto; 1968 - informação do MF - DGFP à DGEMN sobre as ruturas no fecho dos arcos superiores do aqueduto; 1972 - o aqueduto encontra-se demolido em alguns troços e em ruína noutros; 1979 - foi redefinida a Zona Especial de Proteção do Aqueduto na zona dos Pegões; a CMT colocou a hipótese da aquisição dos terrenos dentro da ZEP do Aqueduto com vista ao arranjo e enquadramento paisagístico; informação sobre movimentação de terras / terraplanagens junto da quinta da Silveira, realizadas por particulares, que punham em risco a estabilidade do aqueduto, afetando a fundação de 15 arcos do lado poente e 6 a nascente; 1980 - pedido de redução da ZEP.

1934 - reparação em 350 m; 1935 - reparações na mãe de água a montante dos Pegões Altos: construção de 2 gigantes na face lateral oeste; reforço em betão armado abaixo do pavimento e em volta da cúpula; restauros das ombreiras das portas e do pavimento; construção de um muro de suporte do aqueduto em alvenaria; reconstrução do cano e respetiva cobertura na parte destruída; 1937 - obras diversas de reparação; 1940 / 1941 - demolição de um casebre encostado ao aqueduto e beneficiação dos seus arcos; consolidação geral, incluindo construção de guardas, cortinas, capeamento e refechamento de juntas das caleiras; limpeza geral; construção de portas de ferro com grades; 1942/1945 - construção de muros em alvenaria argamassada em zonas do aqueduto; consolidação dos arcos, incluindo capeamento e refechamento de juntas; reparação geral da conduta do aqueduto; 1946/1947 - reparação de coberturas em 325 m; reparação de caleira que abateu no lugar de Casal Ribeiro, limpeza da caleira entre os Pegões Altos e o lugar de Brazões, refechamento de juntas com argamassa de cimento, cobertura com lajes nas zonas aéreas e com betão armado nas partes subterrâneas; demolição e reconstrução da abóbada da penúltima mãe de água (a jusante dos Pegões Altos?) em pedra e argamassa de cimento reforçada com um anel em betão armado; reboco das paredes no interior e exterior; limpeza e cobertura de 20 m de cano junto à mãe de água; 1948/1949 - assentamento de 3 portas de ferro nas entradas de limpeza da caleira; demolição de paredes e caleira junto à penúltima mãe de água e sua reconstrução; limpeza de 80 m de cano, refechamento de juntas, reconstrução de paredes, cobertura com lajes de cantaria e betão armado, a norte dos Brasões; rebaixamento de 30 m de cano junto à 1ª nascente; levantamento e assentamento de 100 m de cano junto ao lugar de Peixinhos; 1956 - recuperação de parte do aqueduto junto à nascente no sítio de Casal Ribeiro; recuperação da caleira na "Casa da Água" no troço de Pegões; instalação de um fontanário com torneiras de mola para abastecimento de água; expropriação e arranque de árvores, cujas raízes danificam o aqueduto; recuperação da cobertura com lajes; restauro das paredes do aqueduto; limpeza e restauro da caleira; 1962 - continuam-se as



reparações nas caleiras, limpeza e cobertura, o refechamento de juntas; 1965 - informação sobre a necessidade de reconstrução em alvenaria da caleira de fundo; proposta de substituição por tubo plástico, não concretizada; 1978 - limpeza do cano pelo seminário das missões; 1980 - um desaterro junto à mãe de água a jusante dos Pegões ameaça a derrocada de vários arcos de um e outro lado da casa; o LNEC aconselha aterro feito com enrocamento e terra junto ao talude.

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos (1991). Convento de Cristo. Lisboa. JANA, Ernesto, O Convento de Cristo em Tomar e as obras durante o período filipino, tese policopiada, Faculdade de Letras de Lisboa, 1991; SILVA, Jorge Henrique Pais da, Páginas de História da Arte, vol. I, Lisboa, 1993; FRANÇA, José Augusto, Tomar, Editorial Presença, Lisboa, 1994. INÁCIO, Pedro, Portugal o País dos Aquedutos, Tomar - Aqueduto dos Pegões Altos, in: Sede de Saber, CIO águas livres, Nº 162, julho 2007; SOROMENHO, Miguel (2009). A Arquitectura do Ciclo Filipino. Vila Nova de Gaia. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Muito Elevada	Estado de Conservação: Reduzido
Monumentalidade: Muito Elevada	Valor Científico: Muito Elevada
Valor Histórico: Muito Elevada	Grau de Proteção: Elevada
Originalidade: Muito Elevada	Raridade: Muito Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 227. IGREJA DE SÃO FRANCISCO E RESPETIVO CLAUSTRO

Localização: Avenida General Bernardo Faria

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.600101 Longitude: -8.414489 Altitude: 61 metros;
CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 42 255, Diário do Governo n.º 276 de 8 de Maio de 1959.



Proprietários: Igreja Católica (Igreja) / Câmara Municipal de Tomar (cerca e convento)

Caraterização: O Convento de São Francisco de Tomar foi fundado em 1624 por uma comunidade de frades franciscanos oriundos do cenóbio de Santa Cita, iniciando-se a construção da igreja em 1628 (FRANÇA, 1994, pp. 85-86). As obras do corpo da igreja foram terminadas em 1636, conforme assinala uma lápide disposta na capela-mor, embora a torre edificada do lado direito da fachada só tenha sido concluída em 1660. O templo apresenta um modelo chão decorrente de um gosto iniciado na década de 20 do século XVII que "(...) conduz ao surto de fachadas de igrejas semelhantes a grandes casas com numerosas janelas." (KUBLER, 1988, p. 148). A disposição do espaço interior da igreja segue o protótipo da Igreja do Espírito Santo de Évora, um espaço unificado com capelas intercomunicantes, coberto por abóbada de berço, embora não apresente tribunas (Idem, ibidem). Igreja com bom trabalho de talha (capela-mor) e de pintura (guarnecendo os altares laterais) trazido da Igreja das Trinas do Mocambo em Lisboa. Na fachada norte apresenta uma série de bem lançados e proporcionados botaréis, bons exemplares da arquitetura da época. A capela-mor, pouco saliente na planimetria, alberga um altar de talha dourada com quatro colunas torsas, no qual foi montado em 1945 um o chamado Calvário de Xabregas, proveniente do Convento de São Francisco de Xabregas: um conjunto de figuras de madeira quase em tamanho natural que compõem os Passos da Paixão de Cristo. A fachada do templo, recortada em "sucessivas ondulações maneiristas" (Idem, ibidem), é rasgada ao centro por um portal de frontão curvo, dispondo-se no restante espaço do frontispício diversas janelas divididas por dois andares e "agrupadas como um grande celeiro" (KUBLER, 1988, p. 148). O claustro do convento, localizado do lado esquerdo do edifício, apresenta planta quadrada, dividida em dois registos, de sete tramos assentes sobre pilares toscanos no piso inferior, e uma varanda de balaústres no superior. As arcadas do registo inferior estão atualmente fechadas, com janelas rasgadas ao centro. Depois da extinção das ordens religiosas, o Convento de São Francisco foi entregue ao Ministério da Guerra, que aí instalou um batalhão militar. Atualmente, a tutela do edifício é dividida entre a Ordem Terceira de São Francisco, a quem pertence o espaço do templo, e a Câmara Municipal de Tomar, responsável pela cerca e restante espaço conventual.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVII, inícios - com a casa conventual em Santa Cita, decidiram os frades por iniciativa de Frei Manuel da Esperança, provincial da Ordem de São Francisco, construir um novo convento em Tomar; 1628 - lançamento da primeira pedra para a sua fundação, segundo consta na lápide que se encontra no lado esquerdo da fachada da igreja, junto à antiga portaria; séc. XIX, durante as invasões francesas o convento sofreu grande destruição; 1822 - o convento é entregue ao Ministério da Guerra, que nele instala o Batalhão de Caçadores nº 2; a igreja é entregue à Ordem Terceira de São Francisco; 1834,



30 de Maio: assinatura do decreto que determina a extinção das ordens religiosas - artº 2º: "Os bens dos conventos, Mosteiros, Colégios, Hospícios e quaisquer casas religiosas ds ordens regulares ficam incorporadas nos Próprios da Fazenda Nacional; 1848, 30 Novembro - portaria da Junta de Crédito Público - o convento foi entregue ao Batalhão de Caçadores nº 7 que aí estabeleceu um Hospital Militar, tendo tido várias utilizações, como o de Liceu Nacional; 1856, 29 de Julho - Lei de D. Pedro decretando que "o edifício e Cerca do extinto Convento de S. Francisco, situado no Largo da Várzea Grande (...), excluída a igreja, e respectivas oficinas" seja concedido à Câmara "para o fim exclusivo de se estabelecer aquartelamento para tropa, hospital e cemitério, e feita com a cláusula expressa da Câmara Municipal, se encarregar da reparação e conservação do edifício" que "devolverá para o estado nos casos de se lhe dar outra aplicação ou se, dentro de dois anos, se não principiarem os reparos de que precisa"; 1865 - o convento serviu de destacamento militar de Infantaria desta cidade; 1869 - Auto do estado do edificio no extinto convento de São Francisco em Tomar, que foi apropriado para quartel militar pelas obras ultimamente ali executadas; 1920, 10 de Março - sentença da reivindicação de mera posse do prédio militar nº 1 de Tomar e o certificado do registo na conservatória.

Referências bibliográficas:

GARCEZ, F. A. (1951). A construção do Convento de São Francisco de Tomar. In Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. III, 1951. Lisboa; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; KUBLER, George (1988). A Arquitectura Portuguesa Chã - Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706. Lisboa; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa. Monumentos, n.º 12 e n.º 13, Lisboa, DGEMN, 2000; SIMÕES, João Miguel (2004). O Convento das Trinas do Mocambo: estudo histórico-artístico. Lisboa.
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2074

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro





Nº 228. PELOURINHO DE PAIALVO

Localização: Rua Tristão Baptista dos Santos Bernardo

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.562976 Longitude: -8.468069 Altitude: 111 metros;
CMP: 320(1978)

Freguesia: Paialvo

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 23 122, Diário do Governo n.º 231 de 11 de Outubro de 1933.

Proprietário: Estado Português

Caracterização: Nossa Senhora da Conceição de Paialvo foi uma *villa* medieval, e sede de um concelho de alguma importância. Foi extinto em 1836, e anexado a Tomar, do qual é atual freguesia. Conserva ainda, como testemunho do seu passado estatuto e autonomia, um pelourinho, que se ergue num pequeno largo, diante do edifício da antiga Casa da Câmara e cadeia, de raiz seiscentista. O pelourinho assenta sobre plataforma de três degraus circulares, de aresta, o terreno parcialmente embebido no pavimento. Tem base aproximadamente quadrangular, encimada por outra de secção circular, de onde irrompe o fuste. Este é constituído por dois troços, unidos por anel intermédio. O primeiro troço é cilíndrico, de faces lisas, e o superior é ligeiramente galbado. É encimado por astrágalo e grande ábaco quadrangular, sobre o qual assenta um curto tronco cónico embolado. A partir da junção entre o tabuleiro e o cone projetam-se quatro braços de ferro em cruz, terminados em serpes, com argolas. A esfera, ou bola, de remate é de grandes dimensões, em oposição ao cone, um pouco atarracado. Parece tratar-se de um monumento seiscentista, possivelmente contemporâneo da construção da Casa da Câmara.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVI?

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico do Distrito de Portugal - Distrito de Santarém, vol. III, Lisboa, 1949; ALMEIDA, José António Ferreira de, Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1988; PDM 1994; MALAFAIA, E. B. de Ataíde (1997). Pelourinhos Portugueses, Tentamen de Inventário Geral. Lisboa.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1985

DGPC;

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 229. PELOURINHO DE TOMAR

Localização: Largo do Pelourinho, Tomar

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.605841 Longitude: -8.415288 Altitude: 63 metros;
CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 23 122, Diário do Governo n.º 231 de 11 de Outubro de 1933; ZEP: Diário do Governo, 2.ª série, n.º 245, de 21 de Outubro de 1946.

Proprietário: Estado Português

Caraterização: A cidade conserva um pelourinho, erguido no século XVII, certamente em substituição de outro mais antigo. Levanta-se no largo do mesmo nome, sendo resultado de uma reconstrução datada de 1939-40, visto que o monumento fora demolido em 1870. Sabe-se que em 1628 se encontrava ao fundo da Rua da Graça, e que sofreu restauro em 1839; mas após a demolição as peças andaram perdidas, chegando a servir de base para um candeeiro público. Na reconstrução foi possível reunir todos os elementos originais, à excepção do pedestal. O pelourinho assenta em plataforma de cinco degraus quadrangulares, de aresta, de fatura moderna. É constituído por base, fuste e remate de feição barroca, de grande efeito cenográfico. A coluna assenta num grande pedestal de secção quadrangular, tornado octogonal através do ligeiro chanfro das arestas, tendo os quatro lados maiores moldurados e perfil bojudado.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVII - XVIII

Referências bibliográficas:

COSTA, António Carvalho da (Padre), Corografia Portuguesa, vol. III, Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1712; MONTEIRO, Manuel, Os Pelourinhos, Lisboa, 1935; CHAVES, Luís, Os Pelourinhos, Lisboa, 1938; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, vol III, Lisboa, 1949; PDM 1994; MALAFAIA, E. B. de Ataíde (1997). Pelourinhos Portugueses, Tentâmen de Inventário Geral. Lisboa.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>



http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1971

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Nº 230. FONTE DE SÃO LOURENÇO E TERREIRO ANEXO

Localização: EN 110, São Lourenço

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.591724 Longitude: -8.406075 Altitude: 57 metros;
CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 42 692, Diário do Governo n.º 276 de 30 de Novembro de 1959.

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: A fonte de São Lourenço encontra-se implantada junto à capela com a mesma invocação, erguida para assinalar a reunião e a partida para Aljubarrota, dos exércitos de D. João I e de D. Nuno Álvares Pereira, em 1385. A fonte é bem mais tardia, remontando ao reinado de D. João V. É certo que o monarca visitou Tomar em 1714, referindo a tradição que teria então mandado construir a fonte. No entanto, e de acordo com a lápide presente no frontão, esta suposta diretiva apenas se concretizou em 1746. Apesar da data da sua construção, situada em pleno barroco, a fonte revela, na generalidade, características maneiristas. O tanque retangular e a bica, que jorra a partir do espaldar liso sob um escudo português, são protegidos por um alpendre assente em pilares nas extremidades exteriores e colunas dóricas embebidas a delimitar o espaldar, prolongadas por pináculos, já sobre o entablamento. À frente, delimitado pelos pináculos, um frontão de volutas coroado por cruz exhibe a inscrição alusiva à construção da fonte. O



espaldar inscreve-se num muro que se prolonga lateralmente, e onde se apoiam os bancos corridos.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVIII - 1714 - D. João V visita o convento e a vila de Tomar. Segundo a tradição terá mandado fazer um fontanário junto à ermida de São Lourenço, próximo do local onde se reuniram as tropas a caminho de Aljubarrota, data que a ermida já comemorava; 1746 - construção da fonte, segundo consta da inscrição que se lê no frontão, no 56º ano de vida de D. João V, sendo juiz de fora e Presidente da Câmara o Dr. Manuel Jacinto Leitão.

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. V, 1701 - 1770, Tomar 1969; ROSA, Amorim, História de Tomar, Vol II, Santarém, 1982; PDM 1994.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3405

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 231. PALÁCIO DE ALVAIÁZERE

Localização: Avenida General Tamagnini de Abreu

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601574 Longitude: -8.413031 Altitude: 57 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Municipal, Decreto n.º 28/82, Diário da República n.º 47 de 26 de Fevereiro de 1982.

Proprietário: Estado Português



Caraterização: Começou por ser propriedade da Misericórdia, aí funcionando, desde 1771, uma unidade de fabricação de meias. Em 1789 a fábrica foi adquirida pelo conhecido industrial francês naturalizado português Jácome Ratton e por Thimóteo Lecussan Verdier, transformando-se na Fábrica de Fiação de Tomar. A partir de 1793, mudou de instalações para a denominada Fábrica Nova, ficando o edifício do Palácio exclusivamente destinado aos serviços administrativos. O edifício primitivo foi remodelado por Thimóteo Lecussan Verdier depois de desfeita a sociedade com Jácome Ratton, transformando-o em sua residência e dando-lhe a traça que hoje tem. Depois de 1869, o palácio foi vendido tornando-se propriedade do barão de Alvaiázere. A partir de 1911 foi Quartel General da Região Militar, mas um incêndio, em 1975, destruiu todo o interior. Foi objeto de uma ampla recuperação e acolhe, desde 2001, os Serviços de Registo e Notariado. O edifício, de planta retangular, pauta-se por uma enorme depuração, apresentando fachada principal aberta por vãos simétricos, separados por um friso que divide o piso térreo do superior. Casa urbana senhorial, com características estilísticas maneiristas no traçado rectilíneo dos muros e na simplicidade das molduras.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVII?, Séc. XVIII - 1771 - Noel le Maitre realiza obras de adaptação, instalando aqui a sua fábrica de meias; paga renda à Misericórdia de Tomar, proprietária do edifício; 1789 - o edifício é vendido pela Misericórdia a Jácome Ratton, que pretendia tomar conta da fábrica; 1790 - restauro da fábrica velha, instalada no edifício e início da construção da Fábrica Grande; 1808 - Timóteo de Verdier é expulso do país, ficando sua mulher Helena Frigoni de Verdier como procuradora; 1853 - João Vieira da Silva de Vasconcelos, segundo barão de Alvaiázere (1820), casa com D^a Henriqueta da Mota Garcia de Vasconcelos de Mascarenhas, filha de D^a Rita Verdier da Mota, passando o edifício a ser conhecido a partir do enlace, por Palácio de Alvaiázere; 1874 - com a criação da Companhia da Real Fábrica de Fiação de Tomar e renovação total do equipamento da primitiva Real Fábrica de Algodões, Lençaria e Meias de Tomar, o Palácio Alvaiázere passa a funcionar apenas como escritório.

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1967). Anais do Município de Tomar. Tomar. GUIMARÃES, Manuel da Silva, História de uma Fábrica - A Real Fábrica de Fiação de Tomar, Santarém, 1976; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar, vol.1, 2^a ed., Santarém; CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa (1990). A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1.^a geração europeia e americana de fábricas hidráulicas. I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e comunicações. Coimbra. NOGUEIRA, Luís Franco (Coronel do Exército), Notícia Histórica das Guarnições Militares e Policiais de Tomar, Lisboa, 1993; PDM 1994;
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3360

VALORAÇÃO



Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 232. AÇUDE DA FÁBRICA DE FIAÇÃO

Outras denominações: Açude de Pedra

Acesso: Rua da Fabrica da Fiação

Localização: Na estrada do Prado, a seguir à Fonte Quente.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.619992 Longitude: -8.406884 Altitude: 57 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Classificado como MIP - Monumento de Interesse Público; Parecer de 15-09-1981 da Comissão "ad hoc" do IPPC a propor a classificação como IIP; **ZEP** Portaria n.º 285/2013, DR, 2.ª série, n.º 91, de 13-05-2013 (sem restrições); Anúncio n.º 13795/2012, DR, 2.ª série, n.º 248, de 24-12-2012; Parecer favorável de 17-12-2012 da SPAA do Conselho Nacional da Cultura ; Proposta de 11-12-2012 do Departamento dos Bens Culturais da DGPC - (Homologado), por Despacho de 25 de Setembro de 1981.

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: A fábrica que o açude abastecia foi o 1.º filatório de algodão em Portugal, utilizando máquinas hidráulicas. Os empresários Rattton e Verdier obrigaram-se a fabricar objetos em malha, continuando a produção iniciada na Real Fábrica estabelecida em Tomar pelo Marquês de Pombal em 1772 e dirigida pelo francês Noel le Maitre. O fio de algodão produzido abastecia a fábrica de Tomar e as outras fábricas do reino. De entre as inúmeras edificações antigas existentes em Tomar, sobressai o "Açude da fábrica de fiação", pela relevância que assumiu no desenvolvimento económico da cidade no limiar da contemporaneidade, não apenas da região, como do território português, fixando gentes no seu termo, em busca da segurança económica que proporcionava às famílias que nela



trabalhavam. É formado por uma muralha angular disposta entre as duas margens, assente em fundo rochoso do leito fluvial e formada por dois lanços desiguais com 68 m e 42 m de comprimento, tendo de largura na parte superior 1,64 m e na inferior 9,65 m, de altura 3,989 m, com 11 degraus a jusante. Na margem esquerda o canal que conduzia a água para a Fábrica de Fiação, com 1.141 m de comprimento por 6,18 m de largura média; a entrada de água para o canal fazia-se por 5 adufas; na margem direita, no lanço menor da muralha, 2 comportas asseguravam a limpeza do açude. Um esforço permanente de renovação que se evidenciava ainda nos finais dos anos trinta do século XX, quando, a par de outras unidades, a Fábrica integrava o grupo das que ainda se encontravam em plena atividade produtiva. Uma singularidade do processo industrial português que não deixaria de sensibilizar as autoridades responsáveis, que rapidamente compreenderam a importância da manutenção do açude [de Pedra], a integrar, na verdade, o projeto de requalificação da zona ribeirinha do rio Nabão, ao mesmo tempo que se projectava a conversão parcial do espaço em equipamento cultural camarário.

Tipo de Sítio: Arquitetura industrial

Cronologia: Séc. XVIII - 1789, final - início da construção do açude, no local onde existia a ponte da Granja; 16 de Janeiro de 1790 - início da construção da Fábrica Grande ou Fábrica de Fiação de Tomar, que iria utilizar a energia da água para acionar máquinas de fiação e cardagem; o complexo industrial deveu-se aos industriais franceses Jácome Ratton e filho e Timóteo Lecusson Verdier, sócios da Real Fábrica de Algodões, Lençaria e Meias de Tomar; o engenheiro inglês Francisco Wellhouse foi o 1º diretor da fábrica, tendo supervisionado a sua construção; 1798 - uma cheia no Nabão causou grandes estragos no açude; 1804 - início da laboração; 1883 - um incêndio destroi a fábrica, reconstruída por Henrique Taveira, a partir de planta do Engº Charles Hargreaves.

Referências bibliográficas:

SOUSA, J. M. de, Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar, Tomar, 1903; ROSA, Amorim (1967). Anais do Município de Tomar. Tomar. ROSA, Alberto Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. VI, Tomar, 1970; GUIMARÃES, Manuel da Silva, História de uma Fábrica - a Real Fábrica de fiação de Tomar, Santarém, 1976; ROSA, Amorim (1982). História de Tomar. Tomar; CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa (1990). A Real Fábrica de Fiação de Tomar e a 1.ª geração europeia e americana de fábricas hidráulicas. I Encontro Nacional sobre o Património Industrial - Actas e comunicações. Coimbra; PDM 1994; ALVES, Jorge Fernandes (1999). Fiar e Tecer - uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do vale do Ave. V.N. de Famalicão, 1999;
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Muito Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado



Originalidade: Muito Elevado

Raridade: Muito Elevado

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada



Nº 223. EDIFÍCIO DA GERADORA, INCLUINDO MAQUINARIA E ACESSÓRIOS

Localização: Rua Everard

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603455 Longitude: -8.411373 Altitude: 53 metros;
CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Em vias de classificação (Homologado) – Imóvel de Interesse Público

Caraterização: Arquitectura industrial. Central de produção de electricidade a partir da energia hidráulica. Planta rectangular, simples, cobertura em telhado de 2 águas. Fachada principal lisa, rasgada por 7 janelões bem rasgados, de verga em arco abatido. No interior, espaço unitário com travejamento à vista, alinham-se as turbinas, nos extremos este e oeste: turbina tipo Francis, de 90 CV., acoplada a um grupo de dínamos, marca Anne-Giesecken; turbina tipo hélice de 130 CV, com efeitos de multiplicador de velocidade, ligada a um alternador da O. Meyer e C^ª, Ateliers de Construction Soleurre - Suisse. Entre as 2 turbinas encontra-se um motor diesel, marca Wintertur, de 3 cilindros e 90 CV., acoplado a um gerador eléctrico de corrente contínua. A água passa através de comportas, sob o edifício, com uma queda de 2,5 m entre a levada e o rio. Exemplar pioneiro no processo de eletrificação do país, a partir da energia hidráulica. Inscreve-se, além disso, numa tradição secular de aproveitamento da energia das águas do Nabão. No local onde está hoje implantada existia o Lagar de Pedro de Évora (um dos lagares pertencentes à Ordem de Cristo), acionado por uma azenha e entre as inúmeras edificações antigas existentes em Tomar, sobressai este, pela relevância que assumiu no desenvolvimento económico da cidade no limiar de novecentos, após abertura de concurso para instalação eléctrica na



cidade, uma necessidade crescentemente urgente, em especial perante as unidades fabris nela erguidas (GUIMARÃES, M. da S., 1976). Aceite a proposta apresentada por "Cardoso, Dargent e C.^ª" (subsidiária da firma "L. Dargent", fundada em 1897), iniciou-se, nesse mesmo ano (1900), nos terrenos do "Lagar de Pedro d'Évora e calhas", na margem esquerda da Levada ou Açude dos Frades, junto ao Rio Nabão, a construção da futura Central Eléctrica. A mesma que seria, ademais, rapidamente adquirida pela firma "Jean Bourdain e C.^ª", para, passados apenas quatro anos, ser vendida a Manuel Mendes Godinho, personalidade de grande envergadura local e, até, nacional, pois a ele se deveu, por exemplo, a laboração, em 1912, da fábrica de moagens "A Portugália", assim como a compra, em 1913, dos restantes lagares e moinhos da Ribeira da Vila, formando, assim, o maior complexo industrial do concelho tomarense. Quando, no final de 1950, acabou a concessão da distribuição de energia à cidade - inicialmente iluminada por cento e cinquenta lâmpadas de dezasseis velas -, a Central Eléctrica passou a funcionar, em exclusivo, para as unidades fabris de M. M. Godinho.

Tipo de Sítio: Arquitectura industrial

Cronologia: Séc. XX - 1900, 20 Fevereiro. - Concurso público para instalação da energia eléctrica na cidade de Tomar; 1900, 26 Maio - aceite a proposta de Cardoso, Dargent e C^ª, de Lisboa; 1900, 9 Dezembro - lançada a primeira pedra do edifício; 1900, 23 Novembro - a firma Jean Bourdain e C^ª compra a Central Eléctrica; instalação de uma turbina de 100 CV., que accionava um dínamo sistema Gramm de 40 CV.; 1914, 21 Agosto - a central é comprada por Manuel Mendes Godinho; 1924 - montagem da turbina tipo Francis, de 90 CV., em substituição da velha turbina; 1927, c. de - instalado o motor diesel Wintertur; 1944 - montagem da turbina tipo hélice, de 130 CV.; 1950, 31 Dezembro - termina a concessão da distribuição de energia à cidade. A Central fica a trabalhar exclusivamente para as Fábricas Mendes Godinho.

Referências bibliográficas:

SOUSA, J.M. de Sousa, Notícia Descritiva e Histórica da cidade de Thomar, Tomar, 1903; Aproveitamento Hidráulico do Rio Nabão, estudo encomendado pela Hidrotécnica Portuguesa, 1963; ROSA, Amorim, História de Tomar, vol. II, Santarém, 1982; CUSTÓDIO, Jorge e SANTOS, Luísa, O Nabão e Tomar nas origens da industrialização portuguesa, texto dactilografado, CMC / COAI / AAIRL, 1985; PDM 1994.

[http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-](http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result)

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=1984

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Protecção: Elevado
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 234. CASA DE VIEIRA GUIMARÃES

Localização: Rua Marquês de Tomar/Rua Serpa Pinto

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604475 Longitude: -8.412083 Altitude: 54 metros;
CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de Interesse Municipal, Decreto n.º 28/82, Diário da República n.º 47 de 26 de Fevereiro de 1982.

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Casa abastada de revivalismo neomanuelino regional, com sugestões estilísticas da "casa portuguesa". O torreão ergue-se num dos cunhais, incutindo uma grande verticalidade ao edifício. As obras de recuperação efetuadas neste edifício, com a transformação do espaço residencial até então existente em amplos salões, teve tão só como objetivo, cumprir a vontade do Dr. Vieira de Guimarães que idealizada para utilização futura do espaço, um local para exposições. O Torreão foi desenhado pelo Dr. Vieira de Guimarães, à semelhança do existente na Igreja de São João Baptista. A casa foi construída ao gosto neo-manuelino. Os poisa ferros que ladeiam as janelas são sustentados por mísulas com motivos diferentes; os colonelos das janelas maineladas têm capitéis com acanto em volutas e assentam em pedestais poligonais.

Edifício de planta trapezoidal irregular, formado por dois corpos rectangulares, voltados a este e nordeste, com coberturas diferenciadas em telhados de 2 e 3 águas; no encontro dos dois corpos um torreão octogonal com telhado prismático rematado por esfera armilar em ferro. Prédio de dois pisos nos corpos retangulares, e de 3 pisos no torreão, sem elementos divisores, fachadas rebocadas e pintadas de branco com embasamento em cantaria, rematadas por cornija moldurada e beirado simples saliente nas fachadas viradas para a via pública, e em empena na fachada adossada. As três fachadas apresentam no piso inferior abertura para o exterior feita por grandes janelas/ montras e portas de vãos retangulares, duas das quais dão acesso ao piso superior, uma a sul e outra a nordeste, de moldura recta e de molduras em cantaria com decoração neomanuelina; no piso superior rasgam-se 3 janelas de sacada, maineladas, de verga golpeada e ornatos neomanuelinos, com



varanda em cantaria lavrada com os emblemas da Ordens dos Templários e de Cristo, rematados a meio pelas iniciais entrelaçadas do fundador, "VG"; em duas das janelas tem insculpido na moldura as datas de 1920 e 1922. Restantes janelas de peitoril de vergas rectas golpeadas, ladeadas por "poisa ferros", suportados por mísulas em forma de acanto e de caracol, e uma de verga curva golpeada, encimada por ornato em forma de pinha; no torreão abrem-se, em quatro das faces, cinco janelas em arco de volta perfeita, com vergas em cantaria com lavores neomanuelinos.

O primeiro proprietário da casa, José Vieira da Silva Guimarães (1864 / 1939) médico de profissão, dedicou-se ao estudo da Ordem de Cristo e dos monumentos artísticos da sua terra. Depois de ter sido habitação do médico, funcionou ali também, no 1º piso, o Registo Civil, e mais recentemente a Biblioteca fixa Calouste Gulbenkian.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX - 1920 - 1922 - Período de construção, de acordo com as inscrições nas vergas das janelas; 1965, 16 de Abril - Registo na Conservatória do Registo Predial de Tomar, da inscrição a favor da CMT, de acordo com o testamento cerrado do Dr. Vieira de Guimarães, de 9 de Março de 1939, em que deixou o usufruto da sua casa a sua mulher D^a Maria José S. B.V. Guimarães, e a propriedade à Câmara Municipal de Tomar.

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1967). Anais do Município de Tomar. Tomar; COUTO, José Jorge, ROSA, José Alberto (1991). Tomar – Perspectivas. Tomar. LOPES, Flávio, Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado, Lisboa, 1993; PDM 1994; FRANÇA, José-Augusto (1994). Tomar. Lisboa.

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result>

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3359

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 041. GRUTA DO CALDEIRÃO

Outras denominações: Gruta da Raposa e Gruta do Texugo

Topónimo local: Pedreira

Acesso: Na estrada Pedreira - S. Simão, corta-se à direita por estrada de terra batida. Pouco depois corta-se novamente à direita até ao cimo do Alto do Caldeirão. A gruta situa-se na encosta voltada a este, a meio do afloramento calcário.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.647032 Longitude: -8.416211 Altitude: 120 metros; CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de Além da Ribeira e Pedreira

Encontra-se em Vias de Classificação (Homologado como IM - Interesse Municipal) tendo sido enviada cópia do processo pelo Ministério da Cultura à C.M. de Tomar em 23-06-2010, a fim de ponderar a conclusão do procedimento.

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

CNS: 1315

Procs: S - 01315 e 98/1(768)

Área ocupada: 46 m²

Caraterização: A Gruta da Raposa ou do Texugo, hoje conhecida por Gruta do Caldeirão é uma exurgência fóssil, prolongamento final da galeria em meandro conhecida por Algar do Caldeirão. Trata-se de uma estreita galeria, também meandriforme, constituída por 4 segmentos principais, de tamanho desigual e constituídos sobre duas redes de diaclases perpendiculares, de orientação aproximada norte/sul e este/oeste. Quase colmatada até ao topo (no início dos trabalhos tinha cerca de 1 m de altura), apresenta um desenvolvimento total de 19 m e cerca de 7 m de altura no fundo da gruta. Foi objeto de escavações arqueológicas, de 1979 a 1988, orientadas pelo arqueólogo João Zilhão. De uma enorme importância para o conhecimento do Paleolítico Superior Português (Solutrense) e Neolítico Antigo, bem como das alterações climáticas verificadas durante o Würm. O Solutrense divide-se em 6 camadas (Eb, Fa, Fb, Fc, H e I), cronologicamente situados à volta de 22 000 B.P. O clima alternaria entre períodos frios e períodos húmidos, cujo reflexo se pode observar nas camadas arqueológicas: assim, as camadas Fb e Eb estariam sob a influência de um clima mais moderado e são as únicas que contêm restos de javali (e no caso da Eb, também de corço e castor) e não contêm restos de cabra-montês; nas camadas H e Fa, sob influência de clima mais rigoroso aparece a cabra-montês e não as outras espécies de clima moderado. Na ocupação da gruta, no longo período de tempo compreendido entre o princípio e o fim do Solutrense, parecem ter-se verificado diferentes estratégias de caça: tendência para a especialização da caça ao veado e o aumento crescente de restos de coelhos nos depósitos das camadas Fa e Eb. Gruta com possível ocupação pré-solutrense, mas do Paleolítico Superior. A gruta foi ocupada a partir do



Paleolítico Médio, de forma episódica, tendo a gruta funcionado essencialmente como *habitat* de grandes carnívoros, especialmente a hiena. Durante o Paleolítico Superior foi utilizada como abrigo temporário de pequenos grupos de caçadores que caçavam o veado, a cabra-montês, o cavalo, o auroque, a camurça e o coelho. No Neolítico foi utilizada como necrópole: no Neolítico Antigo (5500 a 4500 a.C.) foram aí depositados os corpos de 16 indivíduos, acompanhados de cerâmica decorada, objectos de adorno e utensílios de pedra. A escavação da gruta permitiu obter elementos significativos para a definição dos diferentes climas durante o Würm na Estremadura, ajustáveis à cronostratigrafia do Würm recente estabelecida na Região Cantábrica e no Sudoeste de França. As camadas do Neolítico revelaram a existência de animais domesticados (ovicaprídeos e bovídeos).

Tipo de Sítio: Estação de gruta

Cronologia: Paleolítico Médio, Paleolítico Superior, Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze e Ferro, Romano, Visigótico, Medieval e Época Moderna.

1979 - escavação de dois quadrados no fundo da gruta, nos quais se atingiu a profundidade de 60 cm. Como a gruta tinha sedimentos quase até ao teto, os investigadores foram obrigados a trabalhar deitados. Num dos quadrados verificou-se a existência de uma área de concentração de ossos humanos. 1980 - foram escavadas as camadas A a E; as camadas A, B e C encontravam-se remexidas: foi aí reconhecida uma sepultura provavelmente da Idade do Bronze, contendo restos de vários indivíduos. 1981 - antes do início das escavações já se havia procedido à instalação de uma porta de grades para proteção da cavidade, trabalho que foi realizado pela Câmara Municipal de Tomar. Neste ano, foi continuada a sondagem do ano anterior, escavando-se mais duas camadas (F e G); pôde-se precisar melhor o período a que pertenciam as camadas D e E; a D estava associada aos remeximentos das camadas anteriores, e a E, à Época Neolítica. Por sua vez, a camada F revelou material lítico e osteológico do Paleolítico Superior, bem como microfauna. 1982 - confirmação do carácter pleistocénico da camada F e reconhecimento na camada E de dois níveis distintos: um mais antigo, de carácter sepulcral, com cerâmica cardial, atribuível ao Neolítico Antigo e outro ao Neolítico Antigo Evolucionado. Foi confirmada a existência de um núcleo de tumulações em fossa, atribuível à Idade do Bronze, nas camadas A, B e C. 1983 - construção do telheiro de proteção da gruta. Aparecimento de sepulturas de incineração da Idade do Ferro Antigo e uma de Época Romana (séc. I – Iª met. do II) em camadas correspondentes à A, B e C, no corredor da gruta. Apareceu uma plaquinha de xisto gravada com figurações de estilo paleolítico (1º objecto de arte móvel em Portugal), na camada Eb. 1985 - reconhecimento do Solutrense das subcamadas Fa e Fb e achados novos materiais líticos da camada neolítica. 1986 - continuação da escavação dos níveis do Paleolítico Superior. 1987 - identificação de três



novas camadas (L, M e N) muito pobres em termos arqueológicos, mas muito rica em vestígios de frequência de grandes carnívoros, especialmente hienas, datáveis do Paleolítico Médio.

Espólio: 1980 - Camadas A, B e C - cerâmica e indústria lítica e metálica, atribuíveis desde o neolítico ao romano; 1981 - camadas F e G - fragmentos de ossos de cavalo e veado, núcleo sobre calote de seixo de quartzito tipo discóide, raspadeira carenada de sílex, raspadeira de quartzito, micro-lamela em sílex, lamela de secção trapezoidal em sílex, lâminas e lamelas, microfauna (*ORYCTO-LAGUS cuniculus*, *APODE-MUS sylvaticus*, *PITYMIS sp.*, *MICROTUS sp* *MYOTYS myotys*, *TALPA sp*). 1983 - 483 fragmentos de osso associados a dois níveis neolíticos com cerâmica impressa - ovicaprídeos (animais domésticos), boi, veado, camurça, porco, cabra, coelho, raposa, cão ou lobo, lince, gato selvagem, lebre, aves, coelho; conta de cerâmica pintada de azul, cossoiro decorado, frags. de urnas funerárias (Idade do Ferro), frags. de *sigillata*, ungentários de vidro, cabo de osso trabalhado (época romana). 1985 - Neolítico Antigo - machados de pedra polida, micrólitos, cerâmica, contas de colar; Solutrense - ponta de Parpalló.

Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia

Referências bibliográficas:

ZILHÃO, José Carlos Teiga, Gruta do Caldeirão (1982). Relatório dos trabalhos arqueológicos de sondagem realizados em 1981. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 4, pp. 151-159. Tomar; ZILHÃO, João, Gruta do Caldeirão (1983). Informação Arqueológica (1980), 3, pp. 50-53. Departamento de Arqueologia do IPPC, Lisboa; ZILHÃO, João Carlos Teiga (1984). Escavações arqueológicas na Gruta do Caldeirão-Relatório de 1982/83. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 7, pp. 137-194. Tomar; ZILHÃO, João, Gruta do Caldeirão (1984a). Informação Arqueológica (1981), 4, pp. 94-95. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; CARVALHO, Eduardo Luna de (1984). Observações sobre restos de insectos encontrados no preenchimento sedimentar da Gruta do Caldeirão (Tomar, freguesia da Pedreira) durante a campanha de 1982 (Insecta Coleoptera). Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 7, pp. 195-204. Tomar; TONICHER, Pedro (1984). Nota preliminar sobre a fauna de moluscos terrestres da Gruta do Caldeirão. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 7, pp. 205-206. Tomar; ZILHÃO, João, Gruta do Caldeirão (1982/83) (1985). Informação Arqueológica (1982/ 83), 5, p. 119. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; BARNETT, William K. (1985). The Preliminary Physical Analyses of two Early Neolithic Potsherds from the Gruta do Caldeirão, Tomar, Portugal. Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade). Supl. do Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, pp. 47-54. Tomar; ROWLEY-CONWY, Peter (1985). The Animal Bones Gruta do Caldeirão: Preliminary Report. Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade). Supl. do Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, pp. 55-60. Tomar; OOSTERBEEK, Luiz (1985). A fácies megalítica da Gruta do Cadaval (Tomar). GTPEQ, Actas da 1ª Reunião do Quaternário Ibérico, 1, vol. II, pp. 147-159. Lisboa; BATATA, Carlos (1985). Algar do Caldeirão. "O Morcego", 3/4, pp. 7-8. Núcleo de Espeleologia do CEPPT. Tomar; ZILHÃO, João Carlos Teiga, Gruta do Caldeirão (Pedreira - Tomar) (1985b). Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade). Supl. do Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, pp. 33-46. Tomar; ZILHÃO, João (1985c). Néolithique ancien et Paleolithique Supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar - Portugal) - Fouilles 1979-1984. GTPEQ, Actas da 1ª Reunião do Quaternário Ibérico, 1, vol. II, pp. 135-146. Lisboa; ZILHÃO, João e PONTE, Salette da (1985a). Ficha de Inventário de sítios arqueológicos. Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade). Supl. do Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 7, pp.



30-3. Tomar; ZILHÃO, João e REAL, Fernando (1986). Gruta do Caldeirão. *Informação Arqueológica*, 7 (1985), pp. 73-74. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; ZILHÃO, João Carlos Teiga (1986a). Outillage lithique solutreen de la Gruta do Caldeirão. Notice preliminaire. In *Arqueologia*, 14, pp. 21-26. Porto; ZILHÃO, João e REAL, Fernando (1987). Gruta do Caldeirão. *Informação Arqueológica* (1986), 8, pp. 81-86. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; ZILHÃO, João Carlos Teiga (1987a). O Solutrense da Estremadura portuguesa. Uma proposta de interpretação paleoantropológica. *Trabalhos de Arqueologia*; 4, pp. 15, 17, 19-23, 30, 41-45, 47-49, 53-56, 66-67, 69-73, 76, 78, 92-94. IPPC. Lisboa; ZILHÃO, João (1987b). A Gruta do Caldeirão (Pedreira, Tomar). Balanço de sete anos de escavações arqueológicas (1979-1985). *Algar - Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*, 1, pp. 29-38. Lisboa; ZILHÃO, João (1988). Plaquette gravée du Solutréen Supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar Portugal). *Sep. do Bulletin de la Societé Pré-historique Française*, tomo 85, 4, pp. 105-109. Paris; OOSTERBEEK, Luiz (1988). Neolitização do Vale do Nabão. Centro de Estudos de Arte e Arqueologia, Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 1988 (catálogo de exposição), p. 12; CRUZ, António João de Carvalho da (1988). Geoquímica dos preenchimentos sedimentares de grutas: a matéria orgânica na gruta do Caldeirão. *Algar - Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*, 22, pp. 17-26. Lisboa; JORNAL "O Templário" (1988). Gruta do Caldeirão, em Tomar Dez anos de trabalhos arqueológicos poderão proporcionar sua abertura, 28-10-1988, p. 5; ZILHÃO, João (1989). Outillage lithique Solutrien de la Gruta do Caldeirão (Tomar Portugal): notice preliminaire, pp. 151-156. Livro de Homenagem a Jean Roche. Instituto Nacional de Investigação Científica. Porto; ZILHÃO, João (1989a). L'art mobilier paléolithique au Portugal. Colóquio Internacional de Arte Pré-histórica - Nos 25 anos da descoberta da Gruta do Escorial. *Rev. Almansor*, 7, pp. 29-36. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

SECRETARIADO do VIII Encontro dos Professores de História da Zona Centro (1990), *Imagens de Tomar, Roteiro Histórico*, Tomar; ZILHÃO, João Carlos Teiga (1990) - The Portuguese Estremadura at 18 000 BP: the Solutrean. In *The World at 18,000 BP*, 1, pp. 109-125. Unwin Hyman. Londres; JORGE, Susana de Oliveira (1990). A Consolidação do Sistema Agro-pastoril. *Nova História de Portugal*, vol. I, pp. 102-162, (coord. de J. Alarcão). Editorial Presença, Lisboa; RIBEIRO, João Pedro da Cunha (1990). Os Primeiros Habitantes. *Nova História de Portugal*, vol. I., pp. 27, 66-67, 69, 73, 76-77, 91, 96, 98-99, coord. de J. de Alarcão. Editorial Presença. Lisboa; OOSTERBEEK, Luís e CRUZ, Ana Rosa (1991a). A Arqueologia da Morte. *Boletim Cultural da C.M. de Tomar*, 15, pp. 267-291. Tomar; ARSÉNIO, Paulo e BATATA, Carlos (1992). O desenvolvimento da Espeleologia na Região de Tomar. *Boletim Cultural da C.M. de Tomar*, 16, pp. 11-29. Tomar; CRUZ, A. J. C. e CARVALHO, Manuela Brotas de (1992). Textural characterization of sedimentary deposits from cave of Caldeirão and interpretation of the relationship between BET area and chemical properties. *Algar - Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*, 3, pp. 19-26. Lisboa; SILVA, A. R. Pinto da e SARAIVA, Isabel (1992) - Observações sobre a decoração de um vaso cerâmico do Neolítico Antigo da Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6, p. 313. IPPAR. Lisboa; ROWLEY-CONWY, Peter (1992). The Early Neolithic animal bones from Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6, pp. 231-257. IPPAR. Lisboa; CRUZ, António João de Carvalho da (1992) - O teor em flúor nos ossos da Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6, pp. 217-221. IPPAR. Lisboa; JACKES, Mary e LUBELL, David (1992) - The Early Neolithic human remains from Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6, pp. 259-295. IPPAR. Lisboa; CALLAPEZ, Pedro (1992). Moluscos terrestres das camadas A/B/C Eb da Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6, pp. 223-229. IPPAR. Lisboa; BARNETT, William K. (1992). The physical analyses of Early Neolithic impressed pottery from Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6, pp. 297-312. IPPAR. Lisboa; MARINHO, José Rodrigues (1992). Moedas romanas e portuguesas medievais da Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6 pp. 325-326. IPPAR. Lisboa; REAL, Fernando C. S. (1992). Estudo mineralógico de adornos de cor verde do Neolítico Antigo da Gruta do Caldeirão. In *Trabalhos de Arqueologia*, 6, pp. 315-319. IPPAR, Lisboa; ZILHÃO, João Carlos Teiga (1992) - Gruta do Caldeirão. O neolítico antigo. In *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPPAR (*Trabalhos de Arqueologia*; 6); PONTE, Salete da (1992b). Materiais arqueológicos romanos e visigóticos da Gruta do Caldeirão. In



Trabalhos de Arqueologia, 6, pp. 321-324. IPPAR. Lisboa; OOSTERBEEK, Luís (1992c). Habitat et territoires de la préhistoire récente dans le Haut Ribatejo (Portugal). 1º Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica. Rev. Mediterrâneo, 1, pp. 111-125. Lisboa; FÉLIX, Paulo (1993). A região nabantina no final da pré-história. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, n° 19, pp. 237-254. Tomar; OOSTERBEEK, Luís (1993). Gruta dos Ossos - Tomar; Um ossuário do Neolítico Final. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 18, pp. 9-28. Tomar; OOSTERBEEK, Luiz (1993a). Nossa Senhora das Lapas: excavation of prehistoric cave burials in central Portugal. Papers from the Institute of Archaeology, pp. 49-62. University College London; PDM de Tomar (1994); OOSTERBEEK, Luiz (1994c). O Alto Ribatejo e o Mediterrâneo. Espaço contínuo ou hierarquizado? Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. III, pp. 120-121 e 124. SPAE, Porto; ZILHÃO, João (1994a). Gruta do Caldeirão. Informação Arqueológica (1987), 9, p. 78. Departamento de Arqueologia do IPPAR. Lisboa; Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1994). Atlas de Arqueologia, pp. 280, 282, 288-289, 300-301. Ed. Zairol. Lisboa; OOSTERBEEK, Luiz Miguel (1994b). Echoes from the east: the Western Network North Ribatejo (Portugal): an insight to unequal and combined development, 7000 - 2000 B.C, vol. II, p. 369. University College London, Institute of Archaeology. Londres; OOSTERBEEK, Luiz (1995). Tecnologia, economia e simbolismo no Neolítico do Ribatejo Norte. Rev. Techne, 1, p. 53. Tomar; PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugália, 16, p. 298. Porto; SILVA, Ana Raquel Mendes da (1997). A cerâmica medieval da Gruta do Caldeirão, Tomar – primeira abordagem. In As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 313-319. Tomar; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp.131-136. Tomar; CRUZ, Ana Rosa (1997). O povoamento do Vale do Nabão e o seu enquadramento (do Neolítico Inicial à Idade do Bronze). Braga: Universidade do Minho; CRUZ, Ana Rosa (1996). Vale do Nabão do Neolítico à Idade do Bronze. Arkeos, 3, pp. 61-73. CEIPHAR. Tomar; BICHO, Nuno Ferreira (2000). O processo de neolitização na Costa Sudoeste. In Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica, vol. 3. Vila Real, 1999, pp. 11-22. ADECAP. Porto; BICHO, Nuno Ferreira (2000a) - Revisão crítica dos conhecimentos actuais do Paleolítico Superior Português. In Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Paleolítico da Península Ibérica, vol. 2, pp. 425-442. Vila Real, 1999. ADECAP. Porto; DINIZ, Mariana (2000). Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In Muitas antas, pouca gente?. Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Instituto Português de Arqueologia, 16, pp. 105-116. Lisboa; TRINKAUS, Erik, BAILEY, Shara E. e ZILHÃO, João (2001). Upper Paleolithic human remains from the Gruta do Caldeirão, Tomar, Portugal. In Revista Portuguesa de Arqueologia, 4:2, p. 517. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa; DAVIS, Simon J. M. (2002). The mammals and birds from the Gruta do Caldeirão, Portugal. In Revista Portuguesa de Arqueologia, 5:2, pp. 29-98. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa; CALLAPEZ, Pedro (2002). A malacofauna críptica da gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal) e as faunas de gastrópodes terrestres do Plistocénico superior e Holocénico da Estremadura Portuguesa. In Revista Portuguesa de Arqueologia, 5:2, p. 528. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa; CALLAPEZ, Pedro (2003). Moluscos marinhos e fluviais do Paleolítico superior da Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal): evidências de ordem sistemática, paleobiológica e paleobiogeográfica. In Revista Portuguesa de Arqueologia, 6:1, p. 515. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa; ARAÚJO, Ana Cristina (2003). O Mesolítico inicial da Estremadura. In Muita gente, poucas antas?. Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, 25, pp. 101-114. Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, BA: CONG/6580. Lisboa. CARVALHO, António Faustino (2003). O Neolítico antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um case study da neolitização da Média e Alta Estremadura. In Muita gente, poucas antas?. Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia, 25, pp. 135-154. Instituto Português de Arqueologia. BA: CONG/6580. Lisboa; BICHO, Nuno Ferreira, HAWS, Jonathan, HOCKETT, Bryan, MARKOVA, Anastasia e BELCHER, William (2003). Paleoecologia e ocupação humana da Lapa do Picareiro: resultados preliminares. In Revista Portuguesa de Arqueologia, 6:2, pp. 49-81. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.



www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevado	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevado	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Conservação das estruturas de proteção



Nº 236. FORUM ROMANO

Localização: Rua Carlos Campeão/Avenida General Norton de Matos/Rua Amorim Rosa, Santa Maria dos Olivais.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603174 Longitude: -8.408111 Altitude: 61 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Imóvel de interesse público Decreto n.º 67/97, Diário da República n.º 301 de 31 de Dezembro de 1997

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Pode-se dizer que a história da estação arqueológica começa no século XII, pois nas Inquirições de 1317, quase todos os inquiridos se referiam a uma cidade antiga situada na margem esquerda do Nabão e que, segundo informações de um besteiro, Gualdim Pais veio construir o castelo em frente dela devido à abundância de pedra e ao fato de as águas serem boas. Dessas inquirições se depreende que os vestígios da cidade romana pareciam ser bem visíveis no séc. XIV. Em 1570, ainda se viam muitas ruínas entre a igreja de Sta. Maria dos Olivais e Sta. Iria. Apareciam, já nessa altura, paredes de cantaria argamassada e tijolo e casas dos que viviam em volta do foro. Quando se cavava nessa "cerrada" apareciam esses vestígios. Estão associados à lenda de Sta. Iria e ali situavam os Paços de Castinaldo e a cidade de Nabância. No séc. XVII, também Frei Leão de S. Tomás dizia que a Nabância se situava defronte de Tomar, para o lado do nascente, de cujos muros ainda se viam vestígios. Em 1750, aparece a 1ª referência à inscrição nº 1 do Castelo.



Depois, em 1762, também se faz referência a três das inscrições do Castelo (inscrições n.ºs. 1, 2 e 3), bem como à Nabância. Em 1856, Pedro de Roure Pietra ofereceu à Câmara Municipal de Tomar dois miliários que ele achara na Cerrada de João do Couto (inscrições n.ºs. 4 e 5). Em 1863, pediu-os à Câmara por esta os ter metido numa arrecadação. Viriam a ser dados em 1866 ao recém-criado Museu do Carmo (Lisboa). Em 1857, Possidónio da Silva encontrou, entre Sta. Iria e Sta. Maria dos Olivais (certamente a zona do *Forum*), de ambos os lados da estrada, grandiosas peças de cantaria com molduras que mostravam ter pertencido a um colossal entablamento e que tinham sido achadas nas ruínas romanas. Em 1863, Pedro de Roure Pietra, encontrou na Cerrada de João do Couto 4 grandes bases de coluna. Em 1868, alguns notáveis de Tomar tinham consciência de que em Tomar houvera uma cidade romana. Pedro de Roure Pietra era um deles e muito interessado na arqueologia: nesta data os dois cipos (miliários) achados e dados ao Museu do Carmo, estavam em vias de ir para Lisboa, como foram, e havia sido achada uma base de coluna. Emílio Hübner, que escreveu uma obra monumental sobre as inscrições romanas de todo o Império Romano, conhecido de forma abreviada por C.I.L. ou por *Corpus*, publica em 1869 quatro inscrições romanas que se encontravam na Alcaçova do Castelo de Tomar (n.ºs. 1, 2, 3 e 6) e os dois miliários referidos. Em 1871, refere-se à inscrição n.º 2, não acreditando que tivesse vindo das ruínas de uma antiga cidade existente perto do rio. Em 1905, Leite de Vasconcelos refere-se a *Seilium* mas diz que ainda não está localizada. Refere sim, em 1913, uma inscrição romana de Tomar, sem especificar onde se encontrava (inscrição n.º 6). Em 1890, Leite de Vasconcelos visitou Tomar e tomou conhecimento dos vestígios arqueológicos e documentos antigos. Em 1893, tinha-se consciência de que em Tomar (na Cerrada João do Couto, na parte nova da cidade) existira uma cidade de nome Nabância. Nesta altura, apareceu aí parte da cabeça de uma estátua romana de mármore finíssimo. Já antes havia aparecido um braço de estátua igualmente em mármore. Encontravam-se ambos no Museu de Silva Magalhães. João Maria de Sousa também acreditava que aí existira uma cidade romana, com este nome. Intuiu que os Templários, para construir o seu Castelo, foram, naturalmente, buscar a pedra, já talhada e fácil de recolher, às ruínas da cidade romana. Algumas dessas pedras encontram-se no castelo: o autor refere-se e publica a leitura das três inscrições aí visíveis (n.ºs. 1, 2 e 3) e refere-se à moeda de CASCANTUM, achada em 1893, vendo aí o nome de Nabaentum, para justificar Nabância, como nome da cidade romana. Refere-nos também vários vestígios aparecidos por ocasião de trabalhos agrícolas, em todo aquele espaço: pavimentos lajeados ou ladrilhados de tijolo, paredes muito espessas com altura entre 30 e 40 cm (de onde se retiraram muitas carradas de pedra) e muitos materiais, entre os quais alguns já nossos conhecidos (fragmento da cabeça de uma estátua e braço, já referidos em 1868). Estes materiais foram encontrados a norte do cemitério velho. Mas também apareceram no cemitério e a norte da igreja de Sta. Maria



dos Olivais. No cemitério, quando se abriam as sepulturas, encontravam-se grossas paredes e grandes cunhais muito bem aparelhados (a pedra foi frequentemente utilizada para a construção de mausoléus). Um indivíduo foi enterrado sobre uma grande laje, por não se poder arrancá-la dali. A norte da igreja encontrou-se uma casa soterrada, que tinha no fundo uma laje com um lavor simples (seria uma capela com uma sepultura?). Leite de Vasconcelos, em 1914, publica uma viagem feita a Tomar em 1895, e enumera os muitos materiais achados no espaço da cidade romana, bem como os materiais existentes no Museu de António Silva Magalhães. Por esta altura (1914), chamava-se à cidade romana Segunda Nabância, devido ao facto de Possidónio da Silva ter chamado Nabância às ruínas da *villa* de Cardais, crendo que era aí a cidade romana. Ainda neste ano, Leite de Vasconcelos, fazendo o estudo da inscrição romana do Lorvão, analisa o "epíteto pátrio" *seilienses*, chegando à conclusão que o nome da cidade correspondente deveria ser *Seilium* e não *Sellium*. Em 1927, Vieira Guimarães localiza *Seilium* em Tomar. Publica os dois miliários de Tomar e a troca de correspondência entre a Associação dos Arqueólogos Portugueses com a Câmara Municipal de Tomar (em 1866), no sentido da sua aquisição para o recém-formado Museu do Carmo, onde se encontram hoje. Foi o primeiro a tentar definir a área de dispersão dos vestígios, que não anda longe da que nós calculámos. Na realidade, diz que se encontram dentro de um triângulo formado pela Rua da Carrasqueira, a norte, o rio Nabão, a oeste e o ribeiro das Canas, a este, com uma área de cerca de 300 000 m². A área é um pouco exagerada, já que calculámos 4 hectares com base na dispersão dos vestígios. Refere-se aos materiais aparecidos em 1893, precisando que foram encontrados a norte do cemitério (zona do *Forum*), quando se plantava vinha. A moeda de *Cascantum* também veio de lá. Refere-se aos dois miliários e às 4 inscrições do Castelo. Na zona de *Seilium*, perto da estrada da Serra e do ribeiro das Canas, ao ser plantada uma vinha voltaram a aparecer grandes quantidades de materiais romanos e ruínas de construções. Refere os fragmentos de estátuas anteriormente aparecidos. Em 1946, Camarate França realiza as primeiras escavações em Tomar, apoiadas pela Câmara Municipal, devido à construção do Bairro Novo. Apareceram fragmentos de telhas, tijolos, urnas e potes romanos. Em 1949, quando se procedia à construção do Mercado Novo, apareceu uma cabeça de mármore de Augusto. Em 25 de Maio de 1950, o Prof. Dr. Mendes Correia visita a arqueologia tomarense, a fim de dar um parecer sobre a mesma, face ao pedido da UAMOC, de 17-1-1950, para efetuar pesquisas na Cerrada de João do Couto. Apesar de ter achado vestígios importantes, não aconselha escavações arqueológicas e não acredita que ali seja a Nabância. Aconselha, no entanto, que se autorizem e apoiem mesmo, as escavações que o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (Porto) pretendia efetuar nas grutas descobertas por Camarate França. Mesmo assim, em 1952, em face da prevista urbanização da Cerrada de João do Couto, decidiu a União dos Amigos dos



Monumentos da Ordem de Cristo (UAMOC) efetuar algumas sondagens nesse espaço, sob a responsabilidade de Mendes Correia, que deu instruções a Eugénio Sobreiro de Figueiredo e Silva sobre o modo como deveria fazer as sondagens. Foram abertas 7 sanjas, ou valas de sondagem que revelaram o seguinte: Sanja A - apareceu um muro e duas sepulturas revestidas a *opus signinum*, urna delas contendo ainda ossos e a outra, *tégulas*, *imbrices* e tijolos, a 40 cm de profundidade; apareceu também um pavimento de tijolos a formar uma ferradura e assentes em terra; Sanja B - terra negra com muita cerâmica e alguns fragmentos de telhas (*tégulas* e *imbrices*) e um muro semelhante ao aparecido na sanja anterior; Sanja C - apareceu um maciço de *opus signinum* de forma retangular; as sanjas D e E nada revelaram; Sanja F - enterramentos medievais, e mais fundo, um maciço de *opus signinum* retangular semelhante ao encontrado na Sanja C, uma possível lareira de tijoleiras e vários muros; Sanja G - puseram-se a descoberto as fundações de um grande edifício, uma grande base de coluna fora de sítio e um cano de alvenaria de grosseira construção. Em 1959, Mário Sá também se refere à Nabância mas identificando-a erradamente com Scallabis e dizendo haver vestígios romanos também na margem direita do Nabão, o que até hoje não foi provado. Refere-se também aos dois miliários achados na Cerrada de João do Couto, mas vai dizendo que não se sabe em concreto onde foram achados. João Alvim coloca *Seilium* em Seiça, devido à semelhança fonética. Em 1965, Amorim Rosa refere-se aos principais achados materiais bem como aos cipos, acrescentando a estes materiais uma nova moeda. Em 1973, Mêndia de Castro apresenta o mais completo repertório de materiais achados em Tomar, incluindo todas as inscrições de Tomar, e de fora, mas dizendo respeito a Tomar e a *Seilium*. Sobre a cidade romana localiza-a corretamente em Tomar. Indica ainda os materiais ali achados e rastreados nos autores antigos, acrescentando alguns outros novos. Dá conta do aparecimento de alguns muros naquele local, por volta de 1973. Situado na confluência do *Cardus* com o *Decumanus*, era rodeado por edifícios públicos e privados, dos quais foram detetados a Praça pública, a Basílica, a Cúria e várias lojas. Na zona envolvente existem vestígios de habitações circundadas por artérias em esquadria, contornadas por calçada.

Tipo de Sítio: Património Arqueológico

Cronologia: Idade do Ferro, Época Romana; Medieval Cristão

Referências bibliográficas:

GUIMARÃES, Vieira (1927). Thomar - Sta. Iria, pp. 3-8, 20, 34-39, 45-51 e 96. Lisboa; ROSA, Amorim (1940), Anais do Município de Tomar, vol. 1, pp. 175, 234 e 263. Tomar; CORREIA, Vergílio (1941). Correspondência de Possidónio da Silva, respeitante a Tomar. Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. I, tomo I, p. 164. Tomar; SILVA, Eugénio Sobreiro Figueiredo e (1951). Escavações Arqueológicas no Cerrado do João do Couto em Tomar. Rev. da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo (UAMOC), vol. III, pp. 44-52. Tomar; ROSA, Amorim (1965). História de Tomar, 1ª série, vol. 1, pp. 17-23 e 25-31. Gabinete de Estudos Tomarenses. Tomar; CASTRO, Maria João Mêndia de (1973). Subsídios para a Carta Arqueológica do concelho de Tomar, pp. 76-84, 97-136 e 227-261. Dissertação



para licenciatura em História, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa; SOUSA, Vasco de (1977). Uma cabeça de Augusto em Tomar. Conimbriga, vol. XVI, pp. 1-2. Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra; PONTE, Maria La-Salette da (1982b). Algumas considerações sobre Tomar Romana "Sellium" - os testemunhos. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 4, pp. 161-177. Tomar; PONTE, Salette da e SILVA, Victor M. (1982c). Recuperação de alguns achados arqueológicos de Tomar – CEPPRT. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 4, pp. 179-188. Tomar; BATATA, Carlos, MOREIRA, Bezeza, PONTE, Salette da e SILVA, Victor (1983). Tomar na Arte Antiga, pp. 1-6 e 12-26. Catálogo da Exposição 1 a 20 de Março de 1983 integrada nas comemorações do Dia da Cidade. Tomar; PONTE, Maria La-Salette da (1983). Tomar na Arte Antiga. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 5, pp. 107-111 e 118-132. Tomar; BATATA, Carlos e PONTE, Salette da (1983a). Intervenções arqueológicas na margem esquerda do Nabão. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 5, pp. 173-180. Tomar; ALARCÃO, Jorge de (1983). Portugal Romano, pp. 52, 88, 171, 175 e 210. Editorial Verbo, 3ª ed. Lisboa; PONTE, Salette da (1984). Rua Carlos Campeão. Informação Arqueológica (1981), 4, pp. 95-96. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; PONTE, Salette da (1985e). Estação Arqueológica na Rua Carlos Campeão: relatório preliminar de 1982/83. Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade). Supl. do Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 1, pp. 89-101. Tomar; PONTE, Salette da (1985a). Rua Carlos Campeão (1982/83). Informação Arqueológica (1982/83), 5, pp. 119-121. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; PONTE, Salette da (1986). Rua Carlos Campeão. Informação Arqueológica (1984), 6, pp. 64-66. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; PONTE, Salette da (1986a). Inserção do Forum de Sellium no Tecido Urbano de Tomar. Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985). In Trabalhos de Arqueologia, 3, pp. 43-47. Departamento de Arqueologia/Serviços Regionais de Arqueologia do IPPC. Lisboa; PONTE, Salette da (1986c). Rua Carlos Campeão Forum ("Sellium"). Informação Arqueológica (1985), 7, pp. 74-76. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa; BATATA, Carlos António Moutoso, BERNARDES, João Pedro, FERNANDES, Luís da Silva, MATOS, Olga e PONTE, Salette da (1990b) - Sellium na História Antiga Peninsular. In Actas do 2º Congresso Peninsular de História Antiga, Coimbra, 1990, pp. 511-515, 521, 523, 526, 532, 534, 537-538 e 543-549. Universidade de Coimbra. Coimbra. PDM 1994; SOUSA, Vasco de, Uma cabeça de Augusto em Tomar, Revista de Conimbriga, vol. 16, Coimbra, 1977; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 185 -201. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar; BATATA, Carlos (2013). SEILIVM, Cidade Romana, na Tomar dos Dias de Hoje. ARKEOS, 34, pp. 207-215. Tomar. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel>

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Protecção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Escavação arqueológica





Nº 237. CARDAIS - RUÍNAS DITAS DE NABÂNCIA

Outras denominações: Nabância, Marmelais, Cardais II, Forno de Cardais

Acesso: Na estrada Tomar-Mariancia, no local denominado Cardais, em frente do Cemitério Novo, do lado direito da estrada.

Coordenadas Geográficas: Escavação em 2005 - Latitude: 39.58911 Longitude: -8.39598
Altitude: 45 metros.

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Topónimo local: Marmelais de Baixo

Classificação/ Protecção: Classificado como MN - Monumento Nacional. Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910.

Proprietários: Augusto César da Mota

CNS: 858, 11362

Procs: S – 00858, 95/1 (024)

Caraterização: Situava-se numa encosta suave, virada a oeste e para o rio Nabão. As escavações arqueológicas começaram a 19 de Fevereiro de 1882, dirigidas por Joaquim Possidónio Narciso da Silva, então presidente da Comissão dos Monumentos Nacionais. Surgem devido ao fato de, ao plantar-se uma oliveira, em terreno de Augusto César da Mota, não se ter podido aprofundar por haver grande resistência do terreno, no qual apareceram muitas pedrinhas de várias cores, que o arqueólogo verificou serem de mosaicos romanos. Nestas escavações viria a ser descoberto um painel de mosaico semi-circular, de quatro cores e motivos de "cercaduras" e no centro divisões quadradas com desenhos "entrelaçados", uma "rua calçada" junto ao mosaico e outras duas em cada topo e formando ângulo reto, também "calçadas", e uma outra a fechar o circuito. Esta calçada era formada de seixos partidos com face plana para cima. Nos cantos havia "marcos cilíndricos". Deste recinto, partiam diversas "casas", com vestígios de mosaicos. Descobriu também o "cano geral para a água das chuvas". A cerca de 800 m, perto de um regato encontrou um forno. No entanto, parece que já antes Mardel de Arriaga tinha feito escavações pois, segundo nos informa Vieira Guimarães, o jornal "Diário de Notícias", de 20 de Fevereiro de 1882, já referia que tinha sido posto à vista o mosaico semi-circular, uma das "ruas" forrada de "tijolo de argila vermelha" e duas colunas. O que atrás ficou dito merece desde já um comentário: quer a notícia do jornal quer Possidónio da Silva pensavam estar a escavar a cidade romana de Nabância, nome pelo qual ficou conhecida a estação, até há cerca de 20 anos atrás. Possidónio da Silva pensou ter escavado o *Forum* e o jornal apontava para umas termas da cidade. Nem um nem outro se aproximaram da verdade, como o demonstraram João Maria de Sousa (1903) e Vieira Guimarães (1927), que através das suas teorias apontaram para a existência de um bairro pobre, mas não a Nabância, no



caso do primeiro autor, e para a existência de uma *villa* no caso do segundo. O tempo veio dar razão a Vieira Guimarães. O que Possidónio da Silva escavou não foi mais que o peristilo da casa, com diversos compartimentos em volta. O do mosaico semi-circular seria provavelmente o *triclinium* (sala de jantar). Sabemos que muitas das salas eram forradas a mosaicos (trata-se da parte nobre da casa) e que o pátio de seixos descrito por Possidónio da Silva, deixa entender, pelo Diário de Notícias, que era forrado a *opus signinum* (o tal tijolo de argila vermelha), situação que é mais normal do que a anterior. O peristilo era colunado, como é normal, com colunas de tijolo que Leite de Vasconcelos descreveu quando visitou as ruínas em 1914. Um quilómetro a montante da *villa*, na margem esquerda do Nabão, existe uma entrada de água por um canal fechado que pode estar relacionado como abastecimento da vila; Vieira Guimarães deu conta da sua existência. As escavações acabaram em 1893, com 8 trabalhadores sob as ordens de Possidónio da Silva que dirigia as escavações à distância. Quem efetivamente as escavava era o proprietário. A dispersão de materiais começa desde então. Em 1895, um peso de tear proveniente dali deu entrada no então Museu Etnográfico Português. Em 1916, do espólio de Possidónio da Silva deram entrada no mesmo museu uma asa de sítula e um peso de tear. A degradação, especialmente dos mosaicos, acentuou-se enormemente: em 1903, cresciam as ervas entre as tesselas que o compunham. Em 1914, Leite de Vasconcelos diz que eles estão muito degradados. Incumbido pelo Presidente do Conselho dos Monumentos Nacionais de dar o seu parecer sobre as ruínas romanas, disse que mereciam ser conservadas. Viu também muitos dos materiais provenientes das escavações de Possidónio da Silva, num armazém do dono da propriedade. Em 1924, as tesselas dos mosaicos tinham-se soltado não sendo já possível observar os motivos do mesmo. Os materiais do "museu", instalado num armazém da propriedade, ainda lá continuavam na sua maioria, mas o próprio guarda reconhecia que os visitantes levavam lembranças quando ele não estava a ver. A estação arqueológica tinha um guarda, desde a altura das escavações. Ganhava 400 réis e morreu cerca de 1918. Sucedeu-lhe o proprietário do terreno, mas sem receber um tostão do Estado. Foi guarda pelo menos até 1922. Em 1993, a equipa de Luiz Oosterbeek encontrou um peso de tear, nas imediações da vila, bem como materiais pré-históricos. Em 2005, na obra de remodelação da EM 533 (Marmelais de Baixo), foi atravessada a zona da *villa* romana de Cardais, já conhecida e escavada em 1882 por Joaquim Possidónio Narciso da Silva. Neste local, junto às casas do lado esquerdo, a seguir à cortada para o cemitério, foi possível detetar o aparecimento de algumas estruturas romanas que obrigaram a fazer três sondagens de caracterização de muros e derrubes de telhas que surgiram. A sua escavação e limpeza permitiram fazer o registo gráfico e fotográfico das estruturas, algo que não existia até agora. Foram recolhidos alguns materiais, escavados com técnicas mais pormenorizadas que as utilizadas em finais do séc. XIX. O que existe dessa altura é uma planta realizada com



bastante realismo e uma boa quantidade de materiais arqueológicos descontextualizados, que nos informam um pouco sobre as várias fases de ocupação do sítio. Estes materiais permitiram-nos perceber que a *villa* foi ocupada no Alto e Baixo Império Romano. Não se conhece a localização do forno, de que tipo era, nem os materiais ali achados. Um peso de tear achado nas imediações, poderá estar eventualmente relacionado com ele, e de certeza com a vila, onde foram achados grande quantidade deles.

Tipo de Sítio: *Villa* romana

Cronologia: Neolítico Final e Época Romana (sécs. I, III e IV ?)

Espólio: (Escavações de Possidónio da Silva) - duas colunas de mármore branco, 3 capitéis de mármore de diferentes tamanhos, uma base de coluna, 4 mós, mão direita de uma estátua de bronze que segurava alguma coisa, 3 freios de ferro, uma fivela de cobre, 1 fragmento de vidro de 4 mm de espessura, vários pregos de ferro, uma grade de ferro em xadrez, telhas, tijolos de grandes dimensões e grossuras, tesselas de diversas cores, um instrumento de cirurgia, moedas dos séculos III e IV d.C. 1895 - peso de tear com duas marcas; 1914 - muitos pesos de tear, de diversas formas (um com marca), asas, bocais, fundos e colos de ânforas (posteriores ao séc. 1), fragmentos de lucernas (posteriores ao séc. I), cântaros, sigilata, discos de vidro branco (peças de jogo?), *imbrices*, cabo de bronze de espelho ou pátera; 1916 - asa de sítula em forma de cavalo, peso de tear com duas marcas (x e estrela); 1973 - (Mêndia de Castro) -1 dedo polegar de uma estátua de mármore, quadrantes de coluna em tijolo, telhões, 78 pesos de tear, 4 canos de esgoto em barro, 25 bilhas de vários tamanhos; 1995 - 1 peso de tear; 2005 - cerâmicas pré-históricas e romanas (entre elas uma lucerna completa, 1 peso de tear e cerâmica tardia com palmetas), cerâmicas da Idade do Ferro, tardo-medievais e modernas. Elevada quantidade de material lítico pré-histórico.

Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Museu do Carmo, Quinta da Beselga de Cima, Museu da UAMOC (Convento de Cristo) e Laboratório de Pré-história do Instituto Politécnico de Tomar.

Referências bibliográficas:

JORNAL "Diário de Notícias" (1882), 20-2-1882; SILVA, Joaquim P. N. (1883). Descobrimento da cidade romana Nabância em Portugal. Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, 2ª série, 3 (10), pp. 152-154. Lisboa; VASCONCELOS, José Leite de (1895). Collecção ethnographica do Sr M. de Azuaga. O Archeologo Português, vol. I, pp. 22 e 26. Lisboa; VASCONCELOS, José Leite de (1895a). Antiguidades Romanas de Tomar. O Archeologo Português, vol. I, p. 14. Lisboa; VASCONCELOS, José Leite de (1896). Acquisições do Museu Ethnographico Português. O Archeologo Português, vol. II, p.142. Lisboa; SOUSA, João Maria de (1903). Noticia descritiva e historica da cidade de Thomar, pp. 213 e 233-235. Tomar, 1903. Ed. fac-similada de Fábricas Mendes Godinho, SA, Rio Maior, 1991; JORNAL "O Rebate" (1913). 27-11-1913, p. 2; VASCONCELOS, José Leite de (1914). Antiguidades de Tomar. O Archeologo Português, vol. XIX, pp. 146-151. Lisboa; VASCONCELLOS, José de Leite de (1915). História do Museu Etnológico Português (1893-1914). Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 445. Lisboa; VASCONCELOS, José Leite de (1916). Antiguidades de Tomar. O Archeologo Português, vol. XXI, p. 231. Lisboa; VASCONCELOS, José Leite de (1924). Figuras



de bronze antigas do Museu Ethnologico Português. O Archeologo Português, vol. XXVI, p. 29. Lisboa; GUIMARÃES, Vieira (1927). Thomar - Sta. Iria, pp. 52-61, 71-84 e 92. Lisboa; CORREIA, Vergílio (1941). Correspondência de Possidónio da Silva, respeitante a Tomar. Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. I, tomo I, pp. 166-168 e 170. Tomar; GRANDE ENCICLOPÉDIA Portuguesa e Brasileira (1955). Tomar, vol. XXXI, p. 898. Lisboa/ Rio de Janeiro; SAA, Mário (1959). As Grandes Vias da Lusitânia, vol. II, p. 106. Lisboa; ROSA, Amorim (1965). História de Tomar, 1ª série, vol. 1, pp. 16-17. Gabinete de Estudos Tomarenses. Tomar; CASTRO, Maria João Mêndia de (1973). Subsídios para a Carta Arqueológica do concelho de Tomar, pp. 138-160. Dissertação para licenciatura em História, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa; ROSA, Amorim (1967). Anais do Município de Tomar, vol. III, pp. 193, 204, 233 e 229. Tomar; ROSA, Amorim (1974). Anais do Município de Tomar, vol. IX, pp. 340, 377, 382 e 386. Tomar; CAMPOS, Correia (1979). Ruínas Romanas da Nabância? (Tomar). Jornal "Sellium", 1-3-1979, p. 8; SILVA, Victor (1985). Algumas achegas para o estudo da ocupação romana na Região de Tomar. Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade). Supl. do Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 1, pp. 133-135. Tomar; OLEIRO, João Manuel Bairrão (1986). Mosaico Romano. História da Arte em Portugal, vol. I, p. 112. Publicações Alfa, SA. Lisboa; ALARCÃO, Jorge de (1988a). Roman Portugal, vol. II, p. 112. England; ALARCÃO, Jorge de (1988b). Nabância e Concórdia. Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 2ª série, vol. II, p. 63. Lisboa; PONTE, Salete da (1989b). Sellium, Tomar Romana, p. 21. Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da E.S.T.T. Tomar; BATATA, Carlos António Moutoso, BERNARDES, João Pedro, FERNANDES, Luís da Silva, MATOS, Olga e PONTE, Salete da (1990b) - Sellium na História Antiga Peninsular. In Actas do 2º Congresso Peninsular de História Antiga, Coimbra, 1990, p. 543. Universidade de Coimbra. Coimbra; ALARCÃO, Jorge de (1992). O território de Sellium. Actas do Seminário "O Espaço Rural na Lusitânia, Tomar e o Seu Território" (1989), pp. 13-14. Tomar; PONTE, Salete da (1992a). Tomar e o Seu Território. Actas do Seminário "o Espaço Rural na Lusitânia, Tomar e o Seu Território" (1989), pp. 16, 18, 26 e 29. Tomar; FERREIRA, Rui e PONTE, Salete da (1992). A villa suburbana de Cardais, Tomar - Sua história. Actas do Seminário "O Espaço Rural na Lusitânia, Tomar e o Seu Território" (1989), pp. 55- 57. Tomar; BATATA, Carlos e GASPARGAR, F. (1993a) - Catálogo das estações arqueológicas da Civitas de Sellium. In Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, 18, pp. 38-39 e 42. Tomar; PONTE, Salete da (1993a). Sellium Romana: sua história. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 19, pp. 175-176. Tomar; ANTUNES, Maria Felisbela Dias (1994). A Idade do Ferro e a Romanização no vale do Nabão, contributo para o estudo do território de Sellium. Tese de Seminário do CESE (Arqueologia), da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, vol. 1, pp. 41, 44 e 67 (policopiado). Tomar; PDM 1994; OOSTERBEEK, Luiz Miguel (1994b). Echoes from the east: the Western Network North Ribatejo (Portugal): an insight to unequal and combined development, 7000 - 2000 B.C., vol. II, p. 367. University College London, Institute of Archaeology. Londres; ANTUNES, Maria Felisbela Dias (1996). A Idade do Ferro e a romanização no vale do Nabão. In Techné, 2, pp. 37-54. Tomar; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 152, 201 -206 e 214-215. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar; TOMARPOLIS (2003). Estudo de Incidências Ambientais da Intervenção do Programa Polis em Tomar. Relatório Final, Revisão 1, Anexos; SOUSA, Vanessa (2006). Relatório final do acompanhamento arqueológico da obra de reparação da EM 533 entre o Centro de Formação Profissional e a Fábrica da Plátex e das sondagens de Marmelais de Baixo. Relatório Aprovado; <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral>
www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1963

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Mau
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado



Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Fraco
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico e realização de sondagens e escavações no âmbito da Arqueologia preventiva



Nº 190. CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE TOMAR

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.602916 Longitude: -8.414059 Altitude: 60 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Classificação/ Proteção: Aglomerado Urbano de Interesse Cultural - Declaração n.º 76/99, 2.ª série, de 5 de Março.

CNS: 1947, 33142, 34156, 23271, 27480, 29662, 30219, 33518, 13924, 31481, 14055, 32726, 32728, 19645, 17099, 12874, 29998, 34153, 31486, 23314, 34303, 34154, 27486, 34155, 31487, 1945, 11332

Procs: S – 33142, 2004/1(606), S - 23271 e 2002/1(144), S – 29662, S – 30219, S – 27480, S – 33518, S – 13924, 2004/1(606), S – 14055, S – 12874, S – 34303, S – 27486, S - 11332

Caraterização: Estrutura urbana tendencialmente regular, formando uma quadrícula composta por 9 eixos paralelos de orientação este/oeste e por 3 eixos com orientação norte/sul, definindo quarteirões retangulares, sendo o eixo estruturante de toda a rua da Corredoura (atual rua Serpa Pinto), apresentando maiores dimensões que os restantes.

Tomar, apesar de apresentar um tecido edificado adulterado, é um dos melhores exemplos de malha urbana regular romana, que conserva até hoje a estrutura ortogonal, definida para a cidade romana e que se estendeu ao Centro Histórico, eixo central de entrada na cidade romana, definidas pelas ruas Direita da Várzea Grande e Direita da Várzea Pequena, Rua da Corredoura e Ponte Velha. Situa-se no vale do rio Nabão, no sopé da encosta este do maciço onde se ergue o Castelo de Tomar e o Convento de Cristo. O rio permitiu o desenvolvimento de moagens e indústria ligada à energia hidráulica. Ocupou inicialmente a margem direita do rio, estendendo-se posteriormente para a margem esquerda, onde se desenvolveu a cidade romana. Encontrava-se numa posição geoestratégica muito favorável, sendo local de passagem obrigatório no percurso entre Lisboa e Porto. Com a



abertura, no reinado de D. Maria, da estrada Lisboa/Porto, passando diretamente por Leiria, Tomar perde a sua importância de entreposto. O excepcional crescimento da cidade durante o final do séc. XII e todo o século XIII, com um período áureo na segunda metade deste, é indissociável do fato de estar sob tutela da Ordem dos Templários, com todas as implicações que daí advinham, quer ao nível da defesa e organização do território, quer ao nível administrativo, económico e urbano. Esta zona mais segura e mais próspera foi atraindo e fixando uma população crescente, com direitos e deveres regulados pela governação da Ordem, apresentando no final do séc. XIII um notável desenvolvimento das estruturas municipais e uma estrutura urbana consolidada, com áreas diferenciadas e especializadas, e com uma estrutura social bem estabelecida. O incremento dado à cidade pela governação do Infante D. Henrique durante o séc. XV teve consequências sobretudo ao nível da economia, com a criação de feiras francas, dos equipamentos industriais e de saúde.

Sinagoga de Tomar (Rua Dr. Joaquim Jacinto)

1985 - Na sequência do aparecimento de uma boca de talha, quando se removia o chão de cimento, seguiram-se escavações arqueológicas que revelaram a existência de um forno e um esgoto. Este último e a talha intacta e *in situ*, foram datados como sendo provavelmente dos sécs. XVIII/XIX; ao forno não foi atribuída qualquer data. Os alicerces dos compartimentos encontrados foram datados do séc. XV, do reinado de D. Afonso V. São contemporâneos da Sinagoga que data também de meados do séc. XV. Tanto Salete da Ponte como Fernanda Lapa pensam que estes muros correspondem ao *mikveh* judeu (balneário para os banhos rituais). Em 1989, fizeram-se escavações no quintal deste anexo da Sinagoga. Abriram-se dois quadrados denominados 6 e 7. O 6 situa-se do lado sul e o 7 do lado norte, mais próximo dos muros da anterior escavação. O quadrado 6 apresentava até 70 cm de profundidade entulhos vários; a 1,5 m apareceu uma camada de telhas. O quadrado 7 foi escavado até aos 80 cm; apareceu um pavimento de tijoleiras semelhante aos da Sala Anexa. Os materiais desta última camada foram datados dos sécs. XV-XVI, contemporâneos dos achados e moedas da Sala Anexa. A escavação de 1989 não foi concluída posteriormente, nem foi feita nenhuma planta dos pavimentos achados, o que foi pena, pois poderia ter sido possível relacioná-los com as estruturas da Sala Anexa. Em artigo datado de 1991, Salete da Ponte refere que o anexo oriental da Sinagoga se destinava aos homens e o do lado oeste, para as mulheres (*mikveh*). Segundo ela, o forno descoberto nas escavações servia para aquecer água. Refere a grande quantidade e variedade de peças cerâmicas aparecidas na zona dos muros.

Rua Everard - "Nesta rua foi descoberto um marco miliário que por falta de interesse foi de novo enterrado no mesmo sitio". Informação retirada de um artigo de jornal.



Praça da República (1999) – Trata-se de um pavimento em tijoleira, sobre o qual assentavam diretamente fragmentos de talha e outras cerâmicas comuns, cuja descoberta levou ao levantamento de parte da calçada portuguesa de início do século XX, que se lhe sobrepunha. Descobriram-se ainda três estruturas que parecem definir um compartimento, em frente à Igreja de São João Baptista, na sequência da abertura de valas.

Rua Dr. Joaquim Jacinto, nº 60 (1999-2000) - Moradia construída em meados do século XV e XVI, que pelo contexto cronológico e o enquadramento geográfico terá pertencido à judiaria. Esta residência foi desafectada num momento por determinar, entre o século XVI e XVIII. Encontra-se na área de proteção da antiga Sinagoga, actual Museu Luso-Hebraico.

Rua Joaquim Jacinto, nº 76-78 (2000) - Trata-se de uma habitação inserida em plena área do monumento nacional da Sinagoga de Tomar. A sua degradação motivou obras de remodelação e recuperação, tendo-se identificado nos alicerces vestígios de estruturas de época medieval/modernas associadas a espólio da mesma época. A atual rua é considerada por muitos historiadores como sendo o antigo espaço ocupado pela judiaria de Tomar.

Rua Joaquim Jacinto, nº 89-91 (2000a) - Foram realizadas 4 sondagens preventivas, onde foram identificados vários testemunhos de ocupação, distribuídos por 3 níveis estratigráficos: 1ª ocupação dos séc.s XV-XVI/XVII-XVIII, remodelado numa segunda fase no século XIX e utilizado até o século XX. Em termos de realidades arqueológicas, na sondagem 4 detetaram-se seixos de rio argamassados; um pavimento em tijoleira (séc.s XVII/XVIII) e que foi utilizado como lixeira nos séculos precedentes.

Travessa da Misericórdia (2000a) - A estrutura encontrada é uma "Cova do Bagaço", de cronologia contemporânea, mas que nos últimos 20 anos caiu em desuso. O seu interior servia para depositar o bagaço da azeitona, que se destinava ao consumo dos animais.

Rua Pedro Dias, nº 53-57 (2003) - Foi identificado restos de uma lixeira, sucessivamente utilizada desde o séc. XV até inícios do século XX. A análise tipológica e morfológica do conjunto cerâmico e das moedas medievais portuguesas permite definir o uso prolongado deste edifício urbano, que parece parte integrante da casa-torre da família Calça Perra. Comprovado também o achado de arcaria em tijolo e o substrato das estruturas existentes no piso 1 à cota de 50 m.

Rua Aurora Macedo (2004) - Os trabalhos de escavação de uma faixa com cerca de 3 m de largura e 8 m de comprimento, até à cota de afetação da obra (cerca de 1,10 m), permitiram detetar três fases de construção distintas. As estruturas mais antigas são compostas por blocos calcários de grande dimensão, apresentando em algumas zonas vestígios de argamassa de cor branca a uni-las. Segundo a responsável estas estruturas mais antigas assentam na U.E. [4], na qual foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica islâmica, mas onde também se recolheram fragmentos de cerâmica moderna. Estas



estruturas são afetadas por uma segunda fase de construção, que a responsável enquadra nos séculos XVII-XVIII, da qual se destaca um poço construído com pedra calcária de pequena e média dimensão com argamassa de tom alaranjado a unir estas pedras às estruturas anteriores. Foi ainda identificado um piso em saibro, onde estava escavada uma espécie de pia. Após o registo do piso, procedeu-se ao seu levantamento, tendo-se identificado uma fossa. A última fase corresponde a uma calçada de seixo, de cronologia contemporânea, que se encontrava praticamente à superfície. Na conclusão dos trabalhos de escavação, procedeu-se ao desmonte manual de algumas estruturas no local de passagem do tubo de água, tendo as restantes sido cobertas com manta geotêxtil e areia, ficando assim preservadas.

Rua Alexandre Herculano (2005) - Apenas se registou a existência de um esgoto a quase todo o comprimento da vala, ainda em funcionamento, construído em pedra calcária, sem argamassa, e de cronologia contemporânea e foram exumados três fragmentos de cerâmica comum moderna/ contemporânea.

Rua Dr. João Maria de Sousa/Dr. Sousa (tramo sul) (2006) - Os trabalhos reverteram na descoberta de três troços de alinhamento de muro, postos em evidência na zona alargada do arruamento (lado sul/perfil poente), até à cota de afetação da obra. Apresentavam-se truncados pelos contextos de abertura, implantação e enchimento dos ramais domésticos de águas e esgotos dos prédios. Indiciavam, provavelmente, uma antiga linha de muro construída nos terrenos designados do pé da Costa de Baixo. Surgiram bem apetrechados e consistentes, contendo blocos médios de calcário preenchidos por perdas irregulares de menor calibre, pouco facetados e dispostos de modo firme, agregados numa massa avermelhada de saibro, arenito e areia, proporcionando compactidade e resistência estrutural, surpreendendo pela largura apresentada, cerca de 0,90/1m no segmento do melhor preservado, o que levanta dúvidas quanto à sua funcionalidade. Os níveis estratigráficos atingidos pelas intervenções da obra não permitiram obter outros dados que não a identificação de níveis de revolvimento e aterro que enquadraram pequenos e erodidos fragmentos de cerâmica de cronologia moderno-contemporânea, embora a filiação estrutural dos muros indicie uma cronologia mais recuada.

Rua Gil de Avô (2006a) - Os resultados obtidos no acompanhamento arqueológico das obras de remodelação das infraestruturas na Rua Gil de Avô reverteram na descoberta, até à cota de afetação de obra, de seis troços de alinhamentos de muro, quatro no lado nascente e dois na parte poente da rua, assomados nas partes laterais do arruamento, adjacente às frontarias actuais. Indiciavam o traçado precedente da artéria e definiam o anterior delineamento das suas fachadas, consubstanciando espaços habitacionais ou outros e/ou quintais murados. Estes alinhamentos de pedra, no geral, eram constituídos por pedras e blocos calcários pouco facetados, de pequena e média dimensão, unidos com



terra argilosa ou com argamassa de saibro e areia e encontravam-se destruídos por fenómenos interventivos recentes, como sejam, novas edificações e implementação de infra-estruturas subterrâneas. Num desses vestígios de alicerce situado perto do cruzamento com a Rua Dr. Sousa, apareceram restos de um nível de pavimento de calçada em seixos, adossado às pedras da soleira e aos degraus da estrutura, demarcando o espaço de circulação precedente. No terreno escavado da vala identificou-se ainda uma estrutura negativa, de formato sub-circular, tipo silo/fossa, escavada no substrato argiloso caracterizado pela compactidade e impermeabilidade permitindo um bom revestimento para depósito. Os níveis estratigráficos correspondentes configuravam contextos de ocupação, circulação, derrube, camadas de revolvimento e de aterro/enchimento de onde provieram materiais atribuíveis à Alta Idade Média (visigóticos) e cronologicamente integráveis desde a Época Islâmica, Medieval/Cristã e Moderna.

Rua S. João Baptista (2006b) - Numa sondagem arqueológica efetuada defronte do imóvel nº. 58-60, foi detetado um alicerce, com cerca de 9,3 m de comprimento e 50 cm de largura, construído em pedra calcária com argamassa de cal e areia. Este muro parece ter correspondido a uma habitação de época moderna e encontra-se no alinhamento da primitiva rua. O mesmo havia já sofrido afetação por trabalhos urbanísticos anteriores, com o intuito de alargar a rua onde se insere. Para além desta estrutura, foi ainda possível identificar um outro muro, construído em pedra calcária, sem qualquer argamassa de ligação, parcialmente destruído pela construção do muro de época moderna. Associado a este muro mais antigo recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica de tradição islâmica. Ainda trabalhos de remodelação de infraestruturas nesta rua, permitiram a descoberta de vários alinhamentos de pedras referentes aos alicerces do edificado anterior da rua, de cronologia medieval-moderna, correspondendo a muros de casa comum térrea/sobradada, de função habitacional ou outras, e/ou cercados de hortas/quintais murados. No geral, estes alicerces de muro caracterizavam-se por um formato retilíneo, apresentando blocos e pedras de calcário facetado e aparelhado, com enchimento de terra argilosa ou com argamassa de cal e areia/argamassa de saibro e areão a preencher os interstícios. Estavam truncados entre si pela passagem de ramais domiciliários de águas/esgotos e outros, que os destruíram. No espaço da rua foram realizadas até à cota de afetação da obra cinco sondagens arqueológicas. Na parte nascente do arruamento foram postos em evidência quatro pequenos troços de muro. No lado poente da rua, foram descobertos 21 tramos de alinhamento pétreos, numa extensão de 60 metros, paralelos ou perpendiculares à linha de fachada atual, por vezes formando compartimentos no terreno. Identificaram-se níveis de ocupação, circulação, derrube, camadas de revolvimento e de aterro/enchimento de onde provieram materiais de cronologia



indeterminada atribuíveis à alta idade média e cronologicamente integráveis desde a época islâmica, medieval/cristã, moderna e contemporânea.

Rua Silva Magalhães (2006c) - Os trabalhos permitiram a descoberta, até à cota de afetação da obra, de dois alinhamentos pétreos em ambos os lados da rua, adossados numa disposição paralela no plano inferior das construções atuais e visíveis na sua face superior e a poucos centímetros das soleiras. O primeiro, a poente, caracterizava-se por uma fiada horizontal de pedras de pequeno/médio volume, conjuntadas e apetrechadas com saibro e areão. No perfil oposto, o segundo apresentava-se desconjuntado, com um lastro de argamassa de saibro e pedras, comportando ainda restos de soleira. As camadas já identificadas até à cota de afetação da obra, e conetadas superficialmente com os vestígios, revelaram elementos cerâmicos pouco significativos de cronologia moderno/contemporânea. Apesar da sua parca evidência, o visionamento destas reminiscências pétreas correlacionava-se com os anteriores espaços habitacionais, comerciais, ou oficinais do arruamento, prestando-se a definir o anterior traçado da artéria no seu alinhamento externo, que diferiria alguns graus face ao atual, revelando também uma maior estreiteza entre os lotes opostos na rua.

Rua dos Moinhos (Lado Norte) (2006d) - Os resultados obtidos no acompanhamento arqueológico das obras de remodelação das infra-estruturas na parte norte da Rua dos Moinhos, compreendido entre a Rua de São João Baptista e a Rua Serpa Pinto, reverteram na descoberta superficial de dois alinhamentos pétreos em ambos os lados da rua, a uma distância diminuta face à atual linha de fachada. No perfil nascente, o primeiro vestígio apareceu a poucos centímetros da superfície, formado por pedras calcárias de média dimensão e outras de calibre menor, aparelhadas com argamassa de saibro de coloração avermelhada e areão. No perfil poente, o segundo alinhamento surgiu numa disposição mais divergente face ao edificado atual sendo constituído por pedras facetadas de médio e pequeno volume, algumas de formato triangular numa solução de melhor encaixe, aparelhadas com terra argilosa, sem recurso a argamassa, diferindo estruturalmente do anterior, o que poderia apontar uma cronologia mais recuada. As camadas identificadas até à cota de afetação da obra e conetadas de modo superficial com as estruturas forneceram poucos materiais consubstanciados em pequenos fragmentos cerâmicos de cronologia moderno-contemporânea.

Travessa de São João (2006d) - Os resultados obtidos no acompanhamento arqueológico das obras de remodelação das infra-estruturas na Travessa de São João reverteram na descoberta dos vestígios de um alinhamento de muro estruturado e retilíneo de orientação divergente com a linha edificada da sacristia e da Igreja de São João Baptista, bem como, de uma estrutura pétreia semicircular adossada no nível inferior ao pano murado exterior da cabeceira da igreja. O alinhamento de muro, perspectivado na sua face superior,



caracterizou-se pela aparelhagem cuidada das pedras unidas em terra argilosa, sem argamassa compósita. As pedras de calcário branco, facetadas, de média dimensão em ambas as faces e de menor calibre no enchimento dos interstícios, formavam um alinhamento medido em 10 m de comprimento por 0,60 m de largura. Encontrava-se truncado pela passagem do caneiro de pedra secundário ligado à sacristia e pelo caneiro pétreo principal da travessa. O semicírculo de pedras calcárias assumiu igualmente um aspeto relevante na análise das realidades arqueológicas existentes no subsolo da travessa e também das dúvidas quanto à sua funcionalidade. A estrutura apareceu adossada no nível inferior da parede exterior da cabeceira da igreja, formada por pedras de pequeno calibre e blocos médios de calcário unidos com alguma argamassa de cal e saibro, apresentando pedras recurvas e faceadas no interior que se encontrava atulhado. A estratigrafia do subsolo da travessa regulada pelos parâmetros e cota de afetação da obra, indicou contextos de derrube das estruturas, níveis superficiais de revolvimento e aterro e camadas de enchimento das infraestruturas de onde provieram materiais cronologicamente integráveis desde a Época Islâmica, Medieval/Cristã, Moderna e Contemporânea. A Igreja de São João Baptista é um programa manuelino sobre os escombros da capela/igreja medieval dos séculos XII/XIII ou de período anterior. A descoberta dos dois vestígios pétreos, discernidos num espaço perdurado pelo simbolismo do sagrado, poderão corporizar os restos dessa edificação, ou mesmo de uma construção mais antiga, radicada, talvez, na Alta Idade Média.

Convento de São Francisco (2007) - O Convento de S. Francisco teve a sua fundação no ano de 1624, tendo a construção da igreja sido iniciada no ano de 1628, e terminado em 1636. No entanto só em 1660 a torre do lado direito da fachada ficou concluída. Após a extinção das ordens religiosas o Convento é entregue ao Ministério da Guerra, sendo atualmente a Câmara Municipal de Tomar a responsável pelo espaço conventual e pela cerca, e a Ordem Terceira de S. Francisco a responsável pelo templo. Foram detectadas 11 estruturas arqueológicas, três das quais correspondem a caneiros de pedra, possivelmente da época de construção do convento e posteriormente restaurados com cimento. As restantes estruturas correspondem a muros mais tardios (séculos XVIII/XIX), feitos de pedras de diversos calibres e argamassa alaranjada. Três destas estruturas que se situam junto ao Museu dos Fósforos, parecem formar entre si um pequeno compartimento paralelo ao convento, talvez pertencente a algum anexo constituído posteriormente. Foi ainda registado o aparecimento de um pequeno troço da anterior calçada que cobria o chão do claustro.

Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental (2005 - 2008) - O CMIA localiza-se no centro histórico da cidade de Tomar, num edifício medieval, o antigo Celeiro da Ordem de Cristo, cuja ocupação e transformação se estendem até final do século XX. O sítio chamava-se Chão do Pombal. A antiguidade do edifício poderá remontar ao século XIII dada a



presença de contrafortes com marcas de canteiro o que, à partida, remete para o período medieval. Durante os trabalhos da TomarPolis foi possível observar que o edifício primitivo entrou em ruínas, possivelmente devido ao Terramoto de 1531. A reconstrução do século XVI foi feita em pedra calcária e argamassa de cal e saibro. No chão terá sido construído o caneiro principal, para escoamento de águas da lavagem das talhas do azeite, através de pequenos canais que provinham dos poiais onde se encontravam as talhas. O edifício manteve as mesmas funções até 1808, data da última notícia como celeiro. Posteriormente funcionou como quartel militar ficando conhecido pela designação "Quartel 2".

Parque de Estacionamento Rua Dr. Sousa - Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico da construção do parque de estacionamento (que se localiza por detrás do edifício da Câmara Municipal de Tomar), da responsabilidade da Dra. Cláudia Nobre, apareceu uma estrutura pétreia integrada na barreira aí existente, cujas remoções de terras vieram revelar a existência de um poço, não se tendo observado quaisquer materiais arqueológicos das terras provenientes do seu interior. No âmbito deste trabalho foram ainda encontradas duas talhas, parcialmente completas. Noutra área do parque de estacionamento apareceram duas estruturas num dos cortes do desaterro, às quais estavam associados materiais cerâmicos e fauna.

Rua Dr. Sousa, n.º 7 a 9/ Largo do Pelourinho (2009) - Após a demolição da parede e limpeza dos entulhos, procedeu-se à raspagem do terreno, tendo-se detetado dois silos escavados no barro verde, uma estrutura feita de pedra de grande porte e argamassa laranja muito compacta (séc. XVIII-XIX), uma calçada contemporânea e um poço em pedra (séc. XIX). O Silo I metia-se para debaixo do muro. Este silo tinha cerca de 90 cm de diâmetro por 60 cm de profundidade, apresentava uma camada de terra negra semi-compacta onde se recolheram alguns materiais arqueológicos; abaixo desta surgiu uma camada de terra castanha, barrenta com algumas pedras de pequeno calibre.

Av. Cândido Madureira/ Rua Infantaria 15/ Rua dos Arcos e a Travessa da Misericórdia (2009c) – Foram realizadas 10 sondagens arqueológicas. A estratigrafia das sondagens apresenta-se de um modo geral muito simples, notando-se apenas algumas diferenças estratigráficas entre as sondagens da área este e as sondagens da área oeste. Na área este a primeira unidade estratigráfica era composta por entulhos, argamassa alaranjada e pedra proveniente da demolição do edifício, que variava entre os 20-30 cm de espessura, surgindo apenas nas sondagens 1, 2, 5 e 7. A esta unidade seguia-se uma camada de entulhos de época moderna, composta por terras castanhas areno-argilosas, compactas, que apresentavam grande quantidade de cerâmica comum, vidrada e de construção. Existia também alguma cerâmica mais antiga, de época medieval. Para além da cerâmica surgiram também ossos de animais, que correspondem a restos de alimentação, alguns metais e escória. Esta unidade estratigráfica variava entre os 15 e 70 cm de espessura e



serviu para nivelar o terreno nos séculos XVI e XVII. Abaixo desta camada surgem argilas de coloração amarelada, esverdeada ou cinzenta que correspondem a níveis de sedimentos do rio Nabão, estéreis em grande parte das sondagens. Em algumas sondagens estas argilas não são completamente estéreis, surgindo ainda raros fragmentos de cerâmica, descontextualizados e muito erodidos, que talvez possam ser de época romana. À medida que aumenta a profundidade das sondagens, os vestígios arqueológicos tendem a desaparecer e as argilas tornam-se estéreis. Esta unidade estratigráfica aparece em algumas sondagens logo aos 30 cm de profundidade, como é o caso das sondagens 1, 5, 6 e 7. Nas sondagens mais a oeste, o nível de argila ocorre a uma maior profundidade, que varia entre os 70-110 cm, existindo sobre ele uma espessa camada de terras de aterro, castanhas, areno-argilosas, com grande quantidade de cerâmica comum, vidrada e de construção de época moderna, e alguma também de época medieval, muitos ossos, pedra miúda, alguma escória e muitos carvões. As Sondagens 4 e 8, situadas próximas uma da outra, destacam-se por possuírem uma estratigrafia diferente das restantes sondagens. A estratigrafia aqui caracterizava-se por uma maior complexidade e heterogeneidade, sendo constituída por finos níveis e por bolsas de natureza distinta que se sucedem e vão alternando sem uma ordem específica: terra argilosa de cor castanha esverdeada; níveis de cinzas e carvões; níveis de areia castanha clara; bolsas com terra castanha clara esbranquiçada com cinzas; níveis ou bolsas de tonalidade ferruginosa contendo escória de ferro e restos de metal oxidado. Nestas sondagens surgiu grande quantidade de fragmentos de telhas, fragmentos de cerâmica comum de época moderna e também alguns de época medieval, muitos ossos, abundante escória de ferro e alguns metais. A cerca de 70-80 cm de profundidade iniciam-se as argilas de cor amarelada, originadas pela deposição de sedimentos do rio, praticamente estéreis do ponto de vista arqueológico, surgindo ainda fragmentos de telha muito erodidos que tendem a desaparecer à medida que a profundidade aumenta.

Rua da Infantaria nº 15 (2009a) - A rua, na sua maioria, apresentou terras castanhas e barrentas. Esta rua já tinha sido bastante intervencionada para colocação de infraestruturas. No lado mais a sul da rua, junto ao Hospital Velho a 6,80 m da esquina do Hospital e a 1,75 m de profundidade, surge em plano o que parece ser os restos de um silo. Caracterizava-se por conter uma terra negra. Este silo encontrava-se à cota de afetação da obra e por isso não foi escavado, foi apenas registado e coberto com geotêxtil.

Travessa do Arco (2009b) - O local situa-se em pleno centro histórico de Tomar, numa rua de traçado medieval. A rua foi aberta para substituição do antigo esgoto em pedra (que ainda se encontrava em funcionamento). Esta travessa é uma perpendicular à Rua Pedro Dias. As terras eram sobretudo constituídas por barros castanhos. Após o desmonte do esgoto e à cota da obra (1m) surgiram manchas circulares que poderão corresponder a duas fossas,



embora não se tenha verificado materiais a elas associadas, e a terra que as acompanha serem infiltrações do esgoto. Uma das fossas tinha de diâmetro 1,30 m e a outra cerca 2,30 m. Uma vez que se encontravam à cota da obra, foram apenas registadas e cobertas com geotêxtil e pó de pedra.

Praceta Alves Redol (2010) - Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no local demonstraram uma importante realidade no subsolo da Praceta Alves Redol, com raiz medieval, demonstrando com grande qualidade o urbanismo moderno da cidade de Tomar. Foram identificados alguns núcleos preservados, com edifícios e respetivos pavimentos em bom estado. No entanto e fruto da intensa urbanização, a informação surge truncada em muitos locais, com infraestruturas a destruírem parcialmente os vestígios. A área melhor preservada parece estar localizada junto ao Edifício da Moagem. Chegou-se a 3 conclusões: 1º - devido ao nível freático e à pequena potência estratigráfica do local, concluiu-se que aquela zona teria sido leito do rio até meados do século XIV e que só com a regularização atual do Rio Nabão, feita desde o século XV pelo Infante D. Henrique, é que foi possível construir alguns edifícios no local; 2º - que o conjunto de tijoleiras da Sond. 2, seriam efetivamente o único testemunho do antigo edifício dos Estaus, demolido para a construção do Palácio onde atualmente funciona o IPT; 3ª - que as pedras descontextualizadas que surgiram na Sond. 2 também seriam oriundas do edifício antigo descrito na 2ª conclusão.

Rua Cândido Madureira (2010a) - A abertura da vala demonstrou uma estratigrafia totalmente alterada pelos trabalhos de requalificação urbana. Foi, no entanto, possível identificar sinais da estratigrafia original, com a presença de elementos de época romana. Detetaram-se ainda dois muros de época romana em frente da Caixa Geral de Depósitos e um muro contemporâneo, frente ao n.º 36. As estruturas não foram intervencionadas dado que não se identificaram materiais arqueológicos associados, estando a estratigrafia muito alterada pela presença de inúmeras infraestruturas.

Av. Doutor Vieira Guimarães (2011) - Duas estruturas tipo fossa de cronologia medieval. Uma das estruturas apresentava sinais da ação de fogo nas suas paredes e uma acumulação de material orgânico carbonizado no fundo.

Avenida Marquês de Tomar (Área central) – 2006 - Acompanhamento - Cerâmica comum medieval/islâmica; cerâmica comum (séculos XV-XVI); porcelana (séculos XV-XVI); cerâmica vidrada (séculos XVI-XVIII); azulejo e telha fina de cronologia moderna; cerâmica comum de época moderna; pregos e cavilhas de cronologia moderna; cerâmica vidrada contemporânea.

Avenida Marquês de Tomar (Área norte) e Largo do Pelourinho – 2008 - Na escavação arqueológica realizada na Av. Marquês de Tomar, denominada Sondagem I, foram descobertos 18 silos, denotando-se uma maior concentração numeral destas unidades no



lado sul da sondagem, enquanto os restantes se espraiavam no terreno, sendo assim mais ténue do lado norte da mesma, no sentido da estrada do Prado. Quanto ao seu formato apresentavam em plano uma forma algo arredondada, com diâmetros variáveis, na ordem de 1,00/1,20 m, de diâmetro, embora em perfil se denotasse em alguns uma forma oblonga. No que se refere aos materiais de enchimento dos silos, encontraram-se muitos materiais cerâmicos, alguns com formas bem preservadas do período medieval, tardo-medieval/época moderna, telhas, escória de metal, alguns objetos de adorno e moedas, contendo a maioria as lajes em pedra que serviam de tampa para selar a estrutura. Quanto à escavação arqueológica efetuada no Largo do Pelourinho, a Sondagem II revelou a existência de 10 silos, estando mais polarizados no lado nascente da sondagem, obedecendo estes de sobremaneira às características verificadas na Sondagem I, embora se encontrassem em pior estado de conservação devido à referida intrusão de infra-estruturas subterrâneas, que cortaram a extremidade superior dos silos. Estas, apesar de similaridade na forma e disposição espacial continham no seu enchimento pedras e telhas, um quase nulo grau de escória de metal e um menor índice de material cerâmico, porém com semelhante horizonte temporal ao da Sondagem I.

Museu da Levada (2011a) - A abertura das sondagens não permitiu identificar vestígios medievais, nem da Idade Moderna. Contudo na sondagem 4 foram identificados vários pisos de circulação do lagar edificado nos inícios do séc. XVIII. Estes pisos terão sido sucessivamente renovados ao longo de 200/300 anos. Na sondagem 1 e na sondagem 8 foi identificado um lajeado relacionado com a moagem "A Nabantina" e com a moagem "A Portuguesa". Na sondagem 6 foi encontrada uma estrutura selada por fragmentos de tijolo relacionada com a moagem "A Portuguesa". A maioria das cerâmicas são datáveis do século XVIII tendo surgido duas faianças do século XVII.

Rua dos Arcos, nº 12 (2012) - Os trabalhos de sondagens arqueológicas, manuais e parietais, possibilitaram a identificação de estratos preservados, de sedimentação natural, provavelmente relacionada com a deposição de sedimentos do Nabão, com materiais desde época Medieval, não tendo sido identificadas quaisquer estruturas.

Tipo de Sítio: Silos, Celeiro, Poço, Estruturas

Cronologia: Medieval Islâmico, Medieval Cristão, Época Moderna e Contemporânea

Espólio: Rua Everard - marco miliário; 1985 - cerâmica comum (tijelas, malgas, jarras, potes) e vidrada (pintada a verde e amarelo) e moedas (6 ceitis de D. Afonso V, 1 real e 1 ceitil de D. João III, 2 reais de D. Sebastião e uma moeda não identificável), datáveis entre 1438 e 1558; 1989 - cerâmica comum vidrada e não vidrada dos sécs. XV-XVI, cavilhas de ferro e fragmentos de objetos em cobre (alfinetes e fivelas); 1999-2000 - cerâmicas vidradas de chumbo, faianças, cerâmicas comuns vermelhas, moedas e um disco de bronze com elevação cilíndrica no centro, com cinco furos; 2000a - talha, fragmentos de *dolia*, outros



fragmentos cerâmicos; 2003 - cerâmica, faiança, peças vidradas e metálicas, moedas de D. Afonso V, cachimbo do século XVII. Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental (2005 - 2008) - Cerâmicas comuns e vidradas, faianças, vidros, algum material lítico e alguns metais (ferro); 2006a - cerâmica comum visigótica (?); cerâmica comum de época islâmica; cerâmica comum medieval; cerâmica comum de cronologia moderna; cerâmica vidrada dos séculos XV-XVIII; porcelana dos séculos XV-XVI; cerâmica de construção de cronologia moderna (telhas e telhas finas); pregos, cavilhas e ferragens de cronologia moderna; 2006b - cerâmica de tradição islâmica e islâmica, cerâmica medieval, cerâmica comum e fina de época moderna; objetos de adorno e labor de cronologia moderna (anel e dedal); faiança (séculos XVI-XVII); material cerâmico de construção de cronologia moderna (cavilhas, pregos); moedas de prata de D. Manuel I (vintém) e moedas dos séculos XIX/XX; cerâmica vidrada contemporânea; ferragens, pregos, cavilhas e vidros de cronologia contemporânea; 2006d - cerâmica comum de época islâmica; cerâmica medieval; lima, cutelo e cavilhas de ferro de cronologia medieval; moeda da I Dinastia de bronze/cobre; cerâmica comum de cronologia moderna; cerâmica vidrada dos séculos XVI-XVIII; cerâmica de construção de cronologia moderna (telhas); faiança, vidrados contemporâneos; 2009 - materiais cerâmicos de época islâmica, e de época moderna; 2009a - fragmentos cerâmicos de época islâmica (silo); 2009c - a escavação das sondagens permitiu reunir um espólio considerável de material arqueológico, onde naturalmente se destaca grande quantidade de cerâmica, integrada nos níveis de aterro que serviram para regularizar o terreno em época moderna. O espólio cerâmico recolhido enquadra-se na época medieval-moderna: a grande maioria dos fragmentos inventariados são de cronologia moderna e em menor quantidade surgem fragmentos de cerâmica de época medieval (dos 1245 registos cerâmicos inventariados em base de dados, 1172 foram classificados como modernos e apenas 48 como medievais). Recolheram-se ainda raros fragmentos de cerâmica romana, muito erodidos e de pequenas dimensões, de pastas alaranjadas, inseridos nos níveis de argilas. A cerâmica de construção (telhas e tijolo), muito habitual em contextos de aterro, surge aqui também em grande quantidade. Foram apenas recolhidos alguns exemplares mais completos ou que apresentassem particularidades decorativas tais como dedadas longitudinais; 2010 - fragmentos de cerâmica comum, vidrada, faianças, porcelanas de cronologia moderna e contemporânea e alguns artefactos líticos de época pré-histórica; 2011 - cerâmica comum e faianças dos séculos XIX/XX, cerâmica comum, vidrados e faianças do século XVIII, e duas faianças do século XVII.

Local de depósito: Extensão de Torres Novas da DGPC e CRIVARQUE - Estudos de Impacto Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda.

Tipo de Sítio: Centro Histórico



Cronologia: Séc.s VIII a XX

Referências bibliográficas:

- SIMÕES, João dos Santos (1943). Inscrições Lapidares no Convento de Cristo. Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, vol. II. Lisboa.
- SIMÕES, J.M. dos Santos (1943a). Tomar e a sua Judiaria. Ed. do Museu Luso-Hebraico. Tomar. Edição fac-similada, Tomar, 1992.
- PONTE, Salete da (1985b). Sinagoga e o seu meio ambiente. Jornal "Cidade de Tomar", 4-4-1985, p. 8.
- PONTE, Salete da (1986e). Sinagoga de Tomar - Anexo poente. Informação Arqueológica (1985), 7, pp. 77-79. Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa.
- LAPA, Maria Fernanda (1989). A Sinagoga de Tomar - Seu enquadramento na problemática da presença judaica em Tomar. Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, 11/12, pp. 35-54. Tomar.
- LAPA, Maria Fernanda (1989a). A Sinagoga de Tomar; Campanha de 1989. Boletim Cultural e informativo da C.M. de Tomar, 13, pp. 73-82. Tomar.
- PONTE, Salete da e FERREIRA, Luís (1991a). Um tempo, uma exposição, a Sinagoga de Tomar, 500 anos de história. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 15, pp. 123-130. Tomar.
- BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena (1991a). Subsídios para a compreensão da Arqueologia da Morte na Região de Tomar, p. 1. Trabalho prático para a cadeira de Arqueologia medieval. Instituto de Arqueologia da FLUC. Coimbra (policopiado).
- BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 230-232. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar.
- PONTE, Salete da (2000a). A sinagoga de Tomar: dimensão sócio-cultural e religiosa da comunidade hebraica. In Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. "Terrenos" da arqueologia da Península Ibérica. Vila Real 1999, 8, pp. 151-160. ADECAP. Porto.
- TOMARPOLIS (2003). Estudo de Incidências Ambientais da Intervenção do Programa Polis em Tomar. Relatório Final, Revisão 1, Anexos.
- BATATA, Carlos e MENDES, Catarina (2005). Acompanhamento arqueológico de abertura de vala de saneamento básico da Rua Alexandre Herculano, Tomar. Relatório Aprovado.
- FERNANDES, João Alexandre de Sousa Oliveira (2006). Infra-estruturas da cidade de Tomar. Relatório Aprovado.
- FERNANDES, João Alexandre de Sousa Oliveira (2006b). Infra-estruturas da cidade de Tomar. Relatório Aprovado.
- SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2007). Relatório final do acompanhamento arqueológico de abertura de valas no Convento de São Francisco (Tomar) no âmbito do projecto Comunidade Urbana do Médio Tejo, centro de apoio à gestão territorial do Médio Tejo. Relatório Aprovado.
- SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2009a). Relatório final do acompanhamento arqueológico da reconstrução e transformação de um edifício na rua Dr. Sousa, nº 7 e 9 (Largo do Pelourinho) Tomar. Relatório Aprovado.
- SOUSA, Vanessa Marques Damião Serra de (2009b). Trabalhos arqueológicos na Rua dos Arcos - Tomar. Relatório Aprovado.
- BARRADAS, Elisabete (2009). Relatório Final das Sondagens Arqueológicas em prédio situado entre a Av. Cândido Madureira/ Rua Infantaria 15/ Rua dos Arcos e a Travessa da Misericórdia, em Tomar. Relatório Aprovado.
- BATATA, Carlos (2010a). Relatório final dos trabalhos arqueológicos de requalificação urbana da Praceta de Alves Redol, Tomar. Relatório Aprovado.
- SILVA, Andreia Marisa Barros (2011). Arranjo urbanístico da envolvente ao Convento de Cristo - Tomar.
- www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6271

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Muito Elevada

Estado de Conservação: Elevada



Monumentalidade: Muito Elevada	Valor Científico: Muito Elevada
Valor Histórico: Muito Elevada	Grau de Proteção: Muito Elevada
Originalidade: Muito Elevada	Raridade: Muito Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento, sondagens e escavações arqueológicas



Outros elementos do património não classificados

Nº 238. ANTIGO HOSPITAL DE SÃO BRÁS

Localização: Rua Pé da Costa de Baixo

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601713 Longitude: -8.415813 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Pessoa singular

Caraterização: Hospital medieval. Edifício de 2 pisos de planta retangular irregular, com balcão alpendrado na fachada principal rematada em empena. Piso térreo rasgado por arco rebaixado suportando o piso do balcão, com cobertura em telhado de uma água assente em 3 pilares. Planta poligonal, de 2 pisos adaptando-se ao desnível do terreno no lado oeste, formando gaveto, adossado a prédio pelo lado norte; massa simples com cobertura em telhado de duas águas no edifício e de uma água no alpendre, elevando-se no topo posterior direito 2 chaminés retangulares. Fachada principal voltada a norte de um pano e dois pisos; piso térreo rasgado por um arco em cujo interior se abre uma porta, sustentando uma varanda alpendrada murada, de vãos delimitados com três pilares, dois retangulares e um quadrangular, sustentando arquitrave de madeira; escada de oeste para este, de um lanço com cinco degraus para acesso à porta da varanda alpendrada, de vão retangular e molduras em cantaria; no interior do alpendre rasga-se uma porta e uma janela de peitoril, de molduras lisas em cantaria. Fachada oeste de um piso rasgada por duas janelas de molduras retangulares e por pequeno janelo no embasamento. Fachada este de dois pisos, sem elementos divisores; o primeiro apresenta uma janela e uma porta de acesso ao interior, o segundo, guarda e coluna do alpendre, duas janelas de peitoril, sendo uma



delas com avental. INTERIOR: O piso térreo divide-se em 2 espaços distintos; uma parte comercial, com acesso pela porta sob o arco da fachada principal, ampla com teto em madeira; e um outro residencial, com acesso ao piso superior, por onde se acede através da área comercial e pela porta que se rasga na fachada este.

Tipo de Sítio: Arquitectura civil

Cronologia: Séc. XIV?

1384 - O Hospital de São Brás foi deixado com outras casas e um olival para sustento dele, pela Sra. Constança Anes, viúva de Francisco Domingos; 1510, 8 de Dezembro - por alvará de D. Manuel foi criada a Santa Casa da Misericórdia de Tomar, resultado da fusão dos 14 Hospitais e Albergarias existentes em Tomar.

Referências bibliográficas:

SOUSA, J. M. Cordeiro, Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, Vol III, Tomar, 1951; ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar, Vol VIII Tomar, 1972; CONDE, Manuel Sílvio Alves, Tomar Medieval o Espaço e os Homens, Lisboa 1988; COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar - Perspectivas, Tomar, 1991; FRANÇA, José Augusto, Cidades e vilas de Portugal, Lisboa, 1994; SANTOS, Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos, A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar - Os Expostos 1799-1823, Tomar 2002; PDM 1994.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24207

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: PDMT
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 239. TORRE SINEIRA DA IGREJA DE SANTA MARIA DO OLIVAL

Localização: Junto à Igreja de Santa Maria do Olival

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601477 Longitude: -8.407823 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais



Caraterização: Em frente da Igreja de Santa Maria dos Olivais, situa-se a torre sineira que é apontada como podendo ter sido restaurada pelos Templários, tendo antes pertencido ao antigo mosteiro beneditino. Apresenta aspecto de forte e é provável que tenha servido de refúgio aos artífices construtores da igreja, aquando de qualquer ataque inesperado e uma vez que do castelo não houvesse tempo de lhes prestar auxílio (*Tomar. Perspetivas*).

Escavações arqueológicas feitas no embasamento da torre, não revelaram a existência de estruturas de qualquer mosteiro beneditino, mas somente restos de construções romanas que foram aproveitadas para construir sepulturas medievais templárias. A torre apresenta uma porta em ogiva, a lembrar portas mudejâras. O primeiro piso apresenta grandes portadas de arco românico, em número de seis, nas quatro fachadas; o segundo andar apresenta janelas aos pares, em ogiva, centradas nas fachadas mais longas, onde foram colocados sinos de bronze e duas janelas nas fachadas mais estreitas. Apresenta ainda terraço e quatro gárgulas de canhão redondas e lisas para escoamento da água do terraço.

Tipo de Sítio: Arquitectura Religiosa

Cronologia: Medieval, Século XVI?

Referências bibliográficas:

Tomar, *Perspectivas*, coordenação e organização de José Jorge Couto Ferreira/João Alberto Rosa, ed. Festa dos Tabuleiros 1991.
PDM 1994.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Protecção: PDMT
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro





Nº 240. IGREJA DE CEM SOLDOS

Localização: Cem Soldos

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.586149 Longitude: -8.453141 CMP: 310(1963)

Freguesia: U.F. de Madalena e Beselga

Caraterização: É um templo antigo (talvez uma capela dedicada a S. Sebastião), do qual resta apenas uma porta manuelina com uma flor de lis no remate. Destaca-se da igreja que lhe está adossada e que, interiormente, é semelhante a outros templos da região: uma nave com teto de madeira, de três planos, coro sobre colunas, capela-mor e dois altares colaterais de talha dourada. Na capela, num nicho do lado do evangelho, está uma virgem de madeira do século XVII e, nas paredes laterais, seis pinturas a óleo sobre tábuas (três de cada lado). Há ainda uma imagem do orago, escultura de pedra do século XVI, e um calvário de madeira com mais de um metro.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Porta lateral manuelina, séc. XVII e dois cruzeiros de 1704 e 1920

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 241. IGREJA MATRIZ DE SÃO PEDRO

Localização: Alviobeira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.564789 Longitude: -8.359979 CMP: 320(1978)

Freguesia: U.F. de Casais e Alviobeira

Caraterização: Templo arquitetonicamente comum à região. Tem uma só nave, de teto de madeira de três planos. Os retábulos de talha têm um valor relativo, muito menor que os azulejos azuis e amarelos (seiscentistas) do corpo da igreja e da capela-mor. Tem um púlpito de cálice, renascentista, com varanda de balaustres. É riquíssima em imagens sagradas: S. Brás, Sto. António, Santíssima Trindade, S. Francisco, Sto. Antão, S. Pedro, S. Gregório, S. Martinho e S. Sebastião. Apresenta sobre a porta principal, uma cruz de Cristo, que pode ter sido deslocada de outro local.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Fundação em 1502 e remodelado até ao século XVII

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 242. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Localização: Santa Cita, junto à fonte de Santo António, ambos na Rua de Santo António

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.541586 Longitude: -8.388061 CMP: 320(1978)

Freguesia: Asseiceira

Caraterização: Pequena capela circular com brasão dos Gama.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: 1557

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 243. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Localização: Olalhas

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.541586 Longitude: -8.388061 CMP: 311(1980)

Freguesia: Olalhas

Proprietário: Igreja Católica

Caraterização: Arquitectura religiosa quinhentista e barroca. Planta longitudinal com torre sineira. Fachada principal com rosácea sobre portal principal. Interior de uma nave coberta com teto de madeira, de três planos, dois altares e duas capelas laterais. Paredes forradas até à sanca de azulejos de tipo padrão azuis e amarelos (séc. XVII), de vários desenhos; empena do arco cruzeiro com decoração cerâmica que se repete na capela-mor, cujo



teto em caixotões tem painéis revestidos de azulejos com a representação das insígnias da Paixão. A igreja terá estado sob jurisdição templária e posteriormente da Ordem de Cristo e da Prelazia de Tomar até ao séc. XIX. A construção da primitiva igreja data do séc. XVI, da qual resta a rosácea e a torre sineira e no interior a pia baptismal que se diz oferecida pelo Infante D. Henrique.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI - construção da primitiva igreja, da qual resta a rosácea e a torre sineira e no interior a pia baptismal; pórtico de 1736 e igreja do século XVII (PDM 1994).

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, vol. III, Lisboa, 1949; PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20916

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 244. AQUEDUTO DO CONVENTO DE CRISTO

Localização: Brazões

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.608242 a 39.628311 Longitude: -8.442499 a -8.459016

CMP: 310(1963)



Freguesia: Carregueiros

Caracterização: O Aqueduto dos Pegões ou da Ordem de Cristo tem a extensão de 6 km, incluindo os 400 m classificados. Trata-se de um muro em alvenaria composto por blocos de calcário de média dimensão, caleira em cantaria de calcário e cujo topo é coberto por lajes calcárias retangulares. As nascentes situam-se entre Carregueiros e Brazões, todas no mesmo vale, mas em locais diferentes. Até à povoação, apresenta duas arcarias e um troço subterrâneo entre a 1ª e 2ª nascente; o troço que atravessa a povoação de Brasões não apresenta qualquer arcaria, sendo a sua altura variável, atingindo cerca de 2 m em alguns pontos. Sobre o Vale da Felpinheira o aqueduto aéreo compõe-se de 12 arcos de volta redonda, com cerca de 15 m na parte mais alta; a jusante do troço classificado, seguem-se 34 arcos de volta perfeita, que atravessam um vale pouco profundo. Um pouco mais à frente apresenta nova arcatura, para ultrapassar uma linha de água, antes de passar a aqueduto subterrâneo até à Cadeira d'El-Rei. Correndo paralelas ao muro da cerca, no interior da Mata dos Sete Montes, 2 arcaturas com 18 e 13 arcos; termina com a cortina de 21 arcos também de volta perfeita, rematados pela cruz de Cristo, os últimos adossados à fachada sul do Convento de Cristo. No muro exterior da cerca, do lado oeste, do lado oposto ao tanque, encontra-se uma moldura do que terá sido uma porta, sobre a qual se lê a seguinte inscrição: "O extenso aqueduto e altíssima mole que há pouco, rasteira, se ergueu por favores de reis, cortando os montes, transpondo fundos vales, não obstante à força de trabalho e dinheiro, em longo percurso aqui conduzida ou antes conduziram os dois Filipes: o que não fizeram os braços de tantos reis. 1614". Apenas se encontra classificado o troço conhecido como Pegões Altos (Monumento Nacional, Decreto de 16 de Junho de 1910, Diário do Governo n.º 136 de 23 de Junho de 1910; ZEP, Diário do Governo, 2.ª série, n.º 265 de 14 de Novembro de 1946; Portaria n.º 328/79, de 7 de Julho), deixando fora de qualquer proteção, o restante troço do aqueduto, numa extensão de cerca de 5 km, incluindo as 4 nascentes (Nascente da Porta de Ferro, Nascente do Cu Alagado, Nascente do Vale da Pipa e Nascente do Cano).

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI e XVII

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 245. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO

Localização: Asseiceira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.524086 Longitude: -8.403279 CMP: 320(1978)

Freguesia: Asseiceira

Proprietário: Igreja Católica

Caraterização: Interior totalmente revestido de azulejos policromos seiscentistas. Uma custódia de prata dourada e uma coroa do Espírito Santo, de 1544 destacam-se entre as peças de ourivesaria existentes. Foi mandada edificar pelos condes da Atalaia.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVII

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20927

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 246 CAPELA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA

Localização: Ceras

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.524086 Longitude: -8.403279 CMP: 299(1980)

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Caraterização: Templo modesto com duas galilés laterais. No interior tem um altar-mor e dois laterais. Junto ao altar da epístola está uma lápide que identifica António Medeiros Leitão como o fundador da capela em 1755. No altar existe uma imagem de Nª Sra. da Ajuda, pintada e estofada. Na base desta escultura seiscentista, um braço que será, provavelmente, dos Sanches.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVII

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 247. IGREJA DE SÃO MIGUEL

Localização: Carregueiros

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 299(1980)

Freguesia: Carregueiros

Proprietário: Igreja Católica

Caraterização: Planta composta por nave, capela-mor e sacristia. INTERIOR: uma nave com teto de madeira de três planos, coro alto sobre colunas, dois altares laterais e dois colaterais



e dois nichos albergando estatuária, contornados por azulejos de "corda seca"; a nave tem silhar de azulejos de enxadrezado verde e branco; capela-mor coberta de abóbada de berço e silhar de azulejos de enxadrezado azul e branco contornando azulejos de padrão azul e amarelo. Na nave, a pia de água benta apresenta base e taça lavradas e pé com torsão. Sacristia com arcaz sobre o qual se levanta um retábulo com vestígios de pintura, tendo um dos painéis uma cruz almofadada, um escudo com as quinas e um livro; adossada à parede uma pia de água benta. A fachada ostenta a data de 1874, sobre a porta principal.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI - construção do templo; data das pias de água benta existentes na igreja e sacristia; séc. XVII - data dos azulejos da nave e capela-mor; séc. XVIII - data de algumas esculturas; fachada do séc. XIX.

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, vol. III, Lisboa, 1949; PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20928

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 248. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO RECLAMADOR (ou de Roque Amador)

Localização: Casais

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.652662 Longitude: -8.382356 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Caraterização: Dedicada a Nª Srª. de Roque Amador, vulgarmente designada como do Reclamador, é um templo de feição normal, muito comum na região. Tem capela-mor de



abóbada de berço, uma nave com teto de madeira, de três planos, coro sobre colunas, dois altares laterais e um colateral.

A pia de água benta, quinhentista, é de taça lavrada sobre um fuste liso. Das várias imagens sagradas, destacam-se as da Santíssima Trindade (escultura de pedra do século XVI), da Virgem (com uma rosa na mão e o Menino ao colo, com uma pomba) e do Cristo crucificado, em madeira. Foi reconstruída pela Associação de Melhoramentos de Casais após um grande incêndio.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Fundada em 1560 e reconstruída em 1711

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 249. CAPELA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA ASSEICEIRA

Localização: Asseiceira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.523883 Longitude: -8.403767 CMP: 320(1978)

Freguesia: Asseiceira

Caraterização: Planta longitudinal de nave e presbitério, actualmente sem cobertura, tendo adossado à fachada lateral esquerda corpo retangular correspondente à sacristia e possível casa do despacho, também sem cobertura. Fachadas da igreja praticamente inexistentes, conservando apenas as paredes laterais e a testeira, em alvenaria e conservando em alguns troços vestígios de reboco. No local da fachada principal existe muro baixo rebocado e pintado de branco e capeado a tijoleira, delimitando o espaço interior; à



esquerda, possui painel mais alto, com registo de azulejos inscrito. No interior, nave com pavimento em tijoleira, possuindo coxia rebaixada; presbitério de cantaria, acedido por degraus centrais, conservando no frontal lateral direito silhar com losango almofadado. Na parede testeira abre-se ao centro o antigo vão que albergava o retábulo-mor, em arco de volta perfeita sobre pilastras toscanas e actualmente cego; ladeia-o, à direita, pequeno vão retangular. Sobre o pavimento encontra-se, isolada, uma verga inscrita com a data de 1782. Na parede do lado do Evangelho, conserva-se porta de verga reta moldurada, de ligação aos anexos, encimado por vão quadrangular; a meio, abre-se ainda um outro vão retilíneo sobrelevado e que poderá ter correspondido ao acesso do púlpito. Dependências com fachada principal terminada em meia empena, rasgada por porta de verga reta precedida por escadas. Interior subdividido em duas dependências, tendo numa delas, junto a janela quadrangular, um lavabo de espaldar retangular, com silhar contendo bica inserida em florão, encimado por elemento fitomórfico em leque, e com bacia retangular. O registo de azulejos tem a seguinte inscrição: IGREJA DA MISERICÓRDIA ASSEICEIRA HOSPITAL DE SANGUE EM 16 DE MAIO DE 1834 DURANTE A BATALHA QUE PÔS TERMO À GUERRA CIVIL ENTRE LIBERAIS E ABSOLUTISTAS. HOMENAGEM DA JUNTA DE FREGUESIA AOS MORTOS DE UM E OUTRO CAMPO DE BATALHA NO 175 ° ANIVERSÁRIO, EM 16 DE MAIO DE 2009.

Tipo de Sítio: Arquitectura religiosa

Cronologia: Séc. XVI ? - época provável da construção da capela; 1758, 1 Abril - referência à capela da Misericórdia nas Memórias Paroquiais da freguesia, com Compromisso, gozando de privilégios semelhantes aos da Misericórdia de Lisboa e tendo 20\$000 de rendimentos; não tinha hospital, nem documentos, razão pelo que não se sabia a sua origem; 1782 - data inscrita numa verga depositada no chão; 1834 - durante a guerra civil entre os liberais e absolutistas, funcionou como Hospital de Sangue; 2009, 16 Maio - colocação de lápide comemorativa em honra aos mortos em vários campos de batalha, pela Junta de Freguesia.

Referências bibliográficas:

DGARQ/TT: Dicionário geográfico de Portugal, vol. 1, nº 23, pp. 205- 210
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=28251

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Reduzido
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico e restauro/reconstrução



Nº 250. CAPELA DE SANTA MARTA

Localização: Santa Marta

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.594580 Longitude: -8.384913 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Capela com uma única nave e porta linear e galilé simples com colunas finas e simples, nos quatro cantos sopurtando telhado de três águas. Reaproveitamento de silhar gótico com marca de canteiro e pedras com marcas de corte de pedra, na construção do templo.

Tipo de Sítio: Arquitectura religiosa

Cronologia: Séc. XVI?

Referências bibliográficas:

PDM 1994

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 251. ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO

Localização: Alqueidão

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 310(1963)

Freguesia: Olalhas



Proprietário: Igreja Católica

Caraterização: Ermida de devoção, de planta quadrangular, de nave única, capela-mor e sacristia; nave com cobertura de abóbada de caixotões; capela-mor com retábulo de talha e paredes revestidas de azulejos azuis e brancos, enxadrezados; púlpito com guarda em balaústres; altar colateral do lado da Epístola, dedicado a Santo Amaro, com retábulo de talha com imagem alusiva ao santo no centro; do lado do Evangelho, altar também em talha, sem pintura; sacristia com janela guarnecida por grossos varões de ferro do séc. XVII.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI?, Séc. XV - data atribuída à imagem de Nossa Senhora do Leite; Séc. XVI - provável construção do templo; datação da talha do altar-mor; séc. XVII - data dos varões em ferro da sacristia; data da pintura representando Santo Amaro.

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, vol. III, Lisboa, 1949; PDM 1994.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20925

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 252. CAPELA DE SANTA LUZIA

Localização: Olalhas

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.629201 Longitude: -8.276500 CMP: 311(1980)

Freguesia: Olalhas

Propriedade: Igreja Católica

Caraterização: Planta quadrangular composta por nave e capela-mor e sacristia. Interior de uma só nave com cobertura em abóbada de caixotões; a capela-mor com retábulo de talha é revestida a azulejos azuis e brancos enxadrezados. Sacristia com janela guarnecida



por grossos varões de ferro do séc. XVII. De ambos os lados da porta existem nichos com santos em pedra.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVII

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11903

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 253. PASSOS DA VIA SACRA DE TOMAR

Localização: Rua dos Arcos e Av. Dr. Cândido Madureira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601859 Longitude: -8.413234 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietários: Pessoa singular (Passo 1 e 3); Misericórdia (Passo 2)

Caraterização: Os Passos existentes em Tomar eram sete, distribuídos do seguinte modo: dois passos encontravam-se na Av^a Cândido Madureira e ainda aí se encontram; um passo na Rua dos Arcos; um na Rua Silva Magalhães (demolido); um outro na Rua Serpa Pinto (demolido); o sexto na Rua dos Moinhos (demolido) e o sétimo encontra-se na Igreja da Misericórdia/Igreja da Graça onde a imagem se recolhia. Os três passos existentes, não possuem todos as mesmas características, com estilos arquitetónicos diferenciados. O primeiro é de planta retangular, alçado de um pano com 2 registos, assente em estereóbato composto por 3 degraus escalonados de piso saliente; vazado por arco de volta inteira apoiado em pilastras toscanas de toro retangular e fuste liso, inserido em moldura retangular



onde são visíveis vestígios de dobradiças das portadas do nicho. Se o primeiro e o segundo apontam ter sido construídos de raiz, já no terceiro se induz de que poderão ser a reutilização de elementos pré existentes para se constituírem em passos. O Passo da Misericórdia é posterior à construção da igreja da Graça pois entaipa completamente uma porta e janela da capela-mor, os azulejos poderão ter sido aproveitados das obras efetuadas na capela-mor na segunda metade do séc XVIII. O 2º Passo apresenta azulejo enxaquetado de padrão azul e branco.

Cronologia: Século XVI? – Primeiro Passo; Séc. XVII - Segundo Passo; 3º Passo - Século XVIII.

1670 - A procissão dos passos já se realizava na cidade; séc. XVIII - construção de mais alguns Passos; 1819- último registo da procissão dos passos devido à eclosão do liberalismo, até 1834; 1888 - realizou-se mais uma procissão com grandes festividades; 1903 - segundo o jornal "A Verdade" realizou-se a procissão dos Passos; 1910 / 1911 - foi proibida a procissão pela recém implantada República.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Referências bibliográficas:

ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar 1900 - 1925, vol IX, Tomar 1967; ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar, vol X, 1581 - 1700, Tomar 1968; FERREIRA, Fernando, Passo Perdido, Jornal Cidade de Tomar nº 1995 de 25 de Agosto, Tomar 1973; ROMUALDO, Mela, Procissão dos Passos, Jornal Cidade de Tomar nº 2390 de 27 de Março, Tomar 1981; GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos, Tomar Roteiro sentimental., Lisboa 1999; PAULO, Arsénio, A Procissão dos Passos, Tomar à Letra, Tomar 2000.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24314

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada

Medidas de Salvaguarda: Conservação e Restauro





Nº 254. IGREJA MATRIZ DA BESELGA

Localização: São Silvestre, Beselga

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.595982 Longitude: -8.482867 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Madalena e Beselga

Proprietário: Igreja católica

Caraterização: Planta longitudinal composta por nave e capela-mor. Interior de nave única com coro alto sobre colunas, dois altares laterais e dois colaterais. Capela-mor com teto de madeira de três planos. Na sacristia, encontra-se lápide com a Cruz da Ordem de Cristo (Filipina) de haste inferior alongada e data de 1746, descoberta no lugar de Francos. Destaca-se uma imagem de Nª Sra. do Ó modificada em Nª Sra. do Rosário, do séc. XVI, ainda com restos de pintura antiga. As restantes são ícones, também quinhentistas, na parte traseira tem um óculo fechado com uma estela funerária com a cruz de Cristo; em frente da igreja existe um cruzeiro composto por cruz simples, tendo no topo a inscrição INRI e a data de 1628. Foi construída em cima de uma *villa* romana.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc.s XVI – XVIII, reconstrução da fachada em 1930

Séc. XVI - construção do templo primitivo, do qual são testemunho as esculturas deste período; 1930 - intervenção que lhe deu a feição atual.

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, vol. III, Lisboa, 1949; PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=12885

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 255. IGREJA DO ANTIGO CONVENTO DE SANTA CITA/CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

Localização: Santa Cita

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.538059 Longitude: -8.383583 CMP: 320(1978)

Freguesia: Asseiceira

Proprietário: Igreja Católica

Caraterização: Fachada principal com galilé de entrada desnivelada com 2 degraus descendentes. Interior de nave única, guarda-vento com coro alto; arco cruzeiro plano de acesso à capela-mor com altar-mor com retábulo; um altar lateral e dois colaterais. Seguindo as características da escola coimbrã (século XVI), é notável pelo seu retábulo.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc.s XVII a XVIII

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=12888

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 256. IGREJA E HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE TOMAR/HOSPITAL DE N.ª. SRA. DA GRAÇA

Localização: Avenida Doutor Cândido Madureira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601952 Longitude: -8.414485 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Misericórdia

Caraterização: Arquitetura religiosa quinhentista, maneirista e tardo-barroca e hospitalar maneirista. Igreja de Misericórdia de planta retangular e eixo interior longitudinal, composta por nave e capela-mor, interiormente com teto de masseira, em madeira, e em abóbada de berço de estuque, respetivamente, iluminada pelos vãos laterais, tendo adossado à fachada mais curta do retângulo a Casa do Despacho e hospital, que se prolonga



formando pátio aberto central. Igreja com nave rasgada por janelas quadradas com moldura de capialço no topo, tendo na fachada principal portal de verga reta encimado por frontão triangular, enquadrado por colunas jónicas sustentando cornija e nicho quadrangular com frontão curvo e aletas, e a capela-mor com duas janelas de perfil curvo e moldura côncava recortada, encimada por sineira. No interior as paredes laterais e fundeira apresentam linguagem maneirista erudita, com três registos, marcados por frisos e cornijas, e vários tramos, definidos por duas ordens de pilastras toscanas e estípites jónicas, tendo no 1º registo vãos em arco em volta perfeita sobre pilastras, no 2º apainelados cruciformes entrecortados por retângulos de cantaria, e no 3º as janelas quadrangulares de capialço. Possui porta de ligação ao hospital na parede fundeira e do lado do Evangelho, coro-alto de madeira, púlpito maneirista em cantaria e duas capelas colaterais e arco triunfal envolvidas por estuques rococós; capela-mor igualmente com estuques rococós na abóbada e retábulo-mor tardo-barroco em talha policroma, de planta convexa e um eixo. Corpo da Casa do Despacho e o do hospital, maneiristas, dispostos em L, com fachadas de dois pisos, separadas por friso, cunhais apilastrados e terminados em cornija, rasgados regularmente por vãos retilíneos de modinatura semelhante. A Casa do Despacho possui no 1º piso vãos separados por pilastras jónicas, e no segundo janelas de peitoril de verga e cornija contracurvada, integrando pano de peito. Hospital com fachada principal e lateral esquerda de três panos definidos por pilastras toscanas, rasgada no primeiro piso por janelas retangulares jacentes de molduras simples e no segundo por janelas de peitoril com moldura integrando pano de peito em cantaria, encimadas por friso e cornija; no pano central da fachada principal, rasga-se o portal de verga reta e moldura côncava, encimado por friso e frontão triangular interrompido com inscrição no tímpano, encimado pelo brasão da Misericórdia. No interior conserva antiga escada de acesso ao segundo piso, com arranque da guarda volutada encimado por pináculo e coberta por abóbada de berço e de aresta no patamar, possuindo nicho no topo.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc.s XVI; XVII; XVIII; XIX

1510, 8 Dezembro - Alvará de D. Manuel I instituindo a Misericórdia de Tomar e anexando-lhe as confrarias de Nossa Senhora dos Anjos e de Santa Cruz, a Gafaria de Santo André e o Hospital de Nossa Senhora da Graça, com as suas rendas, bens e encargos; 1529, 10 Outubro - D. João III decide conceder ao provedor e oficiais da Misericórdia de Tomar os privilégios e liberdades de que dispunha a Misericórdia de Santarém; 1542 / 1563 - a administração do hospital esteve a cargo dos priores do convento de Cristo (SANTOS, 2001); 1545, cerca de - pintura do painel com representação do "Milagre Eucarístico de Santo António", inicialmente atribuída à oficina de Gregório Lopes (REIS-SANTOS, 1960) e, mais recentemente, associada à oficina do Mestre da Misericórdia de Abrantes (FREIRE, 1989);



1563, 6 Julho - o Cardeal-Infante concede a administração e rendas do hospital ao provedor e irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Tomar; 1567 - início da construção da igreja, por ordem do Dr. Cristóvão Teixeira, provedor da Misericórdia, segundo consta na lápide sobre porta no lado do Evangelho da nave; 1594 / 1595 - execução dos azulejos colocados nas capelas colaterais; 1672, 7 Julho - lançamento da primeira pedra para a construção do hospital, custeada pela herança de Manuel Nunes da Costa, fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo, falecido em 1662, conforme consta na lápide sobre o portal do hospital; 1712 - o Padre Carvalho da Costa refere que a Misericórdia é "bastantemente rica, pois chegam suas rendas a hum conto, aonde sam os pobres doentes excellentemente curados e providos"; séc. XVIII, 2ª metade / séc. XIX - remodelação do arco triunfal e capela-mor com estuques decorativos e feitura do retábulo-mor; 1862, 28 Maio - carta régia aprovando o seu Compromisso.

Referências bibliográficas:

COSTA, P. António Carvalho da, *Corografia Portuguesa...*, tomo III, Braga, 1869; GOODOLPHIM, Costa, *As Misericórdias*, Lisboa, 1897; PINHEIRO, João Torres, *O hospital da Misericórdia e o caminho de ferro de Thomar*, Tomar, 1933; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, III*, Lisboa, 1949; REIS-SANTOS, Luís, "Painel Antoniano de Gregório Lopes na Misericórdia de Tomar", sep. *Belas Artes*, nº 15, Lisboa, 1960, pp. 3-12; ROSA, Amorim, *História de Tomar*, 2 vols, Tomar, 1965-1982; ROSA, Amorim, *Anais do Município de Tomar*, vol. VII, 1454 - 1580, Tomar, 1971; MECO, José, *Azulejaria em Portugal*, Lisboa, 1985; FREIRE, Paula Cristina Martins, "O milagre eucarístico de Santo António da Misericórdia de Tomar", *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*, nºs 11 / 12, Março de 1989; PDM de 1994; MOREIRA, Rafael, "As Misericórdias: um Património Artístico da Humanidade", *500 Anos das Misericórdias Portuguesas, Solidariedade de Geração em Geração, Catálogo da Exposição no Mosteiro de Santa Mónica para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias*, Lisboa, 2000, pp. 135-164; SANTOS, Graça Maria de Abreu Arimar Brás dos, *A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar - Os Expostos - 1799-1823*, Dissertação de Mestrado em História Regional e Local, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2001; *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Fazer a História das Misericórdias* (coord. José Pedro Paiva), vol. 1, Lisboa, 2002; *Portugaliae Monumenta Misericordiarum, A Fundação das Misericórdias: O Reinado de D. Manuel I* (coord. José Pedro Paiva), vol. 3, Lisboa, 2004. http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6420

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 257. CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Localização: Vale de Idanha, Rua da Ermida

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.662948 Longitude: -8.303764 CMP: 311(1980)

Freguesia: Olalhas

Propriedade: Privada

Caraterização: Fachada principal com alpendre de colunas cilíndricas. Na verga da porta de entrada, encontra-se incisa a data de 1671, que poderá corresponder à data da construção da capela.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVII

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, vol. III, Lisboa, 1949; PDM 1994.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e Restauro



Nº 258. IGREJA DA MADALENA

Localização: Madalena

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.570880 Longitude: -8.446053 CMP: 320(1978)

Freguesia: U.F. de Madalena e Beselga

Caraterização: Templo com capela-mor, dois altares laterais e dois colaterais. A capela-mor é revestida de azulejos azuis e amarelos do século XVII, num padrão pouco vulgar nas igrejas deste período. Os vãos dos tetos são forrados dos mesmos azulejos, o que também não é muito comum. Todos os altares, mesmo os colaterais, têm retábulos de talha seiscentista. Apresenta galilé com colunas cilíndricas e pilastras nos cantos e a data de 1667 na porta.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa



Cronologia: Séc. XVII

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 259. CAPELA DE SÃO LOURENÇO

Localização: Póvoa

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.658422 Longitude: -8.404309CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de Além da Ribeira e Pedreira

Caraterização: Trata-se de um pequeno templo aldeão, onde se veneram as imagens do orago, escultura popular de pedra do séc. XVI, e de Sta. Clara, da mesma época, mas mais pequena e pintada posteriormente. A fachada é de fatura contemporânea.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI?

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	



Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 260. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Localização: Largo de Santo António, Fortes de Baixo

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.572546 Longitude: -8.349596 CMP: 320(1978)

Freguesia: S. Pedro

Caraterização: Pequena ermida com galilé de meias colunas adossadas aos quatro cantos e assente sobre muro delimitativo, com três entradas. Num dos cantos apresenta um púlpito em pedra decorado com bandas retílineas verticais.

Cronologia: Séc. XVII?

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Referências bibliográficas:

Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 261. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Localização: Levegada

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.575744 Longitude: -8.300885 CMP: 320(1978)

Freguesia: S. Pedro



Caraterização: Tem à frente uma galilé muito fechada com colunas nos quatro cantos, tendo à frente duas colunas intercalares que ladeiam a principal das três entradas, firmados num murete. O interior é forrado por azulejos seiscentecistas. A porta é muito simples e ostenta a data de 1602.

Cronologia: Séc. XVII

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

ALMEIDA, José António Ferreira de (1976). Inventário Artístico de Portugal. Lisboa.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Nº 262. CRUZEIRO DE CARRAZEDE

Localização: Carrazede

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 320(1978)

Freguesia: U. F. de Madalena e Beselga

Caraterização: Cruzeiro de braços retílineos, estando o principal assente sobre plinto piramidal com caveira ladeada por dois fémures, com a data de 1675. A coluna principal é decorada com altos relevos de símbolos ligados à morte de Cristo (escada, chicote, lanças e coroa na interseção dos braços); braço do lado esquerdo – martelo; braço do lado direito – turquês. Na parte de trás apresenta os mesmos motivos.

Cronologia: Séc. XVII

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Referências bibliográficas: n.a.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Nº 263. IGREJA MATRIZ DE SÃO PEDRO

Localização: S. Pedro

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.564789 Longitude: -8.359979 CMP: 320(1978)

Freguesia: S. Pedro

Caraterização: É um templo comum no distrito. Tem uma nave com teto de madeira de três planos, capela-mor, coro sobre colunas, dois altares laterais e dois colaterais. Do seu espólio, ressalta um manto de seda bordada do séc. XVII, de Nª Sra. dos Prazeres. No seu adro foram achadas estelas funerárias medievais.

Cronologia: Idade Média, séc. XVII

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Referências bibliográficas:

Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 264. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Localização: Acesso por escadaria na Estrada do Prado, a seguir à capela de São Gregório (Centro Histórico)

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.610675 Longitude: -8.415668 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Igreja Católica

Caraterização: Arquitetura religiosa, gótica, manuelina e maneirista. Templo de peregrinação no topo de uma colina com acesso por escadaria. O acesso era feito por caminho de terra, pois o seu escadatório só foi construído em meados do século XIX. Planta longitudinal, composta, com disposição das massas na horizontalidade. Corpo central rodeado por galilé a norte, sul e oeste, com campanário do lado nordeste. A galilé de teto em madeira, rodeia as 3 fachadas do edifício e assenta em colunas de fuste redondo sobre murete, é circundada no exterior por banco corrido. Cobertura diferenciada em telhados de 2, 4 e 1 águas, sobre capela-mor um coruchéu cónico. O coruchéu pode ser aproximado do que coroa um pequeno oratório junto ao tanque do convento da Anunciada Velha, em Cem Soldos ou mesmo do remate da torre sineira da Igreja de São João Baptista. Fachada principal orientada, em empena angular rematada por cruz no vértice, rasgada por óculo e por portal ogival sobre capitéis com motivos fitomórficos, ladeado por duas janelas rectangulares, em cantaria, com frontões arquitravados. Na verga do lado direito a inscrição "Bernardo Ortiz Ochoa a mandou fazer no anno que foi juiz de 1613". Fachada sul rasgada por portal de verga em arco segmentar; adossado à capela-mor do lado sul e nascente um corpo de dois pisos, com alpendre rasgado no piso superior, onde estão instalados os serviços ligados ao culto. Não coincidência exterior / interior. Interior de nave única com teto de madeira de três planos, púlpito em cantaria em forma de cálice, com sacada de balaústres; dois altares colaterais com retábulos tardo-barrocos em madeira polícroma e dourada, assentes obliquamente aos cantos da nave, junto ao arco triunfal, nas tribunas as imagens de Santo António e São Francisco. Arco triunfal abatido assente em pilastras inclinadas, com capitéis toscanos; sobre o arco ornatos em forma de C, plumas e grinaldas rodeando uma cartela centrada por coração a meio de um resplendor. Capela-mor coberta por abóbada de berço com artesoadado em cantaria, com pontas de diamante e rosetas nos fechos; 2 mísulas de ábacos facetados com ornatos naturalistas adossam-se nas paredes laterais; azulejos enxaquetados, de cor azul e branca cobrem as paredes e a abóbada, nos espaços entre as nervuras dos caixotões; no altar-mor um retábulo marmoreado e dourado, tardo-barroco, com imagem de Nossa Senhora da Piedade na tribuna. Em 1903 existia, e ainda existe, a meio da escadaria, uma "capelinha" com um crucifixo no altar, chamada de Senhor Bom Jesus do Monte (Sousa, 1903, p. 171).

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa



Cronologia: Séc.s XIV/ XIX

1386 - Capela fundada por Martim Vasques Vilela, alcaide-mor de Óbidos, guerreiro e amigo de D. João I; 1387 - D. João I isenta de direitos 15 casais com que Martim Vilela tinha dotado a capela, nas Vilas de Tomar e Torres Novas; 1555 - alterações estruturais por D. Frei António de Lisboa; 1613 - deposição e restauro das alterações efetuadas em 1555, por Bernardo Ortiz Ochoa, Juiz de Tomar, segundo inscrição na verga de uma das janelas da fachada principal; dessa campanha de obras é o revestimento azulejar da capela-mor; 1846 / 1862 - alargamento do adro e muro de suporte e proteção e construção da escadaria de acesso, com 292 degraus, substituindo uma íngreme calçada, realizada pela junta da paróquia; dessa época será também a porta travessa.

Referências bibliográficas:

SOUSA, J. M., Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar; Tomar, 1903. ROSA, Amorim, História de Tomar, vol. I e II, Santarém, 1988. Tomar, Perpectivas coordenação e organização de José Jorge Couto Ferreira/João Alberto Rosa, ed. Festa dos Tabuleiros 1991; PDM de 1994; BRAZ, José Campos, Santarém raízes e memórias - páginas da minha agenda, Santarém, Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 2000.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7841

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Muito Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 265. CAPELA DE SANTA MARTA

Localização: Marmeleiro

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.557814 Longitude: -8.438718 CMP: 320(1978)

Freguesia: U.F. de Madalena e Beselga

Caraterização: Pequena ermida de uma só nave, com porta com data de 1775. Apresente um pequeno óculo por cima desta.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVIII

**Referências bibliográficas:**

PDM 1994

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

**Nº 266. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO****Localização:** Sabacheira**Coordenadas Geográficas:** Latitude: 39.678249 Longitude: -8.482255 CMP: 310(1963)**Freguesia:** Sabacheira

Caracterização: O maior interesse do templo está no interior, numa cruz processional de prata, do séc. XVI, que se conserva na sacristia e na qual se notam diferentes acrescentos posteriores, mas que "é um interessante exemplar pela forma da cruz, pelos remates dos braços e pelo nó, finamente decorado de ornatos" (Gustavo Matos Sequeira, in O Inventário Artístico de Portugal). Num dos altares colaterais encontra-se uma imagem de S. Sebastião, do séc. XVII.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa**Cronologia:** Séc. XVII**Referências bibliográficas:**

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



N.º 267. CAPELA DE N.ª SR.ª DAS LAPAS

Localização: Lapas, Póvoa

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.660178 Longitude: -8.414313 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de Além da Ribeira e Pedreira

Caraterização: Capela descaracterizada por obras contemporâneas, tendo mantido a porta original em arco redondo com nervuras, provavelmente do séc. XVI. A capela aparece indiretamente referida do “Mapa mais antigo de Portugal”, elaborado Pedro Álvares Seco, no séc. XVI, sob a designação de Lapas. A construção de uma capela, junto ao rio, em zona inundável talvez se possa explicar pelo elevado número de grutas existentes na área, com enterramentos pré-históricos.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI (?)

Referências bibliográficas:

PDM 1994

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico





Nº 268. CAPELA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Localização: Alqueidão, EM 530-2

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.632165 Longitude: -8.277625 CMP: 311 (1980)

Freguesia: Olalhas

Propriedade: Igreja Católica

Caraterização: Pequena capela situada no meio da povoação.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Reconstrução no século XVIII

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=20926

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Reduzida	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Reduzido	Raridade: Reduzido
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 269. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DAS NEVES

Localização: Pedreira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.640899 Longitude: -8.410030 CMP: 310 (1963)

Freguesia: Pedreira

Caraterização: Reconstruída entre 1777 e 1782, através de subscrição pública, como consta de inscrições no interior. De uma só nave, tem teto em madeira de três planos, capela-mor e dois altares colaterais. No corpo do templo, um de cada lado, estão dois quadros de pintura a óleo sobre tábuas de finais do séc. XVI, repintados, representando a degolação de um santo mártir e o episódio de S. Tiago e os mouros. Conta ainda, no presbitério, com um



cadeirão do séc. XVIII, com o fundo e a espalda de couro gravados. Existe também uma escultura em pedra da Santíssima Trindade, quinhentista.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVI?, XVIII

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	



Nº 271. IGREJA DE PAIALVO

Localização: Paialvo

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.563327 Longitude: -8.466103 CMP: 320 (1978)

Freguesia: Paialvo

Caracterização: Capela com óculo quadrilobado, encimando porta com arquitrave, ostentando a data de 1768.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVIII

Referências bibliográficas:

PDM 1994; Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 272. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Localização: R. Egas Moniz/ Bairro 1.º de Maio

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.608299 Longitude: -8.406849 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Capela construída com elementos de outras igrejas e capelas, como é o caso do óculo medieval.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XX

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio



Nº 273. PONTE DA PÓVOA II

Acesso: Situa-se a cerca de 300 m a montante da Ponte da Póvoa I, no leito da mesma ribeira.



Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.664793 Longitude: -8.400501 Altitude: 90 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Além da Ribeira e Pedreira

Topónimo local: Póvoa

Caraterização: Tratava-se de uma ponte de dois arcos de volta inteira, que foi destruída há cerca de 15 anos para dar lugar a uma ponte de cimento. Ainda hoje se pode observar os arranques dela.

Tipo de Sítio: Ponte plana (?)

Cronologia: Época Romana (?)

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, João (1976c). Visita arqueológica à área da Póvoa. Jornal "Cidade de Tomar", 23-12-1976, p. 4; Sem autor, sem data, Visita da Casa do Concelho de Tomar à Freguesia de Além da Ribeira (cedido pela Junta de Freguesia de Além da Ribeira); PDM 1994; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, p. 241. Tomar.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Mau
Monumentalidade: Nula	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Médio	Raridade: Reduzida
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzida	



Nº 274. PONTE DE CERAS

Acesso: Situa-se a 50 m a montante da atual ponte de Ceras.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.69720 Longitude: -8.35901 Altitude: 156 metros; CMP: 299(1980)

Localização: Ceras

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Caraterização: Trata-se de urna ponte de dois arcos românicos e 4 m de largura. Há alguns anos, os arcos abateram e construíram-lhe um tabuleiro de cimento por cima. No interior dos arcos existem marcas de canteiro que são semelhantes às existentes na Igreja de Sta. Maria dos Olivais. Segundo a bibliografia existiria um marco miliário junto à ponte medieval de Ceras e a parte de cima teria 1,20 m de circunferência.



CNS: 35808, 35802

Tipo de Sítio: Ponte plana (?) e marco miliário

Cronologia: Baixa Idade Média

Referências bibliográficas:

GUIMARÃES, Vieira (1927). Thomar - Sta. Iria, pp. 17, 22-23, 25 e 31. Lisboa. BATATA, Carlos e GASPAS, F. (1991) - Estações arqueológicas inéditas na área de Tomar. In Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, 15, pp. 29 e 37-42. Tomar. ANTUNES, Maria Felisbela Dias (1994). A Idade do Ferro e a Romanização no vale do Nabão, contributo para o estudo do território de Sellium. Tese de Seminário do CESE (Arqueologia), da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, vol. 1, p. 12 (policopiado). Tomar. PDM de Tomar (1994); BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 215 e 240. Tomar. www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Muito Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Reduzido
Originalidade: Elevada	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Limpeza da vegetação marginal



Nº 275. PONTE DA GUERREIRA

Localização: Santa Cita

Acesso: Situa-se na estrada Tomar-Santa Cita, logo a seguir ao cruzamento para castelo do Bode, sobre a ribeira da Beselga.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.54936 Longitude: -8.39027 Altitude: 40 metros; CMP 320: (1978)

Freguesia: Asseiceira

CNS: 35807

Caraterização: Referenciada em 1644 por Frei Leão de S. Tomás, o qual refere a existência de uma ponte de pedra na Guerreira, por onde se passa de Lisboa para Tomar. Foi reparada no século XVIII, como refere Amorim Rosa. Visitada por Carlos Batata em 1990 o mesmo constatou tratar-se de uma ponte de 4 arcos, com marcas de canteiro diferentes



das de época medieval e que talvez sejam do século XV ou XVI. O tabuleiro da ponte foi alargado tendo levado uma placa por cima. Descendo ao leito da ribeira é possível observar dois arcos com marcas de canteiro e dois que foram rebocados com cimento. São visíveis todos os talha-mares.

Tipo de Sítio: Ponte

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas:

THOMÁS, Frei Leão de S. (1644). *Benedictina Lusitana*, Tomo I, pp. 472-486. Ed. Fac-similada da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1974). Lisboa; CHAVES, F. Sá (1907). *A Batalha da Asseiceira* (16 de Maio de 1834), *Memória histórico-descritiva*, 3ª ed., publ. no Boletim Cultural e Informativo da C. M. de Tomar, 6, pp. 135-188; ROSA, Amorim (1970). *Anais do Município de Tomar*, vol. VI, pp. 417 e 418. Tomar; BATATA, Carlos e GASPAS, F. (1991) - *Estações arqueológicas inéditas na área de Tomar*. In Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, 15, p. 29. Tomar; BATATA, Carlos, *As Origens de Tomar – Carta Arqueológica do Concelho*, Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, Tomar, 1997. www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevada
Valor Histórico: Muito Elevada	Grau de Protecção: Reduzida
Originalidade: Elevada	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Limpeza da vegetação marginal



Nº 276. PONTE DE PENICHE

Acesso: Situa-se a cerca de 100 metros a montante do Casal de Peniche, sobre a ribeira do Tripeiro.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.623618 Longitude: -8.400084 Altitude: 62 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Topónimo local: Casal dos Frades



CNS: 1786

Caraterização: Trata-se de uma ponte de dois arcos em ogiva, encimada por guardas laterais constituídas por pedras de calcário fincadas ao alto, o que lhe dá um aspecto bizarro, mas de enorme beleza. Em 1976, foi objecto de uma acção de limpeza e conservação levada a cabo pelo CEPPRT. A Ponte de Peniche fazia parte de uma estrada (Tomar-Coimbra), que alguns documentos atestam existir no séc. XVI. Como vimos, o Casal de Peniche tem uma referência do séc. XVII e a cerâmica aí encontrada poderá ser do séc. XVI. A ponte aparece já referida num documento de 1505.

Tipo de Sítio: Ponte plana

Cronologia: Época moderna

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1971). Anais do Município de Tomar, vol. VII, p. 123. Tomar; AZEVEDO, João Batista (1978). Grande reportagem fotográfica da "Ponte Peniche". Jornal "Sellium", 1-3-1978, pp. 4 e 7; BATATA, Carlos e GASPAR, F. (1991) - Estações arqueológicas inéditas na área de Tomar. In Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, 15, p. 42. Tomar; PDM de Tomar (1994); PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugália, 16, p. 304. Porto; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 241-242. Tomar; TOMARPOLIS (2003). Estudo de Incidências Ambientais da Intervenção do Programa Polis em Tomar. Relatório Final, Revisão 1, Anexos.
www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Muito Elevada	Valor Científico: Elevada
Valor Histórico: Elevado	Grau de Protecção: Nulo
Originalidade: Muito Elevada	Raridade: Muito Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Limpeza da vegetação marginal



Nº 277. PONTE DO CHOCAPALHAS

Outras denominações: Ponte romana na ribeira da Lousã

Acesso: Situa-se um pouco à frente da ponte anterior, mas na ribeira da Lousã.



Coordenadas Geográficas: CMP: 310(1963), Latitude: 39.60583 a 39.60600, Longitude: -8.35953 a -8.35919, Altitude: 70 metros.

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Topónimo local: Casal do Alecrim

CNS: 35812

Caraterização: Trata-se de uma ponte de três arcos, em pedra calcária. A sua cronologia é apontada pelas diversas marcas de canteiro existentes no interior dos arcos. Esta ponte aparece já referida em 1521, mas é possível que seja anterior. Fazia parte, conjuntamente com a anterior, da estrada da Fonte de D. João, que parece já existir na Idade Média, como o atestam os diversos vestígios existentes na área e datáveis dessa época. A ponte foi objecto de limpeza em toda a sua área, tendo sido criado um parque de lazer nas margens da ribeira.

Tipo de Sítio: Ponte plana

Cronologia: Baixa Idade Média

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1971). Anais do Município de Tomar, vol. VII, p. 183. Tomar; PDM de Tomar (1994); PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugália, 16, p. 292. Porto; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, p. 243. Tomar.

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Médio
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	



Nº 278. PONTE DO RAMIL

Acesso: Situa-se a cerca de 500 m a oeste do marmeleiro na estrada que conduz a Paialvo.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.55881 Longitude: -8.45118 Altitude: 56 metros; CMP: 320(1978)



Freguesia: U. F. de Madalena e Beselga

CNS: 35805

Caraterização: O interesse não reside na actual ponte que deverá datar de finais do séc. XIX, mas sim na notícia de que foi construída sobre os fundamentos de uma outra que ali existiu.

Tipo de Sítio: Ponte plana

Cronologia: Época Moderna (?) e Contemporânea

Referências bibliográficas:

SOUSA, João Maria de (1903). Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar, p. 87. Thomar, 1903. Ed. fac-similada de Fábricas Mendes Godinho, SA, Rio Maior, 1991; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, p. 239. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar.

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Médio	Grau de Protecção: Médio
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de Salvaguarda: Limpeza da vegetação



Nº 279. PONTE DO CERZEDO

Outras denominações: Ponte romana de Cerzedo

Acesso: Situa-se a cerca de 200 m a norte da Quinta da Anunciada Velha.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.59648 Longitude: -8.44152 Altitude: 90 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Madalena e Beselga

Topónimo local: Cem Soldos

CNS: 35806

Caraterização: Conhecida por Ponte dos Frades, que a tradição atribui a construção na Idade Média. Salete da Ponte atribuiu-lhe fundação romana, o que carece de fundamento.



Trata-se, na realidade, de uma ponte modernista semelhante a outras existentes no concelho, comprovadas por documentos da época.

Tipo de Sítio: Ponte em arco

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas:

FRANÇA, Pinto (1991). Notas complementares à História da Anunciada Velha. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 14, pp. 143-149. Tomar; PONTE, Salete da e MIRANDA, Judite (1991). Relatório de escavações – 1990. Boletim Cultural da C.M. de Tomar, 15, pp. 263 e 265. Tomar; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, p. 239. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar.
www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Protecção: Reduzido
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de Salvaguarda: Limpeza da vegetação



Nº 280. PONTE DE ALMOTACÉ

Acesso: Sobre a Ribeira de Pé de Cão, entre esta localidade e Lamarosa, dando acesso à Quinta de Almotacé.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.532579 Longitude: -8.474327 Altitude: 68 metros; CMP: 320(1978)

Freguesia: Paialvo

Topónimo local: Lamarosa

Caraterização: Ponte de um só arco, de porte médio, atualmente sem guardas laterais, com uma única fiada de silhares a compôr o arco, efetuando-se a passagem sobre o dorso arqueado do arco. Não apresenta marcas de canteiro. A ponte encontra-se em bom estado de conservação, embora apresente fissuras no topo do arco, devidas, talvez à passagem de tratores.



Tipo de Sítio: Ponte em arco

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Reduzido
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de minimização: Ações de conservação e restauro



Nº 281. PONTE DO CASAL DO ALECRIM

Acesso: No final da povoação do Casal do Alecrim, na direcção do Carril.

Coordenadas Geográficas: CMP: 310(1963), Latitude: 39.60700 Longitude: -8.36549 Altitude: 70 metros.

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Caraterização: Trata-se de uma ponte de um só arco, em pedra calcária, com dois pequenos muretes laterais. A sua tipologia, bem como as informações dos Anais do Município apontam para que seja de época moderna.

Tipo de Sítio: Ponte em arco

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas:

PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugalia, 16, p. 294. Porto; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 242-243. Tomar.

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Reduzido
Originalidade: Médio	Raridade: Médio



RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio

Medidas de minimização: Ações de conservação e restauro



Nº 282. PONTE DE VALE DE FIGUEIRA

Acesso: Na estrada que liga Carregueiros a Vale de Carvalho e Vale da Figueira, do lado esquerdo.

Coordenadas Geográficas: CMP: 310(1963), Latitude: 39.633212 Longitude: -8.443046 Altitude: 70 metros.

Freguesia: Pedreira

Caraterização: É uma estrutura aparelhada, com um arco semicircular. O tabuleiro da ponte está relativamente bem conservado. Trata-se de uma ponte pedonal, com guardas laterais, com uma largura de 1,10 m, insuficiente para passar um carro de tração animal.

Tipo de Sítio: Ponte em arco

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas:

PDM 1994; PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugalia, 16, p. 293. Porto.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Médio	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Reduzido
Originalidade: Médio	Raridade: Médio

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio

Medidas de minimização: Ações de conservação e restauro



Nº 283. PONTE DA RIBEIRA DA PONTE DE PEDRA

Acesso: Por caminho de terra, que sai do lado direito da estrada Venda da Peralva – Atalaia.

Coordenadas Geográficas: CMP: 310 (1963); Latitude: 39.50662 Longitude: -8.45092 Altitude: 40 metros

Freguesia: Paialvo

Topónimo local: Fontainhas

Caraterização: Ponte de pedra de um só arco de volta perfeita.

Tipo de Sítio: Ponte em arco

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas:

PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugalia, 16, p. 296. Porto.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevado
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Médio
Originalidade: Fraca	Raridade: Fraca
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro





Nº 284. PONTE DE PEGÕES I

Acesso: Situa-se sobre a Ribeira de Carregueiros, por baixo da ponte actual, junto a um dos pilares do aqueduto.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.60867 Longitude: -8.44041 Altitude: 101 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: Carregueiros

Topónimo local: Pegões Altos

Proprietários: Estado Português

Caraterização: Ponte em arco com marcas de um único canteiro, provavelmente do séc. XVI, anterior ao aqueduto, pois um dos pilares levou à destruição do 2º arco, cujas pedras com siglas foram reaproveitadas num único pilar do aqueduto.

Tipo de Sítio: Ponte

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas: Inédita

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Nula	Estado de Conservação: Regular
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Protecção: Elevado
Originalidade: Elevada	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 285. PONTE DE PEGÕES II

Acesso: situa-se sobre a Ribeira dos Brazões, por baixo da ponte estrada, junto à curva

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.60840 Longitude: -8.44130 Altitude: 104 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: Carregueiros

Topónimo local: Pegões Altos

Proprietários: Estado Português



Caraterização: Ponte em arco, provavelmente do séc. XVI, igual à anterior, existindo a mesma marca de canteiro, nos pilares do aqueduto, nas proximidades desta 2ª ponte.

Tipo de Sítio: Ponte

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas: Inédita

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Nula	Estado de Conservação: Regular
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 286. PONTE DE PEDRA DA SABACHEIRA

Localização: Sabacheira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.677330 Longitude: -8.481494 Altitude: 104 metros;
CMP: 299(1980)

Freguesia: Sabacheira

Caraterização: É uma estrutura de alvenaria, com três arcos ligeiramente alteados, com fortes pilares construída em 1920.

Tipo de Sítio: Ponte

Cronologia: Séc. XX

Referências bibliográficas:

PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugália, 16, p. 300. Porto.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Nula	Estado de Conservação: Regular
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Médio	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	



Nº 287. PONTE DOS VALES

Acesso: Na estrada Carril – Junceira, a seguir aos Vales, do lado direito, sobre uma pequena ribeira.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604693 Longitude: -8.346435 Altitude: 129 metros; CMP: 320(1978)

Freguesia: U. F. de Serra e Junceira

Topónimo local: Vales

Caraterização: Ponte plana com um só arco de volta perfeita, mas com cerca de 20 m de comprimento. Faria parte da via romana que saía de *Seilium* e se dirigia à Bairrada. A mesma via, com variantes, foi trilhada na Idade Média (Fonte de D. João), Época Moderna e Contemporânea (passagem nas minas do Poço Redondo).

Tipo de Sítio: Ponte em arco

Cronologia: Época Moderna

Referências bibliográficas:

PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugalia, 16, p. 294. Porto.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Reduzido
Originalidade: Médio	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de salvaguarda: Ações de conservação e restauro





Nº 288. PONTE DOS CASAIS

Acesso: Na estrada Tomar-Coimbra, corta-se à esquerda para os Casais. Antes de subir para a povoação, encontra-se esta ponte do lado direito.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.64671 Longitude: -8.38111 Altitude: 113 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Topónimo local: Casais

CNS: 35810

Caraterização: Trata-se de uma pequena ponte de dois arcos não perfeitos. Não se conhece quaisquer dados sobre a sua cronologia e função viária. A ponte apresenta uma largura de 4,5 m e apoios arredondados. Apesar de apresentar arcos românicos, parece tratar-se de uma ponte contemporânea, pois as pontes antigas não são tão largas.

Tipo de Sítio: Ponte plana

Cronologia: Época Contemporânea

Referências bibliográficas:

BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, p. 242. Tomar.

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Médio
Originalidade: Muito Elevada	Raridade: Muito Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzida	

Medidas de salvaguarda: Ações de conservação e restauro



Nº 289. PONTE DA PÓVOA I

Outras denominações: Ponte romana de Peniche



Acesso: Quando se vai na estrada Prado-Póvoa, à saída desta última povoação corta-se à direita e desce-se por uma estrada carreteira até ao leito da ribeira da Milheira.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.661822 Longitude: -8.400526 Altitude: 87 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Além da Ribeira e Pedreira.

CNS: 35809

Caraterização: Trata-se de uma ponte de um só arco de volta perfeita e com largura apenas para passarem pessoas e animais de carga.

Tipo de Sítio: Ponte em arco

Cronologia: Época Contemporânea (?)

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, João (1976c). Visita arqueológica à área da Póvoa. Jornal "Cidade de Tomar", 23-12-1976, p. 4; PDM de Tomar (1994); PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugália, 16, p. 292. Porto; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 240-241. Tomar.

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade:
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de salvaguarda: Ações de conservação e restauro



Nº 290. PONTE DE D. MANUEL I (conhecida como Ponte Velha)

Localização: Sobre o Rio Nabão, entre a Rua Marquês de Tomar e a Rua Marquês de Pombal (Centro Histórico)

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.60455 Longitude: -8.41107 Altitude: 55 metros; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar



Topónimo local: Rua da Corredoura

CNS: 35804

Caraterização: A primeira referência explícita à existência desta ponte data de 1219. Sofreu várias transformações ao longo dos séculos, mas mantém uma traça nitidamente romana.

1562 - após ter lançado uma finta para a construção da ponte da vila e faltando dinheiro para a sua construção, o rei D. Sebastião ordena que o prior do Convento de Tomar pague uma parte e o dinheiro dos embargos o resto; é mestre da ponte Jorge Ferreira, que embargou a obra por falta de pagamento.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Época Romana e Moderna

Referências bibliográficas:

VITERBO, Sousa, Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a serviço de Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904, vol. III; PONTE, Salete da (1995b). Achegas para a carta arqueológica Tomar. In Portugália, 16, p. 303. Porto; BATATA, Carlos (1997). As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, pp. 237-238. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar. Tomar. TOMARPOLIS (2003). Estudo de Incidências Ambientais da Intervenção do Programa Polis em Tomar. Relatório Final, Revisão 1, Anexos.

www.patrimoniocultural.pt/arqueologia.patrimoniocultural.pt - Base de dados Endovélico 2015

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25013

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Média	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Muito Elevada	Valor Científico: Elevada
Valor Histórico: Muito Elevada	Grau de Protecção: Elevada
Originalidade: Muito Elevada	Raridade: Elevada

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevada



Nº 291. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Localização: Carrazede

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.536304 Longitude: -8.460991 CMP: 320 (1978)

Freguesia: Asseiceira

Caraterização: Templo com mais de quatrocentos anos, embora tenha sofrido modificações posteriores. A frontaria tem empena de bico, ladeada por uma torre sineira, com uma janela



de coro e um óculo na parte superior. Ladeiam a porta dois nichos de pedra lavrada, com ornatos renascentistas abrigando imagens em pedra do mesmo período. Ainda na fachada, duas pilastras dão ideia de não terem sido acabadas. A porta ostenta a data de 1774. Interiormente, na nave, há dois altares laterais, dois colaterais e o altar-mor. Têm todos retábulos com talha dourada oitocentista e um silhar de azulejos azuis e amarelos, tipo padrão do século XVII, que revestem também toda a capela-mor. O teto da igreja ainda é o inicial, de esteira, pintado com motivos ornamentais. As portas para as sacristias são em madeira, mas as vergas e as ombreiras são de cantaria lavrada. No altar colateral, do lado da epístola, está uma escultura de madeira do séc. XVI.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc.s XVI, XVII e XVIII

Referências bibliográficas:

PDM 1994

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 292. FONTANÁRIO / FONTE DE SANTO ANTÓNIO

Localização: Santa Cita

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.541626 Longitude: -8.387995 CMP: 320 (1978)

Freguesia: Asseiceira

Caraterização: Fonte situada junto à Capela de Santo António, composto por coruchéu piramidal, sustentada por duas colunas, provavelmente construída em 1557, que é a data da pequena capela aí existente.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil



Época: Séc. XVI

Referências bibliográficas:

PDM 1994

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 293. PADRÃO FILIPINO

Localização: Várzea Grande

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.600278 Longitude: -8.413356 CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Obelisco construído sobre soco quadrangular de seis degraus escalonados, onde se ergue uma base quadrangular paralelepipedica que suporta um plinto sobre o qual se eleva alto obelisco delineado por friso saliente e com remate em cruz de Cristo e cata-vento, ambos em ferro.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVII

1627, 25 de Fevereiro - acordo confirmatório da sentença que conferiu a posse da Várzea Grande ao povo da vila, depois de uma demanda entre o poder local e o Dom Prior do Convento de Cristo que pretendia aquela parcela de terra; construção do monumento a perpetuar o agradecimento do povo.

Referências bibliográficas:

SOBRAL, Luís da Cruz, O Velho Padrão da Várzea Grande: novo símbolo de Justiça, Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Orden de Cristo, vol. III, Tomar, 1959.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25458



VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Acompanhamento arqueológico



Nº 294. ANTIGOS LAGARES E MOINHOS DA RIBEIRA DA VILA/ LAGARES D'EL REI

Localização: Sobre o Rio Nabão, entre a Rua Marquês de Tomar e a Rua Marquês de Pombal.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604039 Longitude: -8.411248; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Conjunto de antigos moinhos e lagares, movidos pela água represada do rio Nabão, em parte ainda na sua localização original, com referências documentais desde o início da fundação da vila. Planta longitudinal, composta por vários retângulos adossados; volumes articulados com coberturas diferenciadas em telhados de 2 e 3 águas. Fachada principal virada a oeste, para a levada. Conservam-se algumas fachadas, remodeladas em 1710 (o escudo português já tem a coroa fechada); as adaptações oitocentistas desvirtuaram os interiores; em 1835, por altura da hasta pública, são ainda referidos os equipamentos dos moinhos e de alguns dos lagares - moinhos da vila (compostos por 3 casas) tinham 11 pedras, 7 alveias e 4 secundárias; o Lagar do Secretário constava de 7 varas, 2 vazas e caldeira, moente e corrente; o Lagar da Cruz, o Lagar Novo, o Lagar de Martim Telles e o Lagar de Pedro de Évora constavam, cada um, de 6 varas, 2 vazas e caldeiras. Desde essa data até aos dias de hoje, desapareceu todo o equipamento associado à atividade moageira e lagareira inicial. Janelas e portas de diferentes



dimensões, de verga recta, excepto uma no corpo S., de verga em arco segmentar. Em algumas vergas as iniciais em ferro (JTP) (João Torres Pinheiro) e (JP) e a data 1903.

Tipo de Sítio: Arquitetura de produção

Cronologia: Construção nos séculos XII - XIII e ampliados no século XV.

1174, Junho - o 1º foral da vila de Tomar refere já a existência de lagares e moinhos; séc. XV - o canal do Mouchão é regularizado e os lagares de azeite da Ribeira da Vila, conhecidos como da Cruz e de Martim Teles, são remodelados, durante o mestrado do Infante D. Henrique; durante o mestrado do Infante D. Fernando surgiu mais uma unidade lagareira, conhecida como Lagar Novo; séc. XVI - no reinado de D. Manuel foram remodelados e ampliados os moinhos / lagares da Ribeira Velha, Açude de Frades e engenhos hidráulicos, pela Ordem de Cristo, passando a ser designados por lagares de El-Rei; 1500 - existiam na Ribeira da vila os lagares de Santiago, de Martim Teles, da Cruz, Novo, pertença da Mesa Mestral; fizeram-se 2 casas de Pisões e uma Alcaçaria na Ribeira da vila; 1529, 10 de Outubro - D. João III autoriza o Prior do Convento de Cristo, Frei António de Lisboa, a fazer um lagar na Alcaçaria; 1530 - é acrescentada uma pedra ao Lagar de Martim Telles; 1539, 27 de Novembro - D. João III doa ao Convento o Lagar de Martim Telles e os da Mesa Mestral, à excepção da Casa da Tulha; 1541, 6 de Junho - Frei António de Lisboa recebe do comendador de Cem Soldos o Lagar de Secretário, por troca com várias terras; 1546, 16 de Abril - são acrescentadas 2 pedras, uma no Lagar do Secretário, outra no Lagar Novo; 1551 - D. João III manda fazer o Lagar de Pedro de Évora, usando parte da pedra arrancada ao lagar do Picamilho pela cheia de 1550; o Lagar da Madeira é feito no mesmo local, por ordem régia; 1553, 24 de Novembro - o Lagar de Martim Telles é aumentado; séc. XVIII - reparação e conservação da ponte manuelina, moinhos e lagares da Levada; 1707 - reconstrução do Lagar de El-Rei (assinalada numa lápide outrora aí existente); 1710, 22 de Janeiro - os lagares da Ribeira da vila estavam arrendados a António da Costa; 1730, 28 de Junho - o Convento arrenda os moinhos da Ribeira da vila a Manuel Gonçalves, sendo o arrendamento renovado em 1732 e 1734; 1835 - com a extinção da Ordem de Cristo, são postos em hasta pública os seus bens, entre os quais se contavam, começando do lado norte, os moinhos da vila, o Lagar do Alcaide, o Lagar do Secretário ou Lagar Francisco da Mota, o Lagar da Cruz, o Lagar Novo, o Lagar de Martim Telles, o Lagar de Pedro de Évora, o Lagar do Alcaide, o Lagar de El-Rei com a Casa das Tulhas anexa; 1837, 9 de Novembro - os lagares e moinhos são arrematados por Francisco da Mota e José António da Silva; 1903, 23 de Abril - a parte de Francisco da Mota, herdada por Maria Cristina e Eloísa Tamagnini de Magalhães, é vendida a João Torres Pinheiro, que fica co-proprietário de José de Melo a quem José da Mota e Silva doara parte do seu quinhão; 1908, 23 de Janeiro / 1913, 15 de Agosto - Manuel Mendes Godinho adquire a totalidade dos lagares e moinhos da Ribeira da vila; 1931 - instalação da moagem "Portugália" no lugar do antigo lagar de El-Rei.

**Referências bibliográficas:**

ROSA, Amorim, História de Tomar, Vol. 2, Santarém, 1982; PDM de 1994.
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3386

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Muito Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Muito Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevada	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Muito Elevado	

**Nº 295. AÇUDE DO NABÃO (AÇUDE DOS FRADES)**

Localização: Rio Nabão, junto à Ponte Velha (Centro Histórico)

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604949 Longitude: -8.412202; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Construído pelo Infante D. Henrique com o objectivo de desviar parte do Nabão para o canal da Levada e alimentação das moengas.

Cronologia: Séc.s XIV a XVI

Referências bibliográficas:

PDM 1994

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevado	Raridade: Elevado
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Conservação e restauro





Nº 296. CASA DOS CUBOS

Localização: Junto à Praceta Alves Redol, em frente aos Estaus.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.602381 Longitude: -8.411309; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Edifício retangular, em frente aos Estaus, mas do outro lado da rua, bastante descaraterizado pelo seu uso continuado. De original apresenta na fachada norte uma larga porta de arco quebrado e quatro contrafortes (dois de cada lado), apresentando marcas de canteiro.

O infante D. Henrique cria as Saboarias de Tomar que vão ocupar o antigo Celeiro dos Templários que havia sido anteriormente abandonado para ir mais para nordeste, junto ao rio, perto da Praça da Ribeira. Ainda hoje vemos a Rua e o Largo da Saboaria que delimitam, a norte e a sul, a área que era reservada às saboarias. Foi também o infante D. Henrique que elevou as Tercenas e os Cubos, que serviam de arrecadação dos produtos da terra: vinho, azeite e cereais, provenientes das rendas Ordem de Cristo. As Tercenas eram armazéns onde se recolhiam as rendas do Estado ou do Senhores das Terras. O nome dos Cubos advém do fato de ali se medirem em capacidade, alqueires e almudes, os sólidos e os líquidos que se pagavam à Ordem de Cristo e cujas medidas se chamavam, genericamente, cubos. Aquando da sua remodelação (Tomar PoLis), foram efetuadas escavações arqueológicas no interior do edifício, tendo-se definido várias bases para grandes potes alinhados ao longo das paredes, bem como um esgoto de pedra, coberto com lajes, que despejava para o Rio Nabão. A esta conduta principal vinham desembocar vários canaletes.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Época Medieval a Contemporânea

Referências bibliográficas:

Tomar, Perspectivas. Coordenação e organização de José Jorge Couto Ferreira/João Alberto Rosa, ed. Festa dos Tabuleiros 1991.

[http://fiacaodetomar.wordpress.com/;](http://fiacaodetomar.wordpress.com/)

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Muito Elevado	Raridade:
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Escavações arqueológicas, conservação e restauro



Nº 324. QUINTA DOS GANADOS (BRASONADA)

Localização: Rua da Fonte, Ganados

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.659805 Longitude: -8.342870CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de Casais e Alviobeira

Caraterização: Quinta brasonada

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVI

Referências bibliográficas:

PDM 1994

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade:
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	



Nº 297. SOLAR DOS CALÇA PERRA/SOLAR TASSOS DE FIGUEIREDO

Localização: Rua Pedro Dias, n.os 54-58

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39602538 Longitude: -8.413635 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Pessoa singular

Caraterização: Planta em L, composta, volumes articulados, sendo a cobertura diferenciada em telhados de duas águas. Janelas com almofadas e mísulas da arquitrave divergentes. Solar com beirado triplo (beirado tribeiro), único do centro histórico de Tomar. Fachada principal virada a sul composta de dois corpos, um mais baixo de 2 pisos, vazado no piso



térreo rasgado ao centro por portal principal de vão retangular, emoldurado com duplo lintel, ladeado por duas portas de vão retangular com molduras lisas em cantaria; o corpo principal, também de dois pisos, com rodapé pintado a cinzento e remate em beiral triplo saliente, no piso superior, três janelas de peitoril de vão retangular, emolduradas em cantaria, com molduras curvilíneas de estuque e ombreiras com recorte superior com verga arquivada, assente em duas mísulas divergentes e avental de cantaria moldurado com três almofadas, alternadas com janelas de sacada, com idêntica modinatura, com balcão pouco saliente com guardas em ferro, suportado por pequenas mísulas.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVI

Séc. XIII / XIV- Primeiras referências aos Calça Perra, família muito abastada e possuidora de inúmeras propriedades em Tomar e arredores. João Cão, o primeiro Calça Perra, foi escrivão em Tomar em 1290; Séc XIX, meados - O Solar pertenceu a Jerónimo Baima de Bastos, um dos Conselheiros do Rei D. Carlos I, o qual o deixou em testamento a sua afilhada, Henriqueta Ribeiro Tasso de Figueiredo, casada com Alberto Pinto Tasso de Figueiredo (Oficial do Exército), ficando desde essa altura em poder da família.

Referências bibliográficas:

VELOSO, Carlos, Velhas Pedras de Tomar nº 4, Tomar à Letra nº 6, Tomar, 1996; CONDE, Manuel Silvío Alves, Tomar Medieval: O espaço e os homens - (séc. XIV-XV), Texto policopiado, Lisboa, 1988;

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24211

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevado	Raridade:

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado

Medidas de salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro





Nº 298. PALÁCIO DOS VALES

Localização: Entre a Rua Marquês de Pombal e a Rua Voluntários da República, n.º 172 (Centro Histórico).

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.604782 Longitude: -8.409278CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Pessoa singular

Caraterização: Arquitetura civil residencial, renascentista, maneirista e barroca. Edifício de planta retangular irregular, com fenestração regular no piso superior da fachada virada para a Rua Marquês de Pombal, adaptando-se ao desnível do terreno. O piso superior destina-se a habitação e o térreo a comércio. Do que resta do antigo Palácio dos Vales apenas os vãos superiores do atual alçado principal e o portal lateral do muro mantêm a traça renascentista do imóvel.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI - o palácio foi mandado edificar pela Família dos Valle.

Referências bibliográficas:

ROSA, Alberto de Sousa Amorim, História de Tomar, vol. II, Santarém, 1982; COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar - Perspectivas, Tomar, 1991; FRANÇA, José Augusto, Tomar, Lisboa, 1994; VELOSO, Carlos, Urbanismo e Arquitectura Civil de Tomar na Época da Expansão numa Perspectiva Turístico - Cultural, Tomar, 1998.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24206

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Reduzido

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio

Medidas de salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 299. PALÁCIO ALVIM

Localização: Rua Dr. Sousa, n.º 2 (Centro Histórico)

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39604811 Longitude: -8.415696 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais



Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: O edifício que chegou aos nossos dias é o que restou das Casas Nobres, cabeça do vínculo instituído pelo Dr. Pedro Alvares Sêco de Freitas, no reinado de D. Sebastião. Administrador da Prelazaria de Tomar, sucedendo a Manuel de Sousa, era filho de D. Ana de Castro e de Belchior de Freitas. Foi cronista dos Templários e da Ordem de Cristo em 1552, por encargo de D. João III, e a pedido de D. Catarina, escreveu o Tombo das Rendas e Direitos do Convento de Tomar e Comendas. Também foi Professor de Direito e Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, desembargador da Casa da Suplicação e membro do Conselho do Rei D. João III. Após a sua morte (1590), Pedro Alvares, foi sepultado no Claustro do Cemitério do Convento de Cristo e o seu sobrinho, Bento de Castro Freitas, continuou com a administração do vínculo, que, por não ter descendência, o deixou a D. Suzana de Freitas de Castro. O vínculo, em 1712, foi dado como dote de casamento a sua neta, D. Helena Micaela de Faria Andrade e Freitas, que casou com Bartolomeu Pimental Maldonado. Assim o morgadio passou para os Pimentel Maldonado e, com a morte, sem descendência em 1856, de João Carlos Faria Pimentel Maldonado, o morgadio muda de família e passa para seu primo, Timóteo de Sousa Alvim, pelo que a partir desta altura, as Casas Nobres passaram a ser conhecidas por Palácio de Alvim; por sua vez, a sua filha D. Joaquina da Conceição de Sousa Alvim vende em 1896 as Casas Nobres a Dr. João Maria de Sousa, médico, que se notabilizou como autor de "Notícia Descritiva e Histórica da Cidade de Tomar" editado em 1903; faleceu em 1908 e o seu nome foi dado à rua onde se situa o palácio. Em 20 de Novembro de 1967 instala-se nas Casas Nobres/Palácio de Alvim a Policia de Segurança Publica.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI/XVIII

Séc. XVI - Dr. Pedro Alvares Sêco de Freitas manda erigir as Casas Nobres como cabeça do seu vínculo instituído em Tomar; séc. XVIII - o Morgadio é transmitido para a Família Pimentel Maldonado; Séc. XIX - o Morgadio muda para a Família Sousa Alvim, passando as Casas Nobres a serem conhecidas por Palácio de Alvim; 1896 - o Dr. João Maria de Sousa adquire as Casas Nobres a D. Joaquina da Conceição de Sousa Alvim; 1919 - os irmãos Alberto de Sousa Amorim Rosa e Maria Fernandes de Sousa Amorim Rosa, bisnetos do Dr. Sousa vendem a Joaquim Pereira Duarte, o Palácio; 1932 - a casa dos pobres é fundada em dependências das Casa Nobres; 1933 - a Câmara Municipal de Tomar adquire o edifício; 1958 - empreitada para obras de adaptação do edifício para Quartel da GNR; 1961 - nova empreitada para continuação das obras adaptação do edifício para Quartel da GNR; 1966 - empreitada para obras de adaptação do edifício para a Esquadra da PSP; 1967, 20 de Novembro - instalação da PSP no Palácio.

Referências bibliográficas:



ALVIM, João, Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, Vol III, As "Casas Nobres" da Rua do Pé da Costa, Tomar, 1953; ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar 1801-1839, vol. II, Tomar, 1967; ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar 1870-1900, vol. III, Tomar, 1968; ROSA, Amorim, História de Tomar, Vol, 1, Santarém, 1965; COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar - Perspectivas, Tomar, 1991; FRANÇA, ROSA, Alberto de Sousa Amorim, História de Tomar, vol. II, Santarém, 1982; FRANÇA, José Augusto, Cidades e vilas de Portugal, Lisboa, 1994; VELOSO, Carlos, Velhas Pedras de Tomar nº 4, Tomar à Letra nº 6, Tomar, 1996; VELOSO, Carlos, Urbanismo e Arquitectura Civil de Tomar na Época da Expansão numa Perspectiva Turístico-Cultural, Tomar, 1998.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24204

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzido	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de salvaguarda: Acompanhamento arqueológico, conservação e restauro



Nº 300. CASA NA RUA DR. JOAQUIM JACINTO N.º 67 A 71

Localização: Rua Dr. Joaquim Jacinto, n.ºs 67 a 71

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603241 Longitude: -8.413694 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Pessoa singular

Caraterização: Planta retangular, irregular, massa simples disposta na horizontal, de dois pisos, cobertura homogénea em telhado de duas águas, paredes de alvenaria rebocada e caiada de branco. Existência de uma ala do edifício, com entrada própria pelo exterior e que era a antiga cadeia das mulheres, construída posteriormente à Sinagoga adossando-se-lhe a área da primitiva porta de entrada do templo de vão contracurvado. Fachada principal virada a norte de 2 pisos, sem elementos definidores, embasamento em placas de cantaria, remate em friso, cornija moldurada e beiral simples; 1º piso, rasgado por 6 vãos, 5 portas e 1 janela; no extremo esquerdo, porta de vão retangular emoldurada em cantaria, flanqueada à direita por portal principal emoldurado em cantaria, com verga em arco em asa de cesto, ombreiras com recorte superior assentes em pedestal retangular moldurado e



ornado com motivo geométrico; ao lado à direita, abre-se 1 porta emoldurada em cantaria com verga em arco abaulado e ombreiras com recorte superior e 1 janela de vão retangular emoldurada em cantaria, no extremo, 1 porta emoldurada em cantaria com verga em arco abaulado e ombreiras com recorte superior; 2º piso, com 7 janelas de sacada com bandeira, dispostas simetricamente, com ombreiras recortadas e dupla verga em arco abaulado, com sobreposição de frontão ondulado e balcão pouco saliente, com guardas em ferro forjado. Interior: o acesso faz-se através do portal principal para um vestíbulo com pavimento em tijoleira, em frente, com ligeiro desnível vencido por 2 degraus, rasga-se um arco de asa de cesto em cantaria, suportado por pilastras toscanas que comunica com uma escadaria de dois lanços e patamar intermédio, de acesso ao piso nobre. A porta do extremo esquerdo da fachada principal, abre para um pequeno vestíbulo, com pavimento em seixos do rio, com 2 portas e uma escada de madeira, a porta, em frente, de vão retangular e moldura lisa em cantaria possui postigo, dá para a antiga cadeia das mulheres, à sua direita, escada de acesso ao piso superior, onde se instalava o carcereiro, lateralmente, na parede direita, uma porta em arco contracurvado lanceolado, antiga porta principal da Sinagoga.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVII?

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Lisboa. 1949; ROSA, Amorim, História de Tomar, Vol I, Santarém, 1965; LAPA, Maria Fernando, A Sinagoga de Tomar, in Boletim Cultural e Informativo nº 12, Tomar, 1989; TRINCÃO, Carlos, Judiaria e Sinagoga, in Cadernos de Tomar à Letra - Coisas de Tomar, Agosto, Tomar, 2004.
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=24198

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro





Nº 301. QUINTA DO CASAL DAS FREIRAS

Localização: Casal das Freiras

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39561688 Longitude: -8.432159 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de Madalena e Beselga

Caraterização: Quinta com origem em antigo foro da Ordem de Cristo, com casa solarenga.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XV a XIX

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

www.rtt.ipt.pt

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 302. QUINTA DE SANT'ANA DA GUERREIRA

Localização: Na estrada entre Santa Cita e Curvaceiras

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.545808 Longitude: -8.396709 CMP: 320 (1978)

Freguesia: Asseiceira

Proprietário: Privado

Caraterização: Segundo Amorim Rosa, em 16 de Dezembro de 1462, Beatriz Fernandes Calça Perra, deixou à Igreja de Santa Maria dos Olivais, em testamento, as suas herdades da Ribeira da Beselga, tanto as do termo de Tomar, como as da Asseiceira, (Quinta da Beselga de Cima e Quinta da Beselga de Baixo ou Sant'Ana da Guerreira.



Quinta construída no séc. XVI, pois há referências documentais à vinda dos Valle do Algarve. Os proprietários atuais são descendentes do Valle originais. Nada parece existir das primitivas construções. Tem planta longitudinal, irregular, coberturas em telhados de 4 e 2 águas. Fachada posterior rodeada por jardim com lago e mesas; Capela a nível do 2º piso, voltada a norte. Entra-se no pátio tendo à frente o edifício do solar; à esquerda o edifício das cavalariças e cocheira, casa dos arreios (cujas portas são em arco de volta perfeita, geminados (?), casa dos bois com 4 janelas de moldura curva de jambas com tijolo vermelho e a antiga casa dos caseiros, atualmente residência de um dos proprietários, na parte de trás destas construções ficam as casas dos trabalhadores; do lado direito do pátio situam-se a adega, lagar, garagens. INTERIOR: entrada com pavimento em seixo rolado; tetos da sala de jantar e salas de estar de madeira em caixotão; antigo escritório com varanda de chanfro e 2 óculos.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc.s XVI a XX

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim. Anais do Município de Tomar; PDM 1994.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25060

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	

Medidas de salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 303. QUINTA DA ANUNCIADA NOVA/ANTIGO CONVENTO DE Nº SRA. DA CONCEIÇÃO

Localização: Junto à Estrada de Leiria

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.606307 Longitude: -8.416184 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Pessoa singular



Caraterização: A Quinta da Anunciada Nova consta de uma residência, anteriormente convento, conservando a capela-mor do antigo edifício religioso, com o seu portal e alpendre. No interior existiam diversas pedras tumulares, de personalidades religiosas, que foram desmanteladas. A cerca tinha fontanários do séc. XVII / XVIII. Na parede da igreja do convento, do lado da Epístola, estiveram duas placas identificando as sepulturas de 2 dos seus padroeiros, a de João Gonçalves da Câmara e as de Estêvão de Araújo e Freitas e de sua mulher Maria Frois de Azevedo e Andrade e seus descendentes.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XVII

1629, 19 de Março - é lavrada escritura de escambo do Convento da Anunciada Velha, em Cem soldos, pela Horta do Valente, em Tomar, entre o prior do Convento de Cristo em Tomar, Frei Inácio de Novais e o Ministro Provincial da Ordem dos Capuchos, Frei André, de São Pedro do Sul; nesse ano Nuno Pessoa demanda os frades capuchos, alegando que a quinta onde fora construído o convento que agora iam trocar com a Ordem de Cristo, era sua, por herança de sua avó, Maria Teixeira, sobrinha da doadora, Isabel Teixeira, uma vez que a doação fora feita apenas com aquela finalidade; 1633, 6 de Dezembro - os frades Capuchos tomam posse do novo terreno, com a autorização do prior Frei Custódio Falcão, antes mesmo da demanda estar resolvida; 1645 - as obras apenas se iniciam neste ano, em virtude das convulsões políticas associadas à Guerra da Restauração, passando o convento a designar-se da Anunciada Nova; 1653, 21 de Outubro - o padroado do convento é dado aos condes da Calheta, João Gonçalves da Câmara e sua mulher Inês Maria de Noronha; 1688, 22 de Setembro - o padroado passa para os condes de Castelo Melhor, por morte de Inês de Noronha; 1693, 25 de Junho - o padroado passa para o monteiro-mor da vila de Pias, Estêvão de Araújo e Freitas, cavaleiro da Ordem de Cristo e seus descendentes; 1834 - extinção das ordens religiosas; o convento é vendido a Tomás Joaquim de Almeida, que por sua vez o vendeu a José Nunes Longra; 1860, 23 de Março - José Nunes Longra, proprietário da cerca do extinto convento, pede autorização para abrir um portão em frente à Várzea Pequena, tendo o seu pedido sido deferido; 1880, 19 de Abril - em sessão camarária o vereador Joaquim Augusto de Macedo propõe que a Câmara compre a Quinta da Anunciada, para poder utilizar a água da cerca e para nela serem instaladas as cadeias, podendo realizar-se ainda na sua cerca o mercado semanal de madeiras e o mercado dos porcos; a proposta não se chega a efetivar por falta de verba; Séc. XX, inícios - o convento e a quinta são vendidos a Fernando da Costa Cabral, irmão do 2º conde de Tomar; 1930, c. de - a quinta é vendida a João Mendes Godinho.

Referências bibliográficas:

SOUSA, J.M., Notícia descritiva e histórica de Thomar, Tomar, 1903, ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. 1, 4, 7, Tomar, 1941, 1968, 1971; ROSA, Amorim, História de Tomar, vol. 2, Tomar, 1982; PDM de 1994.



http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6415

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevado	



Nº 304. PALÁCIO DOS ALMEIDAS

Localização: Rua Torres Pinheiro, n.º 5 (Centro Histórico)

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.600582 Longitude: -8.411519 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Edifício quadrangular, virado a sul e a este, com três pisos; os dos rés-do-chão não apresentam nada de notável; ao nível do 1º andar, as fachadas são rasgadas por janelas com arquitrave, sendo as do lado sul de sacada; o 2º andar apresenta janelas simples no telhado, uma trapeira do lado este e 3 do lado sul.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVIII?

Referências bibliográficas:

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro





Nº 305. PALÁCIO DOS VELHOS DE MACEDO

Localização: Av. Cândido Madureira, nº 86-88; Trav. do Arco.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.602203 Longitude: -8.413512 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Amorim Rosa aponta-o como sendo o mais antigo dos palácios particulares da cidade, "cuja esquina tinha uma bela janela de canto, que ainda hoje existe, pertencendo à família Macedo, "descendente de Gonçalo Velho e de Gualdim Pais".

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XVI?

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1965), História de Tomar, vol. I. Tomar; PDM 1994.

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=26373

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro



Nº 306. FÁBRICA DE FIAÇÃO

Localização: Rua da Fábrica de Fiação

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.609995 Longitude: -8.409379; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Com efeito, o surto industrial pombalino impulsionou, no campo dos têxteis, o papel de reexportador de algodão do país enquanto entreposto colonial, ao mesmo tempo que a política fabril implementada a partir de 1777 possibilitou a criação de manufatureiras capazes de substituir as importações neste domínio, introduzindo-se, desde logo, no país os principais inventos da indústria algodoeira, como nos casos da *sping jenny*, da *mule-jenny* e do *water-frame*, este último adoptado, justamente, na "Real Fábrica de Fiação de Tomar"



(GUIMARÃES, 1976). E não deixa de ser sintomático da excelente qualidade do produto final saído desta fábrica o fato de não ter encerrado as suas portas no início do séc. XIX, contrariamente ao que sucedeu com parte expressiva das fiações de algodão localizadas no sul do país. Uma ocorrência à qual não terá sido estranha a sua criação, em 1789, por parte dos industriais franceses Jácome Ratton (1736-c.1822) e Timotheo Lecussan Verdier, a partir de uma unidade fabril preexistente de teares de meia e de malha, que cedo souberam adaptá-la às inovações produzidas pela tecnologia britânica (especialmente no que se referia ao "motor" principal da *Revolução industrial* - a máquina a vapor) (CUSTÓDIO, 1990, pp. 538-657). Conseguiram, por conseguinte, transformá-la, na verdade, numa grande fábrica moderna, acrescentando a tecelagem à anterior modalidade de fiação, a partir de 1875, enquanto renovava o seu equipamento e próprio edifício [construído por Henrique Taveira, segundo risco de Charles Hargreaves], especialmente após o incêndio que a assolou em 1883, parte do qual fornecido pela conhecida firma J. Hetherington & Sons, de Manchester, empresa que reestruturou de igual modo a Companhia do Rio Ave (ALVES, 1999). Enquanto isto, revelava-se como o primeiro espaço fabril português a introduzir a iluminação eléctrica (a preceder o uso da eletricidade como força motriz) nas suas instalações, obtida através de uma central que aproveitava - através de um canal com quase 1 150 m de comprimento, por 6,2 m de largura, a queda da água a partir de um açude no rio Nabão, erguido no local onde existia a ponte da Granja. Em 1789 é constituída a Fábrica da Fiação de Tomar, tendo por base o alvará régio de D. Maria I, de 17 de Agosto de 1789. Este alvará terá resultado do fato de, em 1788, Jácome Ratton ter considerado a utilidade de se estabelecer por conta do Governo, uma fábrica de fiação de algodão. Ainda em 1789 se deu início à obra que consistia, além da edificação, a construção, junto ao Casal das Brazinhas, do Açude de Pedra. As obras prolongaram-se até 1794. Mas a construção da fábrica iria abrir luta com o Convento de Cristo, detentor de várias terras, que manifestava prejuízos também nas suas sementeiras com a construção do açude e necessárias obras. Também entre os sócios, Verdier e Ratton, surgem querelas e uma nova cheia no Nabão, em 1797, destrói o açuce pela segunda vez. Helena Verdier recorre ao convento e canaliza, provisoriamente, para a fábrica, águas provenientes do Prado e da Granja. Em 1808, Verdier chefia uma intentona napoleónica que abortou, sendo este expulso de Portugal e a fábrica da Fiação fechada. Em 1814 é posta à venda, após vários processos atribulados e um incêndio que consome uma boa parte da mesma. Só em 1885 surge como estando "reconstruída à moderna", sob a direção de Henrique Pereira Taveira, seu administrador na altura e de Charles Hargreaves. Em vez de três andares, compunha-se apenas de um imenso pavimento térreo, todo lageado, recebendo luz do teto que era parte em vidro e parte em folha zincada. Tinha várias máquinas modernas, destinadas à fiação do algodão e um novo sistema de iluminação, feito por eletricidade fornecida por



um pequeno dínamo eléctrico. O sistema de rodas hidráulicas foi substituído por uma turbina de força de 150 cv. Em 1889 chega a Tomar uma das caldeiras para a nova máquina a vapor. A segunda viria em 1891. Em finais do século XIX foi montada uma cozinha económica e uma creche para os funcionários. A Fábrica da Fiação de Tomar chegou a ser considerada a maior unidade têxtil de Portugal e deixou de laborar em 1993, esmagada pela concorrência têxtil estrangeira. Atualmente, a fábrica está em ruínas e o açude é pertença de particulares e encontra-se em deterioração, apesar de classificado como Imóvel de Interesse Público pela Secretaria de Estado da Cultura.

Tipo de Sítio: Arquitetura industrial

Cronologia: Séc. XVIII, XIX e XX

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1982). História de Tomar, vol.II. Tomar.

[http://fiacaodetomar.wordpress.com/;](http://fiacaodetomar.wordpress.com/)

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Reduzido
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Elevado
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Médio	Raridade: Médio

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada

Medidas de salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 307. FÁBRICA (COM AÇUDE) DA MATRENA

Localização: Matrena, Santa Cita

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.532915 Longitude: -8.380681 CMP: 320 (1978)

Freguesia: Asseiceira



Caraterização: Data de 10 de Setembro de 1327, a primeira referência à existência dos Pisões da Matrena, no rol de bens dos Templários que transitaram para a Ordem de Cristo. Em Agosto de 1890, João de Oliveira Casquilho, comprou os moinhos anexos à Quinta da Matrena, para aí instalar uma fábrica, inicialmente destinada à fiação de tecidos, depois mudada para fabrico de papel. A fábrica de papel começou a funcionar em 1900. Deve datar dessa altura a ponte que permite a passagem do rio Nabão, imediatamente a sul da fábrica. Esta consta de um grande arco de pedra de calcário sobre o rio e um mais pequeno, em pedras de xisto, talvez acrescentado mais tarde.

Tipo de Sítio: Arquitetura industrial

Cronologia: Idade Média, Moderna? e séc. XIX

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1982). História de Tomar, vol.II. Tomar.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 133. FÁBRICA DO PRADO

Localização: Prado, Pedreira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.643763 Longitude: -8.401441 CMP: 320 (1978)

Freguesia: U. F. de Além da Ribeira e Pedreira

Caraterização: Amorim Rosa aponta o reinado de D. João II ou início do reinado de D. Manuel como épocas prováveis de instalação de um "primeiro engenho de balas" no local da fábrica do Prado. Contudo, José Luís de Oliveira Gomes (2008), na sua dissertação de mestrado, considera como pouco prováveis tais épocas já que, "a produção de pelouros de ferro, utilizados como munição de artilharia, foi tentada nem sempre com grande sucesso nos séculos seguintes". Assim, a fundação da ferraria do Prado terá ocorrido no período pós-Restauração. Em Março de 1643, uma comitiva comandada por Fernão de



Álvares Themudo, desloca-se à Quinta do Prado “com a missão de escolher o local mais adequado para instalar uma nova Ferraria da Coroa”. Esta nova oficina terá sido inovadora em Portugal, sendo provável que “desde o início, a infraestrutura técnica da Ferraria do Prado tenha sido direcionada para implementação da fusão de ferro ou método indireto” na tentativa de libertar o país da dependência da importação. Em 1647 terá sofrido a primeira ampliação e está confirmada, por esta altura, a produção de balas para artilharia, bombas e granadas. É considerada também a possibilidade de ali se terem fundido também “algumas peças pequenas de artilharia”. Na segunda metade do séc. XVII a Ferraria é adequada à atividade da forja, passando a produzir “mosquetes, arcabuzes, carabinas, peitorais, corpos de armas, armas brancas, pregaria e ferragens”. Paralisada por volta de 1720, a fábrica possuía ainda vários engenhos hidráulicos movimentados através de uma boa levada. Nas imediações da casa dos engenhos situavam-se edifícios habitacionais, armazéns, uma ermida e uma horta. Em 1772, por ordem do Marquês de Pombal, “foram as ferrarias do Prado entregues à Junta do Comércio para nelas ser instalada uma fábrica de papel”, projeto que se veio a concretizar, já no decurso do séc. XIX com a Fábrica de Papel do Prado. Tem capela dedicada a N^a Sra. das Neves, com uma porta ogival e óculo trilobado, imitando o gótico francês. Tem telhado de duas águas muito inclinado revelando a mesma influência. O sino tem a data de 1881.

Tipo de Sítio: Arquitetura industrial

Cronologia: Séc.s XVII, XVIII e XIX

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim (1982). História de Tomar, vol.II. Tomar; Rosa, Amorim, Anais do Município de Tomar, vols. VI e VII; GOMES, José Luís de Oliveira, Os biscoínhos e as ferrarias hidráulicas portuguesas do período moderno (1500 – 1700), vol. I.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de salvaguarda: Conservação e restauro

Nº 308. ANTIGA FÁBRICA DO SOBREIRINHO

Localização: Sobreirinho

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.653836 Longitude: -8.410760; CMP: 310(1963)

Freguesia: U. F. de Pedreira e Além da Ribeira



Caraterização: Segundo Amorim Rosa, em 1845, ainda existia no local uma moenga particular, sendo que depois terá sido feita a fábrica de papel de que há documentos da existência de 1874. Em 1882, a Companhia de Papel do Prado comprou-a para evitar que ali se estabelecesse uma concorrente. Do seu edifício, sem telhado, portas ou janelas, restam apenas, desmanteladas, as suas fortes e grandes paredes tendo, posteriormente, voltado a funcionar ali uma azenha. O açude encontra-se em mau estado de conservação, tendo já sido reparado com cimento.

Tipo de Sítio: Arquitetura industrial

Cronologia: Séc. XIX

Referências bibliográficas:

PDM 1994.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Reduzido
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Reduzido	

Medidas de salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 309. CORETO DO JARDIM DA VÁRZEA PEQUENA

Localização: Jardim da Várzea Pequena

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Arquitetura cultural e recreativa, arte nova. Coreto que se integra na arquitectura do ferro, característica do séc. XIX e inícios do XX. A obra de cantaria da base do coreto foi executada na povoação da pedreira, por Francisco da Costa Gonçalves, a



pintura esteve a cargo de Manuel da Silva Baptista, sendo a estrutura metálica da responsabilidade da fundição de Massarelos do Porto. Apresenta planta poligonal, massa simples em que a base de suporte do palco é uma construção com embasamento em calcário, de 8 panos, e cujo palco em cimento armado é saliente, hexadécagonal, suportado por mísulas metálicas. Cobertura diferenciada em chapa, a inferior acompanha a forma do palco, e a superior a forma da base, terminado em platibandas, de formas denticuladas. No topo e fazendo parte integrante da cobertura superior, eleva-se um lanternim cego oitavado, coroado com elemento em ferro fundido, em forma de pinha. Os panos são delimitados lateralmente por cunhais e decorados com almofadas em relevo com cantos quebrados em curva. O palco é delimitado por gradeamento em ferro forjado com elementos em forma de lança ornamentada com rosácea, donde irrompem oito colunas, em plano recuado que suportam as coberturas. A cobertura no seu interior é sustentada por armação de vigas metálicas formando caixotões trapezoidais e triangulares com anéis hexagonais. As colunas de ferro fundido apresentam fuste tripartido com motivos fitomórficos na parte central. Na fachada sul a guarda do palco apresenta a inscrição "CMT 1897". O lanternim cego possui vidros de várias dimensões mas não abre para o interior do coreto. A cobertura superior é rematada nos ângulos por pequeno ornatos em forma de caroço, e em baixo ornato em forma de ponta de lança.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XIX - 1897, Outubro e Dezembro - construção do coreto; 1897, 5 de Dezembro - inauguração do coreto ao som do Hino da cidade, da autoria do mestre da Banda do Regimento de Infantaria 11, Cherubim António de Assis; 1970 - Ampliação do coreto pela empresa Tonera Metalomecânica LDA; 1998 - Recuperação de toda a estrutura em ferro e pintura da mesma, (decapagem, metalização e pintura, substituição das chapas e ornamentos danificados, recuperação da parte eléctrica).

Referências bibliográficas:

Anais do Município de Tomar, vol III, 1870 - 1900, Tomar 1967; ROSA, Amorim, História de Tomar vol II, Santarém 1982; Coretos existentes no Concelho de Tomar, Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, nº 21, Outubro de 1997; ROSA, José Inácio da Costa, Evolução da fisionomia urbana, arquitectónica e construtiva de Tomar, Tomar Perspectivas, Tomar 1991. Jornal, A Verdade de 3 de Novembro de 1987, Tomar. http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=24313

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Protecção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro



Nº 310. CASA BELLE ÉPOQUE

Localização: Estrada do Prado

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Pessoa singular

Caraterização: Chalet romântico, de 2 pisos, com telhados de empenas agudas, permitindo o aproveitamento do sótão, beirados salientes e linguagem neogótica no tratamento dos vãos da fachada. Planta longitudinal, retangular. Fachada virada a sul de maiores dimensões, de 2 pisos e sótão, com uma grande varanda adossada a todo o comprimento, circundada por parapeito metálico; cunhais almofadados e faixa divisória dos andares, beirado saliente em metal rendilhado; 7 portas-janelas com bandeira em arco quebrado deitam para a varanda; no sótão uma janela mainelada, de dupla bandeira em arco quebrado e dupla sacada em ferro. Fachada virada a norte com volumetria idêntica à da fachada sul, mas sem varanda adossada; sete portas-janelas e janelas no piso térreo, sete portas-janelas com sacadas no primeiro piso, janela mainelada mas com balcão em ferro no sótão, todas elas com modinatura idêntica às da fachada oposta.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XIX

1899 - construção do edifício

Referências bibliográficas:

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6432

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro





Nº 311. PALÁCIO D. MARIA DA SILVEIRA (Atual Edifício dos SMAS)

Localização: Praça da República, n.º 1 a 7; Rua da Infância 15, n.º 89 a 103

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.603336 Longitude: -8.414967 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Pessoa singular e Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Palacete barroco, de planta em forma de U composta por um retângulo principal a que se adossam outros dois dispostos perpendicularmente, 2 pisos e saguão. Fachada principal e lateral esquerda, rebocadas e pintadas de branco com embasamento em cantaria rematadas por cornija e cimalha com beiral saliente e ponteadas por gárgulas; acesso ao interior através de um átrio de onde arranca uma escada imperial de 2 lanços e 3 braços para o piso superior. Fachada de 2 pisos com embasamento em cantaria, divididos por friso saliente, demarcadas por cunhais em cantaria com base e rematados por pináculos em forma de alcachofra assentes em plintos; pano central rasgado por portal de vão em arco abatido com pedra de fecho em voluta ornada com folha de acanto, moldura em cantaria recortada tipo papo de rola, ornamentada na verga com grinaldas, ladeando o portal, 2 portas de vão retangular e moldura lisa em cantaria, no flanco direito, uma janela de peito de vão retangular emoldurada; piso superior, com 4 janelas de sacada de vão retangular e emolduradas a cantaria, com verga arquitravada e balcão pouco saliente com guardas em ferro forjado; 1 janela de sacada sobreposta ao portal principal, de arco abatido e de igual modinatura, mas de menor vão e verga arquitravada, balcão pouco saliente com guardas em ferro forjado suportado por mísulas ornadas com acanto comungando a verga do vão inferior; os panos laterais no piso térreo, são rasgados por portais de arco abatido e moldura lisa com orelhas com pingentes; no piso superior, abrem-se janelas de sacada em arco abatido, com pequenas orelhas e remate superior de recorte polilobado com decoração vegetalista, encimadas por pequeno frontão ondulado, balcões pouco salientes com guardas em ferro forjado; rematando o pano lateral esquerdo, cimalha com 2 gárgulas em forma de cabeça de peixe, desenvolvendo-se acima desta e à face da fachada, mansarda de planta otogonal com aletas, de molduras decoradas e recorte superior polilobado com remate de pequeno frontão angular, rasgada por janela em arco de cesto com guardas em ferro no frontispício e ladeada por 2 janelas de vão retangular nas faces; pano lateral direito, rematado como o esquerdo, sendo as gárgulas em forma de cabeça de porco e desenvolvendo água furtada com janela moldurada de recorte e características semelhantes à mansarda mas com 2 janelas de arco em asa de cesto nas empenas. Fachada este rasgada no piso inferior por 8 janelas de vão retangular com molduras lisas; superiormente abrem-se na prumada dos vãos inferiores, 8 janelas de sacada de vão retangular com verga de recorte superior polilobado com decoração vegetalista e pequenas orelhas encimada por pequeno frontão angular; fachada rematada



em cimalha com 5 gárgulas em forma de cabeça de peixe e cobertura de telhado com 2 águas furtadas. No interior do edifício, no átrio e nas escadas que dão acesso ao piso nobre as paredes têm silhar de azulejos monocromáticos. O pavimento do átrio de entrada é em ladrilho com motivos florais. Guarda das sacadas em ferro forjado de composição geométrica com enrolamentos.

Cronologia: Séc. XVII

Séc. XVII, finais - o Palácio pertenceu a D. João de Sousa Silveira, Alcaide-Mor de Tomar; séc. XVIII, (segunda metade) - Durante a estadia de D. Maria I em Tomar, quando o Convento de Cristo esteve em obras, o seu médico Dr. Ignácio Tamagnini, acompanhado de sua sobrinha D. Ângela Tamagnini, ficou instalado no Palácio.

Referências bibliográficas:

DIONÍSIO, Sant' Anna, Guia de Portugal Vol II, Estremadura, Alentejo e Algarve, Lisboa, 1927; ROSA, Amorim, De Tomar, Tomar, 1960; ROSA, Amorim, História de Tomar Vol II, Santarém, 1982; GRAÇA, Luís Pedrosa dos Santos, Tomar Roteiro Sentimental, Lisboa, 1999.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24205

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, Ações de conservação e restauro



Nº 312. QUINTA DA BESELGA OU QUINTA DE CIMA

Localização: EN 358, entre Santa Cita e Curvaceiras Grandes

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.540920 Longitude: -8.413933 CMP: 320 (1978)

Freguesia: Asseiceira

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Caraterização: Segundo Amorim Rosa, em 16 de Dezembro de 1462, Beatriz Fernandes Calça Perra, deixou à Igreja de Santa Maria dos Olivais, em testamento, as suas herdades da



Ribeira da Beselga, tanto as do termo de Tomar, como as da Asseiceira, (Quinta da Beselga de Cima e Quinta da Beselga de Baixo ou Sant'Ana da Guerreira.

Propriedade dos Condes de Nova Goa.

Cronologia: Séc. XV

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim. Anais do Município de Tomar.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Médio
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Médio	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, Ações de conservação e restauro

Nº 313. QUINTA DO Ó

Localização: Vale Florido

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.570554 Longitude: -8.386577 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Quinta brasonada; propriedade da Família Queiroz e Mello, tendo capela dedicada a Nossa Senhora do Ó - ou da Expectação. A ermida de Nª Sra. do Ó, em Vale Florido, foi fundada por João Gomes da Costa e esposa, fidalgos de Tomar. No seu interior existe uma excelente imagem da padroeira, escultura do séc. XV, ainda com restos de pintura e estofos antigo. Conta a tradição que, após vários sonhos com uma imagem de Nossa Senhora enterrada sob a pia de água benta da igreja do Sobral, acabaram por fazer-se ali escavações, e "se descobriu a Sagrada Imagem em 16 do mês de Outubro de 1626".

Cronologia: Séc. XVII

Tipo de Sítio: Arquitetura civil e religiosa

Referências bibliográficas:

Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, Ações de conservação e restauro



Nº 314. CASA DOS TECTOS (CASA APALAÇADA E RESPECTIVA CAPELA)

Localização: Avenida Dr. Cândido Madureira, n.º 120

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601721 Longitude: -8.415219 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: É, na opinião de José-Augusto França, um palácio barroco seiscentista, de origem ignorada, que sofreu demasiados restauros e intervenções. É conhecido por Casa dos Tectos pela beleza de quatro dos tectos que restavam. Já no *site* da antiga DGEMN, o edifício é datado dos séc.s XIX/XX.

Tipo de Sítio: Arquitectura civil

Cronologia: Séc.s XVII? a XIX

Referências bibliográficas:

FRANÇA, José Augusto, Cidades e vilas de Portugal, Lisboa, 1994;

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=26379

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Reduzido	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Média

RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Média

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro





Nº 315. CAPELA VELHA DA LINHACEIRA

Localização: Linhaceira

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.519581 Longitude: -8.381639 CMP: 320 (1978)

Freguesia: Asseiceira

Caraterização: No dia 29 de Abril de 1928, foi esta capela inaugurada, tendo as imagens de Nossa Senhora do Conforto dos Aflitos e S. Sebastião. Apesar de ser recente é uma capela singular no concelho, pelo recorte ondulado do beirado frontal, pintado de ocre azul, e pela sua porta de ar românico, com uma moldura constituída por colunas torsas, ou cordame a lembrar o manuelino.

Tipo de Sítio: Arquitetura religiosa

Cronologia: Séc. XX

Referências bibliográficas:

Vários, coordenação Silva, Isabel, Dicionário Enciclopédico das Freguesias, 2 vol., Distrito de Santarém, Matosinhos, 1997; bibliotecalinhaceira.blogspot.pt.

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Média	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Médio	Grau de Proteção: Elevado
Originalidade: Elevada	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de Salvaguarda: Conservação e restauro



Nº 316. COLÉGIO NUN'ÁLVARES

Localização: Ladeado pelas ruas Lopo Dias de Sousa, Manuel de Matos e Coronel Garcês Teixeira.

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.605087 Longitude: -8.405300 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Caraterização: Fundado por Raúl Lopes, "este Colégio foi um alfofre de grandes nomes da elite portuguesa, no Continente e no Ultramar, havendo figuras de destaque em praticamente todos os setores, desde o político ao militar, passando pelo jurídico, artístico, cultural e científico".



Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX

Referências bibliográficas:

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=30600

http://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_lopes

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Elevada	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro



Nº 317. EDIFÍCIO DO POSTO DE TURISMO DE TOMAR

Localização: Avenida Dr. Cândido Madureira, n.º 120

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.601581 Longitude: -8.415627 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Proprietário: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Estilo revivalista de gosto neo-renascentista e tradicionalista do Estado Novo, integrando diversos elementos provenientes de antigas casa burguesas quinhentistas e seiscentistas de Tomar e arredores. Edifício de planta retangular, composta e irregular, volumes articulados de 2 pisos, sendo o do torreão ligeiramente elevado, adaptando-se ao desnível do terreno no lado sul e descendente da Av. Dr. Cândido Madureira, com embasamento em cantaria. Fachada principal virada a sul, para a Av. Dr. Cândido Madureira, composta de dois corpos, um ligeiramente mais elevado o do torreão com remate em cornija moldurada e beirado simples saliente, com telhado rematado por cata-vento de ferro forjado com motivos decorativos: cruz de Cristo, seta e esfera armilar; o corpo mais baixo e extenso, com remate em beiral triplo saliente. No piso superior do corpo do torreão, uma janela de cunhal com sacada decorada com grelha em cantaria, coluna jónica de fuste estriado, no vértice a servir de mainel, frontão triangular ornado com



dentículos; ao lado, o corpo mais baixo é vazado por janela de sacada de balaústres com balcão pouco saliente suportado por pequenas mísulas, vão moldurado com verga renascentista decorada com medalhão e rematada por frontão liso saliente sendo ladeada por mísulas, duas janelas de mainel com colunelo coríntio de vão moldurado, com verga renascentista decorada com medalhão e rematada por frontão curvo saliente, sobrepujado por 3 pináculos; o piso inferior, é rasgado no corpo mais baixo, por três janelas tripartidas de avental e vão retangular moldurado, com bandeiras de vão quadrangular na prumada das do piso superior; no extremo esquerdo, no corpo do torreão, conjunto alpendrado com 2 arcos renascentistas de volta perfeita assentes em duplas pilastras perspectivadas munidas de plinto e capitel com pedra de fecho saliente em forma de mísula, um para cada lado das duas fachadas, com contraforte de cunhal. Interior do átrio com cobertura, em abóbada nervurada com fecho representado o escudo real, na parede do lado da avenida um portal do Renascimento, que pertenceu ao Paço dos Cubos, de vão moldurado e arco angular truncado com uma Cruz de Cristo no fecho sobrepujando um querubim, de acesso ao vestíbulo; na parede da fachada oeste, à esquerda, vencendo o desnível por 2 degraus em pedra, arranca portal em arco de volta perfeita, rematado lateralmente por balaústres assentes em pedestais retangulares moldurados, de acesso ao piso superior do torreão; as portas dos portais são almofadadas em talha renascentista; as paredes, inferiormente, são revestidas de azulejos hispano-árabes. A meio da fachada principal, encontra-se um painel de azulejos retangular com a inscrição de Comissão de Iniciativa e Turismo, para a sua esquerda, embutida na parede, um fecho de abóbada representando uma cabeça masculina, no extremo direito, cravada no cunhal, uma réplica de relógio de sol sobrepujando pequena moldura saliente com mísulas divergentes, no topo próximo do beiral e em cada extremo, 2 gárgulas, a da direita em forma de cabeça de cão, a da esquerda em forma de cabeça de leão. Fachada oeste de 3 corpos rematados por beiral duplo saliente exceto o corpo do torreão; à esquerda, o corpo do torreão tem embutido a meio do pano, um painel de azulejos quadrangular com a inscrição de Comissão de Iniciativa e Turismo,

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX

1932 - 29 de Março, a Comissão de Iniciativa e Turismo deliberou estudar a possibilidade de se instalar num espaço próprio, pois o existente era nas instalações da Câmara e exíguo; em Novembro de 1935 as obras já se encontravam em avançado estado de realização, de acordo com projeto do arquiteto português José Vilaça de 1933, e em Março de 1939 as obras de acabamento do edifício continuavam tendo ficado concluído nesse ano.

Referências bibliográficas:

SEQUEIRA; Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal, Lisboa 1949; Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, Vol. I, Tomo II, Tomar, 1961; ROSA, Amorim,



História de Tomar, Vol. II, Santarém, 1982; COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar - Perspectivas, Tomar, 1991; VELOSO, Carlos, Azulejos de Tomar e arredores do séc. 16 ao 17, in Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar nº 14, Tomar, 1991; ROSA FRANÇA, José Augusto, Cidades e Vilas de Portugal, Lisboa, 1994; SIMÕES, J. M. dos Santos, Azulejaria em Portugal no séc. 17, Tomo II, Lisboa 1997; VELOSO, Carlos, Urbanismo e Arquitectura Civil de Tomar na Época da Expansão numa Perspectiva Turístico - Cultural, Tomar, 1998; GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos, Tomar Roteiro Sentimental, Lisboa, 1999; CÂMARA Municipal de Tomar, Tomar Cidade Templária, Tomar, 2004
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3385

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas



Nº 318. CASA HAVANEZA

Localização: Rua Serpa Pinto, n.ºs 21 a 23

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Propriedade: Pessoa singular

Caraterização: Arquitectura residencial e comercial, Arte Nova. Edifício de habitação de planta longitudinal, massas simples de 3 pisos. Edifício de carácter burguês, com o piso térreo destinado ao comércio e os pisos superiores a habitação. Elementos decorativos arte nova nos azulejos monocromáticos (azul e branco) e ornatos em ferro forjado. Planta longitudinal existindo coincidência entre o exterior e interior, massa simples de disposição vertical, com cobertura em telhado de 2 águas. Fachada principal virada a norte de 3 pisos, enquadrada por embasamento de cantaria, emoldurada na zona superior por platibanda, que se prolonga ao frontão central, circular, revestido de azulejos figurativos. Os azulejos que se encontram na janela de sacada fechada são pequenos painéis de composição figurativos monocromáticos, alusivos à cidade, representando os laterais a roda do Mouchão e a Casa Vieira de Guimarães e ao centro um painel com a representação do símbolo da Ordem de



Cristo e o nome do estabelecimento comercial "Havaneza LDA", estando ladeados por pequenas folhas de acanto. As janelas amarquisadas são separadas por frisos verticais com enrolamentos de acanto; no topo, estão outros três painéis de azulejos alusivos às espécies aquáticas existentes no Rio Nabão. Na platibanda um outro painel, com aves, sol emitindo os seus raios luminosos tendo como terminal folhas de acanto enroladas. A Casa Havaneza, desde os finais do séc. XIX, era um local de reunião e de convívio exclusivo das pessoas da alta burguesia tomarense. A partir da 2ª metade do séc. XX, transforma-se em livraria, papelaria e tipografia.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XIX

CONSTRUTOR: João Vicente Martinho

Referências bibliográficas:

COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar - Perspectivas, Tomar, 1991; ROSA, Alberto de Sousa Amorim, Anais do Município de Tomar 1901- 1925, Tomar, 1967

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=9574

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro



Nº 319. CINE-TEATRO PARAÍSO

Localização: Rua da Infantaria, nº 15-31 e; Rua do Teatro

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais



Propriedade: Câmara Municipal de Tomar

Caraterização: Planta irregular, composta por vários polígonos adossados, conformando-se ao traçado viário. Volumes articulados com coberturas diferenciadas em telhado e em terraço. A fachada principal, de perfil facetado, disposta ao longo de duas artérias que se cruzam em ângulo, é composta por nove panos de três pisos rematados por platibanda. Da porta principal acede-se ao átrio, com duas bilheteiras de atendimento pelo interior, e deste ao vestíbulo de onde partem corredores que circundam a sala e duas escadas divergentes e simétricas, de dois lanços, de acesso ao foyer do 1º balcão. A norte da sala, no piso térreo, fica o foyer da plateia e a ele sobreposto o Salão Nobre. O 2º balcão é apenas servido por corredores laterais, sendo o acesso realizado por escada secundária. O espaço cénico é constituído por dois espaços independentes, ligados pela boca de cena de forma retangular, sendo a relação do palco com a sala de cena contraposta. A sala, de planta em "U", mostra um espaço unificado constituído por ampla plateia (112 lugares), com pendente, a que se sobrepõem, escalonados, o 1º (70 lugares) e o 2º balcões (154 lugares), prolongando-se lateralmente em camarotes de 1ª e 2ª ordens (respetivamente, 24 e 32 lugares); uma frisa e e um camarote, de cada lado da boca do palco, encimados por baixos relevos escultóricos, em gesso, representando o teatro e a dança; cadeiras fixas forradas de tecido vermelho; a régie situa-se no 2º balcão. Palco com pendente, com 8,60 de largura por 6,60 m de profundidade, com coxias laterais e de fundo e paredes de cor preta; dispõe de proscénio e fosso de orquestra para 20 músicos; tem um sub-palco de estrutura fixa contando com quarteladas; a caixa de palco apresenta duas ordens de varandas laterais e de fundo, em metal, e teia, combinando gradil de ferro e perfis metálicos, a 15 m de altura. O acesso às varandas e à teia faz-se através dos camarins situados por trás do palco, em 3 pisos, com escada situada no topo do mesmo, a sudoeste. Acesso de carga ao palco realiza-se directamente do exterior.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX

1855 - construção do Teatro Nabantino no lugar onde, mais tarde, irá surgir o cine-teatro Paraíso; 1918 - subscrição de 4000 ações, a 5\$00 cada, para a construção do novo teatro; 1919, 16 de Janeiro - data de constituição da empresa e compra do teatro Nabantino; 1920 - demolição do velho teatro; execução do projeto para o cine-teatro Paraíso pelo arquiteto Deolindo Vieira; 1924, 24 de Março - inauguração do cine-teatro; 1948 - obras de beneficiação pelo arquiteto Camilo Korrodi, no âmbito da implementação das novas regras contra incêndios.

Referências bibliográficas:

ROSA, Amorim, Anais do Município de Tomar, vol. IX, Tomar, 1974; FERNANDES, José Manuel, Cinemas de Portugal, Lisboa, 1995; FERREIRA, António Fonseca (coord.), Lisboa e Vale do



Tejo - Valorização Cultural, Reabilitação do Património: Cine-Teatros, Lisboa, 2002; <http://tomar.com.sapo.pt/cine.html>
http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11324

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, conservação e restauro



Nº 320. CLUB THOMARENSE/EDIFÍCIO DO CAFÉ PARAÍSO

Localização: Rua Serpa Pinto, n.º 127-139

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Propriedade: Pessoa singular

Caraterização: O Club Thomarense foi fundado a 23 de Janeiro de 1896, sendo uma das coletividades mais antigas do concelho, outrora símbolo de uma sociedade elitista. Era constituído por acionistas que gozavam do direito de reembolso das suas ações. Inicialmente as instalações do Club eram constituídas por diversas casas antigas. Nas proximidades funcionava o cinema Paraíso, que foi consumido por incêndio, após o qual se construiu o atual edifício. O Café Paraíso foi fundado pela Empresa do Cine Paraíso, situado ao lado do animatógrafo, no rés-do-chão do Club, os sócios eram José de Sousa Soares, Manuel Cândido da Mota, Mário Magalhães, Manuel José Rosa e Jesuino Hermenegildo. Passado pouco tempo, Manuel Cândido da Mota adquire as restantes cotas ficando como único proprietário do Café Paraíso.



Edifício de planta retangular, verticalista, massa simples. Fachadas de 2 pisos divididos por moldura, demarcadas por cunhais em aparelho "bugnato", e embasamento em cantaria, paredes rebocadas e caiadas de branco, rematadas por friso, cornija moldurada e platibanda com pináculos prismáticos. Fachada principal voltada a norte, de 3 panos divididos por pilastras; o pano central é rasgado no seu eixo por porta de bandeira com gradeamento floral, emoldurada, com verga em arco quebrado e fecho de pedra saliente ornamentado, à sua esquerda, porta de vão retangular com moldura curvilínea convexa, em cantaria, encimada por bandeira, que faz parte integrante da fachada do Café Paraíso. As colunas do café são de ferro, revestidas de massa a imitar mármore, os puxadores da porta do café são em estilo arte nova, assim como o nome do Café surge num típico *lettering*. O interior do café mantém as mesmas características dos anos 40 do séc. XX, com a mesma decoração e o mesmo equipamento, cadeiras, mesas e lanternas.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX

Referências bibliográficas:

COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto, Tomar - Perspectivas, Tomar, 1991; FERREIRA, Fernando, O Paraíso um Café que eu conheci, Boletim Cultural e Informativo da CMT, Tomar 1982; FRANÇA, José Augusto, Tomar, Lisboa, 1994.

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=24212

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, Ações de conservação e restauro





Nº 321. EDIFÍCIO BARATEIRO

Localização: R. Serpa Pinto, nº 81 a 85

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39. Longitude: -8. CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Propriedade: Pessoa singular

Caraterização: Arquitetura residencial, novecentista. Edifício de planta retangular massa simples de 3 pisos tendo no primeiro loja, e nos superiores habitações, de espaços organizados a partir das escadas centrais, iluminada por clarabóia. O edifício é constituído por duas fachadas oponentes, uma funcional, a posterior, e uma decorativa, a principal, com azulejos policromos, cantarias e varandas corridas com guardas em ferro forjado.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX

1927 /1928 - Construção do Edifício

Referências bibliográficas:

Câmara Municipal de Tomar, Tomar Cidade Templária, Tomar 2004

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=24210

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Reduzido
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: Nulo
Originalidade: Média	Raridade: Elevada
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Sondagens arqueológicas, Ações de conservação e restauro



Nº 322. FONTANÁRIO DE CARRAZEDE (FONTE DE Nº SRA. DA CONCEIÇÃO)

Localização: Carrazede

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.537023 Longitude: -8.460280 CMP: 320 (1980)



Freguesia: Paialvo

Propriedade: Junta de Freguesia

Caraterização: Grande fontanário em pedra calcária, dividido em duas partes encurvadas, cada uma com sua bica e encimadas pelo brasão de Tomar. A divisão entre as bicas é saliente e lisa, onde foi colocado um painel de azulejos azul e branco, com a representação de N^ª Sra. da Conceição. Foi oferecido pela Câmara Municipal de Tomar e reconstruído pela junta de freguesia em 1960.

Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX

Referências bibliográficas:

O Mirante, 26-01-2016.

<http://tomaracidade.blogspot.pt/2011/10/fonte-de-nossa-sra-da-conceicao.html>

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Reduzida	Estado de Conservação: Elevada
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: PDM
Originalidade: Elevada	Raridade: Média
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

Medidas de salvaguarda: Ações de conservação e restauro



Nº 323. TRIBUNAL DE TOMAR

Localização: Largo 5 de Outubro

Coordenadas Geográficas: Latitude: 39.600898 Longitude: -8.413644 CMP: 310 (1963)

Freguesia: U. F. de S. João Baptista e Sta. Maria dos Olivais

Propriedade: Estado Português

Caraterização: Arquitetura civil judicial: tribunal de 1^ª instância do séc. XX, de "sabor renascentista" (ATIGFP-MJ: Memória Descritiva, ass. Januário Godinho, 1955). A composição modular das fachadas, a articulação volumétrica do edifício, com pátio ao centro e a



organização simétrica da planta prolongam o padrão classicizante da arquitetura judicial, introduzido em Portugal em 1930 com a construção do Palácio da Justiça de Coimbra que segue o modelo francês oitocentista do "Templo Judicial". Este modelo teve origem no final do séc.XVII, na Bretanha, com o Palácio da Justiça de Rennes, que se constituiu num edifício paradigmático com uma influência determinante na estruturação formal e conceptual da arquitetura judicial ao longo de todo o séc. XIX e só renovado a partir da década de 60 do séc. XX. Desenvolve-se numa planta de base quadrangular, aberta ao centro por um claustro, em torno do qual se dispõem simetricamente os vários serviços. Os eixos de simetria são fixados quer horizontalmente em planta, quer verticalmente nas fachadas principais e laterais, com o intuito de sugerir jogos de equilíbrio e rigor associados ao sistema judicial. O gosto pronunciado pela simetria verifica-se igualmente na gestão do espaço da sala de audiências. Estas disposições foram tratadas em numerosos textos teóricos, nos quais se procurava estruturar tipologicamente a ideia de "Templo Judicial", ligado ao culto da "divindade" (a Justiça) e, deste modo, associada à imagem dos templos da cultura helénica. Se a figura do quadrado e a multiplicação dos eixos de simetria asseguravam, simbolicamente, o sentido de igualdade e equilíbrio da Justiça, o recurso à gramática classicizante imprimia ao edifício os pressupostos de distância, monumentalidade, celebração e ritualização requeridos para o espaço judiciário durante o período do Estado Novo. Para além desta questão, específica do programa judicial, importa referir que a aplicação de uma gramática de expressão classicizante não constituiu um fenómeno isolado em Portugal. Durante as décadas de 30 e 40 do séc. XX ocorreu na Europa Central um movimento de reacção ao ideário do Movimento Moderno que, cruzado com uma crescente orientação político-ideológica de feição nacionalista, resultou na consolidação de um discurso arquitetónico de cariz celebrativo e monumental, que teve a sua máxima expressão na obra de Albert Speer, ou no Novo Realismo de Moscovo, por exemplo. Ilustrativo deste fenómeno generalizado foi o polémico concurso internacional, aberto em 1935, para a construção do Palácio das Nações, em Genebra, no qual o júri elegeu um projeto ancorado aos códigos historicistas da tradição académica em detrimento de propostas de orientação modernista, onde se incluía um projeto desenvolvido por Le Corbusier. Apresenta painéis cerâmicos policromados alusivos à "Lei" e à "Justiça", assentes sobre as paredes laterais do pátio interior, delineados por Jorge Barradas em 1959. Tríptico a fresco, assinado por Guilherme Camarinha, com 9 m de comprimento e 3.85 m de altura, intitulado "1619/1627. E a Justiça d'el-rei confirmou ao povo de Tomar a posse da sua Várzea Grande" e localizado no topo central da Sala de Audiências. Do mesmo autor e data, pintura a fresco - "*Historia vero. Testis temporum. Lux veritatis. Magistra vitae. Nuntia vetustatis. Qua vocis. Alia nisi. Oratoris immortalitati commendatur*" -, que percorre o friso do teto, numa extensão de 32.65 m



Tipo de Sítio: Arquitetura civil

Cronologia: Séc. XX

Inaugurado a 1 de Março de 1959.

Referências bibliográficas:

Jornal "O Templário".

<http://tomarnarede.blogspot.pt/2015/03/palacio-da-justica-de-tomar-inaugurado.html>

VALORAÇÃO

Inserção Paisagística: Elevada	Estado de Conservação: Médio
Monumentalidade: Elevada	Valor Científico: Médio
Valor Histórico: Elevado	Grau de Proteção: PDM
Originalidade: Elevada	Raridade: Reduzida
RELEVÂNCIA PATRIMONIAL: Elevada	

